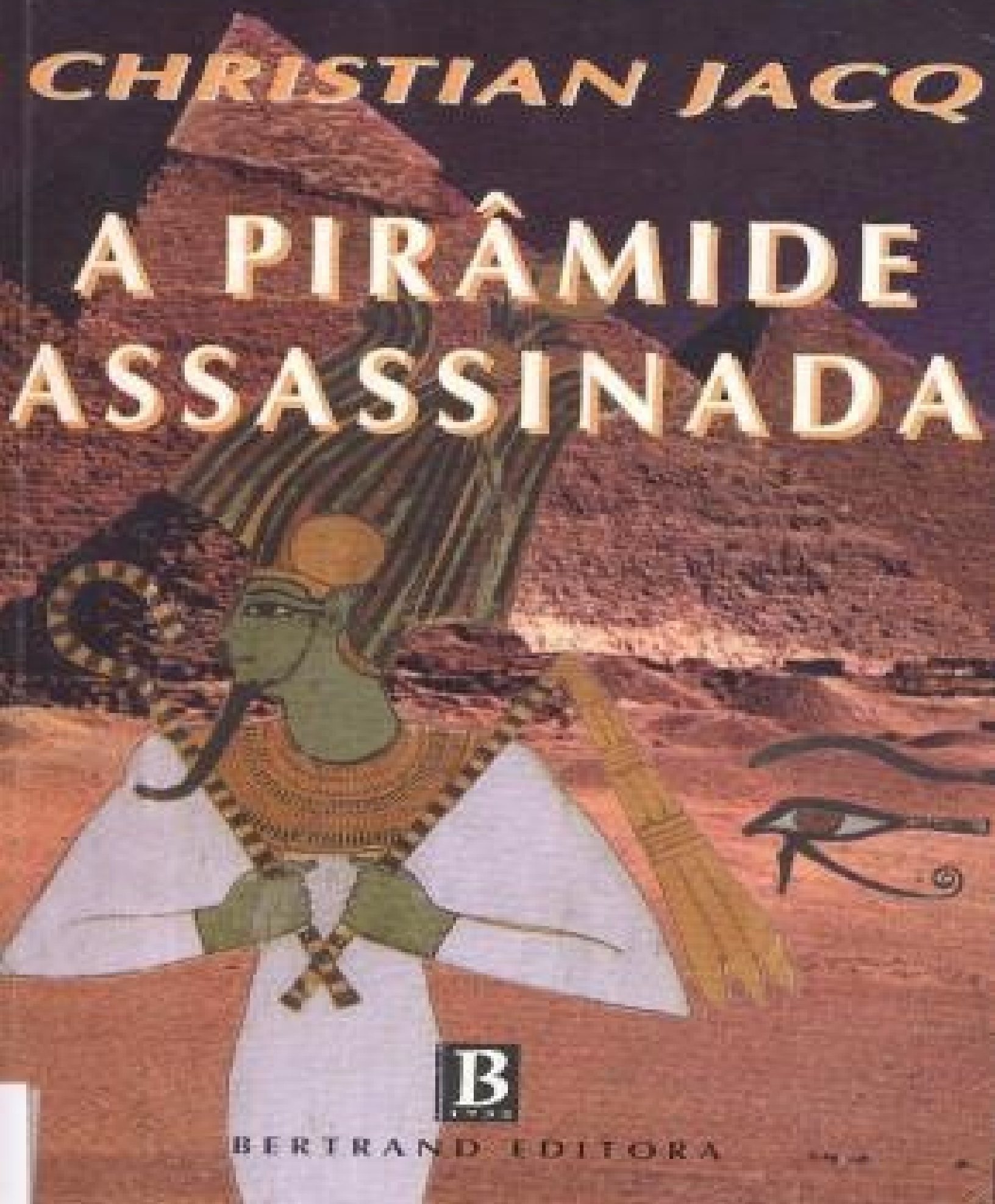


GRANDES ROMANCES

CHRISTIAN JACQ

A PIRÂMIDE
ASSASSINADA



B

BERTRAND EDITORA

CHRISTIAN JACQ

O JUIZ DO EGITO

A PIRÂMIDE ASSASSINADA

Romance

Título Original: *LA PYRAMIDE ASSASSINÉE* © Christian Jacq, 1993

Table of Contents

O JUIZ DO EGITO

A PIRÂMIDE ASSASSINADA

Sinopse

Vaticínios do sábio Ipou-Our

PRÓLOGO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

CAPÍTULO 30

CAPÍTULO 31

[CAPÍTULO 32](#)
[CAPÍTULO 33](#)
[CAPÍTULO 34](#)
[CAPÍTULO 35](#)
[CAPÍTULO 36](#)
[CAPÍTULO 37](#)
[CAPÍTULO 38](#)
[CAPÍTULO 39](#)
[CAPÍTULO 40](#)
[CAPÍTULO 41](#)

A PIRÂMIDE ASSASSINADA

Ele é juiz numa província do Sul, ela é médica em Mênfis, a grande cidade do Norte. Paser jamais deveria ter encontrado a bela Néféret.

Mas Paser é chamado a Mênfis, cidade próxima da grande pirâmide de Gize. Em conformidade com as profecias de um velho sábio, o crime espalhou-se, uma monstruosa conspiração está em curso para destronar Ramsés, o Grande. Nada a poderá deter. Nada, a não ser um grão de areia: o olhar atento de um juiz subalterno que se recusa a assinar um documento administrativo que não entende.

Com a ajuda do seu amigo de infância Suti, que foge da escola de escribas para viver rodeado de mulheres e trilhar o caminho dos heróis, o juiz Paser parte em busca da verdade.

No caminho encontra a bela Néféret, vítima do ódio do médico-chefe do reino. Um amor impossível, uma tentativa de golpe de Estado, crimes, o triunfo da mentira: não será este um fardo pesado demais para os ombros de um juiz subalterno?

<http://groups.google.com.br/group/digitalsource>

Aconteceu o que os antepassados vaticinaram. O crime propagou-se, a violência invadiu os corações, a infelicidade assola o país, o sangue corre, o ladrão enriquece, o sorriso apagou-se, os segredos foram divulgados, as árvores arrancadas, a pirâmide violada, o mundo desceu tão baixo que um pequeno número de loucos se apoderou do trono, e os juizes são perseguidos.

Mas lembrem-se do respeito à Regra, da justa sucessão dos dias, dos dias felizes em que os homens construíam pirâmides e cultivavam pomares para os deuses, dessa bendita época em que uma simples esteira bastava para as necessidades de todos e todos eram felizes.

Vaticínios do sábio Ipou-Our.

PRÓLOGO

Uma noite sem lua envolvia a grande pirâmide num manto de trevas. Uma raposa das areias introduziu-se furtivamente no cemitério dos Nobres que, no além, continuavam a venerar o faraó.

O monumento onde apenas Ramsés, *o Grande*, entrava uma vez por ano a fim de prestar homenagem a Quéops, seu glorioso antepassado, era vigiado por guardas, corria o boato de que a múmia do pai da pirâmide mais alta estava encerrada num sarcófago de ouro coberto de riquezas incalculáveis. Mas quem ousaria aproximar-se de tesouro tão bem guardado? Ninguém, à exceção do soberano, podia transpor a porta de pedra e encontrar o caminho certo no labirinto do gigantesco monumento. O corpo de elite encarregado de o proteger disparava o arco sem aviso, várias flechas trespassariam o imprudente ou o curioso.

O reinado de Ramsés era feliz, próspero e em paz, o Egito resplandecia aos olhos do mundo. O faraó era o mensageiro da luz, os cortesãos serviam-no com respeito, o povo louvava o seu nome.

Os cinco conjurados saíram juntos de uma cabana de operários onde se haviam escondido durante o dia, repetiram o plano vezes sem conta para terem a certeza de não deixarem escapar nenhum pormenor. Se o concretizassem, tornar-se-iam mais cedo ou mais tarde donos do país e imprimir-lhe-iam o seu cunho.

Vestidos com uma túnica de linho grosseiro, atravessaram o planalto de Gize, mas não sem lançarem olhares febris à grande pirâmide.

Atacar os guardas seria uma loucura, antes deles, já outros haviam tentado apoderar-se do tesouro sem o conseguirem.

Um mês antes, a grande esfinge fora libertada da camada de areia acumulada por várias tempestades. O gigante, de olhos permanentemente erguidos para o céu, era alvo de menos cuidada proteção. O seu nome de estátua viva e o terror que inspirava eram suficientes para afastar os profanos. A esfinge, faraó de corpo de leão esculpido na rocha calcária em tempos que não cabem na memória, fazia nascer o Sol e conhecia os segredos do Universo. A sua guarda de honra era formada por cinco veteranos. Dois deles, encostados à parte de fora do muro, dormiam a sono solto. Não veriam nem ouviriam nada.

O mais ágil dos conjurados escalou o muro, resoluto e silencioso, estrangulou o soldado que dormia perto do flanco direito da fera de pedra, aniquilando de seguida o companheiro, que se encontrava perto do quarto dianteiro esquerdo do animal.

Os outros conjurados juntaram-se a ele. Eliminar o terceiro veterano não seria tão fácil. O chefe dos guardas estava postado frente à esteia de Tutmósis IV ¹, erguida entre as patas dianteiras da esfinge, para lembrar aos homens que esse faraó lhe devia o seu reinado. Armado com uma lança e um punhal, o soldado defender-se-ia.

Um dos conjurados despiu a túnica.

Nua, avançou para o guarda.

Surpreso, ele fitou a aparição. Não seria aquela mulher um dos demônios da noite que vagueavam pelas pirâmides para roubar as almas? Ela aproximou-se sorrindo. Desnortado, o veterano levantou-se agitando a lança, o braço tremia-lhe. Ela parou.

– Para trás, fantasma, arreda-te daqui!

– Não te vou fazer mal. Deixa-me acariciar-te.

O olhar do chefe da guarda estava preso ao corpo nu, àquela mancha branca na escuridão. Hipnotizado, deu um passo em frente.

Quando a corda se enrolou à volta do seu pescoço, o veterano largou a lança, caiu de joelhos, tentando em vão gritar, e desfaleceu.

O caminho está livre.

– Vou preparar as candeias.

Os cinco conjurados, em frente à esteia, consultaram pela última vez o plano e encorajaram-se mutuamente a continuar, apesar do medo que os atormentava. Deslocaram a esteia e contemplaram o vaso selado que assinalava a localização da boca do inferno, da porta das entranhas da terra.

– Afinal, não era lenda! Vejamos se existe mesmo uma passagem.

Por baixo do vaso estava uma laje com uma argola. Eram precisos quatro para a levantar.

Um corredor estreito, muito baixo e quase a pique, mergulhava nas profundezas.

– Depressa, as candeias!

Deitaram o óleo de pedra, muito gorduroso e fácil de inflamar em taças de dolerite. ²

O faraó interditara o seu uso e a sua venda pois o fumo negro que resultava da combustão fazia perigar a saúde dos artesãos encarregados da decoração de templos e sepulturas, e sujava os tetos e as paredes. Os sábios afirmavam que este petróleo², como lhe chamavam os bárbaros, era uma substância nociva e perigosa, uma exsudação maligna das pedras, carregada de miasmas. Mas os conjurados não se preocuparam com isso.

Dobrados em dois, batendo muitas vezes com a cabeça no teto de calcário, encetaram uma marcha forçada através da passagem estreita, em direção à parte subterrânea da grande pirâmide. Iam calados, à memória vinha-lhes aquela fábula sinistra segundo a qual um espírito partia o pescoço a quem tentasse violar o túmulo de Quéops. Quem sabe se aquele subterrâneo não os desviaria do seu objetivo? Circulavam mapas falsos a fim de enganar eventuais ladrões, seria aquele que possuíam o correto?

Chocaram com uma parede de pedra que atacaram com cinzéis, por sorte, os blocos, pouco pesados, giraram sobre si mesmos. Os conjurados penetraram numa grande câmara de terra batida, com três metros e cinquenta de altura por catorze de comprimento e oito de largura. No centro, havia um poço.

A câmara baixa... Estamos na grande pirâmide!

Tinham conseguido.

O corredor, esquecido há tantas gerações, conduzia da esfinge ao gigantesco monumento de Quéops cuja primeira sala se situava trinta metros abaixo da base. Aqui, nesta matriz, evocação do seio da terra-mãe, tinham sido praticados os primeiros ritos de ressurreição.

Agora, tinham de descer por um poço que conduzia ao interior da massa rochosa e desembocava no corredor que começava do outro lado das três buchas de granito.

O mais ágil trepou agarrando-se às saliências da rocha e apoiando-se com os pés, quando chegou lá acima, atirou a corda que levava amarrada à cintura. Um dos conjurados quase desmaiou com falta de ar, os companheiros levaram-no até à grande galeria, onde se recompôs.

A imponência do local deixou-os fascinados. Que mestre de obras teria sido tão louco a ponto de construir tal dispositivo constituído por sete socalcos de pedra? Com quarenta e sete metros de comprimento e oito e meio de altura, a grande galeria, obra única pelas suas dimensões e localização mesmo no coração da pirâmide, desafiava o tempo. Os mestres de obras de Ramsés haviam afirmado que jamais arquiteto algum realizaria proeza semelhante.

Um dos conjurados, intimidado, pensou em desistir, o chefe da expedição obrigou-o a continuar empurrando-o violentamente para a frente. Desistir tão perto do fim teria sido estúpido, até agora, podiam felicitar-se pelo rigor do plano traçado. Contudo, uma dúvida permanecia: teriam as grades de pedra, colocadas entre a extremidade superior da grande galeria e o início do corredor de acesso à câmara do rei, sido baixadas? Se assim não fosse, não conseguiriam contornar o obstáculo e teriam de regressar derrotados.

– O caminho está livre.

Ameaçadoras, as cavidades destinadas aos enormes blocos estavam vazias. Os cinco conjurados tiveram de se curvar para conseguirem entrar na câmara do rei, cujo teto era formado por nove blocos de granito de quatrocentas toneladas cada um. Com seis metros de altura, a sala protegia o coração do império. O sarcófago do faraó repousava num chão de prata que mantinha a pureza do local.

Hesitaram.

Até agora, haviam-se comportado como exploradores em busca de um país desconhecido. É certo que tinham cometido três crimes e teriam de responder por eles perante o tribunal do outro mundo, mas não tinham eles agido para o bem do país e do povo ao prepararem o destronamento de um tirano? Se abrissem o sarcófago, se o despojassem dos seus tesouros, estariam a violar a eternidade, não a de um homem mumificado, mas a de um deus presente no seu corpo de luz. Cortariam o último laço com uma civilização milenar com o objetivo de fazer surgir um novo mundo que Ramsés jamais aceitaria.

Tinham vontade de fugir embora experimentassem uma sensação de bem-estar. O ar chegava-lhes por dois canais escavados nas paredes norte e sul da pirâmide. Uma estranha energia emanava do lajedo insuflando-lhes uma força desconhecida.

Então era assim que o faraó se regenerava, absorvendo a força nascida da pedra e da forma do edifício!

– O tempo esgota-se.

– Vamos embora.

– Nem pensar.

Aproximaram-se primeiro dois, depois o terceiro, depois os dois últimos. Juntos, levantaram a tampa do sarcófago e

pousaram-na no chão.

Uma múmia luminosa... uma múmia coberta de ouro, de prata e de lápis-lazúli, tão nobre que os larápios não conseguiram manter os olhos sobre ela. Com um grito enraivecido, o chefe dos conjurados arrancou a máscara de ouro.

Os cúmplices apoderaram-se do colar e do escaravelho do mesmo metal, que estavam pousados sobre o coração, dos amuletos de lápis-lazúli e do enxó de ferro celeste, da talhadeira de marceneiro que servia para abrir a boca e os olhos no outro mundo. Estas maravilhas quase lhes pareceram irrisórias ao olharem para o côvado em ouro que simbolizava a lei eterna pela qual o faraó era o único responsável, e sobretudo para o pequeno estojo em forma de cauda de andorinha.

Lá dentro, encontrava-se o testamento dos deuses.

Nesse texto, o faraó recebia o Egito como herança e devia mantê-lo feliz e próspero. Assim que fizesse cinquenta anos seria obrigado a mostrá-lo à corte e ao povo, como prova da sua legitimidade. Impedido de apresentar o documento, mais cedo ou mais tarde seria obrigado a abdicar.

Em breve, desgraças e calamidades se abateriam sobre o país. Ao violar o santuário da pirâmide, os conjurados perturbavam a principal central de energia e inquietavam a emissão do *ka*, poder imaterial que animava todas as formas de vida.

Os ladrões apossaram-se de uma arca com lingotes de ferro celeste, um metal tão raro e tão precioso quanto o ouro. Serviria para concluir a trama.

Aos poucos, a injustiça expandir-se-ia pelas províncias e as vozes elevar-se-iam contra o faraó, numa torrente avassaladora.

Agora só tinham de sair da grande pirâmide, esconder o saque e tecer a teia.

Antes de se separarem, fizeram um juramento: quem se atravessasse no caminho seria eliminado. Era este o preço da conquista do poder.

CAPÍTULO 1

Depois de uma longa carreira dedicada à arte de curar, Branir gozava de uma reforma tranquila na sua casa em Mênfis.

Robusto e de ombros largos, o velho médico ostentava uma elegante cabeleira prateada que coroava um rosto severo de onde transpareciam a bondade e a dedicação. A sua distinção impunha-se tanto aos poderosos como aos humildes, e não havia memória de alguém lhe ter faltado ao respeito.

Filho de um fabricante de perucas, Branir havia deixado a casa paterna para se tornar escultor, pintor e desenhista, um dos mestres de obras do faraó chamara-o para trabalhar no templo de Carnaque. Durante um banquete da confraria, um talhador de pedra sentiu-se mal e Branir magnetizou-o por instinto, arrancando-o de uma morte certa. O serviço de saúde do templo não desprezou este dom tão precioso e Branir formara-se em contato com mestres reputados, antes de abrir o seu próprio gabinete. Insensível aos pedidos da corte, indiferente às honrarias, vivia apenas para curar.

Contudo, se deixara a grande cidade do Norte para se dirigir a uma pequena aldeia da região de Tebas, não fora por razões profissionais. Tinha uma outra missão a cumprir. Uma missão tão delicada que parecia destinada ao insucesso, mas não desistiria enquanto não tivesse tentado tudo.

Comovido, reencontrou a sua aldeia escondida num palmeiral. Branir mandou parar a liteira perto de um tufo de tamargueiras cujos ramos tocavam o solo. A atmosfera e o sol eram suaves, observou os camponeses enquanto ouvia a melodia saída de uma flauta.

Um velho e dois jovens trabalhavam a terra com enxadas nas altas culturas que acabavam de irrigar, Branir pensava na estação em que o lodo, trazido pela enchente, acolhia as sementes que as manadas de porcos e carneiros enterravam. A natureza oferecia ao Egito riquezas inestimáveis que o trabalho dos homens preservava, dia após dia, uma eternidade feliz vivia nos campos do país amado pelos deuses.

Branir continuou o seu caminho. À entrada da aldeia cruzou-se com uma parelha de bois, um era preto, o outro branco com malhas castanhas. Sob o jugo de madeira colocado junto à base dos cornos, avançavam tranquilamente.

Em frente de uma das casas de terra, um homem acorado ordenhava uma vaca que tinha as patas de trás amarradas. O seu ajudante, um rapazote, deitava o leite num jarro.

Comovido, Branir recordou-se da manada de vacas que tivera, chamavam-se elas “bom conselho”, “pomba”, “água do sol” ou “feliz inundação”. Feliz daquele que a possuía: a vaca encarnava a beleza e a brandura. Aos olhos de um Egípcio não existia animal mais sedutor, tal como ele, as vacas, com as suas grandes orelhas, recebiam a música das estrelas sob a protecção da deusa Hathor. “Que dia maravilhoso, cantava frequentemente o vaqueiro, o céu é-me favorável e o meu trabalho doce como o mel”.

Por vezes, o vigilante dos campos chamava-o à atenção pedindo-lhe que se apressasse e deixasse o gado avançar em vez de se distrair com ninharias. E, como era habitual, as vacas seguiam o seu caminho sem apressar a marcha. O velho médico quase tinha esquecido aquelas cenas simples, aquela existência sem surpresas e aquela serenidade do quotidiano onde o homem era apenas um olhar entre outros, os gestos repetiam-se, século após século, a cheia e a baixa ritmavam as gerações.

De repente, uma voz forte quebrou a tranquilidade da aldeia.

O promotor de justiça chamava a população para o tribunal, enquanto o responsável pelas contendas, encarregado de manter a segurança e de fazer respeitar a ordem, agarrava uma mulher que clamava a sua inocência. O tribunal estava instalado à sombra de um sicómoro, era presidido por Paser, um jovem de vinte e um anos em quem os anciãos depositavam a maior confiança. De uma maneira geral, os ilustres designavam pessoas mais maduras, dotadas de sólida experiência, responsáveis nas decisões sobre os seus bens, se os tivessem, e sobre as suas pessoas, se nada possuísem, do mesmo modo, os candidatos a esta função, ainda que de pequeno juiz de província, não eram muitos. Os magistrados apanhados em falta eram punidos mais severamente do que um assassino, a prática justa da justiça assim o exigia.

Paser não tivera escolha, graças à sua força de carácter e ao seu gosto pela integridade, fora eleito unanimemente pelo conselho dos anciãos. Apesar de ainda muito jovem, o juiz dava provas de competência ao estudar os processos com o maior cuidado.

Bastante alto, de acentuada magreza, cabelos castanhos, rosto largo e alto, olhos verdes acastanhados e olhar vivo, Pazer impressionava pelo seu ar irredutivelmente sério: nem a cólera, nem o choro, nem a sedução o perturbavam. Ouvia, investigava, procurava, e só formava o seu juízo após longas e pacientes investigações. Às vezes, as pessoas da aldeia espantavam-se com tamanho rigor, mas felicitavam-no pelo seu amor à verdade e pela sua capacidade de apaziguar os conflitos. Muitos temiam-no, sabendo que excluía qualquer acordo e se mostrava pouco inclinado para a indulgência, mas nenhuma das suas decisões fora alguma vez posta em causa.

De ambos os lados de Paser encontravam-se sentados oito jurados: o alvazir e respectiva esposa, dois agricultores, dois

artesãos, uma viúva de idade avançada e o encarregado da irrigação. Todos tinham mais de cinquenta anos.

O juiz deu por aberta a sessão invocando Maât, a deusa que encarnava a Regra à qual a justiça dos homens se devia sujeitar, depois leu o auto de acusação contra a jovem mulher que o responsável pelas contendas mantinha agarrada frente ao tribunal. Uma das suas amigas acusava-a de ter roubado a enxada do marido. Paser ordenou à queixosa para confirmar em voz alta as suas razões de queixa, e à acusada para apresentar a sua defesa.

A primeira exprimiu-se com cuidado, a segunda negou tudo com veemência. De acordo com a lei desde sempre em vigor, nenhum advogado se podia interpor diretamente entre o juiz e os protagonistas de um processo.

Paser ordenou que a acusada se acalmasse. A queixosa pediu a palavra para se mostrar surpreendida com a negligência da justiça, pois não tinha ela feito há um mês um relatório dos acontecimentos ao escriba que assistia Paser, sem ter sido convocada pelo tribunal? Vira-se por isso obrigada a apresentar uma segunda petição. Entretanto, a ladra tivera tempo de fazer desaparecer a prova.

– Há alguma testemunha do delito?

– Eu mesma – respondeu a queixosa.

– Onde foi escondida a enxada?

– Na casa da acusada.

Esta última negou de novo com tal entusiasmo que impressionou os jurados. A sua boa-fé parecia evidente.

– Investiguemos o local – exigiu Paser.

Um juiz tinha também de ser investigador, e ir verificar com os seus próprios olhos as declarações e os indícios, nos locais incriminados.

– Não têm o direito de entrar em minha casa! – rugiu a acusada.

– Isso é uma confissão?

– Não! Estou inocente!

– Mentir perante o tribunal é uma falta muito grave.

– Foi ela quem mentiu.

– Nesse caso será severamente punida. Confirma as acusações? – perguntou Paser, olhando a queixosa diretamente nos olhos.

Ela confirmou.

O tribunal pôs-se a caminho, conduzido pelo responsável das contendas.

Foi o próprio juiz quem procedeu à busca. Encontrou a enxada na cave, enrolada em farrapos e escondida por trás de uns potes de azeite.

A culpada desfaleceu. De acordo com a lei, os jurados condenaram-na a dar à vítima o dobro do furto, ou seja, duas enxadas novas. Além disso, o perjúrio era passível de trabalhos forçados perpétuos, e até de pena capital em caso de crime. A mulher foi forçada a trabalhar vários anos nas terras do templo local, sem qualquer benefício pessoal.

Antes de os jurados dispersarem, ansiosos por voltarem às suas ocupações, Paser pronunciou uma sentença inesperada: cinco vergastadas para o escriba que o assistia, culpado de ter deixado o processo atrasar-se. Segundo os sábios, como os homens tinham as orelhas nas costas, ouviam a voz da vara e mostravam-se menos negligentes no futuro.

– Seria possível o juiz conceder-me uma audiência?

Paser voltou-se intrigado. Aquela voz... Seria possível?

– Branir!

Branir e Paser abraçaram-se.

– Branir, tu na aldeia!

– Voltei às origens.

– Vamos para debaixo do sicómoro.

Os dois homens ocuparam dois assentos baixos dispostos sob o grande sicómoro onde os ilustres saboreavam a sombra. Num dos ramos maiores estava pendurado um odre cheio de água fresca.

– Lembras-te, Paser? Foi aqui que te revelei o teu nome secreto, depois da morte dos teus pais. Paser, “o vidente, aquele que

discerne o longínquo”... Quando o conselho dos anciãos te deu esse nome, não se enganou. Que mais se pode pedir a um juiz?

– Fui circuncidado, a aldeia ofereceu-me a minha primeira tanga da função, deitei fora os brinquedos, comi pato assado e bebi vinho tinto. Aquilo é que foi uma festa!

– O adolescente depressa se fez homem.

– Depressa demais?

– Cada qual tem seu ritmo. Tu combinas juventude e maturidade no mesmo coração.

– Foste tu, Branir, que me educaste.

– Sabes bem que não, crescestes sozinho.

– Ensinaste-me a ler e a escrever, deixaste-me descobrir a lei e dedicar-me a ela. Se não fosses tu ter-me-ia tornado camponês e teria trabalhado a terra com amor.

– Tu tens outra índole, a grandeza e a felicidade de um país dependem da qualidade dos juizes.

– Ser justo... é uma luta constante. Quem pode gabar-se de vencer sempre?

– Tens a força de vontade, que é o essencial.

– A aldeia é uma enseada de paz, este triste acontecimento foi uma exceção.

– Não foste nomeado responsável pelo celeiro de trigo?

– O alvazir quer dar-me o posto de intendente das searas do faraó para evitar os conflitos na época das colheitas. A tarefa não me agrada muito, espero que ele não consiga.

– Tenho a certeza, de que não.

– Porquê?

– Porque o teu destino é outro.

– Não compreendo.

– Confiaram-me uma missão, Paser.

– O palácio?

– O tribunal de Mênfis.

– Cometi algum erro?

– Pelo contrário. De há dois anos a esta parte, os inspectores dos juizes da aldeia têm vindo a fazer relatórios lisonjeadores sobre o teu comportamento. Acabas de ser nomeado para a província de Gize, como substituto de um magistrado que faleceu.

– Gize é tão longe!

– Alguns dias de barco. Ficas a morar em Mênfis.

Gize, lugar de todos o mais ilustre, Gize onde se erguia a grande pirâmide de Quéops, o misterioso centro de energia do qual dependia a harmonia do país, imenso monumento onde apenas o faraó podia entrar.

– Sou feliz na minha aldeia, aqui nasci, aqui cresci, aqui trabalho. Deixá-la seria um grande desafio.

– Apoiei a tua nomeação pois julgo que o Egito precisa de ti. Tu não és homem de dar ouvidos ao egoísmo.

– Isso já está decidido?

– Podes recusar.

– Tenho de pensar.

– O corpo humano é maior que um celeiro de trigo, está cheio de respostas incalculáveis. Escolhe a melhor e que a pior lá fique encarcerada.

Paser encaminhou-se para a berma do campo, era a sua vida que estava em jogo. Não tinha a menor vontade de abandonar os seus hábitos, os prazeres tranquilos da aldeia e do campo da região de Tebas para se perder numa grande cidade. Mas como poderia recusar algo a Branir, o homem que venerava acima de todos? Jurou corresponder àquele pedido, fossem quais fossem as circunstâncias.

Um grande íbis branco, de cabeça, cauda e pontas das asas salpicadas de preto, deslocava-se majestosamente na margem do rio. A ave magnífica parou, mergulhou o bico no lodo e olhou para o juiz.

– Foste escolhido pelo animal de Tot – disse Pépi, o pastor, estendido nos juncos, com a sua voz áspera. – Não tens escolha.

Com os seus setenta anos, Pépi era um resmungão e não gostava de conviver com as outras pessoas. Estar só com os animais era para ele o cúmulo da felicidade. Recusava-se a receber ordens fosse de quem fosse, manjava o cajado com destreza e sabia bem esconder-se nas florestas de papiros quando os agentes do fisco, qual praga de pardais, se faziam à aldeia. Paser não quisera convocá-lo ao tribunal. O velho não admitia que se maltratasse uma vaca ou um cão, e encarregar-se-ia de corrigir o torturante, por isso o juiz via-o como um auxiliar da polícia.

– Olha bem para o íbis – insistiu Pépi – o comprimento do seu passo é de um côvado, símbolo de justiça. Que o teu caminho seja correto e justo como o do pássaro de Tot. Vais partir, não é assim?

– Como sabes?

– O íbis voa muito alto. Escolheu-te.

O velho levantou-se. Tinha a pele curtida pelo vento e pelo sol, e trazia vestida apenas uma tanga de juncos.

– Branir é o único homem honesto que conheço, ele não quer enganar-te ou prejudicar-te. Quando fores viver para a cidade, desconfia dos funcionários, dos bajuladores e dos aduladores: trazem a morte nas palavras.

– Não me agrada abandonar a aldeia.

– E a mim? Achas que me apetece procurar a cabra que fugiu?

Pépi desapareceu entre os juncos.

A ave branca e preta levantou voo. As suas grandes asas bateram de uma forma que só ela conhecia e dirigiu-se para o norte.

Branir leu a resposta nos olhos de Paser.

– Tens de estar em Mênfis no princípio do próximo mês, ficarás em minha casa antes de iniciares as tuas funções.

– Já te vais embora?

– Já não exerço, mas ainda tenho uns doentes que precisam de mim. Bem gostaria de poder ficar.

A liteira desapareceu na poeira da estrada. O alvazir falou com Paser.

– Temos um assunto delicado a tratar, três famílias reclamam a posse da mesma palmeira.

– Estou ao corrente, esse litígio já dura há três gerações. Confia-o ao meu sucessor, se ele não o conseguir resolver, verei o que posso fazer quando regressar.

– Vais partir?

– A administração chama-me a Mênfis.

– E a palmeira?

– Deixem-na crescer.

CAPÍTULO 2

Paser verificou a resistência do seu saco de viagem de couro desbotado, munido de dois paus que se enterravam na areia para o manter direito. Quando estivesse cheio, colocá-lo-ia às costas, preso por uma correia que passaria à volta do peito.

O que meteria lá dentro além de uma tira de tecido retangular para fazer uma tanga nova, uma capa e a indispensável esteira de trama entrelaçada? Feita de tiras de papiro cuidadosamente ligadas entre si, a esteira serviria de cama, de mesa, de tapete, de tapeçaria, de cortina diante de uma porta ou uma janela, e de embalagem para objetos valiosos, a sua última aplicação seria a de mortalha para envolver o seu cadáver. Paser tinha comprado um modelo muito resistente, era a sua melhor peça de mobiliário. Quanto ao odre, feito com duas peles de cabra curtidas e cosidas, serviria para conservar a água fresca durante horas.

Assim que o saco se abriu, um rafeiro de cor negra precipitou-se a farejá-lo. Com três anos de idade, o *Bravo* era resultado do cruzamento de um galgo com um cão selvagem, patas altas, focinho curto, orelhas caídas que se erguiam ao menor ruído, cauda enrolada, era muito afeiçoado ao dono. Amante de longas caminhadas, caçava pouco e preferia pratos cozinhados.

– Vamos, *Bravo*.

O cão contemplou o saco, ansioso.

– Fazer uma viagem a pé e de barco, em direção a Mênfis.

O cão sentou-se nas patas traseiras, à espera de más notícias.

– O Pépi arranhou-te uma coleira, esticou bem o couro e curtiu-o com sebo. Vais ver como é confortável.

Bravo não parecia lá muito convencido. Contudo, aceitou a coleira cor-de-rosa, verde e branca, munida de pregos. Se outro cão ou alguma fera tentasse apanhá-lo pelo pescoço, estaria bem protegido, além disso, Paser havia gravado a inscrição hieroglífica: “Bravo, companheiro de Paser”.

O juiz ofereceu-lhe uma refeição de legumes que o cão saboreou avidamente, sem deixar de fitar o dono pelo canto do olho. Sabia que não era o melhor momento para brincadeiras.

Os habitantes da aldeia, com o presidente à frente, vieram despedir-se do juiz, alguns choravam. Desejaram-lhe felicidades e entregaram-lhe dois amuletos, um representando um barco e o outro, umas pernas vigorosas, eles protegeriam o viajante que, todas as manhãs, deveria pensar em Deus para que os talismãs não perdessem a eficácia. Agora, Paser tinha apenas de pegar nas suas sandálias de couro, não para calçá-las, mas para levá-las na mão, tal como os seus compatriotas, caminharia descalço e utilizaria estes objetos valiosos apenas para entrar numa habitação, depois de sacudir a poeira do caminho. Verificou a resistência da correia que passava entre o primeiro e o segundo dedo do pé, e o bom estado das solas, e, satisfeito, abandonou a aldeia sem olhar para trás.

Quando já ia no caminho estreito que serpenteava entre os outeiros do Nilo, sentiu na mão direita um focinho molhado.

– *Vento do Norte!* Fugiste... Tenho de te levar de volta para o teu campo.

O burro era surdo daquela orelha, e interrompeu o diálogo estendendo a pata direita que Paser agarrou. O juiz arrancara-o à sanha de um camponês que o espancava com uma vara por ter reventado a corda que o amarrava. *Vento do Norte* manifestava certo gosto pela independência e uma enorme capacidade para transportar pesadas cargas.

Decidido a carregar até aos quarenta anos os sacos de cinquenta quilos amarrados de um e outro lado do seu lombo, *Vento do Norte* estava consciente de valer tanto quanto uma boa vaca ou um bom féretro. Paser oferecera-lhe um campo onde só ele tinha o direito de pastar, agradecido, o burro estrumava-o até à inundação. Dotado de um excelente sentido de orientação, *Vento do Norte* orientava-se perfeitamente no labirinto de azinhagas do campo, e andava muitas vezes sozinho de um lado para o outro a entregar mercadorias. Comedido, sereno, só conseguia dormir ao pé do dono.

Vento do Norte tinha este nome pois, desde o nascimento, levantava as orelhas sempre que soprava a suave brisa setentrional, tão apreciada durante a estação quente.

– Vou para longe – repetiu Paser. – Não ias gostar de Mênfis.

O cão roçava-se na pata direita dianteira do burro. *Vento do Norte*, compreendendo o sinal de *Bravo*, virou-se de lado, desejoso de receber o saco de viagem. Paser acariciou suavemente a orelha esquerda do quadrúpede.

– Quem é o mais teimoso?

Paser desistiu de lutar, até outro burro o teria feito. *Vento do Norte*, agora responsável pela bagagem, tomou orgulhosamente a cabeça do cortejo e, sem se enganar, seguiu pelo caminho mais curto para o cais.

No reinado do grande Ramsés, os viajantes percorriam sem receio veredas e caminhos, caminhavam de espírito aberto, sentavam-se a cavaquear à sombra das palmeiras, matavam a sede com água dos poços, passavam noites tranquilas nas orlas das

culturas ou nas margens do Nilo, levantavam-se e deitavam-se com o Sol.

Cruzavam-se com mensageiros do faraó e funcionários do correio, em caso de necessidade, dirigiam-se aos polícias em patrulha. Longe ia o tempo em que se ouviam gritos de horror, ou em que os salteadores roubavam ricos ou pobres que ousassem percorrer os caminhos, Ramsés fazia respeitar a ordem pública, sem a qual a felicidade não seria possível.

Sem vacilar, *Vento do Norte* abeirou-se da encosta íngreme que descia até ao rio, como se soubesse que o dono desejava apanhar o barco que partia para Mênfis. O trio embarcou, Paser pagou o preço da viagem com um pedaço de fazenda. Enquanto os animais dormiam, ele contemplava o Egito, que os poetas comparavam a um imenso barco cujas altas amuradas eram formadas por cadeias de montanhas. Colinas e paredes rochosas, elevando-se a trezentos metros de altura, pareciam proteger as culturas. Planaltos entrecortados por pequenos vales mais ou menos cavados interpunham-se por vezes entre a terra negra, fértil, produtiva e o deserto vermelho, onde vagueavam forças perigosas.

Paser queria voltar para trás, para a sua aldeia, e não mais de lá sair. Esta viagem rumo ao desconhecido perturbava-o e tirava-lhe toda a confiança que tinha nas suas capacidades, o pequeno juiz de aldeia perdia uma tranquilidade que nenhuma promoção lhe poderia oferecer. Apenas Branir o conseguira convencer, mas não estaria Branir a conduzi-lo a um futuro que ele não seria capaz de dominar?

Paser estava atordoado.

Mênfis, a maior cidade do Egito, a “balança das Duas Terras”, capital administrativa, havia sido criada por Menes, o unificador.

Enquanto Tebas, a meridional, era devota da tradição e do culto a Amon, Mênfis, a setentrional, situada entre o Alto e o Baixo Egito, abria-se à Ásia e às civilizações mediterrânicas.

O juiz, o burro e o cão desembarcaram no porto de Perounefer, cujo nome significava “boa viagem”. Centenas de barcos comerciais de todos os tamanhos vinham atracar às docas efervescentes de atividade, as mercadorias eram encaminhadas para os imensos armazéns, vigiados e geridos com o maior dos cuidados. Pelo preço de um trabalho digno dos construtores do Antigo Império, fora construído um canal paralelo ao Nilo ladeando o planalto onde tinham sido edificadas as pirâmides. Assim, as embarcações navegavam sem perigo e a circulação de mercadorias e materiais estava assegurada em todas as estações, Paser reparou que as paredes do canal haviam sido revestidas com um trabalho de maçonaria de solidez exemplar.

O trio dirigiu-se para o bairro norte onde morava Branir, atravessou o centro da cidade, admirou o célebre templo de Ptah, deus dos artesãos, e atravessou a zona militar. Aí, fabricavam-se armas e construíam-se barcos de guerra. Aí, treinavam-se os corpos de elite da Armada egípcia, aquartelados em grandes casernas, entre os arsenais de carroças, de espadas, de lanças e de escudos.

Tanto a norte como a sul, alinhavam-se celeiros ricos em cevada, trigo miúdo e sementes diversas, contíguos aos edifícios do Tesouro, que guardavam ora dinheiro, ora cobre, fazendas, unguentos, óleo, mel ou outros produtos.

Mênfis, tão imensa, entontecia o jovem camponês. Como orientar-se no emaranhado de ruas e ruelas, na profusão de bairros com nomes como “Vida das Duas-Terras”, “O Jardim”, “O Sicómoro”, “O Muro do Crocodilo”, “A Fortaleza”, “Os Dois Outeiros” ou “O Colégio de Medicina”?

Enquanto *Bravo* se mostrava pouco tranquilo e não se afastava do dono, o burro seguia confiante o seu caminho. Guiava os companheiros de viagem no bairro dos artesãos, onde se trabalhava a pedra, a madeira, o ferro e o ouro em pequenas oficinas abertas para a rua. Paser nunca tinha visto tantas peças de cerâmica, vasos, baixelas e utensílios domésticos. Cruzava-se com inúmeros estrangeiros, hititas, gregos, cananeus e asiáticos, vindos de pequenos reinos, folgados, bisbilhoteiros, gostavam de se enfeitar com colares de lótus, proclamavam que Mênfis era um cálice de frutos e celebravam os seus cultos nos templos do deus Baal e da deusa Astarte, cuja presença era tolerada pelo faraó.

Paser dirigiu-se a uma tecedeira e perguntou-lhe se ia na direção correta, verificou então que o burro não se tinha enganado. O juiz observou que os suntuosos palacetes dos nobres, com os seus jardins e os seus lagos, se misturavam com as pequenas casas dos mais humildes. Grandes pórticos, guardados por porteiros, abriam-se sobre alamedas floridas ao fundo das quais se escondiam edifícios de dois ou três andares.

Finalmente, a casa de Branir! Era tão bonita, tão sedutora com os seus muros brancos, a verga da porta decorada com uma grinalda de dormideiras vermelhas, as janelas ornamentadas com acianos de cálice verde e com flores-amarelas-da-pérsea, que o jovem juiz admirava com prazer. Uma porta dava para uma ruela onde havia duas palmeiras que davam sombra ao terraço da pequena habitação. Via-se que a aldeia estava bem distante, mas o velho médico conseguira manter o perfume do campo no coração da cidade.

Branir estava na soleira.

– Fizeste boa viagem?

– O burro e o cão estão com sede.

– Eu trato deles, tens aqui uma bacia para lavares os pés e pão salpicado com sal para te dar as boas vindas.

Paser desceu até à primeira sala por um lanço de escadas, recolheu-se em frente a um nicho com as estatuetas dos antepassados. Depois viu a sala de recepção, escorada por duas colunas coloridas, encostados às paredes, estavam armários e arcas de arrumações. No chão, havia esteiras. Uma sala de trabalho, uma sala de água, uma cozinha, dois quartos e uma adega completavam aquele interior delicado.

Branir convidou o seu hóspede a subir as escadas que levavam ao terraço onde lhe ia servir bebidas frescas, bolos e tâmaras recheadas com mel.

– Sinto-me perdido – confessou Paser.

– O contrário seria de estranhar. Um bom jantar e uma boa noite de sono, e estarás pronto para a cerimônia de investidura.

– Já a partir de amanhã?

– Os processos acumulam-se.

– Gostaria de me adaptar a Mênfis.

– O trabalho urge. Aceita este presente, visto que ainda não estás em funções.

Branir ofereceu a Paser o manual de comportamento dos escribas. Permitia-lhes adoptar a atitude correta em qualquer circunstância, graças ao respeito pela hierarquia. Primeiro, os deuses, as deusas, os espíritos transfigurados no além, o faraó e o Reino, depois, a mãe do rei, o vizir, o conselho dos sábios, os altos magistrados, os chefes militares e os escribas da casa dos livros. Seguiam-se uns tantos cargos, de diretor do Tesouro a encarregado dos canais, passando pelos representantes do faraó no estrangeiro.

Um homem de coração violento não passa de um causador de problemas e de um lingüareiro, se queres ser forte, sê o artesão das tuas palavras, aperfeiçoa-as, pois a linguagem é a arma mais forte para quem a sabe utilizar.

– Tenho saudades da aldeia.

– E terás para o resto da vida.

– Porque me mandaram para cá?

– É a tua própria conduta que determina o teu destino.

Paser dormiu pouco e mal, com o cão aos pés e o burro deitado junto à sua cabeça. Os acontecimentos sucediam-se vertiginosamente e não lhe davam tempo de readquirir o equilíbrio, apanhado num turbilhão, já não dispunha dos pontos de referência habituais e devia, contra sua vontade, abandonar-se a uma aventura de matizes desconhecidos.

Acordou de madrugada, tomou banho, limpou-se com natrão e tomou o pequeno almoço na companhia de Branir, que o levou a um dos melhores barbeiros da cidade. Sentado num banquinho de três pernas em frente ao cliente, instalado da mesma forma, o barbeiro umedeceu o cabelo de Paser e cobriu-o com uma pasta gordurosa. Tirou de um estojo de couro uma navalha de barba com uma lâmina de cobre e um cabo de madeira, que manejava com destreza e perfeição.

Com uma tanga nova e uma camisa diáfana larga e perfumada, Paser parecia pronto a defrontar o desafio.

– Tenho a impressão de estar mascarado – confiou ele a Branir.

– A aparência nada vale, mas não a descures, aprende a manobrar o leme para não deixares que a torrente dos dias te afaste da justiça, pois o equilíbrio de um país depende da sua prática. Sê digno de ti próprio, meu filho.

CAPÍTULO 3

Paser seguiu Branir, que o conduziu pelo bairro de Ptah, a sul da antiga cidadela de paredes brancas. Tranquilo quanto à sorte do burro e do cão, o jovem não sentia o mesmo em relação a si próprio.

Perto do palácio haviam sido construídos vários edifícios administrativos cujos acessos eram guardados por soldados. O velho médico dirigiu-se a um graduado, depois de ouvir o seu pedido, o homem desapareceu por um momento e voltou acompanhado de um alto magistrado, o delegado do vizir.

– Que bom rever-te, Branir, então é este o teu protegido?

– Paser está muito emocionado.

– É uma reação compreensível para a sua idade. Suponho, contudo, que estará pronto para desempenhar as suas novas funções?

Paser, chocado com a ironia daquela personagem, interveio num tom seco.

– Duvidas?

O delegado ergueu as sobrancelhas.

– Vou levá-lo comigo, Branir, devemos proceder à investidura.

O olhar caloroso que o velho médico deu ao seu discípulo deu-lhe a coragem que ainda lhe faltava, quaisquer que fossem as dificuldades, ele não o deixaria ficar mal.

Levaram Paser para uma pequena câmara retangular com as paredes brancas e nuas, o delegado convidou-o a sentar-se numa esteira, diante do tribunal composto por si próprio, o administrador da província de Mênfis, o representante da repartição do trabalho e um dos servidores do deus Ptah que ocupava um alto cargo na hierarquia sagrada. Todos eles usavam enormes perucas e vestiam amplas tangas. Os seus rostos não exprimiam qualquer sentimento.

– Vais ser submetido à “avaliação da diferença” – declarou o delegado do vizir, chefe da justiça. – Aqui serás um homem diferente dos outros, chamado a julgar os teus semelhantes. Tal como os teus colegas da província de *Gize*, procederás aos inquéritos, presidirás aos tribunais locais que estejam sob tua jurisdição e enviarás aos teus superiores os casos que ultrapassem a tua competência. Comprometes-te a fazer isso?

– Sim, comprometo-me.

– Tens consciência de que não podes voltar atrás com a palavra?

– Sim, estou consciente disso.

– Que este tribunal proceda de acordo com os mandamentos da Regra ao julgar o futuro juiz.

O administrador da província falou com uma voz grave e bem colocada.

– Que jurados vais convocar para formar o teu tribunal?

– Escribas, artesãos, polícias, homens experientes, mulheres respeitáveis, viúvas.

– De que maneira intervirás nas suas deliberações?

– De maneira nenhuma. Cada qual poderá exprimir-se sem ser influenciado e respeitarei cada opinião para poder formar o meu juízo.

– Em todas as circunstâncias?

– À exceção de uma só, se um dos jurados for corrupto. Interrompereei o processo em curso para o acusar sem qualquer demora.

– Como deves agir em caso de crime? – perguntou o representante da repartição do trabalho.

– Fazer um inquérito preliminar, abrir um processo e transmiti-lo ao vizir.

O servidor do deus Ptah colocou o braço direito sobre o peito com o punho fechado a tocar no ombro.

– Nenhum ato será esquecido no julgamento do além, o teu coração será colocado num dos pratos da balança e confrontado com a Regra. De que forma será transmitida a lei que queres fazer respeitar?

– Existem quarenta e duas províncias e quarenta e duas leis diferentes, mas o seu juízo não foi escrito e não o deve ser. A verdade só pode ser transmitida oralmente, da boca do mestre aos ouvidos do discípulo.

O servidor de Ptah sorriu, mas o delegado do vizir ainda não estava satisfeito.

-Como defines a Regra?

– O pão e a cerveja.

– O que significa essa resposta?

– Justiça para todos, grandes e pequenos.

– Porque é que a justiça é simbolizada por uma pena de avestruz?

– Porque ela é a passagem entre o nosso mundo e o mundo dos deuses, as penas são as retrizes, o leme do pássaro assim como do ser. A Regra, sopro de vida, deve estar presente na vida do homem e expurgar os males do coração e do corpo. Se a justiça desaparecesse, o trigo não mais brotaria, os rebeldes tomariam o poder, não mais se celebrariam festas.

O administrador da província levantou-se e pousou um bloco de calcário em frente de Paser.

– Põe as mãos nessa pedra branca.

O jovem obedeceu. Não tremia.

– Que ela seja testemunha do teu juramento, a pedra nunca se esquecerá das palavras que proferiste e será tua acusadora caso traias a Regra.

O administrador e o representante da repartição do trabalho colocaram-se um de cada lado do juiz.

– Levanta-te – ordenou o delegado do vizir. – Eis o teu selo – disse ele dando-lhe uma pequena placa retangular soldada a um anel que Paser colocou no dedo médio. – Na face plana da placa estava inscrito em ouro “Juiz Paser”. Os documentos que tiverem o teu selo terão valor oficial e serão da tua responsabilidade, não o uses irrefletidamente.

O escritório do juiz situava-se no subúrbio sul de Mênfis, entre o Nilo e o canal do oeste, e a sul do templo de Hathor. O jovem do campo, que esperava um edifício imponente, ficou cruelmente decepcionado. A administração concedera-lhe apenas uma casa baixa de dois andares. Sentada à entrada, estava uma sentinela a dormir. Paser tocou-lhe no ombro e o homem sobressaltou-se.

– Queria entrar.

– A repartição está fechada.

– Sou o juiz.

– Duvido... o juiz morreu.

– Sou Paser, o seu sucessor.

– Ah, és tu... O escrivão Larrot deu-me o teu nome. Podes identificar-te?

Paser mostrou-lhe o selo.

– A minha missão era guardar este local até tu chegares, missão cumprida.

– Quando poderei ver o meu escrivão?

– Não faço idéia. Tinha um problema para resolver...

– Que problema?

– A lenha para o aquecimento. De Inverno faz muito frio, no ano passado, o Tesouro recusou-se a entregar aqui a lenha, pois o pedido não fora feito em três exemplares. Larrot foi ao serviço de arquivos para regularizar a situação. Desejo-lhe boa sorte, juiz Paser, em Mênfis, não corre o risco de se aborrecer.

A sentinela foi-se embora.

Paser abriu devagar a porta do seu novo domínio. A repartição era bastante grande, atulhada de armários e cofres onde se encontravam arrumados rolos de papiro amarrados ou lacrados. No chão, uma camada de poeira suspeita. Perante perigo tão inesperado, Paser não hesitou. Apesar da dignidade das suas funções, pegou numa vassoura feita com cordéis presos por fibras duras entrançadas, o cabo permitia um manuseamento suave e regular.

Terminada a limpeza, o juiz fez um inventário do conteúdo dos arquivos: papelada do cadastro, do fisco, vários relatórios, queixas, relações de contas e transferências de salários em cereais, cestos ou tecidos, cartas, listas de pessoal... A sua competência estendia-se aos mais variados domínios.

No maior dos armários, estava o material indispensável ao escriba: paletas com recortes na parte superior para se deitar tinta vermelha e preta, blocos de tinta sólida, godés, bolsas de pigmentos em pó, bolsas com pinçéis, raspadeiras, borrachas, trituradores de pedra, cordéis de linho, uma carapaça de tartaruga para fazer as misturas, um babuíno de argila evocando o deus Tot, mestre

dos hieróglifos, lascas de calcário para os rascunhos, tabuinhas de argila, de calcário e de madeira.

O conjunto era de boa qualidade.

Num pequeno cofre de acácia, encontrava-se um dos objetos mais preciosos: um relógio de água. O pequeno vaso tronco-cônico era graduado no interior, segundo duas escalas diferentes, com doze entalhes, a água corria por um buraco, ao fundo do relógio, medindo assim as horas.

Sem dúvida que o escrivão devia julgar necessário tomar nota do tempo passado no local de trabalho.

Havia uma coisa a fazer. Paser pegou num pincel de junco delicadamente talhado, mergulhou a extremidade num godê cheio de água e deixou cair uma gota na paleta de que se ia servir. Murmurou a prece que todos os escrivães recitavam antes de começar a escrever: “água de tinteiro para o teu Ka, Imhotep”, assim era venerado o criador da primeira pirâmide, arquiteto, médico, astrólogo e modelo daqueles que faziam hieróglifos.

O juiz subiu ao primeiro andar.

A tipografia não era ocupada há muito tempo, o predecessor de Paser, que preferia morar numa casa no limite da cidade, tinha-se esquecido de tratar daquelas três divisões, que eram ocupadas por pulgas, moscas, ratos e aranhas.

O jovem não desistiu, apetecia-lhe vencer aquela batalha. No campo, tinha muitas vezes de desinfetar as casas e caçar os hóspedes indesejáveis.

Depois de ter procurado os ingredientes necessários nas tendas do bairro, Paser meteu mãos à obra. Borrifou as paredes e o chão com água onde dissolvera natrão, depois salpicou-as com um composto de carvão pulverizado e de planta *bebet*, cujo perfume forte enxotava insetos e vermes. Por fim, misturou incenso, mirra, cinamono e mel e fez uma defumação que purificaria o local dando-lhe um cheiro agradável. Para comprar estes produtos caros, teve de ficar a dever e gastou a maior parte do seu próximo salário.

Exausto, desenrolou a esteira e deitou-se de costas. Algo o incomodava e o impedia de dormir: o anel. Não o tinha tirado. O pastor Pépi não se havia enganado: já não tinha escolha.

CAPÍTULO 4

O Sol já ia alto quando o escrivão Larrot chegou ao escritório no seu passo pesado. Sombrio, bochechudo, rubicundo e com o rosto congestionado, caminhava ao ritmo de uma bengala com o seu nome gravado, o que o tornava uma personagem importante e respeitada. Quarentão, Larrot era pai extremoso de uma menina, alvo de todas as suas preocupações. Todos os dias discutia com a mulher por causa da educação da criança, a quem não queria contrariar sob qualquer pretexto. A casa retumbava com estas discussões, cada vez mais violentas.

Para sua grande surpresa, um operário misturava gesso com calcário triturado para torná-lo mais branco e verificava a qualidade do produto deitando-o em seguida num cone de calcário, para tapar um buraco na sala do juiz.

- Não encomendei qualquer trabalho – disse Larrot, furibundo.
 - Mas eu, sim, mais ainda, executo-os sem demora.
 - Com que direito?
 - Sou o juiz Paser.
 - Mas... Ainda és tão novo!
 - És o meu escrivão?
 - Exatamente.
 - O dia já vai longo.
 - Sim, sim... É que tive uns problemas familiares a resolver...
 - Há assuntos urgentes? – perguntou Paser continuando o seu serviço.
 - Há a queixa de um construtor. Tinha tijolos, mas faltavam-lhe os burros para transportá-los. Acusa o alugador de lhe sabotar o telheiro.
 - Assunto resolvido.
 - Como assim?
 - Estive com o transportador esta manhã. Vai indenizar o construtor e transportar os tijolos a partir de amanhã, um processo a menos.
 - Também és pedreiro?
 - Amador pouco dotado. O nosso orçamento é bastante baixo, na maioria dos casos teremos de nos desembaraçar. Que mais há?
 - Esperam-te para o recenseamento de um rebanho.
 - O escriba especializado não dará conta do recado?
 - O perito no assunto, o dentista Qadash, julga que um dos seus empregados o rouba. Requereu um inquérito: o teu predecessor atrasou-o o mais que pôde. Para dizer a verdade, compreendia-o bem. Se desejares, encontrarei argumentos para diferi-lo outra vez.
 - Não será necessário. A propósito, sabes utilizar uma vassoura?
- Como o escrivão ficasse mudo, o juiz estendeu-lhe o precioso objeto.

Vento do Norte não estava descontente por saborear de novo o ar do campo, carregando o material do juiz, o burro avançava depressa, enquanto *Bravo* vagabundeava pelos arredores todo contente à procura de ninhos. Como era seu hábito, *Vento do Norte* esticou a orelha quando o juiz lhe disse que se dirigiam para a propriedade do dentista Qadash, que ficava para sul, a duas horas de caminho do planalto de Gize, o burro tomara a direção correta.

Paser foi bem recebido pelo intendente da propriedade, feliz por receber por fim um juiz com vontade de resolver um mistério que envenenava a vida dos boiadeiros. Os criados lavaram-lhe os pés e ofereceram-lhe uma tanga nova enquanto lavavam a dele, dois moços encarregaram-se de dar de comer ao cão e ao burro. Avisaram Qadash da chegada do magistrado e levaram-lhe de pronto um estrado encimado por um pórtico vermelho e negro assente em colunetas lotiformes, nele se instalariam, ao abrigo do sol, Qadash, Paser e o escriba dos rebanhos.

Quando o dono da propriedade apareceu, com uma longa bengala na mão direita, seguido pelos carregadores das sandálias, do guarda-sol e da poltrona, umas garotas tocaram tamborim e flauta e jovens camponesas ofereceram-lhe flores de lótus.

Qadash tinha cerca de sessenta anos e uma cabeleira branca e farta, forte, de nariz proeminente salpicado de veiazinhas

violetas, cabeça baixa, maçãs do rosto salientes, limpava muitas vezes o suor dos olhos lacrimosos. Paser espantou-se com a cor vermelha das suas mãos, sem dúvida, o dentista sofria de má circulação sanguínea.

Qadash observou-o com alguma desconfiança.

– És tu o novo juiz?

– Para te servir. É agradável constatar que os camponeses são felizes quando o dono da propriedade tem coração nobre e é firme a comandar.

– Irás longe, meu jovem, se respeitares os superiores.

A voz do dentista, a princípio incômoda, tornara-se agradável. A tanga em forma de avental, o corpete de pele de felino, o grande colar com sete voltas de pérolas azuis, brancas e vermelhas, e as pulseiras davam-lhe um ar distinto.

– Sentemo-nos propôs.

Sentou-se na poltrona de madeira pintada, Paser num assento em forma de cubo, à sua frente, à frente do escriba dos rebanhos estava uma pequena mesa baixa para o material de escrita.

– Segundo as declarações prestadas – lembrou o juiz – possuis cento e vinte e uma cabeças de gado, setenta carneiros, seiscentas cabras e outros tantos porcos.

– Exatamente. No último recenseamento, feito há dois meses, faltava um boi! Ora, os meus animais são de grande valor, o mais magro poderia ser trocado por uma túnica de linho e dez sacos de cevada. Quero que apanhes o ladrão.

– Não procedeste a um inquérito por conta própria?

– Não é a mim que compete fazê-lo.

O juiz voltou-se para o escriba dos rebanhos, que estava sentado numa esteira.

– Que escreveste tu nos registros?

– O número de animais que me apresentaram.

– Quem interrogaste?

– Ninguém. O meu trabalho consiste em anotar e não em fazer interrogatórios.

Paser não diria mais nada, irritado, tirou do cesto uma tabuinha de sicómoro coberta por uma fina camada de gesso, um pincel de junco talhado com um comprimento de vinte e cinco centímetros e um godê com água onde preparou tinta preta. Quando estava pronto, Qadash fez sinal ao chefe dos vaqueiros para começar o desfile.

Com uma pequena palmada no cachaço do boi que seguia à frente, iniciou-se a procissão. O animal bamboleava-se lentamente, seguido pelos seus congêneres pesados e plácidos.

– Esplêndidos, não achas?

– Dá os meus parabéns aos criadores – recomendou Paser.

– O ladrão deve ser asiático ou núbio – disse Qadash. – Há muitos estrangeiros em Mênfis.

– O teu nome não é de origem líbia?

O dentista disfarçou mal o seu aborrecimento.

– Há muito que vivo no Egito e pertenço à alta sociedade, não é a riqueza da minha propriedade prova disso mesmo? Fica sabendo que cuidei dos mais ilustres cortesãos, e, como tal, põe-te no teu lugar.

Carregadores de frutas, réstias de alho, cestos cheios de alface e vasos de perfume, acompanhavam os animais. Não se tratava sem dúvida de uma simples verificação do recenseamento, Qadash queria seduzir o novo juiz e mostrar-lhe a vastidão da sua fortuna.

Bravo deslizara sorrateiramente para debaixo do lugar do dono e olhava as cabeças de gado que se sucediam.

– De que província és tu? – perguntou o dentista.

– Quem faz as perguntas sou eu.

Uma parilha de bois passou em frente ao estrado, o mais velho sentou-se e recusou-se a seguir. “Pára de te fingires de morto” disse o vaqueiro, o acusado olhou-o receoso, mas não se mexeu.

– Dá-lhe – ordenou Qadash.

– Um momento – exigiu Paser descendo do estrado.

O juiz acariciou o ventre do boi sossegando-o e, com a ajuda do vaqueiro, tentou fazê-lo levantar-se. Mais tranquilo, o boi levantou-se. Paser voltou ao seu lugar.

– És muito terno – ironizou Qadash.

– Odeio a violência.

– Mas por vezes não achas que é necessária? O Egito teve de lutar contra os invasores, muitos homens morreram pela nossa liberdade. Serão de condenar?

Paser concentrou-se no desfile dos animais, o escriba dos rebanhos contava-os. No fim do recenseamento, de acordo com a declaração do proprietário, faltava um boi.

– Inadmissível – trovejou Qadash, cuja face ficava púrpura. Sou roubado na minha própria casa e ninguém quer denunciar o culpado.

– Os animais devem ter sido marcados.

– Sem dúvida!

– Traga-me os homens que procederam à marcação.

Eram quinze, o juiz interrogou-os um após o outro, isolando-os de forma a que não pudessem comunicar entre si.

– Já sei quem é o ladrão – anunciou Paser a Qadash.

– Como se chama?

– Kani.

– Peço a convocação imediata de um tribunal.

Paser aceitou. Escolheu como jurados um vaqueiro, uma pastora, o escriba dos rebanhos e um dos guardas da propriedade.

Kani, que não tentara fugir, apresentou-se de sua livre vontade no estrado, suportando o olhar furioso de Qadash, ali ao lado. O acusado era um homem pesado e robusto, de pele morena e enrugada.

– Consideras-te culpado?

– Não.

Qadash bateu com a bengala no chão.

– Este bandido é um insolente! Que seja castigado no campo!

– Cala-te – ordenou o juiz – Se perturbares a audiência, interrompo o processo.

Enervado o dentista afastou-se

– Marcaste um boi com o nome de Qadash? – perguntou Paser.

– Sim – respondeu Kani.

– Esse animal desapareceu.

– Fugiu-me. Encontrá-lo-ás num campo vizinho.

– Porquê essa negligência?

– Não sou vaqueiro, mas sim jardineiro. O meu verdadeiro trabalho consiste em irrigar as pequenas parcelas de terra, durante o dia transporto uma vara aos ombros e despejo nas culturas o conteúdo dos pesados cântaros. À noite, não tenho descanso, é preciso regar as plantas mais frágeis, abrir os regos, reforçar os aterros. Se quiseres provas, olha para a minha nuca, tem a marca de dois abscessos. É a doença do jardineiro e não do vaqueiro.

– Porque mudaste de ocupação?

– Porque o intendente de Qadash se apoderou de mim quando eu entregava legumes. Fui forçado a ocupar-me dos bois e a abandonar o meu jardim.

Paser chamou as testemunhas, a veracidade do relato de Kani foi comprovada. O tribunal absolveu-o, como indenização, o juiz ordenou que o boi fugido se tornasse propriedade de Kani e que Qadash lhe oferecesse uma quantidade razoável de alimentos em troca dos dias de trabalho perdido.

O jardineiro curvou-se frente ao juiz, Paser leu nos seus olhos um profundo agradecimento.

– O rapto de camponeses é um crime grave – disse ele ao proprietário.

O sangue subiu à cara do dentista.

- Não sou responsável! Não estava ao corrente, que o meu intendente seja castigado como merece.
- Conheces a natureza da pena, cinquenta bastonadas e perda do estatuto social, voltando a ser camponês.
- Lei é lei.

Acusado em tribunal, o intendente não negou nada, foi condenado e a sentença imediatamente executada.

Quando o juiz Paser saiu da propriedade, Qadash não foi despedir-se dele.

CAPÍTULO 5

Bravo dormia aos pés do dono, sonhando com um festim, enquanto *Vento do Norte*, refastelado com forragem fresca, fazia plantão à porta do gabinete onde Paser estava desde a madrugada a consultar os processos em curso. As dificuldades não diminuam, muito pelo contrário, e ele estava decidido a pôr a papelada em dia, sem deixar nada pendente.

O escrivão Larrot chegou a meio da manhã, com um semblante cadavérico.

– Estás um pouco abatido – disse Paser.

– Discuti com a minha mulher. Está insuportável, casei-me para ela me preparar pratos suculentos, e agora recusa-se a cozinhar! Está impossível de aturar.

– Pensas divorciar-te?

– Não, por causa da minha filha, quero que ela seja bailarina mas a minha mulher tem outros projetos com os quais não concordo. E nem um nem outro estamos dispostos a ceder.

– Temo que a situação seja complicada.

– Eu também. E a investigação sobre Qadash, correu bem?

– Estou quase a terminar o meu relatório: boi encontrado, jardineiro absolvido e intendente condenado. Estou convencido de que o dentista também estava envolvido, mas não tenho como prová-lo.

– Não te metas com ele, tem muitos conhecimentos.

– Clientela abastada, não?

– Já tratou da boca dos habitantes mais ilustres, as más línguas dizem que perdeu o jeito e quem quiser manter os dentes são mais vale não ir lá.

Bravo rosou, o dono acalmou-o com uma festa. Quando ele se comportava assim, manifestava uma hostilidade comedida. À primeira vista, não gostava lá muito do escrivão.

Paser carimbou os papiros onde tinha registrado as conclusões sobre o caso do roubo do boi. Larrot admirou a escrita fina e regular, o juiz traçava os hieróglifos sem a mínima hesitação, desenhando o pensamento com grande segurança.

– Mas, apesar disso, não o incriminaste?

– É claro que sim.

– Olha que é perigoso.

– De que tens receio, Larrot?

– Bem, eu... eu não sei.

– Sê mais preciso, Larrot.

– A justiça é tão complexa...

– Eu não acho: de um lado está a verdade, do outro está a mentira. Se se ceder a esta última, por pouco que seja, a justiça perde o seu domínio.

– Pensas assim porque ainda és jovem, à medida que fores adquirindo experiência, as tuas opiniões serão mais realistas.

– Espero que não. Na aldeia de onde vim muita gente me confrontou com o mesmo argumento. Mas não me parece que tenha qualquer valor.

– Queres ignorar o peso da hierarquia?

– Será que Qadash está acima da lei?

Larrot suspira.

– Pareces ser um homem inteligente e corajoso, juiz Paser, por isso, não faças de conta que não estás a compreender.

– Se a hierarquia é injusta, o país avança para a sua extinção.

– A hierarquia aniquilar-te-á como fez aos outros, limita-te a resolver os problemas que te dizem respeito e deixa os assuntos delicados ao cuidado dos teus superiores. O teu antecessor era um homem sensato que soube evitar as ratoeiras. Deram-te uma bela promoção, não a desperdices.

– Se fui destacado para aqui, foi devido aos meus métodos, por que razão deveria eu mudá-los?

– Agarra esta oportunidade sem perturbar a ordem estabelecida.

- Não conheço outra ordem senão a da lei. Enfurecido, o escrivão bate no peito.
- Estás a correr em direção ao precipício! Não digas que não te preveni.
- Amanhã, vais levar o meu relatório à administração da província.
- Como achares melhor.
- Há um pormenor que me intriga, não estou a pôr em causa o teu zelo, mas és tu todo o meu pessoal?

Larrot pareceu embaraçado.

- De certa forma, sim.
- Que significa esse subentendido?
- Bom, há também o Kem...
- Qual é a sua função?
- Polícia. É ele que prende quem o juiz decretar.
- Parece-me de extrema importância.

– O teu antecessor não mandou prender ninguém, se suspeitasse que havia um criminoso à solta, recorria a uma jurisdição melhor armada. Como Kem se aborrece de estar no escritório, patrulha a cidade.

- Será que vou ter o privilégio de conhecê-lo?

– Ele vem aqui de vez em quando. Não te impressiones ao primeiro contato: o seu caráter é detestável. Tenho medo dele, por isso não contes comigo para lhe fazer qualquer advertência desagradável.

“Não será nada fácil restabelecer a ordem no meu próprio escritório”, pensou Paser, constatando que dentro em breve ficaria sem papiro.

- Onde é que costumavas comprar o papiro?
- No Bel-Tran, o melhor fabricante de Mênfis. Lá os produtos são caros, mas de excelente qualidade. Aconselho-te a ir lá.
- Diz-me uma coisa, Larrot, esse réu conselho é perfeitamente desinteressado?
- Como te atreves!
- Desculpa. Foi sem intenção.

Paser examinou as queixas mais recentes, nenhuma delas apresentava qualquer urgência ou gravidade. Depois deu uma vista de olhos às listas de pessoal que devia controlar e às nomeações que tinha de aprovar, um trabalho administrativo banal que requeria somente o seu carimbo.

Larrot estava sentado sobre a perna esquerda e mantinha a direita estendida, tinha uma paleta sobre o braço, e um cálamo ³ atrás da orelha esquerda, e enquanto observava Paser ia limpando os pincéis.

- Estás a trabalhar há muito tempo?
- Desde o nascer da aurora.
- É muito cedo.
- É um hábito de aldeão.
- É um hábito... quotidiano?

– O meu mestre ensinou-me que bastava um dia de negligência e era uma catástrofe. O coração só pode aprender se as orelhas estiverem bem abertas e a razão obediente, e para se conseguir isso, não há nada melhor do que bons hábitos, não achas? Senão o macaco que dormita em nós põe-se a dançar e a capela fica privada do seu Deus.

O tom do escrivão agravou-se.

- Não é uma existência muito agradável.
- Nós somos servidores da justiça.
- A propósito, o meu horário de traba...

- Oito horas por dia, seis dias por semana, dois dias de descanso, entre dois e três meses de feriados graças às diversas festas...

Estamos de acordo? ⁴

O escrivão aquiesceu, compreendendo, sem que o juiz precisasse de insistir, que tinha de fazer um esforço para chegar no horário.

Um pequeno dossiê intrigou Paser. O guardião-mor encarregado de vigiar a esfinge de Gize tinha sido transferido para as docas. Brutal retrocesso na carreira: o homem havia cometido uma falta grave. Contudo esta última não estava registrada, como era habitual. No entanto, o juiz principal da província tinha-lhe posto a sua chancela, só faltava a de Paser, visto que o soldado pertencia à sua jurisdição. Uma simples formalidade que deveria ser cumprida sem grande reflexão.

– Ninguém cobiça o posto de guardião-mor da esfinge?

– Candidatos não faltam – admite o escrivão, – mas o titular atual desencoraja-os.

– Porquê?

– É um soldado experiente, com uma folha de serviço exemplar e, além disso, um homem honrado. Toma conta da esfinge com um desvelo invejável, ainda que aquele velho leão de pedra seja suficientemente impressionante para se defender a si próprio.

– Quem sonharia sequer atacá-lo?

– Parece-me um posto honorífico.

– Exatamente. O guardião-mor recrutou outros veteranos para que estes tivessem direito a uma pequena pensão, e entre os cinco asseguram a vigilância durante a noite.

– Estavas a par desta transferência?

– Transferência... Deves estar a brincar?

– Ora vê, aqui está o documento oficial.

– É inacreditável. O que é que ele fez?

– Seguiste exatamente o mesmo raciocínio que eu, mas os fatos foram omitidos.

– Não te preocupes, deve ser com certeza uma decisão militar cuja lógica nos transcende.

Vento do Norte soltou um zurro característico: o burro chamava a atenção para o perigo iminente. Paser levantou-se e saiu. Estava frente a frente com um babuíno que o dono deixara à solta.

O olhar agressivo, a cabeça robusta, o busto coberto por uma capa de pêlo, a sua reputação de macaco feroz não lhe era atribuída em vão. Era raro um animal selvagem não sucumbir aos golpes e às ferradelas de um babuíno, já se tinham visto até leões fugirem à aproximação de um bando enfurecido destes animais. O dono, um núbio de músculos salientes, impressionava tanto quanto o animal.

– Espero que o tenhas bem preso.

– Este babuíno-polícia está às tuas ordens, juiz, tal como eu.

– Tu és o Kem?

– O núbio acenou afirmativamente com a cabeça.

– És conhecido em todo o bairro. Parece que andas a “trabalhar” de mais para um juiz.

– O teu tom não me agrada.

– Tens de te habituar.

– De modo nenhum. Ou mostras o respeito devido a um superior, ou podes pedir já a tua demissão.

Os dois homens desafiaram-se longamente, assim como o cão do juiz e o macaco do polícia.⁵

– O teu antecessor dava-me total liberdade de movimentos.

– Agora a situação muda de figura.

– Não estás a proceder bem, quando passeio pelas ruas com o meu babuíno, desencorajo os ladrões.

– Vamos tomar as devidas providências. A tua folha de serviço?

– Mais vale prevenir-te já: o meu passado é sombrio. Eu pertencia à corporação de arqueiros encarregada de guardar uma das fortalezas do Grande Sul. E, tal como muitos dos jovens da minha tribo, apaixonei-me pelo Egito. Fui feliz durante muitos anos, até que um dia, sem querer, descobri um tráfico de ouro, entre oficiais. A hierarquia não me deu ouvidos, por essa altura, numa rixa matei um dos ladrões, que era meu superior direto. Então fui levado a tribunal onde me condenaram a cortar o nariz. O que tenho hoje é de madeira pintada. Perdi o medo às pancadas. Entretanto, os juizes reconheceram a minha lealdade, e foi por isso

que me deram um posto na polícia. Se desejares verificar, o meu processo está arquivado na secretaria do exército.

– Então vamos.

Kem não esperava por esta reação. Enquanto o burro e o escrivão guardavam o escritório, o juiz e o polícia, acompanhados pelo cão e pelo babuíno, que continuavam a observar-se mutuamente, caminharam em direção ao centro administrativo do exército.

– Há quanto tempo vives em Mênfis?

– Há um ano respondeu Kem, sinto saudades do Sul.

– Conheces o responsável pela segurança da esfinge de Gize?

– Cruzei-me com ele duas ou três vezes.

– Inspira-te confiança?

– É um veterano célebre, a sua reputação chegou até à fortaleza onde eu estava. Não é a qualquer um que se confia um posto tão honorífico.

– É um posto perigoso?

– De modo algum! Quem atacaria a esfinge? Trata-se de uma guarda de honra, cujos membros deviam sobretudo vigiar o aumento do nível da areia, para que esta não soterra o monumento.

Os transeuntes afastavam-se do quarteto, todos conheciam a rapidez com que um babuíno atacava, capaz de cravar as presas na perna de um ladrão ou de lhe partir o pescoço antes que o dono tivesse tempo de intervir. Quando Kem e o seu macaco patrulhavam a cidade, as más intenções desapareciam.

– Sabes onde vive esse veterano?

– Sei, numa casa cedida pelo exército, perto do quartel principal.

– Mudei de idéia, regressemos ao escritório.

– Já não queres verificar o meu processo?

– Queria consultar o teu processo, mas não me ia “dizer” nada de novo. Estarei à tua espera amanhã de manhã, bem cedo. Como se chama o teu babuíno?

– Matador.

CAPÍTULO 6

Ao cair da noite, o juiz fechou o escritório e saiu para passear o cão nas margens do Nilo. Deveria debruçar-se sobre este dossiê minúsculo quando podia encerrá-lo, bastando para isso colocar-lhe a sua chancela? Meter-se em trabalhos por causa de um processo administrativo não tinha qualquer sentido. Pura rotina, mas sê-lo-ia na verdade? Um camponês em contato com a natureza e com os animais apurava a intuição, Paser experimentava uma sensação estranha, quase inquietante, que o levaria a conduzir uma breve investigação para poder aprovar, livre de remorsos, esta transferência.

Bravo era brincalhão, mas não gostava da água. Saltitava a boa distância do rio onde passavam barcos de carga, veleiros elegantes e pequenas embarcações. Uns passeavam, outros transportavam, outros viajavam. O Nilo não só alimentava o Egito como também lhe oferecia uma via de circulação natural e rápida, com os ventos e as correntes a completarem-se miraculosamente. Grandes embarcações com tripulações experimentadas deixavam Mênfis em direção ao mar, algumas empreendiam longas expedições a terras longínquas. Paser não as invejava, o seu destino parecia-lhe cruel, pois estas viagens afastavam-nas de um país do qual ele amava cada centímetro de terra, cada colina, cada pista do deserto, cada aldeia. Todo o Egípcio tinha medo de morrer no estrangeiro, a lei mandava que repatriassem o corpo de forma a que pudesse viver a sua eternidade junto dos seus antepassados, sob a proteção dos deuses.

Bravo emite um som semelhante a um guincho, um pequeno sagui, ágil como uma nortada, acabara de lhe borrifar a parte traseira com água.

O cão, aflito e humilhado, arreganhou os dentes sacudindo-se, o brincalhão desnordeado saltou para os braços da dona, uma jovem de vinte e poucos anos.

– Ele não é mau – afirmou Paser, – mas detesta que o molhem.

– A minha macaca merece bem o nome que tem: Diabrete. Não pára de fazer travessuras, principalmente aos cães. Passo a vida a ralhar-lhe, mas não adianta.

A sua voz era tão doce que acalmou *Bravo*, que farejou a perna da proprietária da macaca e lhe deu uma lambidela.

– *Bravo!*

– Não faz mal, penso que me adotou e isso deixa-me muito contente.

– Será que a *Diabrete* aceita ser minha amiga?

– Aproxime-se e verá.

Paser estava petrificado: não se atrevia a avançar. Na aldeia, andavam algumas garotas atrás dele, mas ele nunca lhes prestava muita atenção, obcecado que estava com os seus estudos e com a aprendizagem do seu ofício, não tinha tempo para se distrair com paixões e namoricos. A aplicação da lei tinha-se aperfeiçoado com a idade mas, perante esta jovem, sentia-se completamente desarmado.

Era belíssima.

Bela como a aurora da Primavera, como um lótus a desabrochar, como uma vaga cintilante no meio do Nilo. Um pouco mais baixa do que ele, de cabelos alourados, rosto fino e terno e uns olhos azul-céu de onde se desprendia um olhar sincero. No pescoço fino trazia um colar de lápis-lazúli, nos pulsos e nos tornozelos, pulseiras de coralina. O vestido de linho deixava adivinhar os seios firmes e bem desenhados, as ancas modeladas até à perfeição e as pernas longas e esguias. Os pés e as mãos encantavam os olhos com a sua delicadeza e elegância.

– Estás com medo? – perguntou ela, intrigada.

– Não... claro que não.

Aproximar-se dela seria poder contemplá-la mais de perto, respirar o seu perfume, quase tocar-lhe... Mas faltava-lhe a coragem.

– Percebendo que ele não tomara a iniciativa, ela deu três passos na sua direção e apresentou-lhe a pequena sagui.

Com a mão ainda a tremer, Paser fez uma festa no focinho da macaca. Com um dedo ágil, a *Diabrete* arranha-lhe o nariz.

– É assim que ela identifica um amigo.

Bravo não protestou, a trégua entre o cão e a macaca estava feita.

– Comprei-a numa feira onde se vendem produtos da Núbia, parecia tão triste e desamparada que não consegui resistir-lhe.

No punho esquerdo a garota trazia um objeto estranho.

– Estás intrigado com a minha clépsidra ⁶ portátil? É indispensável para exercer a minha profissão. Chamo-me Néféret e sou médica.

Néféret, “a bela, a perfeita, a realizada”... Que outro nome poderia ter? A sua tez dourada parecia irreal, cada palavra que pronunciava assemelhava-se a uma sedutora melodia campestre ao pôr do Sol.

– Posso perguntar-te como te chamas?

Era imperdoável. Não se tinha apresentado, que falta de educação a dele.

– Paser... sou um dos juizes da província.

– Nasceste aqui?

– Não, na região de Tebas. Acabei de chegar a Mênfis.

– Também nasci lá embaixo!

Sorriu, alegremente.

– O teu cão já acabou o passeio?

– Não, não! Ele nunca se cansa.

– Então queres passear um pouco? Preciso apanhar ar, esta semana foi extenuante.

– Já estás a exercer a tua profissão?

– Ainda não, estou a acabar o 5o ano de aprendizagem. Primeiro estudei Farmácia e a preparação dos remédios, depois fui veterinária no templo de Dendara. Ensinaram-me a verificar a pureza do sangue dos animais para os sacrifícios e tratar todo o tipo de animais, do gato ao touro. Os erros cometidos foram duramente punidos: com vergastadas, exatamente como para os rapazes!

Paser sofria só de pensar no suplício infligido àquele corpo maravilhoso.

– A severidade dos nossos velhos mestres é a melhor educação – afirmou ela. – Se tivermos as orelhas bem abertas, já não esquecemos o que aprendemos. Em seguida fui admitida na escola de Medicina de Sais, onde recebi o título de “servidora dos que sofrem”, após ter estudado e praticado várias especialidades da medicina: dos olhos, do ventre, do ânus, da cabeça, dos órgãos íntimos, dos líquidos segregados pelos gânglios do pescoço e da cirurgia.

– Que mais vão exigir ainda de ti?

– Podia ser especialista, mas é o escalão mais baixo, e só me contentarei com ele se não for capaz de ser médica de clínica geral. O especialista só trata um aspecto da doença, uma manifestação limitada da verdade. Uma dor num dado órgão não significa que se conheça a origem do mal. Um especialista só pode fazer um diagnóstico parcial. Ser médico de clínica geral é o verdadeiro ideal de todo o médico, mas a prova que se tem de prestar é tão difícil que a maior parte desiste logo à partida.

– Em que posso ajudar-te?

– Em nada. Tenho de enfrentar sozinha os meus mestres.

– Então, boa sorte!

Saltaram por cima de um canteiro de lóios onde *Bravo* brincava, e sentaram-se à sombra de um vimeiro-amarelo de folha avermelhada.

– Já falei muito, lamentou-se ela, não é meu costume. É assim que arrancas as confissões?

– Faz parte do meu trabalho. Roubos, dívidas, contratos de venda, desavenças familiares, adultérios, agressões e maus tratos, impostos injustos, calúnias, e mil e um delitos mais, eis a rotina que me espera. Tenho de conduzir os inqueritos, verificar os testemunhos, reconstruir os fatos e julgar.

– Deve ser cansativo!

– A tua profissão não o é menos. Gostas de tratar as pessoas, eu gosto que a justiça seja feita, se não déssemos o nosso melhor, seria uma traição.

– Detesto aproveitar-me das circunstâncias, mas...

– Diz, peço-te.

– Um dos meus fornecedores de ervas medicinais desapareceu. É um homem rude, mas honesto e competente, eu e alguns colegas apresentamos queixa recentemente. Talvez pudesses acelerar as buscas?

– Encarregar-me-ei do caso pessoalmente, como se chama ele?

– Kani.

– Kani!

– Conhece-o?

– Ele tinha sido incriminado pelo intendente da jurisdição de Qadash. Mas já foi declarado inocente.

– Graças a ti.

– Fui eu que investiguei e julguei o caso.

Ela beijou-lhe ambas as faces. Paser, que não era sonhador por natureza, viu-se transportado para um dos paraísos reservados aos justos.

– Qadash... o dentista famoso?

– Esse mesmo.

– Diz-se que foi um bom dentista, mas que já se devia ter reformado há muito tempo.

A sagui bocejou e foi aconchegar-se no ombro de Néféret.

– Bem, tenho de ir embora, tive muito prazer em conversar contigo. Certamente não nos voltaremos a encontrar, agradeço-te do fundo do coração teres salvo Kani.

Ela não andava, dançava, o seu passo era leve, o seu andar esplendoroso.

Paser permaneceu imóvel debaixo do vimeiro-amarelo, para gravar na memória o mínimo dos seus gestos, o mais ínfimo dos seus olhares, a cor da sua voz.

Bravo pousou a pata direita nos joelhos do dono.

– Já percebeste que... estou perdidamente apaixonado.

CAPÍTULO 7

Kem e o seu babuíno foram ao encontro marcado.

– Estás disposto a levar-me a casa do guardião-mor da esfinge? – perguntou Paser.

– Estou às tuas ordens.

– Esse tom não me agrada mais do que o outro, a ironia não é menos mordaz que a agressividade.

A observação do juiz feriu o amor-próprio do núbio.

– Não tenciono curvar-me diante de si.

– Basta que sejas um bom polícia e nós nos entenderemos. O babuíno e o dono fitaram Paser, nos dois pares de olhos, um furor contido.

– Vamos.

Neste início de tarde, as ruelas animavam-se, as donas de casa tagarelavam, os carregadores de água distribuíam o precioso líquido, os artesãos gravavam as peças com os buris. Graças ao babuíno, a multidão afastou-se.

O guardião-mor vivia numa casa semelhante à de Branir, mas menos elegante. Na soleira de uma porta, brincava uma menina com uma boneca de madeira, quando viu o enorme macaco, desatou a gritar assustada, entrando em casa a chorar. No mesmo instante, a mãe veio cá fora indignada.

– Porque assustaste a criança? Prende já esse monstro!

– És a mulher do guardião-mor da esfinge?

– Com que direito me estão a interrogar!

– Eu sou o juiz Paser.

O ar sério do jovem magistrado e o comportamento do babuíno convenceram a mulher a acalmar-se.

– Já aqui não mora. O meu marido também é um veterano. Por isso o exército concedeu-nos este alojamento.

– Sabes para onde ele foi?

– A mulher parecia contrariada, quando me cruzei com ela no dia da mudança, falou-me numa casa, num bairro suburbano, lá para o Sul.

– Não te disse nada de mais concreto? Porque havia eu de estar a mentir?

O babuíno deu um esticão à trela, a mulher recuou, encostando-se ao muro.

– Mais nada?

– Não, juro-te que não!

Encarregado de levar a filha à escola de dança, o escrivão Larrot tinha sido autorizado a sair a meio da tarde, não sem antes se ter comprometido a entregar na sede da administração da província os relatórios dos casos resolvidos pelo juiz. Em poucos dias, Paser tinha resolvido mais casos do que o seu antecessor em seis meses.

Quando o Sol se pôs, Paser acendeu várias candeias, tinha de se desembaraçar o mais rápido possível de uma dezena de conflitos com o fisco, os quais tinha decidido todos a favor dos contribuintes. Todos, exceto um, que dizia respeito a um transportador chamado Denes. O juiz principal da província tinha acrescentado, à mão, umas palavras ao processo: “Arquivar sem processo.”

Acompanhado pelo burro e pelo cão, Paser foi fazer uma visita ao seu mestre, pois ainda não tinha tido tempo de lá voltar depois de se ter mudado. No caminho interrogava-se sobre o destino curioso do guardião-mor que, além de ter deixado um cargo de prestígio, perdera também a casa.

O que estaria por trás desta cascata de contratemplos? O juiz tinha pedido a Kem que encontrasse o rasto do veterano. Enquanto não o tivesse interrogado, Paser não aprovaria a transferência.

Com a pata esquerda, *Bravo* esfregou várias vezes o olho direito, ao examiná-lo Paser viu uma ligeira irritação. O velho médico saberia como curá-lo.

A casa estava iluminada, Branir gostava de ler à noite, quando os barulhos da cidade já tinham desaparecido.

Paser bateu à porta principal, desceu ao vestíbulo, seguido do cão, e parou estupefato. Branir não estava sozinho. Conversava com uma mulher, a quem o juiz reconheceu a voz de imediato. Ela, aqui!

O cão meteu-se entre as pernas do dono e mendigou umas festas.

– Entra, Paser!

O juiz, inquieto, acedeu ao convite. Só tinha olhos para Néféret, sentada à escriba em frente ao velho médico, segurando um fio de linho entre o polegar e o indicador, no fim do qual oscilava uma pequena pedra de granito, talhada em forma de losango.^Z

– Néféret, a minha melhor aluna, o juiz Paser. Depois das apresentações feitas, aceitas um pouco de cerveja fresca?

– A tua melhor aluna...

– Nós já nos conhecemos, – disse ela alegremente.

Paser agradeceu à sua boa estrela, revê-la enchia-o de felicidade.

– Dentro em breve, Néféret vai enfrentar a última prova antes de poder exercer a sua arte lembrou Branir. É por isso que estamos a repetir os exercícios de radiestesia que lhe serão indispensáveis para fazer um diagnóstico. Estou convencido de que vai ser uma excelente médica, pois sabe ouvir. E quem sabe ouvir sabe agir. Saber ouvir é o melhor tesouro que se pode possuir. E só o nosso coração pode oferecer-nos essa qualidade.

– O segredo do médico está em conhecer o coração, não é assim? – perguntou Néféret.

– É esse o segredo que te será revelado se fores digna de recebê-lo.

– Gostaria de ir descansar.

– É o que deves fazer.

Bravo coçou o olho, Néféret apercebeu-se da sua aflição.

– Penso que está a sofrer – disse Paser. O cão deixou-se examinar.

– Não é nada de grave – concluiu ela, – basta pôr-lhe um colírio e isso passa.

Branir foi logo buscar o remédio, as infecções oftalmológicas são frequentes e não faltam remédios para curá-las. O produto fez efeito rapidamente, o olho de Bravo desinchou enquanto a jovem o acariciava. Pela primeira vez, Paser teve ciúmes do seu cão. Procurou uma forma de fazê-la demorar-se, mas teve de se contentar em cumprimentá-la quando saiu.

Branir serviu uma cerveja excelente, feita na véspera.

– Pareces cansado, não te deve faltar trabalho.

– Tenho tido problemas com um tipo chamado Qadash.

– O dentista das mãos vermelhas... é um homem atormentado e mais vingativo do que realmente parece.

– Penso que é culpado no rapto de um camponês.

– Tens provas consistentes?

– Não, só meras conjeturas.

– Tens de ser mais rigoroso nas tuas diligências, pois os teus superiores não perdoam faltas de exatidão.

– Dás frequentemente aulas a Néféret?

– Transmito-lhe a minha experiência, pois tenho confiança nela.

– Ela nasceu em Tebas.

– É filha única de um fabricante de ferrolhos e de uma tecedeira, conheci-a quando tratava deles. Fez-me mil e uma perguntas, e eu encorajei a sua vocação inata.

– Uma mulher médica... não vai ter muitos obstáculos para ultrapassar?

– Inimigos também, mas a sua coragem não é menor que a sua doçura. O médico-chefe da corte está à espera que ela reprove, e ela sabe-o.

– Um adversário de respeito!

– Ela está consciente disso, uma das suas maiores qualidades é a tenacidade.

– É casada?

– Não.

– Tem noivo?

– Que eu saiba, nada de oficial.

Paser passou a noite em claro. Não conseguiu deixar de pensar nela, de ouvir a sua voz, de sentir o seu perfume, de engendrar mil e uma estratégias para a rever, sem encontrar uma solução satisfatória. Vezes sem conta a angústia se apoderou dele. Será que ele lhe era indiferente? Néféret não tinha demonstrado a mínima atração, só um vago interesse pela sua profissão. Até a justiça ficava com um gosto amargo, como podia continuar a viver sem ela, como podia aceitar a sua ausência? Paser nunca tinha acreditado que o amor fosse uma torrente tão arrebatadora, capaz de arrastar diques e de se apoderar do ser na sua totalidade.

Bravo percebeu o desassossego do dono, os seus olhos transmitiram-lhe uma ternura que, embora Paser a tenha sentido, não era suficiente para apaziguar o seu tumulto interior. Paser sentiu-se com remorsos por fazer o cão ficar triste, se pudesse escolher, preferiria contentar-se com esta amizade desprovida de nuances, mas não conseguia resistir ao olhar de Néféret, ao seu rosto límpido, ao turbilhão de sentimentos que ela lhe provocava.

O que devia fazer? Esconder este sentimento seria o mesmo que condenar-se ao sofrimento. Declarar-lhe a sua paixão era arriscar-se a uma recusa que o levaria ao desespero. Tinha de conquistá-la, de seduzi-la, mas que subterfúgios possuía ele, um simples juiz de bairro sem fortuna?

O nascer do Sol não apaziguou os seus tormentos, mas incitou-o a embrenhar-se no seu papel de magistrado. Deu de comer ao *Bravo* e ao *Vento do Norte*, e confiou-lhes o escritório, convencido de que o escrivão chegaria atrasado. Munido de um cesto com papiro, que continha tabuinhas, um estojo com pincéis e tinta já preparada, dirigiu-se para as docas.

No cais estavam vários barcos que eram descarregados por marinheiros sob as ordens de um cabo. Após ter sido colocada uma prancha a servir de ponte, os homens, com compridas varas atravessadas sobre o ombro, às quais amarravam com cordas sacos, cabazes e seiras, desciam o plano inclinado. Os mais robustos carregavam pesados pacotes às costas.

Paser dirige-se ao cabo.

– Onde posso encontrar Denes?

– O patrão? Por aí!

– As docas não são dele?

– As docas, não, mas um grande número de barcos, sim! Denes é o transportador mais importante de Mênfis e um dos homens mais ricos da cidade.

– Onde poderei encontrá-lo?

– Ele só cá vem quando chega um dos grandes navios de carga... Procura-o na doca central. Acabou de atracar uma das suas embarcações.

Com uns cinquenta metros, o enorme navio podia transportar mais de seiscentas e cinquenta toneladas. De fundo chato, o barco era composto por inúmeras tábuas cortadas na perfeição e unidas como tijolos, as do revestimento do casco eram muito grossas e ligadas por correias de couro. Uma vela de grandes dimensões tinha sido içada num mastro trípode, desmontável e firmemente amarrado. O capitão mandava tirar o manto de juncos preso à proa e descer a âncora redonda.

Quando Paser quis subir a bordo, um marinheiro barrou-lhe a passagem.

– Não pertences à tripulação.

– Sou o juiz Paser.

O marinheiro desviou-se e o juiz atravessou o passadiço até à cabine do capitão, um homem mal-humorado de cinquenta e tal anos.

– Gostaria de falar com Denes.

– O patrão, aqui a esta hora? Nem penses!

– Trago uma queixa dentro dos requisitos legais.

– A que propósito?

– Denes cobra uma taxa nas descargas dos navios que não lhe pertencem, o que é ilegal e injusto.

– Ah! Essa velha história! É um privilégio que o patrão tem, concedido pela administração, é habitual todos os anos emitirem uma queixa. Não tem qualquer importância: podes deitá-la ao rio.

– Onde é que ele mora?

– Na maior vivenda que há atrás das docas, na entrada da zona dos palácios.

Sem o burro, Paser tem alguma dificuldade em orientar-se, sem o babuíno-polícia ele tem de enfrentar o grupo de comadres em grande discussão à volta de vendedores ambulantes.

A enorme vivenda de Denes era vedada por muros altos e guardada por um polícia armado com um bastão, na entrada monumental. Paser apresentou-se e pediu para ser recebido. O porteiro transmitiu o pedido a um intendente, que veio buscar Paser uns dez minutos mais tarde.

Quase não teve tempo de apreciar a beleza do jardim, o encanto do lago de recreio e a sumptuosidade dos canteiros de flores, pois foi conduzido diretamente a Denes, que tomava o pequeno-almoço numa ampla sala com quatro colunas, com as paredes decoradas com cenas de caça.

Com a idade de cinquenta anos, o transportador era um homem robusto, atarracado, de rosto quadrado, bastante grosseiro, orlado por um fino colar de barba branca. Sentado numa poltrona com patas de leão, era unguído com um óleo fino por um criado solícito, enquanto um segundo criado lhe arranjava as unhas. Um terceiro penteava-o, um quarto friccionava-lhe os pés com um unguento perfumado e um quinto lia-lhe a ementa.

– Juiz Paser! Que bons ventos te trazem?

– Uma queixa.

– Já tomaste o pequeno-almoço? Eu ainda não.

Denes mandou sair os criados, logo em seguida, entraram dois cozinheiros que traziam pão, cerveja, pato assado e bolos de mel.

– Serve-te.

– Não, obrigado.

– Um homem que não se alimenta bem de manhã não trabalha bem durante todo o dia.

– Fizeram uma queixa muito grave contra ti.

– O quê!?

A voz de Denes perdia toda a nobreza, acentuando-se por vezes mais nos agudos, traduzia um nervosismo que contrastava com a aparência da personagem.

– Cobras uma taxa iníqua sobre as descargas e suspeita-se que cobras também um imposto ilegal às populações ribeirinhas dos dois desembarcadouros estatais, que usas frequentemente.

– Isso é habitual. Não te preocupes. O teu antecessor preocupava-se tanto quanto o juiz principal da província. Esquece isso e come um lombinho de pato.

– Creio que seja impossível.

Denes parou de mastigar.

– Não tenho tempo para me preocupar com essas coisas. Vai falar com a minha esposa, ela te provará que estás a dar demasiada importância ao caso.

O transportador com um estalar de dedos chamou um intendente.

– Acompanhe o juiz ao gabinete da senhora Nénophar.

Denes concentrou-se no seu pequeno-almoço.

Nénophar era uma mulher de negócios. Escultural, ligeiramente nutrida, petulante, vestida à última moda, usava uma pesada e majestosa peruca negra toda de tranças, trazia uma gargantilha de turquesa, um colar de ametista, pulseiras de prata muito caras e uma rede de pérolas verdes sobre o seu longo vestido. Proprietária de grandes extensões de terra produtiva, de várias casas e de uma vintena de quintas, dirigia ainda uma equipa de agentes comerciais que vendiam diversos produtos no Egito e na Síria. Controladora dos armazéns reais, inspectora do Tesouro Público, intendente da fazenda do palácio, tinha sucumbido ao charme de Denes, bem menos abastado que ela. Considerando-o um mero administrador, tinha-lhe atribuído a direção do transporte de mercadorias. Deste modo, o marido viajava bastante, alargando o vasto leque de relações sociais, as quais lhe possibilitavam entregar-se ao seu maior prazer: longas conversas regadas com bom vinho.

Ela observou com desdém o jovem juiz que ousava aventurar-se no seu feudo. Chegara-lhe aos ouvidos que este camponês ocupava agora o lugar do falecido magistrado com o qual mantinha uma excelente amizade. Com certeza era uma visita de cortesia: excelente ocasião para metê-lo na linha.

Mesmo não sendo bonito, ele tinha um ar elegante, o seu rosto era fino e sério, o seu olhar profundo. Ela apercebeu-se,

contrariada, de que ele não se inclinava como um vassalo perante o soberano.

– Foste destacado recentemente para Mênfis?

– Exatamente.

– As minhas sinceras felicitações, é um posto que augura uma carreira brilhante. Por que razão me querias falar?

– Trata-se de uma taxa cobrada indevidamente que...

– Estou ao corrente, e o Tesouro também.

– Então reconheces que a queixa tem fundamento.

– Todos os anos emitem uma queixa que é anulada de imediato, possuo um direito adquirido.

– Não está em conformidade com a lei, muito menos com a justiça.

– Devias estar mais resignado à amplitude do meu poder, juiz Paser, e, enquanto inspetora do Tesouro Público, anulo esse tipo de queixa. Os interesses comerciais do país não devem ser afectados por um processo antiquado.

– Abusas então dos teus poderes?

– Quantas palavras vazias de conteúdo! Vê-se bem que não tem qualquer experiência da vida, meu jovem.

– Agradeço que te abstenhas de qualquer tipo de familiaridade, ou terei de recordar-te que te interrogo a título oficial?

Nénophar não ignora o aviso. A um juiz, mesmo modesto, não lhe faltavam poderes.

– Estás bem instalado em Mênfis?

Paser não respondeu.

– Disseram-me que a tua casa não era muito confortável, como tu e eu vamos ser amigos, podia alugar-te, por um preço módico, uma vivenda agradável.

– Contentar-me-ei com o alojamento que me atribuíram.

O sorriso congelou-se nos lábios de Nénophar.

– Essa queixa é grotesca, acredita.

– No entanto reconheceste os fatos.

– Mas tu não serias capaz de desrespeitar uma ordem dada por um superior teu.

– Se ele estiver enganado, não hesitarei um minuto sequer.

– Não te iludas, juiz Paser. Não és assim tão poderoso.

– Estou consciente disso.

– Então, estás mesmo decidido a investigar essa tal queixa?

– Serás intimada a comparecer no meu escritório.

– Faz o favor de te retirares.

Paser obedeceu.

Furiosa, Nénophar irrompeu nos aposentos do marido. Denes experimentava uma nova tanga de panos largos.

– Já domaste o juizeco?

– Não, idiota! É uma verdadeira fera.

– Tu és muito pessimista, basta oferecer-lhe alguns presentes.

– É inútil. Em vez de te pavoneares por aí, vê se trataste dele Temos que matá-lo o mais rapidamente possível.

CAPÍTULO 8

– É aqui, – disse Kem.

– Tens certeza? – perguntou Paser, estupefato.

– Sem dúvida, esta é mesmo a casa do guardião-mor da esfinge.

– Porquê tanta certeza?

O núbio sorriu.

– Graças ao meu babuíno, as línguas soltaram-se. Quando ele mostra as garras, até os mudos falam.

– Esses teus métodos...

– São eficazes. Querias resultados e aí os tens.

Os dois homens observavam o subúrbio mais miserável da grande cidade. Aqui comia-se muito bem, como em todo o Egito, mas havia numerosos casebres deteriorados e a higiene deixava muito a desejar. Viviam ali sírios, que tinham esperança de arranjar trabalho, camponeses que vinham fazer fortuna na cidade e que depressa ficavam desencantados, e viúvas sem grandes recursos. O bairro não era certamente o mais adequado para o guardião-mor da mais famosa esfinge do Egito.

– Vou interrogá-lo.

– O lugar não é muito seguro, não te devias aventurar sozinho.

– Como queiras.

Paser, admirado, verificou que as portas e as janelas iam-se fechando à sua passagem. A hospitalidade, tão cara ao coração dos egípcios, não parecia faltar neste terreno. O babuíno nervoso avançava com passo irregular. O núbio não parava de perscrutar os telhados.

– Que receias?

– Um arqueiro.

– Porque atentariam contra nós?

– O investigador és tu, se viemos aqui parar, é porque o assunto é obscuro. Eu, no teu lugar, desistiria.

A porta em madeira parecia sólida. Paser bateu. No interior alguém se mexeu, mas não respondeu.

– Abre, sou o juiz Paser.

Fez-se silêncio. Forçar a entrada de um domicílio sem autorização era delito, o juiz debatia-se com a sua consciência.

– Achas que o teu babuíno...

– O *Matador* é ajuramentado, a sua alimentação é fornecida pela administração e nós devemos dar explicações dos seus passos.

– A prática é bem diferente da teoria.

– Bem dito, – avaliou o núbio.

A porta não resistiu muito tempo ao grande babuíno, cuja força surpreendeu Paser, era bom que ele estivesse do lado da lei.

As duas divisões pequenas estavam mergulhadas na escuridão, por causa das esteiras que tapavam as janelas. O chão era de terra batida, havia uma arca para a roupa branca, uma outra para a loiça, uma esteira para se sentarem, e um estojo com artigos de higiene: conjunto modesto mas decente.

A um canto da segunda divisão escondia-se na terra uma mulherzinha de cabelos brancos, vestida com uma túnica castanha.

– Não me batas, – implorou ela, – eu não disse nada, juro-te.

– Fica sossegada, eu gostaria de te ajudar.

Ela aceitou a mão do juiz, levantou-se e, de repente, o medo tomou conta do seu olhar.

– O macaco! Ele vai fazer-me em pedaços.

– Não, sossegou-a Paser, é da polícia. És a mulher do guardião-mor da esfinge?

– Sou...

A voz quase não se ouvia. Paser convidou-a a sentar-se na esteira e colocou-se à frente dela.

– Onde está o teu marido?

– Ele... ele partiu em viagem.

– Porque deixou ele o emprego?

– Porque se demitiu.

– Estou a tratar da regularização da transferência dele, – revelou Paser, – os documentos oficiais não mencionam nenhuma demissão.

– Talvez eu esteja enganada.

– O que é que se passou? – perguntou o juiz com doçura. – Quero que saibas que não sou teu inimigo, se te puder ser útil, agirei.

– Quem te mandou aqui?

– Ninguém. Investigo por conta própria, para não confirmar uma decisão que não compreendo.

Os olhos da velha senhora encheram-se de lágrimas.

– Estás a ser... sincero?

– Pela vida do faraó.

– O meu marido faleceu.

– Tens certeza?

– Os soldados garantiram-me que seria enterrado conforme os ritos. Mandaram-me mudar de casa e instalar-me aqui. Se ficar calada, receberei uma pequena pensão até ao fim da minha vida.

– Que te revelaram eles sobre as circunstâncias da sua morte?

– Um acidente.

– Descobrirei a verdade.

– Não tem importância.

– Deixa-me levar-te para um lugar seguro.

– Vou ficar aqui à espera da morte. Vai-te embora, suplico-te.

Nébamon, médico-chefe da corte do Egito, podia estar orgulhoso de si mesmo. Já passava dos sessenta anos e continuava a ser um homem bonito e forte, o rol das suas conquistas femininas ia continuar a alongar-se ainda por muito tempo. Coberto de títulos e distinções honrosas, passava mais tempo em recepções e banquetes do que no consultório, onde médicos ainda jovens e ambiciosos trabalhavam para ele. Cansado do sofrimento dos outros, Nébamon tinha escolhido uma especialidade divertida e rendável: a cirurgia plástica. As belas senhoras desejavam apagar qualquer imperfeição para permanecerem deslumbrantes e fazer empalidecer de ciúmes as suas rivais, e só Nébamon podia dar-lhes uma nova juventude e preservar os seus encantos.

O médico-chefe pensava na magnífica porta de pedra que, por favor especial do faraó, iria adornar a entrada do seu túmulo, fora o próprio soberano quem tinha pintado os umbrais de azul escuro, com grande prejuízo dos cortesãos que sonhavam com semelhante privilégio. Adulado, rico, célebre, Nébamon tratava príncipes estrangeiros, prontos a depositar nas suas mãos honorários muito elevados, antes de aceitar um pedido, fazia longas investigações e só concedia as consultas a pacientes aflitos, com males benignos e fáceis de curar. Um erro iria denegrir a sua reputação.

O seu secretário particular anunciou-lhe a chegada de Néféret.

– Manda-a entrar.

A jovem irritava Nébamon, pois tinha recusado fazer parte da sua equipa. Humilhado, só pensava em vingar-se. Se ela obtivesse o direito de exercer, ele trataria de privá-la de qualquer poder administrativo e de a afastar da corte. Alguns afirmavam que ela possuía a faculdade inata da medicina e que o seu dom para a radiestesia lhe permitia ser rápida e precisa, só por essa razão, ele conceder-lhe-ia uma última hipótese antes de dar início às hostilidades e de remetê-la a uma existência medíocre. Ou ela se submetia ou ele a destruiria.

– Mandaste me chamar?

– Tenho uma proposta a fazer-te.

– Parto para Sais depois de amanhã.

– Estou ao corrente, mas a tua intervenção seria breve.

Néféret era na verdade muito bela, Nébamon sonhava com uma amante assim jovem e deliciosa, que ele exibiria na sociedade mais fina. Mas a sua nobreza natural e a vida que emanava dela impediam-no de elogiá-la com as costumeiras parvoíces, tão vulgares quanto eficazes, seduzi-la era sem dúvida uma tarefa difícil, mas particularmente excitante.

– A minha cliente é um caso interessante – prosseguiu ele: – uma burguesa, de uma família numerosa e muito abastada, de boa reputação.

– Que lhe aconteceu?

– Um feliz acontecimento: vai-se casar.

– E isso é doença?

– O marido impôs uma condição: remodelar as partes do corpo dela que não lhe agradam. Algumas partes são fáceis de modificar, eliminaremos a gordura aqui e ali, conforme as instruções do marido. Tirar um pouco às coxas, diminuir as bochechas e pintar os cabelos vai ser fácil.

Nébamon não precisou o que tinha recebido, em troca da sua intervenção: dez boiões de unguento e de perfumes raros, uma fortuna que excluía um erro.

– A tua colaboração iria dar-me grande alegria, Néféret, tens a mão muito segura. Além disso dar-te-ia uma carta de recomendação que te seria muito útil. Aceitas ver a minha paciente?

Usava o tom mais enganador que conseguia, e, sem dar tempo a Néféret para responder, mandou entrar a senhora Silkis. Aflita, ela escondia a cara.

– Não quero que olhem para mim – disse ela com voz de menina aflita, -sou muito feia!

O corpo estava cuidadosamente dissimulado num vestido largo, a senhora Silkis tinha formas roliças.

– Que tipo de alimentação fazes? – perguntou Néféret.

– Eu... eu não tenho cuidado.

– Gostas de bolos?

– Muito.

– Comer menos bolos seria benéfico, posso examinar o teu rosto?

A doçura de Néféret venceu a indecisão de Silkis, que baixou as mãos.

– Pareces ser muito jovem.

– Tenho vinte anos.

A cara enfeitada era, certamente, um pouco bochechuda, mas não aparentava nem horror nem desgosto.

– Porque não te aceitas tal como és?

– O meu marido tem razão, sou horrorosa! Devo agradecer-lhe.

– Não te parece que é uma submissão demasiado grande?

– Ele é tão forte... E eu prometi!

– Convence-o de que ele está errado.

Nébamon sentiu a cólera a invadi-lo.

– Não temos de julgar os motivos dos pacientes interveio ele secamente. -A nossa função é satisfazer os seus desejos.

– Recuso-me a fazer sofrer inutilmente esta jovem.

– Sai já daqui.

– Com todo o prazer.

– Vais arrependerte do teu comportamento, Néféret.

– Creio estar a ser fiel ao ideal da medicina.

– Tu não sabes nada, e nada obterás. A tua carreira terminou.

O escrivão Larrot tossicou, Paser levantou a cabeça.

– Algum aborrecimento?

– Uma convocação.

– Para mim?

– Sim. O Ancião do vestíbulo quer ver-te imediatamente.

Constrangido, Paser pousou o pincel e a paleta.

À frente do palácio real, tal como à frente de cada templo, era construído um pequeno vestíbulo em madeira onde um magistrado fazia justiça. Ele ouvia as queixas, distinguia a verdade da corrupção, protegia os fracos e salvava-os dos poderosos.

O Ancião exercia a justiça à frente da residência do soberano a edícula, sustida por quatro pilares e encostada à fachada, tinha a forma de um grande quadrilátero, no fundo do qual se encontrava a sala de audiências. Quando o vizir ia a casa do faraó, nunca perdia a oportunidade de conversar com o Ancião.

A sala de audiências estava vazia. Sentado numa cadeira de madeira dourada, vestido com uma tanga em forma de avental, o magistrado mostrava um semblante franzido. Todos conheciam o seu carácter fechado e o vigor das suas resoluções.

– És o juiz Paser?

O jovem inclinou-se com respeito, encarar o juiz mais importante da província angustiava-o. Esta convocação repentina e esta conversa pessoal não eram um bom presságio.

– Um início de carreira tonitruante apreciou o Ancião. Estás satisfeito?

– Algum dia estarei? O meu sonho mais caro era que a humanidade se tornasse honesta e que os escritórios dos juizes desaparecessem, mas esse sonho de menino vai-se esfumando.

– Já ouvi falar muito de ti, apesar de estares em Mênfis há pouco tempo. Estás bem consciente dos teus deveres?

– São toda a minha vida.

– Trabalhas muito e depressa.

– Não o suficiente, a meu ver, logo que perceba melhor as dificuldades da minha função, serei mais eficiente.

– Eficiente... Que significa esse termo?

– Distribuir a justiça por todos. Não é esse o nosso ideal e a nossa regra?

– Quem pretende o contrário?

A voz do Ancião tornou-se rouca. Levantou-se e começou a andar de um lado para o outro.

– Não gostei das tuas insinuações a propósito do dentista Qadash.

– Já suspeitava.

– Onde está a prova?

– O meu relatório precisa bem que não a consegui obter, foi por isso que não conduzi nenhuma ação contra ele.

– Nesse caso, para quê essa agressividade inútil?

– Para chamar a tua atenção para ele, as tuas informações são, sem dúvida, mais completas que as minhas.

O Ancião ficou imóvel, furibundo.

– Cuidado, juiz Paser! Estás a insinuar que oculto algum dossiê?

– Longe de mim tal idéia, se achar necessário, prosseguirei as minhas investigações.

– Esquece Qadash. E porque persegues Denes?

– Nesse caso, o delito é flagrante.

– A queixa formal feita contra ele não era acompanhada de uma recomendação?

– “Arquivar sem julgamento”, de fato, por isso me ocupei do assunto em primeiro lugar. Jurei a mim mesmo rejeitar este género de práticas com o mesmo vigor da última vez.

– Sabias que fui eu o autor desse... conselho?

– Compete-lhe a si dar o exemplo e não se aproveitar da sua riqueza para explorar os humildes.

– Estás a esquecer-te das necessidades económicas.

– No dia em que elas ultrapassarem a justiça, o Egito estará condenado à morte.

A réplica de Paser abalou o Ancião. Quando jovem, também ele tinha emitido essa opinião, com o mesmo entusiasmo. Depois, tinham vindo os casos difíceis, as promoções, as conciliações necessárias, as disposições, a idade madura...

- Que tens a censurar a Denes?
- Tu sabes bem.
- Achas que o comportamento dele justifica uma condenação?
- A resposta é evidente.

O Ancião do vestíbulo não podia revelar a Paser que tinha acabado de estar a conversar com Denes e que o transportador lhe tinha pedido para transferir o jovem juiz.

- Estás decidido a levar o inquérito por diante?
- Sim.
- Sabes que posso enviar-te de imediato para a tua aldeia?
- Sim, sei.
- E esta perspectiva não modifica o teu ponto de vista?
- Não.
- Serás inacessível a todas as formas de raciocínio?

– Trata-se apenas de uma tentativa de influência. Denes é um trapaceiro, beneficia de privilégios injustificáveis... Visto que o caso dele é da minha competência, porque é que o iria negligenciar?

O Ancião refletiu. Frequentemente, ele respondia categoricamente, com a convicção de servir o seu país, a atitude de Paser trazia-lhe à memória tantas outras situações, que se via no lugar deste jovem juiz desejoso de exercer a sua função sem tibiezas. O futuro encarregar-se-ia de lhe dissipar as ilusões, mas seria injustiça deixá-lo tentar o impossível?

– Denes é um homem rico e poderoso, a sua mulher é uma mulher de negócios de grande reputação. Graças a eles, o transporte de materiais efectua-se de maneira regular e satisfatória, para quê perturbá-lo?

– Não me ponhas no papel de acusado. Se Denes for condenado, os barcos de carga não vão por isso deixar de subir e descer o Nilo.

Depois de um longo silêncio, o Ancião sentou-se.

- Faz o teu trabalho como entenderes.

CAPÍTULO 9

Há dois dias que Néféret meditava num quarto da célebre escola de medicina de Sais, no Delta, onde os futuros praticantes eram submetidos a uma prova cuja natureza nunca tinha sido revelada. Muitos falhavam, num país em que a esperança de vida ia até aos oitenta anos, o serviço de saúde dependia do recrutamento de elementos de valor.

Conseguiria a jovem realizar o seu sonho lutando contra o mal? Ela conhecia muitos fracassos, mas não iria renunciar a combater o sofrimento. Além disso, ainda era preciso satisfazer as exigências do tribunal de Sais.

Um sacerdote tinha-lhe trazido carne seca, tâmaras e manuscritos médicos que tinha lido e relido, algumas noções começavam a baralhar-se na sua mente. Ora inquieta, ora confiante, tinha-se refugiado na meditação, contemplando o vasto jardim plantado de alfarrobeiras ⁸ que havia à volta da escola.

Quando o Sol se escondeu, o guarda da mirra, farmacêutico especializado em fumigações, veio buscá-la. Levou-a para o laboratório e deixou-a na presença de muitos colegas. Cada um pediu a Néféret que executasse uma receita, preparasse remédios, avaliasse a toxicidade de uma droga, identificasse substâncias complexas, relatasse detalhadamente a colheita de várias plantas, da goma-resina e do mel. Ela ficou várias vezes perturbada e foi obrigada a recorrer aos recônditos da memória.

Ao fim de um interrogatório de cinco horas, quatro dos cinco farmacêuticos deram-lhe um voto positivo. O que se opôs explicou a sua atitude: Néféret enganou-se em – duas dosagens. Sem mostrar piedade pela sua fadiga, exigiu continua- r a pôr à prova os seus conhecimentos. Se ela recusasse, teria de deixar Sais.

Néféret não fraquejou, suportou as investidas do detrator sem deixar esmorecer a sua doçura habitual. Foi ele quem cedeu primeiro. Ela, sem ter recebido a mínima felicitação, refugiou-se no seu quarto e adormeceu logo que se estendeu na esteira.

O farmacêutico que a tinha tão duramente posto à prova, acordou-a de madrugada.

– Tens o direito de continuar, ainda queres?

– Estou à tua disposição.

– Tens meia-hora para a purificação e para o pequeno-almoço. Aviso-te de que a prova seguinte é perigosa.

– Não tenho medo.

– Reflete bem. – À porta do laboratório, o farmacêutico repetiu o aviso. – Leva a sério as minhas advertências

– Não vou voltar atrás

– Se é essa a tua vontade... pega nisto. – E deu-lhe um pau bifurcado. – Entra no laboratório e prepara um remédio com os ingredientes que descobrires.

O farmacêutico fechou a porta atrás de Néféret.

Em cima de uma mesa baixa, enontravam-se pequenos frascos, cadinhos e jarros, no canto mais afastado, no parapeito da janela, estava um cesto fechado. Ela aproximou-se. Os filamentos da tampa estavam suficientemente espaçados para que ela pudesse ver o conteúdo.

Aterrorizada, recuou. Era uma serpente de chifres.

A mordedura era mortal, mas o veneno fornecia a base de remédios muito ativos contra hemorragias, problemas de origem nervosa e doenças cardíacas. Assim, compreendeu o que o farmacêutico esperava.

Depois da respiração ter regularizado, levantou a tampa com uma mão, que não tremia nem uma pouerrudete, a serpente não saiu de imediato da sua toca, concentrada, imóvel, Néféret observou-a a transpor a borda da cesta e a rastejar pelo chão. Com um metro de comprimento, o réptil deslocava-se depressa, os dois chifres pareciam sair-lhe da cabeça, ameaçadores.

Néféret apertou o pau com todas as suas forças, deslocou-se para o lado esquerdo da serpente e tentou fixar-lhea cabeça na bifurcação. Fechou os olhos por um instante, se falhasse, a víbora subiria pelo pau acima e mordê-la-ia.

O corpo da serpente agitava-se, furioso. Tinha-se saído bem.

Néféret ajoelhou-se e prendera a víbora por trás da cabeça. Ia obrigá-la a cuspir o seu precioso veneno.

No barco que a levava para Tebas, Néféret quase não teve tempo de descansar. Muitos médicos fatgavam-na com perguntas sobre as suas respectivas especialidades, que ela tinha praticado durante os estudos.

Néféret adaptava-se bem a novas ituações, nas circunstâncias mais imprevistas, não vacilava, aceitava os sobressaltos do mundo, as variações dos seres, e pouco se interessava por si mesma, para melhor perceber as forças e mistérios. Tinha o gosto pela felicidade, mas a adversidade não lhe desagradava, através dela, a jovem procurava uma alegria futura dissimulada na desgraça.

Em nenhum momento senti animosidade contra os que a atormentaram, não a tinham ajudado eles a construir e a provar a solidez da sua vocação?

Rever Tebas, a sua cidade natal, foi um enorme prazer, o céu parecia-lhe mais azul do que em Mênfis, o ar mais suave. Um dia oltaria a viver aqui, junto – os pais, e voltaria a passear nos campos onde passara a meninice. Pensava na sua macaca – que tinha deixado com Branir, esperando que ela respeitasse o velho mestre e se mostrasse menos endiabrada.

Dois sacerdotes de cabeça rapada abriram-lhe a porta do recinto onde tinham sido erguidos muitos santuários, dentro dos altos muros. Era lá, – sob o domínio da deusa Mut, cujo nome significava simultaneamente “mãe” e “morte”, que os médicos recebiam a sua investidura.

O superior recebeu a jovem.

– Recebi os relatórios da escola de Sais, se desejares poderes continuar.

– É o que desejo.

– A decisão final não pertence aos humanos. Vai recolher-te, pois vais comparecer perante um juiz que não é deste mundo.

O superior passou pelo pescoço de Néféret uma corda de treze nós e pediu-lhe que se ajoelhasse.

– O segredo do médico, – revelou ele, – é o conhecimento do coração, dele partem todos os vass visíveis e invisíveis que chegam a todos os órgãos e a todos os membros. É por isso que o coração fala no corpo todo, quando auscultares um paciente, ao pões a mão na sua cabeça, na nuca, nos braços, nas pernas, ou em qualquer outra parte do corpo, procura em primeiro lugar a voz do coração e as pulsações. Certifica-te de está sólido na base, que não se alonga, não enfraquece e que palpita normalmente. Certifica-te de que os canais percorrem todo o corpo e transportam as energias subtis, tal como o ar, o sangue, a água, as lágrimas, o sêmen ou as matérias fecais, avalia tudo isso pela pureza dos vasos e a linfa. Se a doença aparece, é porque existe um funcionamento irregular da energia, para além dos efeitos, investiga a causa. Sê sincera com os pacientes e dá-lhes um dos três diagnósticos possíveis: é uma doença que conheço e vou tratar, é uma doença que vou tentar combater, é uma doença contra a qual nada posso fazer. Segue o teu dom.⁹

O santuário estava em silêncio.

Sentada sobre os calcanhares, com as mãos sobre os joelhos de olhos fechados, Néféret esperava. Há tempo já não existia. Através da meditação, dominava a ansiedade. Como podia não confiar na confraria dos sacerdotes médicos que, desde as origens do Egito, consagravam a vocação dos curandeiros?

Dois sacerdotes levantaram-na, à sua frente abriu-se uma porta cega, que dava acesso a uma capela. Os dois homens não a acompanharam. Ausente de si mesma, para além do medo e da esperança, Néféret penetrou num compartimento oblongo, mergulhado nas trevas.

A pesada porta fechou-se atrás de si.

No mesmo instante, Néféret sentiu a presença de alguém que a observava, mas que estava tapado pela escuridão do compartimento. De braços caídos ao longo do corpo, com a respiração ofegante, a jovem não cedeu à loucura. Tinha chegado até aqui sozinha, e sozinha se ia defender.

De repente, um raio de luz esceu do teto do templo e iluminou uma estátua em diorite encostada à parede do fundo. Representava a deusa Sekhmet, que não tinha sido destruída¹⁰, a aterradora leoa que, em cada fim de ano, tentava destruir a humanidade contaminando a hordas de miasmas com doenças e germes nocivos. Estes germes percorriam a terra para espalhar a infelicidade e a morte. Só os médicos podiam opor-se à temível divindade que também era sua padroeira, ela só lhes ensinava a arte de curar e o segredo dos remédios.

Nenhum mortal, tinham dito bastantes vezes a Néféret, olhava de frente a deusa Sekhmet, sob pena de perder a vida.

Deveria ter baixado os olhos, desviado o olhar da estátua extraordinária, do focinho da leoa furiosa, mas enfrentou-a.

Néféret observou Sekhmet.

Suplicou à divindade que descobrisse nela a sua vocação, que descesse ao mais profundo do seu coração e julgasse a sua autenticidade. O raio de luz intensificou-se e iluminou toda a figura de pedra, cuja força natural esmagou a jovem.

O milagre deu-se. A temível leoa sorriu.

O colégio de médicos de Tebas estava reunido na grande sala das colunas, no centro havia um lago. O superior aproximou-se de Néféret.

– Tem certeza de que queres lutar contra as doenças?

– A deusa foi estemunha do meu juramento.

– Os conselhos que se dão aos outros aplicam-se em primeiro lugar a nós mesmos.

O superior colocou à sua frente uma taça cheia de um líquido avermelhado.

– Eis um veneno. Depois de o beberes, vai identificá-lo e fazer o diagnóstico. Se estiver correto podes recorrer ao antídoto certo. Se estiver errado, morrerás. A lei de Sekhmet terá desta forma preservado o Egito de um mau médico.

Néféret aceitou a taça.

– Podes recusar-te a beber, mas terás de deixar essa assembléia.

Ela bebeu lentamente o líquido de gosto amargo, tentando descobrir imediatamente a sua natureza.

A procissão fúnebre era seguida por carpideira, percorreu o recinto do templo e começou a descer em direção ao rio. Um boi puxava o carro sem rodas onde tinha sido colocado o sarcófago.

Do alto do templo, Néféret assistia ao jogo da vida e da morte.

Enfraquecida, apreciava as carícias do sol na sua pele.

– Ainda vais sentir frio por algumas horas, mas não vai ficar nenhum vestígio do veneno no teu organismo. A tua rapidez e precisão impressionaram bastante todos os nossos colegas.

– Tinhas me salvado, se eu me tivesse enganado?

– Quem se preocupa com os outros deve ser impiedoso consigo mesmo. Logo que estiveres restabelecida vais regressar a Mênfis e começar a trabalhar pela primeira vez. Pela vida fora, não te faltarão emboscadas. Uma terapeuta tão jovem e tão dotada vai certamente suscitar iverjas. Não sejas imprudente nem ingénuo.

Por cima do templo brincavam algumas andorinhas. Néféret pensava no seu mestre, Branir, o homem que tudo lhe tinha ensinado e a quem devia a vida.

CAPÍTULO 10

Paser tinha cada vez mais dificuldades em se concentrar no trabalho: em cada hieróglifo, via o rosto de Néféret.

O escrivão trouxe-lhe uma vintena de tabuinhas de argila.

- É a lista dos operários envolvidos no arsenal, o mês passado, temos de verificar se algum tem registro criminal.
- Qual é o meio mais rápido de o saber?
- Consultar os registros da grande prisão.
- Podes tratar disso?
- Só amanhã, hoje tenho de ir cedo para casa, porque estou a organizar uma festa para o aniversário da minha filha.
- Diverte-te, Larrot.

O escrivão foi embora e Paser releu o texto que tinha redigido para convocar Denes e lhe comunicar a acusação. Os olhos enevoaram-se-lhe. Cansado, empurrou o *Vento do Norte*, que estava encostado à porta do escritório e foi dar uma volta com *Bravo*. Foi dar a um bairro calmo, que ficava para os lados da escola dos escribas, onde a futura elite do país aprendia o ofício. O barulho de uma porta cortou o silêncio, seguido de ruídos de vozes e de música mal tocada, em que se misturavam a flauta e o tamborim. As orelhas do cão arrebentaram-se, intrigado, Paser parou. A discussão agravava-se e as ameaças sucederam-se socos e gritos de dor. *Bravo*, que detestava a violência, encostou-se à perna do dono.

A uma centena de metros do local onde Paser tinha parado, um jovem, vestido com um fato de escriba de bom corte, escalou o muro da escola, saltou para a viela e correu até mais não poder na sua direção, a recitar a letra de uma música lasciva, glorificando as prostitutas. Assim que passou pelo juiz, um raio de luz iluminou-lhe a cara.

– Suti!

O fugitivo parou e voltou-se.

- Quem me chama?
- Além de mim, não está aqui mais ninguém.
- Não tenho muito em tempo, querem estripar-me. Vem, temos de fugir!

Paser aceitou o convite. *Bravo*, lançou-se em desenfreada correria. O cão ficou admirado com a pouca resistência dos dois homens que, passados uns dez minutos, pararam para retomar fôlego.

- Suti... és mesmo tu?
- Tal como tu és o Paser. Mais um esforço e estamos em segurança.
- Esperava encontrar-te um dia destes, mas em outras circunstâncias.
- Digo-te que estas são extremamente divertidas! Acabei de me evadir desta prisão.
- Prisão, a grande escola de escribas de Mênfis?
- Estava a morrer de tédio.
- No entanto, quando deixaste a aldeia, há cinco anos, querias ser um letrado.

– Teria inventado qualquer coisa para conhecer a cidade. O único desgosto foi deixar-te, a ti, o meu único amigo, entre aqueles camponeses todos.

– Lembras-te de como éramos felizes lá embaixo?

Suti estendeu-se no chão.

– Tivemos bons momentos, tens razão... Mas nós crescemos! Diverti-me na aldeia, viver a verdadeira vida não era possível. O meu sonho era Mênfis.

– Realizaste esse teu sonho?

– A princípio fui paciente: aprender, trabalhar, ler, escrever, escutar o ensinamento que abre o espírito, conhecer tudo o que existe, o que o criador criou, o que Tot transcreveu, o céu com os seus elementos, a terra e o seu conteúdo, o que escondem as montanhas, o que arrasta a onda, o que faz andar a terra... Que tédio! Por sorte, bem depressa comecei a frequentar os bordéis.

- Os lugares de deboche?
- Não sejas moralista, Paser.
- Tu gostavas mais das escritas do que eu.

– Ah, os livros e a sabedoria máxima! Há cinco nos que dizem sempre a mesma coisa. Queres que me junte aos professores, eu também? “Ama os livros como amas a tua mãe, nada os ultrapassa, os livros dos sábios são as pirâmides, o escritor é o filho delas. Ouve os conselhos dos que sabem mais que tu, lê as palavras que ficam vivas nos livros, torna-te um homem instruído, não sejas nem preguiçoso, nem ocioso, guarda o conhecimento no teu coração”. Então, recitei bem a lição? ¹¹

– É soberba.

– Miragens para cegos.

– Que se passou esta noite?

Suti riu às gargalhadas. O rapaz mais agitado e apaixonado, o galhoifeiro da aldeia, tinha-se tornado num homem extremamente franco. Com os cabelos pretos bastante compridos, um rosto franco, um olhar direto, uma voz forte, parecia animado de um fogo devorador.

– Esta noite organizei uma pequena festa.

– Na escola?

– Sim, na escola! A maior parte dos meus colegas são ternos, meigos e não têm personalidade, tinham necessidade e beber vinho e cerveja para esquecerem os seus amados estudos. Tocamos música, embebedamo-nos, vomitamos e cantamos! Os melhores alunos tocaram tamborim sobre o ventre e puseram grinaldas de flores. – Suti endireitou-se. – Este divertimento desagradou aos vigilantes, que invadiram a sala armados de varapaus. Eu defendi-me, mas os meus camaradas denunciaram-me. Tive de fugir.

Paser estava aterrado.

– Vais ser expulso da escola.

– Tanto melhor! Não fui feito para ser escriba, não prejudicar ninguém, não atormentar o coração, não deixar os outros na pobreza e no sofrimento... Deixo esta utopia aos sábios! Anseio viver uma aventura, Paser, uma grande aventura!

– Qual

– Ainda não sei... Sim, já sei: o exército. Vou viajar e descobrir outros países, outros povos.

– Vais arriscar a vida.

– Depois do perigo ela será mais preciosa. Para quê onstruir uma existência, uma vez que a morte a vai destruir? Acredita em mim, Paser, é preciso viver o dia-a-dia e ir agarrar o pazer onde ele se encontra. Nós que somos menos que uma borboleta, saibamos – o menos voar de flor em flor.

Bravo rosnou.

– Aproxima-se alguém, temos de ir embora.

– Tenho a cabeça a andar à roda.

Paser estendeu o braço, Suti agarro-se a ele para se levantar.

– Apoia-te em mim.

– Não mudaste nada Paser. Sempre firme como uma rocha.

– És meu amigo e eu sou teu amigo.

Saíram do armazém, caminharam ao longo do rio e embrenharam-se num labirinto de vielas.

– Eles não me vão encontrar, graças a ti.

O ar da noite dissipou a embriagues de Suti.

– Eu já não sou escriba. E tú?

– Só a custo to vou confessar.

– És procurado pela polícia.

– Não exatamente.

– És contrabandista.

– Também não.

– Então, roubas as pessoas honestas.

– Sou juiz.

Suti parou, agarrou na gola de Paser e olhou-o nos olhos.

– Estás a gozar?

– Não sou capaz.

– Esta agora. Juiz... Por Osíris, é inacreditável! Costumas prender os culpados?

– Tenho esse direito.

– És am juiz importante ou não?

– Não, mas exerço em Mênfis. Levo-te para minha casa, lá estarás em segurança.

– E não estás a violar a lei?

– Não foi feita nenhuma queixa contra ti.

– E se surgisse uma?

– A amizade é uma lei sagrada. Se a traísse tornar-me-ia indigno da minha profissão.

Os dois homens estavam muito felizes por se terem reencontrado.

– Podes contar sempre comigo, Paser, juro-te pela minha vida.

– Isso não passa de uma repetição, Suti, no dia em que misturamos o nosso sangue, na aldeia, tornamo-nos mais do que irmãos.

– Diz-me... Tens polícias às tuas ordens?

– Dois: um núbio e um macaco, tão perigoso um como o outro.

– Até me fazes calafrios.

– Fica sossegado: a escola de Mênfis contentar-se-á com a tua expulsão. Trata de não cometeres nenhum delito grave, o assunto escapar-me-ia.

– Como é bom reencontrar-te, Paser!

O cão dava pulos em volta de Suti e, para grande alegria do animal, este desafiou-o para uma corrida, Paser estava muito feliz por eles gostarem um do outro. *Bravo* era muito educado e Suti tinha um coração muito grande. Era certo que ele não aprovava a sua maneira de viver, nem de pensar, e receava que ambas o levassem a lamentáveis excessos, mas sabia que Suti pensava o mesmo dele. Aliando-se podiam aproveitar algumas coisas boas dos respectivos carateres.

Como o burro não urrou como sinal de aviso, Suti franziu o sobrolho por causa da demora de Paser, não se deteve no escritório, onde os papiros e as tabuinhas de argila lhe traziam más recordações, e subiu ao primeiro andar.

– Não é nenhum palácio, – constatou ele, – mas aqui o ar é respirável. Vives sozinho?

– Nem pensar, o *Bravo* e o *Vento do Norte* vivem às minhas custas.

– Quero falar-te de uma mulher.

– Estou assoberbado de trabalho e...

– Paser, meu amigo! Será que ainda és um jovem... inocente?

– Creio que sim.

– Então vamos resolver o assunto. Eu, já não. Na aldeia não tive sorte por causa da vigilância de algumas mulheres malvadas. Aqui, em Mênfis, é o paraíso! Fiz amor pela primeira vez com uma núbia que já tinha tido tantos amantes que não tinha dedos que chegassem para os contar. Quando o pmuito e invadiu, acreditei que ia morrer de alegria. Ela ensinou-me a acariciar, a esperar pelo seu próprio prazer e a recobrar forças para entrar em jogos em que ninguém perde. A segunda vez foi a noiva do porteiro da escola, ela queria antes de se tornar fiel, saborear um rapaz que ainda mal tivesse saído da adolescência. A sua voracidade satisfez-me os desejos. Tinha uns seios magníficos e umas nádegas tão belas quanto as ilhas do Nilo antes da cheia. Ensinou-me artificios deliciosos e gritamos muito de prazer. Depois, diverti-me com duas sírias de um bordel. A experiência nunca se repete, é sempre diferente. Paser, as mãos delas eram mais suaves que um bálsamo, e até os pés sabiam roçar a minha pele para me fazerem vibrar.

Suti riu-se de novo às gargalhadas, Paser, incapaz de manter um ar digno, participou da alegria do amigo.

– Sem querer me gabar, fazer a lista das minhas conquistas seria fastidioso. É mais forte do que eu: não posso passar sem o calor do corpo de uma mulher. A castidade é uma doença vergonhosa que precisa de ser tratada com energia. A partir de amanhã

ocupo-me do teu caso.

– Talvez...

Um clarão malicioso animou o olhar de Suti.

– Não aceitas?

– O trabalho, os dossiês...

– Nunca soubeste mentir, Paser. Tu, tu tens amor para dar e estás a guardar-te para a tua amada.

– Ordinário, quem formula as acusações sou eu.

– Não é uma acusação! Não acredito no grande amor, mas contigo tudo é possível. Seres juiz e meu amigo, demonstra bem.

Como se chama essa maravilha?

– Eu... Ela não sabe de nada. É provável que esteja iludido.

– Casada?

– Nem penses nisso.

– Sim, justamente. Uma boa esposa não consta do meu catálogo, Não irei forçar o destino, porque tenho moral, mas se a oportunidade surgir, aproveito-a.

– A lei pune-o a sério.

– Só se se vier a saber. No amor, com exceção da loucura, a primeira qualidade é a discrição. Não te vou torturar por causa da tua promessa, descobrirei tudo sozinho e, se for preciso, dou-te uma mãozinha.

Suti estendeu-se na esteira, com uma almofada por baixo da cabeça.

– És mesmo juiz?

– Dou-te a minha palavra.

– Nesse caso, preciso de um conselho.

Paser já estava à espera de uma catástrofe deste gênero, invocou Tot, na esperança de que o delito comido por Suti fosse da sua competência.

– É uma história idiota, revelou o amigo. A semana passada seduzi uma jovem viúva, uma trintona de corpo ágil e lábios picantes... Uma infeliz, maltratada por um marido, cuja morte foi uma felicidade. Ela foi tão feliz nos meus braços que me confiou uma missão comercial – um leitão – para ir vender ao mercado.

– Proprietária de uma quinta.

– De um simples eido.

– Trocaste o leitão por quê?

– Eis o drama: por nada. Ontem à noite, o pobre bicho foi assado na nossa festita. Eu confio nos meus encantos, mas a jovem viúva é avarenta e muito agarrada ao seu património. Se apareço de mãos vazias, arrisco-me a ser acusado de roubo.

– Mais alguma oisa?

– Umás ninharias. Algumas dívidas por aqui e por ali, mas o leitão é a minha maior preocupação.

– Dorme tranquilo.

Paser levantou-se.

– Onde vais?

– Ao escritório para consultar alguns dossiês, existe sem dúvida uma solução.

CAPÍTULO 11

Suti não gostava de se levantar cedo, mas a força das circunstâncias obrigou-o a sair de casa do juiz antes da alvorada. O plano de Paser, ainda que um pouco arriscado, parecia-lhe excelente. Paser teve de lhe deitar uma jarra de água gelada na cara para acordá-lo.

Suti dirigiu-se para o centro da cidade onde se realizava a grande feira, camponeses e camponesas vinham ali vender os seus produtos num concerto de negociações e garrulices. Dentro de pouco tempo chegariam os primeiros fregueses. Infiltrou-se entre os hortelãos e baixou-se a alguns metros do seu objetivo: um local onde se vendiam aves de capoeira. O tesouro de que ele desejava apoderar-se estava bem na sua frente: um galo magnífico, que os egípcios não consideravam como o rei da capoeira, mas acima de tudo como um voador, demasiado convencido da sua importância.

O rapaz esperou que a sua presa passasse perto e, num golpe rápido, apanhou-a, apertando-lhe o pescoço de tal forma que o bicho não emitiu nem um cacarejo inoportuno. A façanha era arriscada, se fosse apanhado, a porta da prisão abrir-se-ia para recebê-lo. Era evidente que Paser não lhe tinha indicado aquele vendedor por acaso, considerado culpado de uma fraude, este último teria de oferecer o valor de um galo à vítima. O juiz não tinha diminuído a pena, mas apenas modificado ligeiramente o processo. Sendo a vítima a administração, esta seria substituída por Suti.

Com o galo debaixo do braço, chegou calmamente a casa da jovem senhora, que estava a dar de comer às galinhas.

– Surpresa! – anunciou ele, mostrando o galináceo. Ela voltou-se, feliz.

– É magnífico! Fizeste uma boa compra.

– Não foi fácil, confesso.

– Acredito: um galo desse tamanho vale pelo menos três leitões.

– Quando somos guiados pelo amor, sabemos ser convincentes.

Ela pousou o saco do milho, pegou no galo e colocou-o entre as galinhas.

– Sabes convencer uma pessoa, Suti, sinto nascer dentro de mim um calor suave que gostaria de partilhar contigo.

– Quem seria capaz de recusar tal convite?

Abraçados, encaminharam-se para o quarto da viúva.

Paser não se sentia bem, uma languidez apoderava-se dele e privava-o do seu dinamismo habitual. Entorpecido, lento, já nem a leitura dos grandes autores clássicos, que antigamente lhe encantavam as noites, lhe servia de consolo. Tinha conseguido esconder o seu desânimo do escriba, mas não conseguia ocultar do seu mestre.

– Estás doente, Paser?

– Apenas um pouco cansado.

– Talvez devesse trabalhar menos.

– Tenho a impressão de estar submerso em processos.

– Estás a ser posto à prova, para que se consiga descobrir os teus limites.

– Esses já estão ultrapassados.

– Estarão? Imaginemos então que a sobrecarga de trabalho não é a causa do teu estado.

Paser, triste, não respondeu.

– A minha melhor aluna passou, revelou o velho médico.

– Néféret?

– Passou nos exames, tanto em Sais, como em Tebas.

– Ei-la, pois, formada em medicina.

– Para nossa grande alegria.

– Onde vai exercer?

– Em Mênfis, para começar, convidá-la-ei para um modesto banquete amanhã à noite, para celebrar a sua formatura. Poderemos contar contigo?

Denes apresentou-se no escritório do juiz Paser, a maravilhosa liteira pintada de azul e vermelho tinha maravilhado os transeuntes. A entrevista que se avizinhava, por mais delicada que fosse, seria possivelmente menos desagradável que o seu recente

confronto com a mulher. Nénophar tinha acusado o marido de ser um incapaz, uma cabeça de pardal ¹², um tacanho, pois não se tinha a sua intervenção junto do Ancião do vestíbulo revelado inútil? Remando contra a maré, Denes tentou justificar-se, normalmente esta prática traduzia-se por um sucesso total. Por que razão o velho magistrado não o teria escutado desta vez? Não só não transferira o jovem juiz, como ainda o autorizara a enviar-lhe uma convocatória oficial como se ele fosse um habitante qualquer de Mênfis! Devido à falta de perspicácia de Denes, ele e a mulher viam-se incluídos na lista de suspeitos, sujeitos à sanha de um magistrado sem o, vindo da província com a intenção de fazer cumprir a lei à risca. Uma vez que o transportador se mostrava tão brilhante nas discussões de negócios, que agradasse a Paser e invertesse – a situação. Durante muito tempo, apenas se ouviram no grande casarão os gritos de Nénophar, que não suportava ser contrariada. As más notícias esbatiam-lhe as cores.

Vento do Norte barrou-lhe a passagem. Como Denes fizesse menção de afastá-lo com uma cotovelada, o burro arreganhou os dentes. O transportador recuou.

– Tira este animal do meu caminho! – Exigiu ele.

O escriba Larrot saiu do escritório e puxou o quadrúpede pela cauda, mas *Vento do Norte* apenas obedecia à voz de Paser. Denes circundou o burro para não sujar o fato, que lhe tinha custado uma fortuna.

Paser estava debruçado sobre um papiro.

– Sente-se, por favor.

Denes procurou uma cadeira, mas nenhuma lhe gradava.

– Tens de concordar, juiz Paser, que me mostro cooperante ao responder à tua convocação.

– Não tinhas por onde escolher.

– A presença de uma terceira pessoa é mesmo necessária?

Larrot levantou-se, pronto para se retirar.

– Gostaria de sair mais cedo. A minha filha...

– Escriba, tomarás notas quando to pedir.

Larrot olcou-se num canto da sala, esperando passar despercebido. Denes não se deixaria tratar assim sem reagir. Se exercesse represálias contra o juiz, o escriba seria chamado a intervir.

– Sou uma pessoa muito ocupada juiz Paser, e tu não figuravas na lista de entrevistas que tinha agendada para hoje.

– Mas tu figuravas na minha.

– Não devemos nos enfrentar desta maneira, tu queres resolver um pequeno problema administrativo e eu ver-me livre disto o mais depressa possível. Porque não chegamos a um consenso?

O tom estava a tornar-se conciliador, Denes sabia estar à altura dos seus interlocutores e como bajulá-los. Assim que a atenção deles esmorecia, desferia os seus golpes decisivos.

– Estás enganado, Denes.

– Como?

– Não se trata de uma transação comercial.

– Deixa-me contar-te uma fábula: um cabrito indisciplinado saindo rebanho, onde está protegido, um lobo ameaça-o. Quando ele vê a boca do lobo a abrir-se, declara: “Senhor Lobo, sem dúvida que serei para si um belo festim, mas sou, antes de mais, capaz de distraí-lo. Por exemplo, eu sei dançar. Não acredita? Toque flauta e verá. Divertido, o lobo – ceitou. Enquanto dançava, o cabrito alertou os cães, que atacaram o lobo e o obrigaram a fugir. O animal selvagem aceitou a derrota. Sou um caçador, pensou ele, e pus-me a brincar aos músicos. Tanto pior para mim.” ¹³

– Qual é a moral da tua fábula?

– Cada um no seu lugar. Quando queremos desempenhar um papel com o qual estamos pouco familiarizados, ariscamo-nos a dar um passo em falso e a lamentarmo-nos amargamente.

– Estou impressionado.

– Muito me alegro com isso, continuamos?

– No domínio da fábula, sim

– És mais compreensivo do que imaginava, não vais apodrecer muito mais tempo neste escritório exíguo. O Ancião do

vestibulo é um grande amigo meu. Quando souber que trataste a situação com tanto tato e inteligência, pensará em promover-te. E, se me pedir a opinião, ela será favorável.

– É bom ter amigos.

– Em Mênfis é essencial, estás no bom caminho.

A cólera de Nénophar era despropositada, tinha receado que Paser não fosse como os outros e tinha se enganado. Denes conhecia bem os seus semelhantes, exceto para alguns padres refugiados nos templos, o objetivo dos homens era só a satisfação dos seus interesses.

O transportador virou-se e fez tenção de se retirar.

– Onde vais?

– Acolher um barco que vem do Sul.

– Ainda não acabamos, nem por sombras.

O empresário virou-se.

– Os pontos da acusação são: imposição de uma taxa única e de um imposto não prescrito pelo faraó. A multa será elevada.

Denes ficou rubro de raiva, a voz falhava-lhe.

– Estás louco?

– Anota, escriba: ofensa a um magistrado.

O transportador avançou para Larrot, arrancou-lhe a tábua e pisou-a furiosamente.

– Pára!

– Destruição de material pertencente à justiça observou Paser. Só estás a piorar as coisas.

– Basta!

– Vou dar-te este papiro, onde encontrarás os detalhes jurídicos e o montante da multa. Não reincidas, senão um registro criminal com o teu nome será aberto nos registros da grande prisão.

– Não passas de um cabrito e serás devorado!

– Na Fábula, o lobo é que é vencido.

Assim que Denes saiu do escritório, o escriba Larrot escondeu-se atrás de uma arca de madeira.

Branir acabava de preparar um manjar requintado. Tinha retirado as ovas das tainhas fêmeas, compradas num dos melhores vendedores de peixe de Mênfis e, de acordo com a receita do caviar egípcio, lavou-as em água ligeiramente salgada antes de prensá-las entre duas placas e de secá-las numa corrente de ar. A butarga seria suculenta. Grelharia costeletas de boi, servidas com puré de favas, figos e bolos completariam a ementa, sem esquecer um delicioso vinho oriundo do Delta. Por toda a casa havia coroas de flores.

– Sou o primeiro? – perguntou Paser.

– Ajuda-me a por os pratos.

– Enfrentei Denes com unhas e dentes, o meu processo está sólido.

– Qual é a pena?

– Uma pesada multa.

– Arranjaste um inimigo de peso.

– Apenas apliquei a lei.

– Tem cuidado.

Paser não teve tempo de protestar, a visão de Néféret fê-lo esquecer Denes, o escriba Larrot, o escritório, os processos.

Vestida com uma túnica de alças de um azul muito claro que lhe deixava os ombros a descoberto, tinha pintado os olhos de verde. Ao mesmo tempo frágil e segura, iluminava a casa do seu anfitrião.

– Cheguei atrasada.

– Pelo contrário – disse Branir – deste-nos tempo para acabarmos o jantar. O padeiro acabou de me vir entregar o pão, podemos começar a jantar.

Néféret tinha enfiado uma flor de lótus nos cabelos, fascinado, Paser não conseguia deixar de contemplá-la.

– O teu sucesso dá-me uma imensa alegria – confessou Branir. – Como agora és médica, ofereço-te este talismã. Proteger-te-á como me tem protegido, leve-o sempre contigo.

– Mas... e tu?

– Na minha idade, os demônios já não querem nada comigo.

Colocou à volta do pescoço da jovem um fino trancelim de ouro no qual estava suspensa uma magnífica turquesa.

– Esta turquesa foi extraída em das minas da deusa Hathor, no deserto do Este, ela preserva a juventude do espírito e a alegria do coração.

Néféret inclinou-se perante o mestre com as mãos juntas em sinal de veneração.

– Também eu te quero felicitar – disse Paser, – só não sei como...

– Basta-me saber que pensaste em mim – afirmou ela, a sorrir.

– Trouxe-te, contudo, um modesto presente.

E Paser ofereceu-lhe uma bracelete de pérolas coloridas. Néféret descalçou a sandália direita, enfiou a jóia pelo pé desnudado e colocou-a no tornozelo.

– Graças a ti, sinto-me mais bonita.

Estas palavras deram ao juiz uma esperança louca, pela primeira vez, teve a sensação que ela reparava em si.

O banquete foi acolhedor. Descontraída, Néféret relatou todos os passos do seu difícil percurso que não traíam o segredo, Branir garantiu-lhe que nada tinha mudado, Paser mal tocou na comida, mas comeu Néféret com os olhos e bebeu as palavras dela. Na companhia do mestre e da mulher que amava, passou um serão feliz, atravessado por pontadas de angústia, será que Néféret não o ia repelir?

Enquanto o juiz trabalhava, Suti passeava o burro e o cão, fazia amor com a dona do galinheiro, lançava-se em novas conquistas fugazes, e não incomodava nada o seu amigo, desde que se tinham encontrado, não-pernoitou uma vez que fosse na casa deste, apenas uma vez Paser se mostrou intratável: entusiasmado com a vitória na operação, Suti tinha expressado o desejo de a reiterar. O juiz opôs-se veementemente. E como a amante se mostrou generosa, Suti não insistiu.

O babuíno apareceu à porta. Quase tão grande como um homem, tinha uma cabeça de cão e dentes muito aguçados. As patas e a barriga eram brancas, ao passo que os ombros e o dorso eram de um pelo avemelhado. Atrás dele vinha Kem, o núbio.

– Até que enfim, que chegaram!

– O interrogatório foi longo e difícil. Larrot já saiu?

– A filha está doente. Que descobriste?

– Nada.

– Nada como? É esquisito!

O núbio apalpou o nariz de madeira para se assegurar de que estava no lugar.

– Consultei os meus melhores informantes. Nem um único indício sobre o paradeiro do guardião-mor da esfinge. Mandaram-me ir ao chefe da polícia, como se seguissem uma recomendação.

– Irei, pois, visitar essa alta personalidade.

– Não aconselho, ele não gosta de juizes.

– Tratarei de me mostrar afável.

Mentmosé, o chefe da polícia, possuía duas casas: uma em Mênfis, onde residia a maior parte do tempo, e a outra em Tebas. Baixo, gordo, cara redoda, inspirava confiança, mas o nariz pontiagudo e a voz nasalada desmentiam a primeira aparência de boa pessoa. Solteiro, Mentmosé pensara desde muito cedo apenas na sua carreira e nas condecorações, a sorte estivera sempre do seu lado ao proporcionar-lhe uma série de mortes oportunas. Quando estava encarregado da vigilância dos canais, o responsável pela segurança da província torceu o pescoço ao cair de uma escada, sem qualificações especiais, mas pronto a apresentar-se, Mentmosé conseguiu o lugar.

Sabendo tirar o melhor partido do trabalho feito pelo seu antecessor, rapidamente viu o seu nome reconhecido. Alguns contentar-se-iam com esta promoção, mas ele era ambicioso, porque não haveria de pensar na chefia da polícia fluvial? Esta era chefiada por um homem novo e empreendedor. Ao pé dele, Mentmosé não brilhava. Mas o malogrado funcionário iria morrer

afogado numa operação de rotina, deixando o caminho livre para Mentmosé, que logo se candidatou, apoiado por numerosas pessoas influentes. Eleito em detrimento de concorrentes mais fortes, mas menos trabalhadores, aplicou o seu método infalível: aproveitar os esforços do outro e deles tirar o melhor partido. Já bem colocado na hierarquia, sonhava alcançar o lugar mais alto, completamente inacessível, uma vez que o chefe da polícia, na flor da idade, era bastante activo e só contava sucessos. O seu único caso foi um acidente de carroça em que morreu, esmagado pelo rodado. Mentmosé candidatou-se, apesar dos opositores notórios que teve de enfrentar, particularmente hábil a evidenciar-se e a valorizar a sua folha de serviços, tinha obtido a vitória. Instalado no topo, Mentmosé preocupava-se sobretudo em permanecer nesse lugar, assim, rodeava-se de pessoas medíocres, incapazes de o substituírem, sempre que encontrava uma pessoa de personalidade forte, tratava de afastá-la. Agir na sombra, manipular as pessoas sem que elas se apercebessem e urdir intrigas eram os seus passatempos preferidos.

Estava ele a estudar as nomeações no corpo da polícia do deserto, quando o seu intendente o avisou da visita do juiz Paser. Normalmente, Mentmosé enviava os pequenos magistrados para seus subordinados, mas este intrigava-o. Não fora ele que tinha recentemente contrariado Denes, cuja fortuna lhe permitia comprar toda a gente? O jovem juiz iria brevemente soçobrar, vítima das suas ilusões, mas talvez Mentmosé pudesse tirar proveito da sua inquietação. Que tinha tido a audácia de importuná-lo já estava provado pela sua determinação.

O chefe da polícia recebeu Paser na sala do seu palacete onde tinha em exposição condecorações, colares de ouro, pedras semipreciosas, bastões em madeira dourada.

– Muito obrigado por me teres recebido.

– Sou um devotado ajudante da justiça, dá-te bem em Mênfis?

– Venho aqui para te falar de um assunto algo estranho.

Mentmosé mandou servir cerveja da melhor e deu ordens ao seu intendente para não o incomodar.

– Explica-te.

– É-me impossível ratificar um direito de transmissão sem saber o que aconteceu ao interessado.

– É evidente, de quem se trata?

– De um antigo guardião-mor da pirâmide de Gize.

– Um lugar honorífico, se não me engano, reservado aos veteranos.

– Neste caso particular, o veterano foi destituído.

– Será que cometeu algum erro grave?

– Isso não vem mencionado no meu dossiê, para além disso, o homem foi obrigado a deixar a sua casa e a refugiar-se no bairro mais pobre da cidade.

Mentmosé pareceu inquieto.

– É realmente estranho.

– Mais grave ainda: a mulher, que eu já interroguei, afirma que o marido está morto. Mas não viu o cadáver e não sabe onde ele está enterrado.

– Porque é que ela está convencida de que ele morreu?

– Foram os soldados que lhe deram a triste notícia, ordenaram-lhe que ficasse calada, se quisesse receber uma pensão.

O chefe da polícia bebeu lentamente uma taça de cerveja, quando esperava que Paser evocasse o caso Denes, deparou-se com um enigma desagradável.

– Brilhante inquérito, juiz Paser, fazes jus à reputação que começaste a ganhar.

– E pretendo continuar.

– Como assim?

– Temos de encontrar o corpo e descobrir as causas da morte.

– Não deixas de ter razão.

– A tua ajuda é-me indispensável, como diriges a polícia da cidade e das aldeias, a fluvial e a do deserto, vai facilitar-me as investigações.

– Infelizmente, isso é impossível.

– Estou surpreso.

– Os teus indícios são demasiado vagos, além disso, no centro de toda esta questão estão um veterano e alguns milítes. Por outras palavras, o exército.

– Já imaginava, é por isso que peço a tua ajuda. Se fores tu a pedir explicações, a hierarquia militar ver-se-á obrigada a responder.

– A situação é mais complexa do que imaginas, o exército orgulha-se da sua independência face à polícia. Não costumo interferir nos assuntos do exército.

– Contudo, conhece-os bem.

– Boatos. Receio que te vás meter por maus caminhos.

– Não posso deixar uma morte sem explicação.

– Concordo contigo.

– Que me aconselhas então?

Mentmosé refletiu demoradamente. Este jovem magistrado não recuaria. Manipulá-lo não seria tarefa fácil. Só investigações aprofundadas lhe permitiriam encontrar os seus pontos fracos utilizá-los convenientemente.

– Vai falar com o homem que nomeou os veteranos: o general Asher.

CAPÍTULO 12

O devorador de sombras ¹⁴ movia-se como um gato na noite escura. Sem fazer barulho, evitando os obstáculos, caminhava colado aos muros e confundia-se com a escuridão. Ninguém se podia gabar de tê-lo visto. E quem poderia pressenti-lo? O bairro mais pobre de Mênfis estava adormecido. Ali, não havia nem porteiros nem guardas conas grandes casas. O homem escondia a cara por trás de uma máscara de chacal em madeira ¹⁵, com o queixo articulado, e entrou sub-repticiamente na casa da mulher do guardião-mor da esfinge.

Sempre que recebia uma ordem, não a discutia, há muito que havia deixado de ter sentimentos. Falcão humano, emergia das trevas onde ia buscar forças. ¹⁶

A velha acordou sobressaltada, a visão de horror que se lhe deparou cortou-lhe a respiração. Soltou um grito aflito e caiu morta. O assassino não precisou utilizar qualquer arma, nem de ocultar o crime. A grande faladora não mais abriria a boca.

O general Asher deu um murro nas costas do aspirante, o soldado caiu no chão do pátio poeirento do quartel.

– Os indolentes não merecem melhor sorte.

Um arqueiro destaca-se das filas.

– Ele não cometeu falta nenhuma, meu general.

– Falas demais, abandona imediatamente o exercício. Quinze dias de detenção rigorosa e uma longa temporada numa fortaleza do Sul ensinar-te-ão a seres disciplinado.

O general ordenou ao pelotão que corresse durante uma hora com os arcos, as aljavas, os escudos e os sacos de comida, sabia que assim que partisse em campanha, encontraria condições bastante mais adversas. Se um dos soldados parasse, esgotado, ele puxá-lo-ia pelos cabelos e obrigá-lo-ia a regressar à formação. O reincidente apodreceria nas masmorras.

Asher tinha experiência suficiente para saber que só uma formação rígida conduzia à vitória, cada dor suportada, cada gesto dominado davam ao combatente uma oportunidade suplementar de sobreviver. Após uma carreira activa nos campos de batalha da Ásia, Asher, herói d proezas retumbantes, fora nomeado intendente da Cavalaria, diretor dos recrutas e instrutor do principal quartel de Mênfis. Com uma alegria feroz, era osúltima vez que exercia esta função, a sua recente nomeação, tomada oficial na véspera, dispensá-lo-ia deste dever enfforao. Na qualidade de mensageiro do faraó para os países estrangeiros, transmitiria as ordens reais às guarnições de elite destacadas nas fronteiras, poderia transportar Sua Majestade e ser o porta-estandarte, seguindo à sua direita.

De baixa estatura, Asher possuía um físico repugnante: cabelo rapado, ombros cobertos de pêlos negros e hirsutos, tronco largo, e pernas curtas e musculadas. Uma cicatriz cruzava-lhe o peito, do ombro ao umbigo, lembrança de uma espada que quase lhe tinha cortado a vida cerce. Acometido de um riso inextinguível, tinha estrangulado o agressor com as próprias mãos. A sua cara, sulcada de rugas, parecia a de um roedor.

Após esta última manhã passada no seu quartel preferido, Asher sonhava com o banquete organizado em sua homenagem.

Dirigia-se para a sala dos banhos quando um oficial de ligação se dirigiu a ele, segundo as regras do protocolo.

– Perdoa o incômodo, meu general, mas está aqui um juiz que deseja falar-te.

– Quem é ele?

– Não sabemos.

– Diz-lhe que não o recebo.

– Ele diz que é urgente e sério.

– Assunto?

– Confidencial.

– Trá-lo até aqui.

Paser foi conduzido até ao meio do pátio, onde se encontrava o general, de mãos cruzadas atrás das costas. À sua esquerda, um grupo de recrutas fazia exercícios de musculação, à direita treinava-se o tiro ao arco.

– Nome?

– Paser.

– Detesto juizes.

- Que tens contra eles?
- Querem saber tudo.
- Estou a conduzir um inquérito sobre um desaparecimento.
- Os regimentos que comando não se ocupam dessa área.
- Mesmo quando se trata da guarda de honra da esfinge?
- O exército é o exército, mesmo que se trate de veteranos. A guarda da esfinge foi assumida sem problemas.
- Segundo a mulher dele, o antigo guardião-mor terá sido morto, contudo, a hierarquia manda-me regularizar a sua transferência.

Pois bem, regulariza-a! Não se contestam as ordens da hierarquia.

- Neste caso contestam-se.

O general emite um grunhido.

- És novo e inexperiente. Estás dispensado.

– Não estou sob as tuas ordens, general, e quero saber a verdade sobre este guardião-mor. Foste mesmo tu quem o nomeou para aquele posto?

- Presta atenção, oh juizeco: ninguém importuna o general Asher!

- Não estás acima da lei.

- Acaso ignoras quem eu sou? Mais um falso passo, e esmago-te como se fosse um inseto.

Asher deixou Paser sozinho no meio do pátio. Esta reação surpreendeu o juiz. Porquê tanta veemência se não tinha nada a esconder?

No momento em que Paser transpunha o portão do quartel, o arqueiro que tinha sido suspenso interpelou-o.

- Juiz Paser...

- Que desejas?

- Talvez te possa ajudar, que procuras?

- Informações sobre o antigo guardião-mor da esfinge.

- O processo militar dele está guardado nos arquivos, segue-me.

- Porque ages assim?

- Se descobrires algum indício contra Asher, vais incriminá-lo, não vais?

- Claro.

- Então vem comigo. O arquivista é meu amigo, também ele detesta o general.

O arqueiro e o arquivista tiveram um breve conciliábulo.

– Para consultares os arquivos do quartel – disse o arquivista – necessitas de uma autorização do gabinete do vizir. Vou ausentar-me por um quarto de hora, o tempo que demoro para ir à cantina buscar a minha refeição. Se ainda aqui estiveres quando eu voltar, serei obrigado a dar o alarme.

Cinco minutos para entender o método de arquivação, mais três para encontrar o rolo de papiro que procurava, os restantes para ler e memorizar o documento, repô-lo no seu lugar e desaparecer.

A carreira do guardião-mor era exemplar: nem uma mancha sequer. No fim do documento, encontrava-se uma informação interessante: o veterano dirigia uma equipe de quatro homens, os dois mais velhos colocados dos lados da esfinge e os outros dois por baixo da rampa que dava acesso à pirâmide de Quéfren, no exterior do recinto. Uma vez de posse do nome deles, interrogá-los revelaria provavelmente a chave do enigma. Kem, impressionado, entrou no escritório.

- Ela está morta.

- Ela quem?

– A viúva do guardião. Patrulhei o bairro esta manhã, o *Matador* percebeu que havia qualquer coisa errada: a porta da casa estava entreaberta. Fui eu que descobri o corpo.

- Vestígios de violência?

– Nenhum. Sucumbiu à velhice e ao desgosto.

Paser pediu ao seu escriba que averiguasse se o exército se ocuparia das exéquias, senão, ele próprio arcaria com as despesas do funeral. Sem ser responsável pela morte da pobre mulher, não teria ele perturbado os últimos minutos da sua vida?

– Fizeste progressos?

– Decisivos, assim espero, contudo o general Asher não me ajudou em nada. Estão aqui os nomes dos quatro veteranos colocados sob o comando do guardião-mor, arranja-me os endereços deles.

O escriba Larrot chegou no preciso momento em que o núbio se retirava.

– A minha mulher persegue-me – confessou Larrot carrancudo, – ontem recusou-se a preparar-me o jantar! Se isto continuar assim, não tarda muito proíbe-me de me deitar com ela. Felizmente a minha filha dança cada vez melhor.

Mal-humorado e rezingão, arquivou as tábuas de má vontade.

– Ah, já me esquecia... Investiguei os artesãos que desejam trabalhar no arsenal. Apenas um me intriga.

– Um delinquente?

– Um homem ligado ao tráfico de amuletos.

– Antecedentes?

Larrot pôs um ar satisfeito.

– Devem interessar-te. É um marceneiro de biscates: estava empregado como intendente nas terras do dentista Qadash.

Na sala de espera de Qadash, onde foi admitido sem grandes problemas, Paser estava sentado ao pé de um homem de baixa estatura, algo franzino. Os cabelos e o bigode negros, aparados cuidadosamente, a pele baça, o rosto seco e alongado, salpicado de sinais, davam-lhe um ar carrancudo e quezilento.

O juiz cumprimentou-o.

– Momento doloroso este, não é verdade?

O homenzinho inclinou a cabeça num movimento afirmativo.

– Muitas dores?

Ele respondeu com um gesto evasivo.

– É a primeira vez que venho ao dentista – confessou Paser, – já alguma vez foste a um dentista?

Qadash apareceu.

– Juiz Paser! Estás com muitas dores?

– Infelizmente, estou!

– Já conheces Chéchi?

– Ainda não tive esse prazer.

– Chéchi é um dos mais brilhantes cientistas do palácio, é o melhor. É por isso que lhe encomendo emplastros e chumbos, acabou precisamente de me propor uma novidade. Descansa, não vai demorar nada.

Qadash, apesar de não ser eloquente, mostrou-se prestável, como se recebesse um amigo de longa data. Se o tal Chéchi continuasse tão pouco falador como até ali, a entrevista com o dentista arriscava-se a ser muito breve. Com efeito, o dentista veio chamar o juiz cerca de dez minutos mais tarde.

– Senta-te nessa cadeira e inclina a cabeça para trás.

– Não é muito conversador, o teu químico.

– Tem uma personalidade algo reservada, mas é uma pessoa com a qual se pode contar. De que te queixas?

– De uma dor generalizada.

– Deixa-me ver.

Qadash, utilizando um espelho e servindo-se de um raio de sol, examinou a dentição de Paser.

– Já alguma vez foste ao dentista?

– Uma única vez, na aldeia. Um dentista ambulante.

– Vejo uma cárie muito pequena. Vou chumbar o dente de forma eficaz: resina de terebinto¹⁷, terra da Núbia, mel, aparas de mó, colírio verde e pedaços de cobre. Se abanar, ligá-lo-ei ao molar vizinho com um fio de ouro... Não, não será necessário. Tens uma dentição sã e muito sólida. Em contrapartida, tem cuidado com as gengivas. Contra a piorreia, recomendo-te que laves a boca com colocíntia, goma, anis e faltos entalhados de sicómoro, deixarás o composto ao frio durante uma noite para que se impregne de orvalho. Escovarás as gengivas com uma pasta composta de cinamono, mel, goma e óleo. E não te esqueças de mascar frequentemente talos de aipo, não só é uma planta tônica e que serve de aperitivo, como também fortalece os dentes. Neste momento sejamos francos, o teu estado não é assim tão grave que necessitasses de uma consulta tão urgente. Porque me quiseste ver, agora que já te tratei?

Paser levantou-se, feliz por poder escapar aos vários instrumentos que o dentista costumava utilizar.

– O teu intendente.

– Já despedi esse incompetente.

– Queria falar sobre o anterior a esse.

Qadash lavou as mãos.

– Já não me lembro dele.

– Puxa pela memória.

– Não, de verdade...

– És colecionador de amuletos?¹⁸

Apesar de bem tratadas, as mãos do dentista continuavam vermelhas.

– Tenho alguns, como toda a gente, mas não é coisa a que ligue muito.

– Os mais bonitos são muito valiosos.

– Sem dúvida...

– O teu antigo intendente interessava-se por eles, chegou mesmo a roubar alguns belos exemplares. Daí a minha inquietação: será que tu também foste uma das suas vítimas?

– Cada vez há mais ladrões, pois cada vez há mais estrangeiros em Mênfis. Esta cidade deixará dentro em pouco de ser egípcia. O vizir Bagey, com a sua obsessão pela honestidade, é o grande responsável. O faraó tem tanta confiança nele que ninguém o pode criticar. E muito menos tu, já que ele é teu superior. Por sorte, devido à tua modesta posição, não tens de o ver.

– Ele é assim tão assustador?

– Intratável, os juizes que se esqueceram disso foram demitidos, mas todos eles cometeram erros. Ao recusar expulsar os estrangeiros sob o pretexto de ser justo, o vizir está a estragar o país. Sempre é verdade que prendeu o meu antigo intendente?

– Estava a tentar arranjar emprego no arsenal, mas uma inspeção de rotina revelou o seu passado. Triste história a dele, vendia amuletos roubados numa fábrica, foi denunciado e substituído por outro que escolheste.

– Roubava por conta de quem?

– Não sei: se tivesse tempo, investigava, mas não tenho sequer uma pista e com tantos outros assuntos com que me ocupar... O importante é que não tenha sofrido danos. Muito obrigado pela tua atenção, Qadash.

O chefe da polícia tinha reunido, em sua casa, os seus principais colaboradores, esta sessão não constaria em nenhum documento oficial. Mentmosé tinha estudado os relatórios deles sobre o juiz Paser.

– Não tem vícios ocultos, nem paixões ilícitas, nem amantes, nem é bem relacionado... estão a fazer-me o retrato de um semideus! As tuas investigações não servem para nada.

– O seu pai espiritual, um tal Branir, mora em Mênfis, Paser vai muito a casa dele.

– Um velho médico reformado, inofensivo e sem poder!

– Era bem conceituado na corte objetou um polícia.

– Há já muito que não o é – ironizou Mentmosé. – Ninguém era perfeito, e Paser não era exceção!

– Dedicar-se ao seu trabalho – afirmou um outro polícia – e não recua perante personalidades como Denes e Qadash.

– Um juiz íntegro e corajoso, quem acreditaria em tal coisa? Trabalhem mais com mais afinco e tragam-me informações verosímeis.

Mentmosé meditou à beira do lago onde costumava ir pescar. Tinha a estranha sensação de não dominar uma situação delicada, não muito bem delineada, e temia cometer um erro que manchasse o seu bom nome.

Seria Paser um ingênuo perdido nos meandros de Mênfis ou antes um carácter fora do comum, decidido a seguir o caminho certo sem se preocupar com os perigos e inimigos?

Havia ainda uma terceira hipótese, altamente inquietante: que o jovem juiz fosse emissário de uma outra pessoa, de um cortesão astuto que encabeçasse uma maquinação em que Paser fosse apenas o testa de ferro. Furioso com a hipótese de um imprudente se atrever a desafiá-lo no seu próprio terreno, Mentmosé chamou o seu intendente e ordenou-lhe que arreasse o cavalo e a caleche. Precisava ir caçar lebres no deserto, perseguir e matar alguns bichos assustados ia acalmar-lhe os nervos.

CAPÍTULO 13

A mão direita de Suti subiu ao longo das costas da amante, acarinhou-lhe o pescoço, voltou a descer e roçou-lhe os rins.

– Mais – suplicou ela.

O jovem não se fez de rogado. Gostava de dar prazer. A sua mão tornou-se mais insistente.

– Não, não quero!

Suti continuou, felino, conhecia bem os gostos da sua companheira e satisfazia-os, sem esperar nada em troca. Ela fingia resistir, virava-se e abria-se para acolher o amante.

– Estás contente com o teu galo?

– As galinhas estão radiantes. És uma bênção, meu querido.

Plenamente satisfeita, a dona do galinheiro preparou um almoço substancial e obrigou-o a prometer que voltaria no dia seguinte.

Ao fim da tarde, após ter dormido duas horas no porto, à sombra de um cargueiro, Suti dirigiu-se para casa de Paser. O juiz tinha acendido as candeias e escrevia, sentado como um escriba e com o cão encostado à perna esquerda. *Vento do Norte* deixou passar Suti, que lhe agradeceu com uma festa.

– Acho que vou precisar da tua ajuda – disse o juiz.

– Uma história de amor?

– Não me parece.

– Terá a ver com intrigas policiais?

– Receio bem que sim.

– Perigosas?

– Possivelmente.

– Muito interessante. Posso saber primeiro do que se trata, ou vais deixar-me às escuras?

– Armei uma cilada para um dentista chamado Qadash.

– Uma celebridade! Trata apenas dos ricos. O que é que ele fez?

– O comportamento dele intriga-me. Gostaria de me servir dos préstimos do meu polícia núbio, mas está ocupado com outro serviço.

– É para lhe revistar o apartamento?

– Nem por sombras! Tens apenas de seguir Qadash se ele sair de casa e se comportar de forma estranha.

Suti trepou em uma árvore de onde podia ver a entrada da casa do dentista e o acesso aos anexos. Esta noite de repouso não lhe desagradava por completo, enfim só, poderia apreciar o ar da noite e a beleza do céu. Quando as candeias se apagaram e o silêncio cobriu toda a casa, uma sombra esquivou-se pela porta das cavalariças. O homem trazia um casaco vestido, os cabelos brancos e a silhueta condiziam com a descrição que Paser tinha feito do dentista.

A perseguição foi fácil. Qadash, algo nervoso, avançou lentamente e não se virou. Dirigiu-se a um bairro em reconstrução. Vetustos edifícios administrativos, degradados, que tinham sido demolidos, um monte de tijolos obstruía o caminho. O dentista contornou um monte de entulho e desapareceu. Suti trepou ao monte cuidadosamente para não partir nenhum tijolo e denunciar a sua presença. Chegado ao alto, viu uma fogueira à volta da qual se encontravam três homens, um dos quais era Qadash.

Tiraram as túnicas e ficaram nus, à exceção de uma proteção de couro que lhes cobria o pênis, nos cabelos, tinham três plumas. Agitando um pequeno pau em cada mão, começaram a dançar, simulando uma luta. Mais novos do que Qadash, os seus companheiros flectiam as pernas bruscamente e saltavam em seguida soltando um grito bárbaro. Embora não conseguisse acompanhar o ritmo dos outros, Qadash manifestava grande entusiasmo.

A dança durou mais de uma hora. De repente, um dos intervenientes tirou o protetor de couro e ostentou toda a sua virilidade, logo imitado pelos amigos. Como Qadash dava mostras de cansaço, os amigos fizeram-no beber vinho de palma antes de o iniciarem num novo delírio.

Paser tinha ouvido o relato de Suti com toda a atenção.

– Muito estranho.

– É porque não conheces os costumes líbios, este gênero de rituais é bastante típico entre eles.

– Qual o objetivo?

– A virilidade, a fecundidade, capacidade de sedução... Ao dançar, absorvem uma nova energia. Para Qadash parece ser um pouco difícil.

– O nosso dentista deve ter-se sentido diminuído.

– Pelo que pude constatar, ele não fez nada de errado. Mas o que será que há de ilegal no seu comportamento?

– *A priori*, nada, ele, que finge detestar os estrangeiros, não consegue, contudo, esquecer a sua origem líbia, e mergulha em costumes que a alta sociedade, base da sua clientela, desaprovava vigorosamente.

– Fui, pelo menos, útil?

– Insostituível.

– Da próxima vez, juiz Paser, manda-me antes espiar uma dança de mulheres.

Fazendo uso da sua força de persuasão, Kem e o babuíno tinham revistado Mênfis e arredores com o intuito de encontrarem o rastro dos quatro subordinados do guardião-mor desaparecido.

O núbio tinha esperado que o escriba se retirasse para se encontrar com o juiz, Larrot não lhe inspirava confiança. Assim que o grande macaco entrou no gabinete, *Bravo* refugiou-se debaixo da mesa do dono.

– Dificuldades, Kem?

– Consegui as moradas.

– Sem violência?

– Sem um vestígio de brutalidade.

– A partir de amanhã de manhã, serão todos interrogados.

– Desapareceram todos.

Estupefato, Paser pousou o pincel.

– Não imaginava que, ao recusar caucionar um mísero documento administrativo, iria levantar a ponta de um véu repleto de mistérios.

– Alguma pista?

– Dois foram viver para o Delta e dois para a região de Tebas. Tenho aqui os nomes das cidades.

– Prepara-te para viajar.

Paser passou a noite em casa do seu mestre. Ao dirigir-se para lá, teve a sensação que estava sendo seguido, abrandou o passo, virou-se duas ou três vezes, mas deixou de ver o homem que julgava estar a segui-lo. Estava, certamente, enganado.

Sentado em frente de Branir, no terraço da residência florida, foi saboreando a cerveja gelada enquanto ouvia a respiração da grande cidade a adormecer. Aqui e além, luzes assinalavam os noctívagos e os escribas atarefados.

Na companhia de Branir, o mundo parava, Paser gostaria de poder guardar aquele momento como uma jóia, de mantê-lo entre as mãos e de impedi-lo de se dissolver na escuridão do tempo

– Néféret já recebeu o seu destacamento?

– Ainda não, mas não deve tardar. Por agora, está num quarto, na escola de medicina.

– Quem decide?

– Uma assembleia de médicos que é dirigida pelo médico-chefe Nébamon. Néféret será chamada a ocupar sozinha uma função não muito pesada, e a dificuldade aumentará com a experiência. Pareces-me sempre triste, Paser, dir-se-ia que perdeste a alegria de viver.

Paser fez um resumo dos fatos.

– Uma série de coincidências estranhas, não achas?

– Que hipóteses estás tentado a pôr?

– Ainda é muito cedo para formular alguma. Cometeu-se um erro, disso estou certo, mas de que natureza e com que amplitude? Estou preocupado, talvez sem razão, por vezes, hesito em continuar, mas não me posso demitir da minha responsabilidade, por menor que ela seja, sem o pleno acordo da minha consciência.

– O coração traça os planos e guia o indivíduo, quanto ao carácter, esse conserva o que foi adquirido e preserva as visões do coração.

– O meu carácter não fraquejará, o que recebi, explorarei.

– Nunca me esqueço do destino do Egito, não te preocupes com o teu bem-estar. Se o ato é justo, acabará por vingar.

– Se admitirmos o desaparecimento de um homem sem nos revoltarmos, se um documento oficial equivale a uma mentira, não estará a grandeza do Egito ameaçada?

– Os teus receios têm fundamento.

– Se o teu espírito é como o meu, enfrentarei os piores perigos.

– Coragem não te falta, sê mais lúcido e evita determinados obstáculos. Enfrentá-los só te trará dissabores. Contorna-os, aprende a utilizar a força do inimigo. Sê mais flexível, como o junco, e paciente como o granito.¹⁹

– A paciência não é o meu forte.

– Molda-te como se fosses o arquiteto a trabalhar o material.

– Achas que é melhor não ir ao Delta?

– Creio que a tua decisão já está tomada.

Elegante na sua veste de linho pregueada com franjas coloridas, de unhas arrançadas com engenho, imponente, Nébamón abriu a sessão plenária que se realizava na grande sala da escola de Medicina de Mênfis. Uma dezena de médicos de renome, e que nunca tinham sido responsabilizados pela morte de um doente, tinham como função atribuir a primeira missão aos jovens médicos recém-empossados. Normalmente, as decisões, cunhadas de benevolência, não eram contestadas. E também desta vez a tarefa seria executada rapidamente.

– E agora, o caso Néféret anunciou um cirurgião. Referências elogiosas vindas de Mênfis, Sais e Tebas. Um elemento brilhante, mesmo excepcional.

– Sim, mas é mulher contrapôs Nébamón.

– Não é a primeira.

– Néféret é inteligente, admito-o, mas falta-lhe energia, a experiência arrisca-se a destruir todos os seus conhecimentos teóricos.

– Foi submetida a numerosos estágios, sempre com pleno êxito!

– Os estágios são acompanhados – frisou Nébamón com alguma displicência, – quando estiver sozinha perante os doentes, será que vai saber desenvolver-se? A sua capacidade de resistência preocupa-me. Pergunto-me se não se terá enganado ao querer ser médica.

– Que propões então?

– Uma prova bastante dura e doentes difíceis, se dominar a situação, felicita-la-ei. Caso contrário, comunicar-lhe-emos a nossa decisão.

Sem elevar a voz, Nébamón convenceu os seus colegas. Tinha reservado a Néféret a surpresa mais desagradável da sua nova carreira, assim que ela estivesse despedaçada, ele ajudá-la-ia a sair do fosso em que se encontrava e recolhê-la-ia, reconhecida e submissa.

Aterrorizada, Néféret retirou-se para chorar.

Nenhum sacrifício a desencorajaria, mas não esperava ver-se responsável por uma enfermaria militar onde estavam internados os soldados que regressavam da Ásia, doentes e feridos. Cerca de trinta homens estavam deitados em cima das esteiras, uns respiravam com grande dificuldade, outros deliravam, outros estavam incontinentes. O responsável sanitário do quartel não lhe tinha transmitido nenhuma diretiva, tinha-se apenas limitado a colocá-la lá. Limitara-se a obedecer às ordens recebidas.

Néféret recompôs-se. Fosse qual fosse a razão desta brincadeira, tinha de cumprir o seu dever e tratar estes infelizes. Depois de ter examinado a farmácia do quartel, sentiu-se mais confiante. A tarefa mais urgente era aliviar as dores mais agudas, esmagaria também raízes de mandrágora, frutos gordos com folhas longas e flores verdes, amarelas e cor-de-laranja, para deles extrair uma substância bastante ativa que serviria, ao mesmo tempo, de analgésico e de narcótico. Depois, misturou aneto perfumado, sumo de tâmaras e sumo de uva, e ferveu o preparado em vinho, durante quatro dias consecutivos daria aquela poção aos doentes.

Chamou um jovem recruta que limpava o pátio do quartel.

– Anda cá, vais ajudar-me!

– Eu? Mas eu...

– Agora és enfermeiro.

– O comandante...

– Vai e diz-lhe que trinta homens morrerão se ele me recusar a tua assistência.

O recruta inclinou-se, o jogo cruel no qual era obrigado a participar não lhe agradava.

Ao entrar na enfermaria, o aspirante sentiu-se desfalecer, Néféret reconfortou-o.

– Levantarás muito devagar a cabeça deles para que eu lhes possa dar o remédio, depois, vamos lavá-los e limparemos a enfermaria.

De início, o recruta fechou os olhos e susteve a respiração, tranquilizado pela calma de Néféret, o enfermeiro-aprendiz esqueceu a repugnância que sentia e ficou contente ao ver que a poção atuava rapidamente. A respiração dos doentes acalmou, e os gritos começaram a desaparecer, vários soldados adormeceram.

Um deles agarrou-se à perna direita da médica.

– Solta-me.

– Nem penses, beleza, uma presa como tu não se deixa escapar. Vou te dar prazer.

O enfermeiro largou a cabeça do paciente, que bateu violentamente no chão, e deu-lhe um murro, os dedos do doente afrouxaram e Néféret libertou-se.

– Muito obrigada.

– Não... não tiveste medo?

– Claro que tive.

– Se quiseres, anestésio-os a todos da mesma forma!

– Só se for estritamente necessário.

– De que sofrem?

– Disenteria.

– É grave?

– É uma doença que conheço muito bem e que sei como curar.

– Na Ásia, bebem água estagnada, eu cá prefiro varrer o quartel.

Zelando para que uma higiene perfeita fosse mantida, Néféret administrou aos seus doentes poções à base de coentros ²⁰ para acalmar os espasmos e limpar os intestinos. Em seguida, esmagou raízes de romã com levedura de cerveja, filtrou o composto por um pano e deixou-o a descansar durante a noite. O fruto amarelo, cheio de bagos de um vermelho brilhante, era um remédio eficaz contra a diarreia e a disenteria. ²¹

Néféret tratou os casos mais graves com um clister de mucilagem fermentada, cerveja doce e sal, que injetou no ânus dos pacientes com a ajuda de um chifre de cobre cuja extremidade mais fina tinha a forma de um bico. Cinco dias de cuidados intensivos deram excelentes resultados. Leite de vaca e mel, os únicos alimentos autorizados, permitiram curar os doentes.

Muito bem-humorado, o médico-chefe Nébamom visitou as instalações sanitárias do quartel seis dias depois de Néféret ter iniciado as suas funções. Declarou-se satisfeito e terminou a sua inspeção na enfermaria onde tinham sido isolados os doentes atacados de disenteria na última campanha na Ásia. Esgotada, completamente exausta, a jovem suplicar-lhe-ia que a colocasse em outro lugar e até aceitaria trabalhar na sua equipe.

Um recruta varria a entrada da enfermaria pelo que a porta estava aberta, uma corrente de ar purificava o lugar, vazio e caído.

– Devo ter-me enganado – disse Nébamom ao soldado. – Sabe onde trabalha a médica Néféret?

– Primeiro gabinete à esquerda.

– A jovem escrevia nomes num papiro.

– Néféret! Onde estão os doentes?

- Em convalescença.
- Impossível!
- Aqui tens a lista dos doentes, a natureza dos tratamentos e a data de saída da enfermaria.
- Mas como...
- Agradeço-te muito teres me confiado esta tarefa, que me permitiu comprovar a eficácia da nossa medicação.

Expressava-se sem animosidade, com um brilho doce no olhar.

- Creio que me enganei.
- De que estás a falar?
- Portei-me como um imbecil.
- Não é isso que dizem, Nébamon.
- Ouça, Néféret...
- Terás o relatório completo a partir de amanhã de manhã, será que posso contar com a tua amabilidade para me dizeres o mais rapidamente possível qual vai ser o meu próximo destacamento?

Mentmosé estava furioso. No casarão imenso, nenhum servidor ousaria se mexer enquanto a fúria desenfreada do chefe da polícia não passasse.

Durante os períodos de extrema tensão, tinha comichão na cabeça e coçava-se até fazer sangue. Aos seus pés, pedaços de papiro, miseráveis restos de relatórios rasgados, elaborados pelos seus subordinados.

– Nada.

Nenhum indício palpável, nenhum sinal de prevaricação. Paser comportava-se como um juiz honesto e, por isso, perigoso. Mentmosé não costumava subestimar o adversário, este pertencia a uma espécie temível e não seria fácil fazer-lhe frente. Não desencadearia nenhuma ação decisiva antes de conhecer a resposta a uma pergunta: quem o manipulava?

CAPÍTULO 14

O vento estirava a vela larga do barco de um só mastro que vogava na vastidão aquática do Delta. O piloto manejava o leme com perícia e tirava partido da corrente, enquanto os passageiros, o juiz Paser, Kem e o seu babuíno policial, repousavam no camarote construído no meio da embarcação, por cima do camarote iam colocadas as bagagens. Na proa, o capitão verificava a profundidade da água com uma percha e dava ordens ao resto da tripulação. Desenhado na proa e na popa, o Olho de Hórus protegia a navegação.

Paser saiu do camarote e apoiou os cotovelos no parapeito, para contemplar a paisagem que se ia abrindo à sua frente. Como o vale estava distante, com as suas culturas entaladas entre os dois desertos! Aqui, o rio dividia-se em braços e em canais que irrigavam cidades, aldeias, palmares, campos e vinhas, centenas de aves, andorinhas, poupas, garças reais, gralhas, calhandras, pardais, alcatrazes, pelicanos, patos *bravos*, canários, grou, cegonhas sulcavam um céu azul celeste, por vezes nublado. O juiz tinha a sensação de estar a contemplar um mar repleto de plantas aquáticas e papiros, nos outeiros que subitamente se elevavam, as matas de salgueiros e as acácias resguardavam as casas térreas, todas brancas. Será que não se tratava daquele pântano primordial de que falavam os autores antigos, dessa encarnação terrestre do oceano que envolvia o mundo e de onde rompia, a cada manhã, o novo Sol?

Uns caçadores de hipopótamos fizeram sinal à embarcação para mudar de rumo, perseguiam um hipopótamo macho. Ferido, acabara de mergulhar, e havia o risco de, de um momento para o outro, ele voltar à superfície, podendo virar uma embarcação, mesmo das grandes. O monstro debatia-se ferozmente.

O capitão não ignorou o aviso, conduziu “As Águas de Ra” para nordeste, seguindo o braço mais oriental do Nilo. Perto de Bubastis, a cidade da deusa Bastet, simbolizada por um gato, entrou no “canal de água doce”, ao longo de Ouadi Toumilat, em direção aos Lagos Amargos. O vento soprava forte, à direita, situava-se um lugarejo, ao abrigo de tamarizes e, do outro lado, um lago onde alguns búfalos se banhavam.

A embarcação acostou, lançou-se a ponte. Com a embarcação sacudida pelas ondas, Paser, que não tinha equilíbrio de marinheiro, atravessou a ponte aos tropeções. Um grupo “de crianças fugiu ao ver o babuíno. Os gritos alertaram os aldeões que, erguendo as suas forquilhas ameaçadoramente, foram ao encontro dos recém-chegados.

– Nada têm a temer, sou o juiz Paser, acompanhado de forças policiais.

Os aldeões baixaram as forquilhas e conduziram o magistrado até ao chefe da aldeia, um ancião rude.

– Gostava de falar com o veterano que chegou aqui há algumas semanas.

– Neste mundo, isso não vai ser possível.

– Morreu?

– O corpo foi trazido pelos soldados. Enterramos o corpo no nosso cemitério.

– Sabes de que morreu?

– De velhice.

– Examinaste o cadáver?

– Estava mumificado.

– Que te disseram os soldados?

– Não eram muito faladores.

Exumar uma múmia teria sido um sacrilégio. Paser e os seus companheiros voltaram para a embarcação e partiram em direção à aldeia onde vivia o segundo veterano.

– É preciso atravessar o pântano, – determinou o capitão, – daquele lado, existem ilhéus perigosos. Tenho de me manter afastado da margem.

O babuíno não gostava de água, Kem teve uma longa conversa com ele e conseguiu convencê-lo a aventurar-se por um caminho aberto pelo meio das plantas aquáticas. O macaco, inquieto, não parava de se virar para trás e olhar para a direita e para a esquerda. O juiz, impaciente, caminhava à frente em direção às pequenas casas agrupadas no cimo do outeiro. Kem vigiava as reações do animal, seguro da sua força, ele não se comportava assim sem razão.

O babuíno soltou um grito estridente, empurrou o juiz e agarrou a cauda de um pequeno crocodilo que serpenteava na água lamacenta. No momento em que o sáurio abriu a boca, ele atirou com o crocodilo para trás. “O grande veneno”, como lhe chamavam os ribeirinhos, sabia como apanhar desprevenidos os carneiros e as cabras que vinham beber nos charcos.

O crocodilo debatia-se, mas era muito jovem para resistir à fúria do babuíno que o arrancou do pântano e arremessou para bem longe.

– Tens de lhe agradecer, – disse Paser ao núbio. – Vou pensar numa promoção.

O chefe da aldeia estava recostado num cadeirão de espaldar baixo, redondo, e de superfície inclinada, muito robusto, saboreava à sombra de um sicómoro uma abundante refeição de carne, alhos e uma bilha de cerveja colocada num cesto de fundo raso.

Convidou os hóspedes a partilharem da comida, o babuíno, cuja façanha já tinha percorrido todo o pântano, dilacerou uma coxa de galinha.

– Procuramos um veterano que veio viver aqui depois da reforma.

– Ah! A esse só o voltaremos a ver em forma de múmia, juiz Paser. O exército encarregou-se do transporte e pagou o enterro. O nosso cemitério é modesto, mas aqui a eternidade não é menos abençoada que em qualquer outro.

– Deram-te a conhecer o motivo da morte?

– Os soldados não queriam falar muito, mas insisti. Acho que foi um acidente.

– De quê?

– Não me disseram mais nada.

Na embarcação que o levava de volta a Mênfis, Paser não escondia a sua decepção. Foi um fracasso total: o guardião-mor desaparecido, dois dos seus subalternos mortos, os outros dois provavelmente mumificados, e estes também.

– Vais desistir de fazer nova viagem?

– Não, Kem, quero saber exatamente como as coisas se passaram.

– Vai me fazer bem voltar a ver Tebas.

– Que achas disto tudo?

– Acho que todos esses homens que foram mortos, te impediram de descobrir a chave deste enigma, e isso é bom!

– Não queres conhecer a verdade?

– Quando ela é muito perigosa, prefiro não saber. Já me custou os olhos da cara, e a ti pode custar-te a vida.

De madrugada, quando Suti entrou, Paser já estava a trabalhar, com o cão deitado aos seus pés.

– Não conseguiste dormir? Eu também não. Preciso de descansar... A dona do galinheiro dá cabo de mim. É insaciável e ávida de todas as excentricidades. Trouxe uns mil-folhas quentes, o padeiro acabou de fazê-los.

Bravo foi o primeiro a ser servido, os dois amigos tomaram o pequeno-almoço juntos. Apesar de estar caindo de sono, Suti percebeu que Paser estava preocupado.

– Ou estás muito cansado ou então é assunto muito sério, é esse teu mistério insondável?

– Não posso falar.

– Guardas segredo do inquérito até mesmo para mim? Deve ser mesmo muito sério?

– Ainda não encontrei o fio da meada, Suti, mas tenho certeza de que fui meter o nariz em algum assunto criminal.

– Com... um assassino?

– Talvez.

– Se eu fosse a ti, Paser não tinha assim tanta certeza, no Egito, é raro cometerem-se crimes. Não foste meter-te com uma dessas feras de respeito? Corres o risco de contrariar altas personalidades.

– São os ossos do ofício.

– Mas os assuntos criminais não são da competência do vizir?

– São, se o crime for provado.

– Suspeitas de quem?

– Só tenho certeza de uma coisa: há soldados que se prestaram entrar em alguma tramóia. E esses soldados devem estar sob as ordens do general Asher.

Suti deu um assobio de espanto.

– Tu voas muito alto! Uma conspiração militar?

– Não ponho de lado essa possibilidade.

– Com que intenção?

– Não sei.

– Sou a pessoa de que precisas, Paser!

– Que queres dizer com isso?

– O meu alistamento no exército não é um sonho. Depressa me revelarei um excelente soldado, chegarei a oficial e, quem sabe, a general! Enfim, um herói. Vou descobrir tudo sobre Asher. Se for culpado de algum delito, logo saberei, e tu também.

– É demasiado arriscado.

– Pelo contrário, é excitante! Enfim, a aventura que sempre quis! E se salvássemos o Egito, nós dois juntos? Quem fala de conspiração militar, fala da tomada de poder por uma casta.

– É um grande plano, Suti, mas ainda não tenho certeza de que a situação seja assim tão desesperada.

– Sabes lá? Deixe-me agir!

A meio da manhã, um tenente da cavalaria, acompanhado por dois arqueiros, apresentou-se no escritório de Paser. O homem era rude e discreto.

– Fui mandado para regularizar uma transferência de posto que precisa da tua aprovação.

– Não será a do guardião-mor da esfinge?

– Afirmativo.

– Recuso-me a colocar o meu selo, até mesmo porque esse veterano ainda não veio apresentar-se.

– A minha missão é precisamente levar-te onde ele se encontra, para o processo ser encerrado.

Suti dormia profundamente, Kem andava em patrulha, o escriba ainda não tinha chegado. Paser pressentiu o perigo, que força armada, mesmo o exército, ousaria atentar contra a vida de um juiz? Concordou em subir no carro do oficial, depois de ter feito festas a *Bravo*, cujo olhar revelava inquietação.

O veículo atravessava velozmente os arrabaldes, saiu de Mênfis, meteu por uma rua que ladeava as culturas e embrenhou-se no deserto. Ali, reinavam as pirâmides dos faraós do Antigo Império, rodeadas por magníficos túmulos onde pintores e escultores tinham patenteado um talento incomparável. A pirâmide com degraus de Saqqarah, obra de Djoser e de Imhotep, dominava a paisagem, os gigantescos degraus de pedra formavam uma escada em direção ao céu, permitindo que a alma do rei subisse para o Sol e de lá descesse. Só se via o topo do monumento, pois o recinto fechado que o rodeava, com uma única porta sempre guardada, isolava-o do mundo profano. No grande pátio interior, o faraó vivia os ritos da regeneração quando o seu poder e capacidade de governar fossem corroídos.

Paser respirou fundo a brisa acre e árida do deserto, amava aquela terra vermelha, aquele mar de rochedos assoleimados e areia dourada, aquele vazio povoado de vozes ancestrais. Ali, o homem despojava-se do supérfluo.

– Onde me levas?

– Chegamos.

O carro parou em frente a uma casa crivada de minúsculas janelas, situada longe de toda a aglomeração, havia muitos sarcófagos encostados às paredes. O vento levantava nuvens de areia. Não havia arbustos, nem flores, e ao longe avistavam-se pirâmides e túmulos. À beira da morte, no coração da solidão, o lugar parecia abandonado.

– É aqui.

O subalterno fez a continência.

Intrigado, Paser desceu do carro. O lugar era ideal para uma cilada e ninguém sabia onde se encontrava. Pensou em Néféret. Desaparecer sem lhe revelar a sua paixão seria uma eterna desgraça.

A porta da residência abriu-se, rangendo. Na soleira da porta, surgiu um homem magro, de tez muito branca, com mãos enormes e pernas compridas e delgadas. Da cara longa, sobressaíam as sobranceiras negras e espessas que quase se uniam sobre o nariz. Os lábios finos pareciam privados de sangue. Tinha manchas acastanhadas no avental de pele de cabra.

Os olhos negros fixaram Paser. O juiz nunca tinha sentido um olhar assim, intenso, glacial, afiado como uma lâmina. Mas Paser resistiu-lhe.

– Djoui é o mumificador oficial, – explicou o tenente da cavalaria.

O interpelado inclinou a cabeça.

– Segue-me, juiz Paser.

Djoui afastou-se para deixar passar o oficial, seguido pelo magistrado que encontrou a oficina de embalsamento, onde numa mesa de pedra, mumificava os cadáveres. Nas paredes, estavam pendurados ganchos de ferro, facas obsidianas e pedras aguçadas, nas prateleiras, havia bilhas de óleo e de unguento e sacos cheios de natrão, indispensável à mumificação. O mumificador, em conformidade com a lei, devia habitar fora da cidade. Pertencia a uma casta temida, de seres ariscos e reservados.

Os três homens desceram os degraus da escada que conduzia a uma enorme cave. Estavam gastos e escorregadios. A tocha que Djoui transportava oscilava. No chão, havia múmias de diversos tamanhos. Paser estremeceu.

– Recebi um relatório relativo ao ex-guardião-mor da esfinge, – explicou o tenente. – O pedido foi-lhe transmitido por erro. Na realidade, ele faleceu a seguir a um acidente.

– Um terrível acidente, na verdade.

– Porquê essa observação?

– Porque matou pelo menos três veteranos, se não foram mais.

O subalterno levantou a cabeça.

– Não estava ao corrente disso. Há falta de informações precisas. Encontramos o guardião-mor no local de trabalho e o cadáver foi encaminhado para cá. Infelizmente, o escriba enganou-se, em vez de ordenar a inumação, pediu uma mutação. Foi um simples erro administrativo.

– E o corpo?

– Fica descansado que vou mostrar-lhe, para pôr fim a este incidente desagradável.

– Se bem entendi, foi mumificado?

– Sim, entendeste bem.

– O corpo foi colocado num sarcófago?

O tenente parecia perdido. Olhava para o mumificador que abanou a cabeça em sinal de discordância.

– Os últimos ritos não foram então celebrados, – concluiu Paser.

– Exatamente, mas...

– Muito bem, mostre-me então a múmia.

Djoui conduziu o juiz e o oficial ao local mais fundo da cave. Apontou para os restos mortais do guardião-mor, envolvidos em faixas, que estavam de pé numa cavidade rochosa. Trazia um número escrito a tinta vermelha.

O mumificador apresentou ao tenente a etiqueta que seria fixada na múmia.

– Não falta mais nada a não ser colocar o selo, – sugeriu o oficial ao magistrado.

Djoui colocou-se atrás de Paser. A luz oscilava cada vez mais.

– Esta múmia fica aqui, tenente, e como está. Se desaparecer ou for danificada, vou responsabilizar-te por isso.

CAPÍTULO 15

– Podes dizer-me onde foi colocada Néféret?

– Parece preocupado – comentou Branir.

– É muito importante – insistiu Paser. – Tenho comigo o que é talvez uma prova material, mas não posso analisá-la sem ajuda médica.

– Vi-a ontem à noite. Ela foi brilhante, debelou uma epidemia de desintéria e curou uns trinta soldados em menos de oito dias.

– Soldados? Que foi que a mandaram fazer?

– Uma repreensão imposta por Nébamon.

– Vou dar-lhe uma sova até ele cair morto.

– Isso não vai contra o dever de um juiz?

– Esse tirano merecia ser condenado.

– Ele contenta-se em exercer a autoridade.

– Sabes bem que isso é mentira. Diz-me a verdade: qual foi a nova prova a que esse inútil a sujeitou?

– Acho que ele se emendou, Néféret ocupa o lugar de farmacêutica.

Perto do templo da deusa Sekhmet, existiam laboratórios farmacêuticos ²² que tratavam de centenas de plantas, principal ingrediente de misturas milagrosas. As entregas diárias feitas aos médicos das cidades e das aldeias garantiam que as poções entregues fossem frescas. Néféret fiscalizava a boa execução das receitas. Tratava-se de um retrocesso em relação à sua função anterior, Nébamon tinha-lhe dito que era uma fase obrigatória, e um período de descanso, antes de voltar outra vez a cuidar dos doentes. Fiel à sua linha de conduta, a jovem médica não tinha protestado.

Os farmacêuticos, ao meio-dia, saíam do laboratório e dirigiam-se à cantina. Conversava-se de bom grado com os colegas, falava-se de novos remédios, lastimava-se os fracassos. Dois especialistas conversavam com Néféret, que sorria, Paser tinha certeza de que estavam se metendo com ela.

O seu coração batia descompassadamente, atreveu-se a interrompê-los.

– Néféret...

Ela deteve-se.

– Andavas à minha procura?

– Branir falou-me das injustiças que sofreste. Fiquei revoltado.

– Tive a sorte de curá-los. O resto já não importa.

– Preciso das tuas qualidades médicas.

– Estás doente?

– Um inquérito sutil que exige a colaboração de um médico. Um simples parecer clínico, nada mais.

Kem conduzia o carro com mãos firmes, o babuíno, agachado, evitava olhar para a estrada. Néféret e Paser iam lado a lado, para não caírem, e os seus pulsos estavam presos por alças à carroçaria do veículo. Com os balanços, os seus corpos tocaram-se.

Néféret pareceu ficar indiferente, enquanto Paser sentiu um prazer tão intenso quanto ardente. Desejava que esta curta viagem nunca mais acabasse e que o caminho se tornasse cada vez mais irregular. Quando a sua perna direita tocou ao de leve na dela, não a desviou, receava ser repreendido, mas não foi.

Estar assim tão perto dela, sentir o perfume dela, acreditar que ela aceitava este contato... O sonho era sublime.

Dois soldados montavam guarda em frente da oficina de mumificação.

– Sou o juiz Paser. Deixem-nos passar.

– As nossas ordens são claras. Não deixar entrar ninguém. O lugar está requisitado.

– Ninguém se pode opor à justiça. Será que se esqueceram que estamos no Egito?

– As nossas ordens...

– Afastem-se.

O babuíno levantou-se e arreganhou os dentes, de pé, com os olhos fixos e os braços arqueados, estava prestes a saltar. Kem afrouxava a trela.

Os dois soldados cederam. Kem abriu a porta a pontapé.

Djoui, sentado à mesa de mumificação, comia peixe seco.

– Leva-nos lá – ordenou Paser.

Kem e o babuíno, desconfiados, examinaram o compartimento mergulhado na penumbra enquanto o juiz e a médica desciam ao antro, iluminados por Djoui.

– Que lugar horrível – murmurou Néféret. – E eu que gosto tanto de ar e de luz!

– Para ser franco, também não me sinto lá muito bem.

O mumificador, sem se apressar, seguia no seu passo compassado.

A múmia continuava no mesmo lugar, Paser constatou que ninguém lhe tinha mexido.

– Eis o teu paciente, Néféret. Vou desenfaixá-lo sob a tua supervisão.

O juiz desenrolou as faixas com muito cuidado, apareceu um amuleto em forma de olho, colocado na testa. No pescoço, havia uma profunda ferida, sem dúvida provocada por uma flecha.

– Não vale a pena continuar, na tua opinião, quantos anos achas que o defunto tem?

– Uns vinte anos – calculou Néféret.

Mentmosé perguntava a si próprio como havia de resolver os problemas de circulação que envenenavam a vida diária dos habitantes de Mênfis, demasiadas mulas, demasiados bois, demasiados carros, demasiados vendedores ambulantes, demasiados papalvos entupiam as ruelas e impediam a paisagem. Em cada novo ano, redigia decretos uns mais inaplicáveis que outros, e não os submetia ao vizir. Contentava-se em prometer melhorias em que já ninguém acreditava. De tempos a tempos, uma rusga policial acalmava os ânimos, desobstruía-se uma rua onde era proibido estacionar durante alguns dias, aplicavam-se multas aos transgressores, mas logo os maus hábitos eram retomados.

Mentmosé fazia recair as responsabilidades nos ombros dos subalternos e isentava-os de meios para acabar com as dificuldades, ao manter-se acima da confusão onde enterrava os seus colaboradores, assegurava a sua excelente reputação.

Quando lhe anunciaram a presença do juiz Paser na sala de espera, saiu do escritório para cumprimentá-lo. Amabilidades deste tipo só lhe ficavam bem.

A face sombria do magistrado não fazia antever nada de bom.

– Estou com a manhã toda ocupada, mas estou disposto a receber-te.

– Acho que é indispensável.

– Pareces transtornado.

– E estou.

Mentmosé coçava a testa. Conduziu o juiz ao seu escritório e mandou sair o secretário.

Recostou-se numa soberba cadeira com patas de touro. Paser permaneceu de pé.

– Sou todo ouvidos.

– Um tenente da cavalaria conduziu-me a casa de Djoui, o mumificador oficial do exército. Mostrou-me a múmia do homem que eu procurava.

– O ex-guardião-mor da esfinge? Então, morreu!

– Pelo menos, fizeram um grande esforço para eu acreditar nisso.

– Que queres dizer com isso?

– Como os últimos ritos não foram celebrados, desenfaixei a parte superior da múmia sob a inspeção da doutora Néféret. O corpo pertencia a um homem de vinte anos, e não restaram dúvidas de ter sido mortalmente ferido por uma flecha. Não se tratava, como é evidente, do corpo do veterano.

O chefe da polícia pareceu ficar atordoado.

– Essa história é pouco provável.

– E mais – continuou o juiz. – Dois soldados tentaram impedir-me de entrar na oficina de embalsamento. E, quando saí,

dispararam sobre mim.

– O nome do tenente da cavalaria?

– Não sei.

– Foi uma falha imperdoável.

– Não achas que ele me mentiu?

Contrariado, Mentmosé aquiesceu.

– Onde está o cadáver?

– Na casa de Djoui e sob a sua guarda. Redigi um relatório pormenorizado que incluirá os testemunhos da doutora Néféret, do mumificador e do meu ajudante Kem.

Mentmosé franziu as sobrancelhas.

– Estás satisfeito com ele?

– É exemplar!

– O passado dele não advoga a seu favor.

– Ajuda-me muito.

– Não confies nele.

– Voltemos ao assunto da múmia.

O chefe da polícia detestava este gênero de situação em que não dominava os acontecimentos.

– Os meus homens vão procurá-la e vamos examiná-la. Precisamos descobrir a identidade dessa múmia.

– Também é preciso saber se estamos perante um falecimento imediatamente posterior a um alistamento militar, ou a um crime.

– Um crime! Não te parece excesso de imaginação?

– Por mim, vou continuar o inquérito.

– Em que direção?

– Prefiro não dizer mais nada.

– Desconfias de mim?

– Essa pergunta foi inoportuna.

– Estamos os dois perdidos neste imbróglio. Não devíamos trabalhar juntos?

– Prefiro a independência da justiça.

A cólera de Mentmosé fez tremer as paredes dos quartéis da polícia. No mesmo dia, cinquenta altos funcionários foram sancionados e privados de muitos privilégios. Pela primeira vez, depois da sua subida ao topo da hierarquia policial, não fora corretamente informado. Será que uma falha de tal monta não condenava o seu sistema? Não se deixaria abater sem luta.

Aí está, o exército parecia ser o instigador destas manobras cujas razões continuavam incompreensíveis. Avançar por este terreno escorregadio comportava riscos que Mentmosé não queria correr, se o general Asher, que as promoções recentes haviam tornado intocável, fosse realmente o cabeça, o chefe da polícia não tinha qualquer chance de o vencer.

Deixar o caminho livre para aquele juizco insignificante teria muitas vantagens. Só ele se comprometia, e o fogo da mocidade impedi-lo-ia de se precaver.

Corria o risco de abrir portas interditas e violar leis que ignorava. Seguindo-lhe o rastro, Mentmosé exploraria pela calada os resultados da investigação. Para tanto bastava fazer-se seu aliado até ao dia em que já não precisasse mais dele.

No entanto, uma questão incomodativa subsistia: porquê toda esta encenação? O seu autor tinha subestimado Paser, convencido de que a estranheza do lugar, o clima abrasador e a presença opressiva da morte impediriam o juiz de se interessar pela múmia e obrigá-lo-iam a retirar-se rapidamente mal tivesse colocado o selo. Ora o resultado obtido fora exatamente o contrário, longe de perder o interesse, o magistrado percebera a amplitude da trama.

Mentmosé tentou acalmar-se: o desaparecimento de um modesto veterano, titular de um posto honorífico, não podia de forma alguma enganar o Estado! Tratava-se sem dúvida de um crime cometido por um soldado, para encobrir um oficial de alta patente: Asher ou algum dos seus acólitos. Era nesta direção que a investigação devia prosseguir.

CAPÍTULO 16

No primeiro dia da Primavera, o Egito honrou os mortos e os antepassados. Ao sair de um Inverno ameno, as noites tornaram-se, porém, subitamente frescas, devido às rajadas de vento oriundas do deserto. Em todas as grandes necrópoles, abertas ao exterior, as famílias veneravam os defuntos depondo flores nos jazigos. Não havia uma fronteira estanque a separar a vida da morte, pela simples razão de que os vivos se banquetevavam na companhia dos mortos, cuja alma encarnava na chama de uma lamparina. A noite iluminou-se, celebrando o reencontro deste mundo com o outro. Em Abido ²³, a cidade santa de Osíris, os padres colocaram barcas na superestrutura dos túmulos para evocarem a viagem ao paraíso.

Depois de ter acendido o fogo em frente às mesas das oferendas dos principais templos de Mênfis, o faraó dirigiu-se para Gize. Como fazia todos os anos na mesma data, Ramsés, o *Grande*, preparava-se para entrar sozinho na pirâmide e para se recolher diante do sarcófago de Quéops. No coração do imenso monumento, o faraó detinha o poder essencial para unir as duas terras, o Alto e o Baixo Egito, e torná-las prósperas. Contemplaria a máscara de ouro do construtor e o côvado do mesmo metal, inspirador da sua causa. Quando chegasse a altura, pegaria no testamento dos deuses e apresentá-lo-ia ao país, no momento do ritual da sua regeneração.

A lua cheia iluminava o planalto onde se erguiam as três pirâmides.

Ramsés transpôs a porta do recinto de Quéops, guardada por uma força de elite. O rei vestia apenas uma simples tanga branca e um largo colar de ouro. Os soldados curvaram-se e correram os ferrolhos. Ramsés, o *Grande*, atravessou a soleira de granito e entrou na calçada ascendente, coberta de lajes de calcário. Estaria dentro em pouco diante da entrada da grande pirâmide, de que só ele conhecia os mecanismos secretos de abertura que revelaria ao seu sucessor.

Cada ano que passava, o rei vivia cada vez com mais intensidade este reencontro com Quéops e com o ouro da imortalidade. Reinhar no Egito era uma tarefa estimulante, mas esgotante, só os ritos concediam ao soberano a energia indispensável.

Ignorando ainda que o centro energético do país se tinha transformado num inferno estéril, Ramsés escalou paulatinamente a grande galeria e penetrou na sala do sarcófago.

Nas docas, era dia de festa, os barcos adornavam sob o peso das flores, a cerveja corria com fartura, os marinheiros dançavam com as garotas menos ariscas, os músicos ambulantes alegravam a multidão. Paser, depois de um curto passeio com o cão, afastava-se desta agitação quando foi interpelado por uma voz familiar.

– Juiz Paser, já te vais embora?

O rosto grosseiro e quadrado de Denes, orlado de fina barba branca, destacou-se da multidão de foliões. O transportador empurrou os que estavam a seu lado e foi ter com o magistrado.

– Que rico dia! Todos se divertem, os problemas são deitados para trás das costas.

– Não gosto muito de barulho.

– Não devias ser tão sério na tua idade!

– É difícil mudar de personalidade!

– A vida se encarregará disso.

– Pareces muito contente.

– Os negócios correm-me bem, as minhas mercadorias estão prontas a tempo, os meus empregados não protestam. De que posso me queixar?

– Acho que não me guardas rancor.

– Fizeste o que tinhas de fazer, não posso censurar-te. Aliás, há aquela boa notícia.

– Que notícia?

– O palácio, por ocasião desta festa, anulou várias condenações. Um costume antigo de Mênfis, já um pouco esquecido. Tive a sorte de estar entre os felizes contemplados.

Paser empalideceu. Não conseguiu controlar a sua cólera.

– Como é que conseguiste?

– Já te disse: foi por causa da festa, nada mais! No processo de acusação, esqueceste-te de explicitar que o meu caso devia escapar a esta clemência. Vamos, seja um bom jogador, tu ganhaste e eu não perdi.

Volúvel, Denes tentava partilhar o seu contentamento.

– Não sou teu inimigo, juiz Paser. Nos negócios, por vezes ganham-se maus hábitos. A minha mulher e eu sabemos que tinhas razão em nos dares uma boa lição, não nos vamos esquecer dela.

– Estás a ser sincero?

– Estou. Agora, vais desculpar-me, mas estão à minha espera.

Ao negligenciar a carta, Paser tinha sido impaciente e vaidoso, demasiado apressado em fazer justiça. Arrependido, o juiz viu o seu caminho interrompido por uma parada militar que o general Asher liderava, triunfante.

– Se te chamei, juiz Paser, foi para te dar novas das minhas investigações.

Mentmosé parecia muito seguro de si.

– A múmia era de um jovem recruta morto na Ásia depois de uma escaramuça, atingido por uma flecha, o soldado teve morte imediata. Por causa de uma identidade de nomes, o processo dele foi confundido com o do guardião-mor da esfinge. Os escribas responsáveis por esta confusão dizem estar inocentes, na realidade, ninguém procurou enganar-te. Nós imaginávamos uma conspiração onde apenas havia um erro administrativo. Estás cético? Pois estás muito enganado. Verifiquei cada pormenor.

– Não duvido da tua palavra.

– Ainda bem.

– Contudo, o guardião-mor continua desaparecido.

– Concordo contigo. Lá que é estranho, é, e se ele se escondeu para fugir a uma inspeção do exército?

– Dois veteranos sob as suas ordens morrem depois de terem tido um acidente.

Paser acentuou bem esta última palavra, Mentmosé coçou a cabeça.

– Que tem isso de suspeito?

– O exército tinha de saber alguma coisa e tu terias de ter conhecimento.

– De maneira nenhuma. Este tipo de ocorrências não me diz respeito.

O juiz tentava encostar à parede o chefe da polícia. Segundo Kem, ele era bem capaz de tecer toda esta trama para levar a cabo uma limpeza geral da sua própria administração, onde alguns funcionários começavam a criticar os seus métodos.

– Não vamos agora dramatizar a situação. Este assunto é uma sucessão de circunstâncias infelizes.

– Eis os fatos: dois veteranos e a mulher do guardião-mor, falecidos, e ele desaparecido. Não poderias pedir às autoridades militares para te enviarem o relatório sobre o... acidente?

Mentmosé fixou o olhar na ponta da pena.

– Essa atitude seria considerada inconveniente. O exército não gosta da polícia e...

– Nesse caso, trato eu pessoalmente do assunto.

Os dois homens cumprimentaram-se de modo glacial.

O general Asher acaba de partir em missão para o estrangeiro, anunciou o escriba do exército ao juiz Paser.

– Quando volta?

– É segredo militar.

– A quem me devo dirigir, na ausência dele, para obter um relatório sobre o acidente que recentemente ocorreu junto da grande esfinge?

– Certamente poderei ajudar-te. Ah! Já me esquecia! O general confiou-me um documento para te entregar logo que possível. Já que aqui estás, entrego-to pessoalmente.

Paser desatou o cordel de linho que mantinha o papiro enrolado.

O texto relatava as circunstâncias deploráveis que tinham causado a morte do guardião-mor da esfinge de Gize e dos outros quatro guardiães logo a seguir a uma inspeção de rotina. Os cinco veteranos subiram à cabeça da grande estátua para verificarem o estado da pedra e assinalarem eventuais sinais de degradação deixados pelas tempestades de areia. Um deles, mais desastrado, escorregou e arrastou os seus companheiros para uma queda fatal. Os veteranos foram enterrados nas suas aldeias natais, dois no Delta e os outros dois no Sul.

Quanto aos restos mortais do guardião-mor, devido ao carácter honorífico do posto, ficaram guardados numa capela do exército e beneficiariam de uma mumificação longa e cuidada. Após o seu regresso da Ásia, o general Asher iria ele próprio

presidir aos funerais.

Paser assinou o livro de registro, atestando ter recebido o documento.

– Mais alguma formalidade a cumprir? – perguntou o escriba.

– Não vai ser necessário.

Paser arrependeu-se de ter aceitado o convite de Suti. Antes de ficar noivo, o seu amigo queria festejar o acontecimento no bordel mais célebre de Mênfis. O juiz sonhava incessantemente com Néféret, com aquele rosto brilhante que irradiava os seus sonhos. Perdido entre os estróinas que veneravam o lugar, Paser não se interessava pelas dançarinas nuas, jovens núbias de formas esbeltas.

Os clientes estavam sentados em fofas almofadas, diante deles, jarros de vinho e de cerveja.

– Não se pode tocar nas garotas, – explicou Suti, radiante, – estão aqui só para nos excitarem! Fica tranquilo, Paser, a patroa fornece um contraceptivo de excelente qualidade, feito com espinhos de acácia moídos, mel e tâmaras.

Todos sabiam que os espinhos de acácia continham ácido láctico que destruía o poder fecundador do esperma, os adolescentes, desde as primeiras folias amorosas, utilizavam este meio simples de se entregar ao prazer.

Umaz quinze garotas, cobertas por véus de linho transparentes, saíram dos cubículos colocados em torno do salão principal. Muito pintadas os olhos contornados com grossos traços negros, os lábios corados de vermelho, nos cabelos soltos uma flor de lótus, nos pulsos e tornozelos pesadas pulseiras aproximaram-se dos hóspedes, rendidos aos seus encantos. Os casais formaram-se por instinto e desapareceram nos cubículos isolados uns dos outros por cortinas.

Como Paser tinha recusado as ofertas de duas bailarinas lindíssimas, ficou na companhia de Suti, que não o quis deixar sozinho.

Nisto, apareceu uma mulher de cerca de trinta anos, vestida apenas com um cinto de conchas e pérolas coloridas. Chocaram um com o outro enquanto ela dançava em ritmo dolente, tocando lira. Fascinado, Suti reparou nas tatuagens: uma flor-de-lis sobre a coxa esquerda, perto do púbis, e um deus Bés debaixo dos pêlos negros do seu sexo, para afastar as doenças venéreas. Com uma pesada peruca de caracóis claros, Sababu, a dona do bordel, era ainda mais fascinante do que a mais bela das suas garotas. Flectindo as longas pernas depiladas, dava passos sensuais antes de efetuar uma série de piruetas sem perder o ritmo da melodia.

Ungida de ládano ²⁴, irradiava um perfume inebriante.

Quando ela se aproximou dos dois homens, Suti não pôde controlar a sua paixão.

– Agradas-me e creio que te agrado também – disse ela.

– Não deixo o meu amigo sozinho.

– Deixa-o em paz, não vês que está apaixonado? O coração dele não está aqui. Vem comigo.

Sababu levou Suti para o cubículo mais espaçoso. Fê-lo sentar-se numa cama baixa coberta de almofadas de várias cores, ajoelhou-se e beijou-o. Ele quis tomá-la nos braços mas ela afastou-o docemente.

– Nós temos a noite toda por nossa conta, não tenhas pressa. Aprende a conter o teu prazer, a fazê-lo crescer nos teus rins, a saborear o fogo que circula nas tuas veias.

Sababu desaperrou o cinto de conchas e deitou-se de barriga para baixo.

– Massageia-me as costas.

Suti, por alguns instantes, entrou no jogo, mas a visão daquele corpo magnífico, muito bem cuidado, o contato com aquela pele perfumada, impediram-no de se conter por mais tempo. Percebendo como era intenso o seu desejo, Sababu não se opôs mais, e ele, cobrindo-a de beijos, amou-a furiosamente.

– Deste-me prazer. Não és parecido com a maioria dos meus clientes, bebem demais, tornam-se flácidos e moles.

– Não homenagear os teus encantos seria uma ofensa ao espírito.

Suti acariciava-lhe os seios, atento às suas mínimas reações, graças às mãos sábias do amante, Sababu encontrava de novo sensações já esquecidas.

– És escriba?

– Dentro em breve serei soldado. Antes de ser um herói, quero conhecer a mais doce das aventuras.

– Nesse caso, devo oferecer-te tudo.

Com pequenos toques da língua dados na ponta dos lábios, Sababu fez renascer o desejo de Suti. Entrelaçando-se, novamente

desfrutaram um do outro, num só grito. Olhos nos olhos, retomaram o fôlego.

– Seduziste-me, meu bezerrinho, pois tu amas o amor.

– É a mais bela ilusão.

– Mas tu és bem real.

– Como é que te tornastes dona de um bordel?

– Por desprezo pelos falsos nobres e os poderosos de discurso hipócrita. Afinal, são como tu e eu, submetidos às exigências do sexo e das paixões. Se tu soubesses...

– Conta-me.

– Queres arrancar de mim os meus segredos?

– Porque não?

Apesar de toda a sua experiência, apesar de tantos homens, bonitos e feios, Sababu não sabia resistir às carícias do seu novo amante. Ele despertava nela uma vontade de se vingar do mundo onde fora tantas vezes humilhada.

– Quando fores um herói, vais ter vergonha de mim?

– Muito pelo contrário! Vou fazer com que recebas muitas honrarias.

– Muito bem dito.

– Como deve ser divertido...

Ela colocou o seu dedo pequenino sobre os lábios do jovem.

– Só o meu diário sabe de tudo. Se vivo tranquila, é por causa dele.

– Anotas os nomes dos teus clientes?

– Nomes, hábitos, confidências.

– Um verdadeiro tesouro!

– Se me deixarem em paz, nem sequer lhe toco. Quando for velhinha, hei-de reler as minhas recordações.

Suti coloca-se em cima dela.

– Sou um curioso de gema. Dá-me pelo menos um nome.

– Impossível.

– Diz-me a mim, só a mim.

O jovem beijou-lhe a ponta dos seios. Estremecendo, ela entregou-se.

– Um nome, só um.

– Podia falar-te de um modelo de virtude. Mas quando divulgar os seus vícios, a carreira dele estará acabada.

– Como se chama?

– Paser.

Suti afastou-se do corpo suntuoso da amante.

– Que te mandaram fazer?

– Espalhar boatos.

– Conheces esse tal homem?

– Nunca o vi mais gordo.

– Estás enganada.

– Como assim?

– Paser é o meu melhor amigo. Está aqui esta noite. Não só sonha com a mulher que ama, mas também com a causa que defende. Quem te mandou sujar o nome dele?

Sababu ficou calada.

– Paser é um juiz – retomou Suti. – É o juiz mais honesto que conheço. Não o calunies. És demasiado poderosa para ficares preocupada.

– Não te prometo nada.

CAPÍTULO 17

Sentados lado a lado nas margens do Nilo, Paser e Suti assistiram ao alvorecer do novo dia. Vencendo as trevas e a serpente monstruosa que tentara destruí-lo durante a sua noturna viagem, o novo Sol jorrou do deserto, ensanguentando o rio e fazendo estrebuchar os peixes de alegria.

- Consideras-te um juiz sério, Paser?
- De que me acusas?
- Um magistrado que aprecie em excesso a vadiagem arrisca-se a ficar com as ideias baralhadas.
- Foste tu que me levaste àquela taberna. E enquanto tu te divertias, eu pensava nos meus dossiês.
- Ou talvez na tua bem-amada?

O rio cintilava. O sangue da aurora já se esvaía, dando lugar aos dourados da hora primeira.

- Quantas vezes já foste àquele antro de prazeres proibidos?
- Deves estar bêbado, Suti.
- Então nunca tinhas visto a Sababu?
- Claro que não. Nunca.
- No entanto, ela estava pronta a contar a quem a quisesse ouvir que tu estás na lista dos seus melhores clientes.

Paser empalideceu. Preocupava-se mais com o que Néféret pudesse pensar do que com a sua reputação de juiz, que ficaria para sempre arruinada.

- Subornaram-na!
- Evidentemente.
- Mas quem?
- Fizemos amor tão bem, que ela, agradecida, contou-me tudo. Falou-me da conspiração em que a tinham envolvido, mas não me disse o nome do mandatário. Que, no entanto, me parece bem fácil de adivinhar. São os processos habituais de Mentmosé, o chefe da polícia.
- Defender-me-ei.
- Não será preciso. Convenci-a a ficar calada.
- Não nos iludamos, Suti. Ela vai acabar por nos trair, a ti e a mim.
- Não me convences. Aquela garota tem moral.
- Permite-me que duvide.
- Há certas alturas em que uma mulher não mente.

Pouco antes do meio-dia, o juiz Paser bateu à porta da taberna, acompanhado por Kem e pelo babuíno. Assustada, uma jovem núbia escondeu-se debaixo das almofadas, uma das suas colegas, menos medrosa, atreveu-se a enfrentar o magistrado.

- Quero falar com a proprietária.
- Eu sou apenas uma empregada, e...
- Onde está Sababu? Não mintas. O falso testemunho é punido com prisão.
- Se te contar, ela vai bater-me.
- E se te calares, acuso-te de obstrução à justiça.
- Mas eu não fiz mal nenhum!
- Ainda não te acusei, vá, diga-me a verdade.
- Partiu para Tebas.
- Tens o endereço?
- Não.
- Quando volta?
- Não sei.

Era óbvio que a prostituta tinha preferido fugir e esconder-se em outro lugar.

De agora em diante, o juiz não podia dar qualquer passo em falso. Na sombra, conspiravam contra ele. Alguém, sem dúvida Mentmosé, dera dinheiro a Sababu para caluniá-lo, se a prostituta cedera às ameaças, não hesitaria em difamá-lo. Se o juiz ainda gozava de uma reputação sem mácula, isso devia-se apenas ao poder de sedução de Suti.

Por vezes, pensou Paser, o deboche não é inteiramente condenável.

Depois de longa reflexão, o chefe da polícia tomara uma decisão que teria graves consequências: pedir uma audiência privada ao vizir Bagey. Nervoso, ensaiou várias vezes o seu discurso diante de um espelho de cobre, estudando minuciosamente a expressão do rosto. Conhecia melhor que ninguém a intransigência do primeiro-ministro do Egito. Parco nas palavras, Bagey tinha horror a perder tempo. As suas funções obrigavam-no a ouvir todas as queixas, de quem quer que elas viessem, desde que tivessem fundamento, os inoportunos, os fingidores e os mentirosos lamentavam amargamente terem se dado ao trabalho. Diante do vizir, cada palavra, cada atitude tinha o seu peso certo.

Mentmosé dirigiu-se ao palácio ao fim da manhã. Às sete horas, Bagey estivera reunido com o rei, em seguida, dera as suas diretivas aos seus principais colaboradores e consultara os relatórios chegados das províncias. Depois dera início à sua audiência diária, durante a qual foram tratadas múltiplas questões que os outros tribunais não haviam podido resolver. Antes de tomar um pequeno-almoço frugal, o vizir concedia algumas audiências privadas, sempre que a urgência o justificava.

Recebeu o chefe da polícia num escritório austero, cuja decoração despojada não refletia a elevação do seu cargo: cadeira de espartilho alto, uma esteira, baús e estantes com papéis. As pessoas poderiam pensar estar diante de um simples escriba, se Bagey não envergasse uma longa veste de um pesado tecido, ficando apenas com os ombros a descoberto. Ao pescoço, um colar de onde pendia um enorme coração de cobre, evocativo da sua inesgotável capacidade para ouvir queixas e reclamações.

Alto, curvado, de rosto comprido e dominado por um nariz proeminente, cabelos encaracolados e olhos azuis, o vizir Bagey, de sessenta anos de idade, era um homem de rija ténpera. Nunca tinha praticado esporte algum, e a sua pele detestava o sol. As suas mãos, finas e elegantes, tinham jeito para o desenho, depois de ter sido artesão, passara a ser professor na sala da escrita e, mais tarde, tornara-se um famoso geómetra, tendo dado nessa especialidade provas de um rigor inultrapassável. Tornando-se notado no palácio, fora nomeado chefe dos geómetras, juiz principal da província de Mênfis, deão do pórtico e por fim vizir. Muitos foram os que tentaram, em vão, apanhá-lo em falta, temido e respeitado, Bagey entrava na linhagem dos grandes vizires que, desde Imhotep, mantinham o Egito no rumo certo. Se por vezes lhe censuravam a severidade dos seus julgamentos, e a inflexibilidade das sentenças, ninguém podia contestar a sua justiça.

Até o momento, Mentmosé havia-se contentado em obedecer às ordens do vizir e procurava não lhe desagradar. O encontro desta manhã deixava-o pouco à vontade.

O vizir, fatigado, parecia dormir.

– Sou todo ouvidos, Mentmosé. Seja breve.

– Não é assim tão simples...

– Trata de simplificar.

– Vários veteranos encontraram a morte num acidente, ao caírem da grande esfinge.

– Foi aberto inquérito administrativo?

– O exército encarregou-se disso.

– Anomalias?

– Aparentemente, não. Não consultei os documentos oficiais, mas...

– Mas os teus contatos permitiram-te conheceres o seu conteúdo. Isso não é lá muito regular, Mentmosé.

O chefe da polícia temia esta investida.

– São hábitos velhos.

– Que devíamos modificar. Se não existe nenhuma anomalia, qual a razão da tua visita?

– O juiz Paser.

– Trata-se de algum magistrado indigno?

A voz de Mentmosé tornou-se mais nasalada.

– Não se trata propriamente de uma acusação, é antes o seu comportamento que me inquieta.

– Estará ele a infringir a lei?

– Está convencido de que o desaparecimento do guardião-mor, um veterano de excelente reputação, se deu em circunstâncias anormais.

– Tem provas?

– Nenhuma. É minha convicção que este jovem juiz pretende fomentar uma certa agitação, para forjar uma reputação, o que é, a meu ver, uma atitude deplorável.

– Estou a ficar interessado, Mentmosé. E a tua opinião sobre tudo isto, qual é?

– A minha opinião não vale nada.

– Pelo contrário. Estou impaciente por conhecê-la.

A armadilha estava montada. O chefe da polícia temia comprometer-se de uma maneira ou de outra, para não poder ser acusado de ter tomado esta ou aquela posição.

O vizir abriu os olhos. O seu olhar, azul e gelado, traspassava a alma.

– É provável que não haja mistério nenhum à volta da morte destes infelizes, mas conheço muito mal o dossiê, para poder pronunciar-me de forma definitiva.

– Se até o próprio chefe da polícia tem dúvidas, porque não as há-de ter um juiz? O seu primeiro dever é não aceitar verdades acabadas.

– Bem entendido – murmurou Mentmosé.

– Não se nomeia um incompetente para juiz de Mênfis, Paser foi certamente escolhido pelas suas qualidades.

– O ambiente da grande cidade, a ambição, o excesso de poder... Não serão responsabilidades pesadas de mais para um homem tão jovem?

– Veremos – rematou o vizir. – Se for caso disso, demiti-lo-ei. Entretanto, deixemo-lo continuar. Conto consigo para ajudá-lo.

Bagey encostou a cabeça para trás e fechou os olhos. Convencido de que ele o observava por trás das pálpebras semicerradas, Mentmosé levantou-se, fez uma vênia e saiu, reservando a raiva que sentia para os seus servidores.

Bem constituído, vigoroso, com a pele bronzeada, o juiz Paser pouco depois do alvorecer. Sentou-se em frente à porta fechada, ao lado de *Vento do Norte*. Um burro, pensava ele. Ajudá-lo-ia a carregar os fardos mais pesados e libertaria as suas costas cansadas do peso dos cântaros de água que tinha de acarretar, um a um, para regar o jardim. Como *Vento do Norte* arrebitasse as orelhas, falou-lhe dos dias que corriam eternamente iguais, do seu amor pela terra, do zelo com que abria os regos de irrigação, do prazer que lhe dava ver as plantas crescerem.

As suas confidências foram interrompidas por Paser, que se aproximou em passo lesto.

– Kani... desejas falar comigo?

O jardineiro aquiesceu.

– Entra.

Kani hesitou. O escritório do juiz amedrontava-o, tal como a cidade. Sentia-se pouco à vontade longe do campo. Eram os barulhos da cidade, os cheiros nauseabundos, os horizontes limitados. Se o seu futuro não estivesse em jogo, jamais se teria aventurado pelas ruelas de Mênfis.

Perdi-me dez vezes, até chegar aqui – explicou.

– Novos problemas com Qadash?

– Sim.

– De que te acusa ele agora?

– Quero vir embora e ele não deixa.

– Vir embora?

– Este ano, o meu jardim produziu três vezes mais legumes do que a quantidade fixada. Por conseguinte, posso tornar-me trabalhador independente.

– Isso é de lei.

– Mas Qadash não o admite.

– Explica-me como é o teu terreno.

O médico-chefe recebeu Néféret no parque sombreado de árvores do seu suntuoso palacete. Sentado sob uma acácia em flor bebia um vinho rosado, fresco e leve. Um servo abanava-o.

– Bela Néféret, como estou contente por te ver!

A jovem vestia com sobriedade e trazia uma peruca curta, à moda antiga.

– Que austeridade no trajar! Essas vestes não te parecem já fora de moda?

– Interrompeste-me a meio do meu trabalho no laboratório, gostaria de saber o motivo da tua convocação.

Nébamon mandou o servo retirar-se. Confiante no seu poder de sedução, convencido de que a grande beleza dos lugares encantaria Néféret, estava decidido a dar-lhe uma última oportunidade.

– Não pareces gostar muito de mim.

–guardo a tua resposta.

– Saboreia este dia magnífico, este vinho delicioso, este paraíso em que vivemos. És bela e inteligente, mais dotada para a medicina que o mais galardoado dos nossos médicos. Mas falta-te a fortuna e a experiência, se eu não te ajudar, acabarás a vegetar numa aldeola qualquer. A princípio, a tua força moral ajudar-te-á a venceres a prova, mas, com o avançar dos anos, vais arrepende-te desta tua pretensa pureza de princípios. Uma carreira não se constrói sobre um ideal, Néféret.

De braços cruzados, a jovem contemplava o lago, onde os patos se divertiam entre as flores de lótus.

– Aprenderás a amar-me, a mim e ao meu carácter.

– As tuas ambições não me interessam.

– És digna de seres a esposa do médico-chefe da corte.

– Desilude-te.

– Conheço bem as mulheres.

– Tens assim tanto certeza?

O sorriso sedutor de Nébamon crispou-se subitamente.

– Não estarás a esquecer-te de que o teu futuro está nas minhas mãos?

– O meu futuro está nas mãos dos deuses, não nas tuas.

Nébamon levantou-se, carrancudo.

– Deixa os deuses em paz e pensa antes em mim.

– Não contes com isso.

– Este é o meu último aviso.

– Posso voltar para o laboratório?

– Segundo os relatórios que acabei de receber, os teus conhecimentos de farmacologia deixam muito a desejar.

Néféret não perdeu a compostura, descruzou os braços e fitou o seu acusador.

– Sabes bem que isso é falso.

– Os relatórios são oficiais.

– E quem os fez?

– Farmacêuticos que prezam o lugar que ocupam e que merecem ser recompensados pela sua vigilância. Se não és capaz de preparar remédios complicados, não tenho o direito de te integrar num corpo de elite. E julgo que sabes o que isso significa? Significa a impossibilidade de subires na hierarquia. A tua carreira estagnar-se-á, se não puderes usar os melhores produtos dos laboratórios, uma vez que a sua distribuição é do meu pelouro, o acesso a eles ser-te-á interdito.

– São os doentes que condenas.

– Entregarás os teus doentes a colegas mais competentes do que tu. E quando a mediocridade da tua existência se tornar demasiado pesada, vir-te-ás lançar aos meus pés.

A liteira de Denes acabava de deixá-lo diante da porta do palacete de Qadash precisamente no momento em que o juiz Paser se dirigia ao guarda do portão.

- Dores de dentes? – perguntou o transportador.
- Assunto jurídico.
- Tanto melhor! Eu cá sofro das gengivas, tenho os dentes todos a abanar. Qadash está em maus lençóis?
- Uma simples questão de pormenor.

O dentista das mãos vermelhas saudou os clientes.

- Por quem devo começar?
- Denes é teu cliente, quanto a mim, estou aqui para resolver a questão de Kani.
- O meu jardineiro?
- Já não é teu jardineiro. O trabalho desenvolvido dá-lhe direito à independência.
- Balelas! Ele é meu empregado e vai continuar a sê-lo.
- Põe a assinatura neste documento.
- De maneira nenhuma.

A voz de Qadash vacilava.

- Nesse caso, vou abrir-te um processo.

Denes interveio.

- Não percamos a calma! Deixa lá o jardineiro ir embora, Qadash, eu arranjo-te outro.
- É uma questão de princípio – protestou o dentista.
- Antes um bom acordo que um mau processo! Esquece esse Kani.

Contrariado, Qadash seguiu os conselhos de Denes.

Letópolis era uma cidadezinha do Delta rodeada de searas de trigo, o seu colégio de sacerdotes era consagrado aos mistérios do deus Hórus, o falcão alado, cujas asas abarcavam o cosmos.

Néféret foi recebida pelo sumo-sacerdote, um amigo de Branir, de quem ela não ocultara a sua exclusão do corpo oficial de médicos. O alto dignitário conduziu-a à capela onde se encontrava a estátua de Anúbis, o deus com corpo de homem e cabeça de chacal, que revelara aos homens os segredos da mumificação e franqueava às almas dos justos as portas do outro mundo. Era ele quem transformava a carne inerte em corpo de luz.

Néféret contornou a estátua, na coluna traseira, estava inscrito um longo texto hieroglífico, verdadeiro tratado de medicina consagrado ao tratamento das doenças infecciosas e à purificação da linfa. Néféret gravou-o na memória. Branir tinha decidido transmitir-lhe uma arte de curar à qual Nébamón jamais teria acesso.

O dia havia sido esgotante.

Paser estava estendido no terraço de Branir a gozar a paz do entardecer. *Bravo*, que tinha ficado de vigia no escritório, entregava-se, também, a um merecido repouso. A luz extinguia-se no firmamento, até aos confins do céu.

- Fizeste progressos no teu inquérito? – perguntou Branir.
- O exército está a tentar travá-lo. Além disso, há uma conspiração contra mim.
- Quem é o instigador?
- Só pode ser o general Asher.
- Nada de ideias pré-concebidas.

– Uma avalanche de documentos administrativos a que tenho de dar despacho impede-me de sair do escritório. O responsável deve ser Mentmosé. Tive de desistir da viagem que tinha planejado.

- O chefe da polícia é uma personagem temível. Destruí muitas carreiras para fazer a sua.
- Pelo menos fiz alguém feliz, o jardineiro Kani! Tornou-se trabalhador livre e já deixou Mênfis em direção ao Sul.
- Era um dos meus fornecedores de plantas medicinais. Um homem difícil, mas que gosta do seu ofício. Qadash não deve ter gostado nada da tua intervenção.
- Seguiu os conselhos de Denes e curvou-se perante a lei.
- A prudência a isso o obrigou.

- Denes finge ter aprendido a lição.
- Ele é um comerciante.
- Acreditas na sinceridade da sua transformação?
- A maioria dos homens comportam-se de acordo com os seus interesses.
- Tornaste a ver Néféret?
- Nébamon não abranda o cerco. Propôs-lhe casamento.

Paser empalideceu. *Bravo*, percebendo o embaraço do dono, ergueu os olhos para ele.

- E ela... recusou?
- Néféret é terna e doce, mas ninguém a consegue obrigar a agir contra vontade.
- Então recusou, não foi?

Branir sorriu.

- Consegues imaginar, por um momento que seja, um casal formado por Nébamon e Néféret?

Paser não escondeu o alívio que sentia. Tranquilizado, o cão voltou a adormecer.

– Nébamon quer dominá-la – continuou Branir. – Com base em relatórios falsos, decretou a sua incompetência e expulsou-a do corpo oficial dos médicos.

O juiz cerrou os punhos.

- Destruirei esses falsos testemunhos.

Não tens qualquer chance, há muitos médicos e farmacêuticos a soldo de Nébamon que confirmarão todas as mentiras.

- Ela deve estar desesperada.
- Decidiu sair de Mênfis e instalar-se numa aldeia perto de Tebas.

CAPÍTULO 18

– Vamos partir para Tebas – anunciou Paser a *Vento do Norte*.

O burro recebeu a notícia com satisfação. Quando o escrivão Larrot percebeu os preparativos para a viagem, mostrou-se inquieto.

– Vai ser longa a ausência?

– Não faço idéia.

– Onde poderei encontrar-te, em caso de necessidade?

– Os documentos terão de esperar.

– Mas...

– E vê se és pontual. A tua filha não sofrerá com isso.

Kem morava perto do arsenal, num prédio de dois andares dividido em apartamentos de duas ou três divisões. O juiz tinha escolhido o dia de repouso do núbio para a visita, pois decerto estaria em casa.

O babuíno, de olhar fixo, veio abrir a porta.

A sala principal estava repleta de facas, lanças e fundas. O polícia consertava um arco.

– Tu, aqui?

– Tens o saco pronto?

– Não tinhas desistido de viajar?

– Mudei de idéia.

– Às tuas ordens.

Funda, lança, punhal, clava, bastão, machado, escudo retangular de madeira: em três dias, Suti tinha aprendido a manejar todas estas armas com grande destreza. Para atrair a atenção dos oficiais encarregados de alistar os futuros recrutas, dera mostras da segurança de um soldado já calejado.

No fim das provas, os candidatos à vida militar foram reunidos na parada do quartel-general de Mênfis. A um dos lados, erguiam-se os estábulos, de onde os cavalos assistiam ao espectáculo, ao centro havia um enorme reservatório de água.

Suti visitara as cavaleriças, construídas com chão de saibro retalhado de regos por onde escorriam as águas das lavagens. Os cavaleiros e os condutores enfeitavam os cavalos, bem alimentados, limpos, bem tratados, viviam com todo o conforto e higiene. O jovem ficara também muito bem impressionado com as casernas dos soldados, abrigadas à sombra de uma fiada de árvores.

Mas continuava a ser alérgico à disciplina. Três dias de ordens e de berros dos militares de baixa patente acabaram com o fascínio da aventura e dos uniformes.

A cerimônia de recrutamento desenrolava-se segundo regras precisas, dirigindo-se aos voluntários, um graduado tentava convencê-los, descrevendo-lhes as alegrias que os esperavam nas fileiras do exército. Segurança, respeitabilidade, uma reforma confortável figuravam entre as vantagens principais. Os porta-insígnias mantinham bem alto os estandartes dos regimentos principais, dedicados aos deuses Amon, Ra, Ptah e Seth. Um escriba real preparava-se para inscrever nos registros os nomes dos alistados. Por trás dele, amontoavam-se cabazes cheios de vitualhas, os generais iriam oferecer um banquete onde seriam servidos bois, aves, legumes e frutos.

– A vida está para nós – murmurou um dos companheiros de Suti

– Para mim, não.

– Vais renunciar?

– Prefiro a minha liberdade.

– Estás louco! Segundo o capitão, foste o mais bem classificado nos treinos, ias apanhar logo um bom posto

– Ando à procura da aventura, não do recrutamento.

– No teu lugar, eu pensava melhor.

Um mensageiro do palácio, munido de um papiro, atravessou a parada. Ia apressado. Mostrou o documento ao escriba real. Este levantou-se e distribuiu algumas ordens breves. Em menos de um minuto todos os portões do quartel foram fechados.

Um sussurro elevou-se entre os voluntários.

– Tenham calma – ordenou o oficial que fizera o discurso encomiástico. – Acabamos de receber instruções. Por decreto do faraó, estão todos alistados. Uns irão para os quartéis da província, outros partirão amanhã para a Ásia.

– Estado de lugar, ou então guerra – comentou o companheiro de Suti.

– E eu ralado.

– Não te armes em parvo. Se tentares fugir, serás considerado desertor.

Era com efeito um argumento de peso Suti avaliou as hipóteses de saltar o muro e desaparecer nas ruínas da vizinhança: nenhuma. Aquilo ali não era a escola dos escribas, mas um quartel apinhado de arqueiros e lanceiros.

Um a um, os recrutas desfilaram perante o escriba real. Tal como os outros militares, trocaram o sorriso esperançado por uma expressão determinada.

– Suti... excelentes resultados. Destacamento: exército da Ásia. Serás arqueiro, às ordens do oficial-condutor. Partes amanhã de madrugada. O seguinte.

Suti viu o seu nome ser inscrito numa tabuinha. Por ora era impossível desertar, a menos que quisesse refugiar-se no estrangeiro e não mais voltar ao Egito, nem a ver Paser. Estava condenado a ser um herói.

– Irei ficar sob as ordens do general Asher?

O escriba ergueu para ele uns olhos irados.

– Eu disse: o seguinte.

Suti recebeu uma camisa, uma túnica, um manto, uma couraça, perneiras de couro, um capacete, uma machadinha de lâmina dupla, e um arco de madeira de acácia, bastante mais grosso no centro do que nas extremidades. Com um metro e sessenta e cinco de altura, o que o tornava difícil de manejar, o arco lançava flechas a uma distância de sessenta metros em tiro reto, e a cento e oitenta metros em tiro parabólico.

– E o banquete?

– Têm pão, meio quilo de carne seca, azeite, e figos – respondeu o oficial da intendência. – Come, bebe água da cisterna e dorme, que amanhã vais é comer poeira.

No barco que se dirigia para o sul, não se falava de mais nada a não ser do decreto de Ramsés, o *Grande*, amplamente divulgado por muitos arautos. O faraó tinha mandado purificar todos os templos, avaliar todos os tesouros do país, inventariar o conteúdo dos celeiros e depósitos públicos, duplicar as oferendas aos deuses e preparar uma expedição militar à Ásia.

Os boatos tinham exagerado as notícias, e já se falava de desastre iminente, de motins armados nas cidades, revoltas nas províncias, e uma invasão hitita para breve. Paser, como todos os outros juizes, deveria zelar pela manutenção da ordem pública.

– Não teria sido melhor termos ficado em Mênfis? – perguntou Kem.

– A nossa viagem será breve. Os alvazires das aldeias dir-nos-ão que os dois veteranos, vítimas de um acidente, foram mumificados e inumados.

– Não estás nada otimista.

– Cinco quedas fatais: eis a verdade oficial.

– Mas tu não acreditas.

– E tu?

– Que importa isso agora? Se a guerra rebentar, serei chamado outra vez.

– Ramsés preza a paz com os Hititas e os principados da Ásia.

– Mas eles jamais renunciarão a invadir o Egito.

– O nosso exército é muito forte.

– Porquê esta expedição neste momento, e estas medidas tão estranhas?

– Estou perplexo. Talvez seja um problema de segurança interna.

– O país é rico e feliz, o rei se beneficia do afeto do povo, cada um tem o que precisa, as estradas são seguras. Nenhuma desordem nos ameaça.

– Tens toda a razão, mas o faraó parece não ser bem da mesma opinião.

O vento fustigava-lhes as faces, de vela descida, o barco deixava-se ir na corrente. Dezenas de outras embarcações cruzavam o

Nilo nos dois sentidos, obrigando o capitão e a tripulação a uma vigilância permanente.

Quando estavam a cerca de cem quilômetros a sul de Mênfis, uma vedeta rápida da polícia fluvial colocou-se a par deles e ordenou-lhes que abrandassem. Um polícia agarrou-se às amarras e saltou para a ponte.

– O juiz Paser encontra-se entre os passageiros?

– Estou aqui.

– Tenho de te levar de volta a Mênfis.

– Qual a razão?

– Foi feita uma queixa contra ti.

Suti foi o último a levantar-se e a vestir o uniforme. O responsável pela caserna empurrou-o para o fazer recuperar o atraso. O jovem tinha sonhado com Sababu, com as suas carícias e os seus beijos. Ela havia-lhe proporcionado prazeres insuspeitados que ele estava decidido a explorar de novo sem perda de tempo. Sob o olhar invejoso dos outros recrutas, Suti subiu para um carro de assalto, obedecendo às ordens de um tenente de cerca de quarenta anos e musculatura impressionante que o chamara lá de cima.

– Agarra-te, rapaz, recomendou-lhe ele com voz grave. – Mal dando tempo a Suti de passar a mão esquerda por uma alça de couro, o tenente meteu os cavalos a toda a velocidade. O carro foi o primeiro a sair do quartel, lançando-se rumo ao norte.

– Já combateste, rapaz?

– Só contra os escribas.

– E mataste-os?

– Acho que não.

– Não desespere: vou dar-te coisa melhor.

– Para onde vamos?

– Sempre em frente, direito ao inimigo! Atravessamos o Delta, metemos ao longo da costa, e vamos dar uns safanões ao sírio e ao hitita. Cá a mim, este decreto cheira-me muito bem. Já há muito tempo que não espezinhava um destes bárbaros. Prepara o arco.

– Não seria melhor abrandar um pouco?

– Um bom arqueiro atinge o alvo nas piores condições.

– E se eu falhar?

– Corto a correia que te prende ao carro e faço-te morder o pó.

– És um duro.

– Dez campanhas na Ásia, cinco ferimentos, recebi por duas vezes o ouro dos *bravos* como recompensa, e o próprio Ramsés me felicitou, achas que chega?

– Nem sequer uma margem de erro?

– Ou ganhas, ou perdes.

Tornar-se um herói parecia mais difícil que o previsto. Suti respirou fundo, vergou o arco o mais que pôde, esqueceu o carro, os solavancos, a estrada irregular.

– Acerta naquela árvore, lá adiante!

A flecha partiu em direção ao céu, descreveu uma curva graciosa e cravou-se no tronco da acácia ao pé da qual o carro passou a alta velocidade.

– *Bravo*, rapaz!

Suti soltou um longo suspiro.

– De quantos arqueiros já te desembaraçaste?

– Já lhes perdi a conta! Tenho horror a incompetentes. Esta noite convido-te para um copo.

– Na tenda?

– Os oficiais e os seus impedidos têm direito ao albergue.

– E... a mulheres?

O tenente respondeu a Suti dando-lhe uma formidável palmada nas costas.

– Ah, meu danado! Foste mesmo feito para o exército. Primeiro bebemos e, depois, toca a farrear até o dinheiro acabar.

Suti abraçou-se ao arco. A sorte continuava do seu lado.

Paser havia subestimado a capacidade de reação dos seus inimigos. Por um lado, queriam impedi-lo de sair de Mênfis e prosseguir o seu inquérito em Tebas, por outro, retirar-lhe o cargo de juiz, para acabar de vez com as investigações, pois Paser tentava desvendar o mistério de um assassinio, ou melhor, de vários.

– Tarde demais, porém.

Como ele temia, Sababu, amante do chefe da polícia, acusara-o de deboche, e a corporação dos magistrados consideraria a vida dissoluta de Paser incompatível com a sua função.

Kem entrou no escritório de cabeça baixa.

– Conseguiu desencantar Suti?

– Foi incorporado no exército da Ásia.

– Já partiu?

– Como arqueiro de um carro de combate.

– Então fiquei sem a minha única testemunha abonatória.

– Eu posso substituí-lo.

– Não posso aceitar, Kem. Vão provar que não estavas na casa de Sababu e serás condenado por falso testemunho.

– Ver-te caluniado desta maneira deixa-me revoltado!

– Fiz mal em ter levantado a ponta do véu.

– Se nem mesmo um juiz, pode proclamar a verdade, para que serve viver?

A desolação do núbio era tocante.

– Não vou desistir, Kem, mas não tenho nenhuma prova.

– Eles acabam por te calar a boca.

– Não me calarei.

– Estarei ao teu lado, com o meu babuíno.

Os dois homens abraçaram-se.

O julgamento decorreu sob o pórtico de madeira construído diante do palácio, dois dias depois do regresso do juiz Paser. A rapidez do processo era justificada pela personalidade do acusado, uma suspeita de violação da lei por um magistrado tinha de ser alvo de um exame imediato.

Paser não esperava qualquer indulgência por parte do deão do pórtico, ficou, no entanto, estupefato com a amplitude da conspiração ao saber quem eram os membros do júri: o transportador Denes, a sua mulher, Nénophar, o chefe da polícia, Mentmosé, um escriba do palácio e um sacerdote do templo de Ptah. Os seus inimigos representavam a maioria, ou talvez a unanimidade, se o escriba e o sacerdote não passassem de mais dois comparsas.

De cabeça rapada, tanga em forma de avental, e rosto crispado, o deão do pórtico estava sentado ao fundo da sala de audiências. A seus pés, um côvado em madeira de sicómoro evocava a presença de Maât. Os jurados estavam de pé à sua esquerda, à sua direita estava um escrivão. Atrás de Paser, uma multidão de curiosos.

– És o juiz Paser?

– Com jurisdição em Mênfis.

– Entre o teu pessoal, figura um escrivão chamado Larrot.

– Exatamente.

– Que entre a queixosa.

Larrot e Sababu: uma aliança imprevista! Fora então traído pelo seu colaborador mais próximo.

Todavia, não foi Sababu que entrou na sala, mas sim uma morena de pernas curtas, de formas arredondadas e com a ingratidão estampada no rosto.

– És a esposa do escrivão Larrot?

– Sou eu, sim – disse ela com voz áspera e nada inteligente.

– Estás a prestar declarações sob juramento. Faz as tuas acusações.

– O meu marido bebe cerveja... muita cerveja... sobretudo à noite. De há uma semana para cá, insulta-me e bate-me na presença da nossa filha. Ela anda assustada, coitadinha. Fiquei toda marcada, mas um médico fez desaparecer as nódoas negras.

– Conheces o juiz Paser?

– Só de nome.

– Que vens pedir ao tribunal?

– Que o meu marido e o seu patrão, responsável pela sua conduta imoral, sejam condenados. Quero dois vestidos novos, dez sacos de milho e cinco gansos assados. E exijo o dobro se Larrot voltar a bater-me.

Paser estava estupefato.

– Que se apresente o principal acusado.

Contrito, Larrot obedeceu. Com as faces mais vermelhas que o habitual, apresentou uma defesa atabalhoada.

– A minha mulher provoca-me, recusa-se a cozinhar para mim. Bati-lhe sem querer. Foi uma reação impensada. Precisam entender: o juiz Paser mata-me de trabalho, os horários são muito duros, a quantidade de assuntos a tratar justificaria a presença de mais um escriba.

– Alguma objeção, juiz Paser?

– Estas afirmações não correspondem à verdade. Temos muito trabalho, é verdade, mas sempre respeitei a personalidade do escriba Larrot, sempre entendi os seus problemas familiares, e estipulei-lhe um horário leve.

– Quem pode testemunhar a teu favor?

– Os vizinhos, julgo eu.

O deão do pórtico dirigiu-se a Larrot.

– Queres que os faça comparecer perante o tribunal, e queres contestar a opinião do juiz Paser?

– Não, não... Mas, seja como for, não deixo de ter razão.

– Juiz Paser, tinhas conhecimento de que o teu escrivão batia na esposa?

– Não.

– Mas tu és responsável pela conduta moral do teu pessoal.

– Não o nego.

– Por negligência, não verificaste as qualidades morais de Larrot.

– Não tive tempo para fazê-lo.

– Negligência é o termo exato.

O deão do pórtico tinha Paser à sua mercê. Perguntou aos protagonistas se desejavam acrescentar mais alguma coisa, só a mulher de Larrot, excitadíssima, reiterou as acusações.

O júri reuniu-se.

Paser sentia quase vontade de rir. Como poderia ele imaginar que ia ser condenado por causa de uma desavença conjugal? A covardia de Larrot e a estupidez da sua mulher constituíam armadilhas imprevisíveis, a serviço dos seus adversários. Os procedimentos jurídicos seriam respeitados, e o jovem juiz seria afastado sem recurso à violência.

O júri demorou menos de uma hora a deliberar.

O deão do pórtico, sempre carrancudo, transmitiu o resultado.

– Por unanimidade, o escrivão é declarado culpado de má conduta para com a sua esposa. É condenado a oferecer à vítima o que ela pede e a receber trinta bastonadas. Se reincidir, o divórcio será imediatamente declarado a expensas suas. O acusado deseja protestar contra a sentença?

Satisfeito por se livrar da situação com uma pena tão leve, Larrot submeteu as costas ao castigo. O direito egípcio não se compadecia dos homens que usavam de brutalidade para com as mulheres. O escrivão gemia e lamentava-se, um polícia levou-o para a enfermaria da esquadra.

– Por unanimidade, – continuou o deão do pórtico, – o juiz Paser é declarado inocente. O tribunal recomenda-lhe que não demita o seu escriba e que lhe dê uma oportunidade de se emendar.

Mentmosé limitou-se a cumprimentar Paser, apressado, ia fazer parte de um outro júri formado para julgar um ladrão. Denes e a esposa felicitaram o magistrado.

– Uma acusação grotesca – sublinhou Nénophar, cujo vestido multicolor faria tema de conversa da cidade.

– Não importa que tribunal te absolveu – afirmou Denes, enfático. – Precisamos de um juiz como tu aqui em Mênfis.

– É verdade – reconheceu Nénophar. – O comércio só se pode desenvolver numa sociedade justa e em paz. A tua firmeza impressionou-nos muito, nós apreciamos um homem de coragem. De hoje em diante, iremos consultar-te sempre que surja alguma dúvida jurídica nos nossos negócios.

CAPÍTULO 19

Depois de uma viagem rápida e tranquila, o barco que transportava o juiz Paser, o seu burro, o seu cão, Kem, o babuíno-polícia e mais alguns passageiros, chegou à vista de Tebas.

Fez-se silêncio.

Na margem esquerda, os templos de Carnaque e Luxor ostentavam a sua arquitetura divina. Por trás dos muros altos, ao abrigo dos olhares profanos, um pequeno grupo de homens e mulheres celebravam as divindades, para que se deixassem ficar na terra. Acácias e tamarindos sombreavam as alamedas cheias de carneiros, que conduziam às colunatas, portas monumentais de acesso aos santuários.

Desta vez, a polícia fluvial não tinha interceptado o barco. Paser reencontrava com grande alegria a sua província natal, desde que partira, havia passado duras provas, amadurecido e, sobretudo, descoberto o amor. Nem por um instante conseguia deixar de pensar em Néféret. Perdera o apetite e tinha cada vez maior dificuldade para se concentrar, passava as noites acordado, à espera de vê-la surgir da penumbra a todo o momento. Apático, mergulhava pouco a pouco num vazio que o devorava por dentro. Só a mulher amada poderia curá-lo, mas seria ela capaz de identificar a doença que o afligia? Nem os deuses nem os sacerdotes lhe podiam restituir o gosto pela vida, não havia triunfo capaz de lhe mitigar o sofrimento, leitura capaz de acalmá-lo.

Tebas, onde Néféret se escondia, era a sua última esperança.

Paser já não tinha esperanças no êxito das suas investigações. Desiludido, sabia que o plano tinha sido traçado até à perfeição. Fossem quais fossem as suas suspeitas, jamais conheceria a verdade. Precisamente antes da partida, teve conhecimento da inumação da múmia do guardião-mor da esfinge. Como não se sabia quanto tempo demoraria a missão do general Asher na Ásia, as autoridades militares tinham achado melhor não atrasar por mais tempo os funerais. Tratar-se-ia do corpo do veterano, ou de um outro cadáver? Estaria o desaparecido ainda vivo e escondido em qualquer lugar?

Paser continuaria para sempre na dúvida.

O barco acostou a pouca distância do templo de Luxor.

– Estamos a ser observados – avisou Kem. – Um homem, ainda muito novo, ali na popa. Foi o último a embarcar.

– Embrenhemo-nos na cidade, logo veremos se ele vem atrás de nós.

O homem não os largou.

– Mentmosé?

– Provavelmente.

– Queres que o despiste?

– Tenho uma ideia melhor.

– O juiz apresentou-se no posto da polícia principal, onde foi atendido por um funcionário obeso cujo escritório estava repleto de pequenos cestos com frutos e bolos.

– Não nasceste nesta região?

– Nasci, sim. Numa aldeia da margem ocidental. Fui nomeado para Mênfis, onde tive o privilégio de conhecer Mentmosé, um seu superior.

– E agora voltaste.

– Mas só por pouco tempo.

– Férias ou trabalho?

– Venho tratar do imposto sobre a lenha. Os apontamentos que o meu antecessor deixou sobre o assunto são pouco precisos.

O obeso engoliu algumas passas.

– Há falta de combustível em Mênfis?

– Certamente não, o Inverno foi ameno, e não esgotamos as nossas reservas de lenha para o aquecimento. Mas o serviço rotativo de podadores não me parece muito bem organizado: há muitos menfitas e poucos tebanos. Queria consultar as vossas listas, aldeia por aldeia, para detectar possíveis fraudes. Há quem não esteja disposto a apanhar o mato rasteiro, os arbustos e as fibras das palmeiras para levá-los aos centros de seleção e de redistribuição. Não achas que está na hora de intervir?

– Certamente, certamente.

Pelo correio, Mentmosé tinha avisado o responsável da polícia de Tebas da chegada de Paser, descrevendo-o como um juiz temível, colérico e demasiado curioso, mas, em vez desta personagem inquietante, o obeso via na sua frente um magistrado minucioso, preocupado com assuntos de pormenor.

– A comparação das quantidades de árvores abatidas fornecidas pelo Norte e pelo Sul fala por si – continuou Paser. – Em Tebas não cortamos corretamente os troncos das árvores secas. Haverá algum tráfico?

– É possível.

– Não te esqueças de tomar nota do assunto que me traz aqui.

– Está descansado.

Quando o obeso recebeu o jovem polícia encarregado de seguir o juiz Paser, contou-lhe a conversa que tivera e logo os dois polícias concordaram que o magistrado havia esquecido as suas motivações anteriores e preocupava-se apenas com questões de rotina. Era uma atitude sensata que lhes poupava muitas maçadas.

O devorador de sombras desconfiava do macaco e do cão. Sabia até que ponto ia a intuição dos animais, e a sua capacidade para pressentirem as más intenções. Também ele espiava de longe Paser e Kem.

Ao abandonar a perseguição, o outro perseguidor, sem dúvida um agente de Mentmosé, facilitava-lhe a tarefa. Se o juiz se aproximasse do objetivo, o devorador de sombras seria obrigado a intervir, caso contrário, contentar-se-ia em observar.

As ordens eram rigorosas, e ele nunca desobedecia às ordens que recebia. Não mataria sem que isso fosse estritamente necessário. A morte da mulher do guardião-mor devera-se apenas à insistência de Paser.

Depois da tragédia da esfinge, o veterano refugiou-se na pequena aldeia da margem ocidental onde nascera. Aí viveria uma reforma tranquila, depois de ter servido lealmente o exército. A versão do acidente servia-lhe às mil maravilhas. Para quê travar uma batalha perdida na sua idade?

Depois do seu regresso, consertou o forno do pão e abraçou o ofício de padeiro, para grande alegria de toda a aldeia. Depois de ter peneirado o milho para limpá-lo de todas as impurezas, as mulheres partiam-no sobre a mó e trituravam-no num grande almofariz com um pilão. Obtinham assim uma primeira farinha, ainda grosseira, que voltavam a triturar por várias vezes, para a tornarem cada vez mais fina. Umedeciam-na depois com água e preparavam uma massa consistente a que juntavam fermento. Umaz utilizavam uma vasilha de boca larga, onde amassavam a massa, outras colocavam-na sobre uma pedra inclinada, para a água escorrer. Era nesta altura que o padeiro intervinha, cozendo os pães mais simples sobre as brasas, e os mais elaborados num forno composto de três pedras verticais, com uma pedra horizontal em cima, por baixo da qual se fazia uma fogueira. Usava também formas para bolos, com buracos, e placas de pedra onde deitava a massa, de forma a preparar pãezinhos redondos, pães oblongos ou bolachas. Quando as crianças lhe pediam, fazia pães com a forma de um veado deitado, que elas comiam num instante. Na altura da festa de Min, o deus da fecundidade, cozia falos de crosta dourada e miolo muito branco que eram servidos entre espigas de ouro.

Deixara para trás o ruído dos combates e os gritos dos feridos, como lhe sabia bem ouvir o cantar da chama, como ele gostava do toque do pão acabado de fazer! Um caráter autoritário era tudo o que restava do seu passado militar. Assim que punha as pedras a aquecer, mandava sair as mulheres e só admitia a presença do seu ajudante, um rapaz robusto de quinze anos, seu filho adotivo, e que seria seu sucessor.

Naquela manhã o rapaz estava atrasado. O veterano já estava a ficar zangado, quando ouviu passos nas lajes da padaria. O padeiro voltou-se.

– Vou-te... Quem és tu?

– Venho substituir o teu ajudante. Ele está com dores de cabeça.

– Tu não és da aldeia.

– Trabalho com outro padeiro, a meia hora daqui. Foi o chefe da aldeia quem me mandou.

– Então ajuda-me.

Como o forno era fundo, o veterano tinha de lá entrar até à cintura para acomodar o maior número possível de formas e pães, para isso, o ajudante segurava-o pelas coxas, para depois o puxar para trás se alguma coisa corresse mal.

O veterano julgava-se em segurança. Porém, naquele mesmo dia, o juiz Paser visitaria a aldeia, ficaria a conhecer a sua verdadeira identidade e iria interrogá-lo. O devorador de sombras não tinha escolha.

Agarrou o veterano pelos tornozelos, levantou-o do chão e, com todas as suas forças, empurrou-o para dentro do forno.

A entrada do burgo estava deserta. Nem uma mulher na soleira da porta, nem um homem a dormir à sombra de uma árvore.

nem uma criança a brincar com uma boneca de madeira.

O juiz ficou com a certeza de que algo de anormal tinha acontecido, e disse a Kem que não fizesse barulho. O babuíno e o cão olhavam para todos os lados.

Paser percorreu lesto a rua principal, orlada de casas baixas.

À volta do forno encontrava-se a aldeia em peso. As pessoas acotovelavam-se, invocavam os deuses. Um adolescente explicava pela décima vez que tinha levado uma pancada na cabeça ao sair de casa, para vir ajudar o padeiro, seu pai adotivo. Culpava-se pelo horrível acidente e chorava lágrimas amargas.

Paser meteu-se pelo meio da multidão.

– Que aconteceu?

– Foi o nosso padeiro que acabou de morrer de uma maneira horrível, – respondeu o chefe da aldeia. – Deve ter escorregado e caiu para dentro do forno. Geralmente o ajudante segurava-lhe as pernas para evitar que uma desgraça destas acontecesse.

– Tratava-se de um veterano regressado de Mênfis?

– Exatamente.

– Alguém presenciou o... acidente?

– Não. Mas porquê tantas perguntas?

– Sou o juiz Paser e vinha interrogar esse infeliz.

– A que propósito?

– Nada de importância.

Uma mulher histérica puxou Paser pelo braço esquerdo

– Foram os demônios da noite que o mataram, por ele ter aceitado fazer pão, o nosso pão, para Hattusa, a estrangeira que é rainha e senhora do harém.

O juiz afastou-a sem rudeza.

– Já que representas a lei, vinga o nosso padeiro e prende essa diaba!

Paser e Kem almoçaram no campo, junto a um poço. O babuíno ia descascando cebolas doces com toda a delicadeza. Começava a habituar-se à presença do juiz, e mostrava-se menos desconfiado. *Bravo* regalava-se com pão fresco e pepino, e *Vento do Norte* comia luzerna.

O juiz, nervoso, apertava contra si um odre de água fresca.

– Um acidente e cinco vítimas! O exército mentiu, Kem. O relatório é falso.

– Simples erro administrativo.

– Trata-se de um assassinio. Um novo assassinio.

– Não há provas. O padeiro sofreu um acidente. É fato consumado.

– O assassino chegou antes de nós, porque sabia que estávamos a chegar à aldeia. Ninguém podia descobrir o rastro do quarto veterano, ninguém podia meter-se no assunto.

– Não precisas ir mais longe. Vieste parar no meio de um ajuste de contas entre militares.

– Se a justiça se demite das suas responsabilidades, a violência reinará no lugar do faraó.

– E a tua vida, não é mais importante que a lei?

– Não, Kem.

– És o homem mais irredutível que já encontrei.

Como o núbio se enganava! Paser não conseguia afastar Néféret do seu espírito, nem mesmo nestas horas dramáticas. Depois deste episódio que lhe provou que as suas suspeitas eram fundadas, deveria ter-se concentrado no inquérito, mas o amor, violento como o vento suão, tirava-lhe o poder de decisão. Levantando-se, encostou-se ao poço de olhos fechados.

– Sentes-te mal?

– Não é nada. Isto passa.

– O quarto veterano ainda estava vivo – lembrou Kem. – Que seria feito do quinto?

– Se pudéssemos interrogá-lo, desvendariamos o mistério.

– A sua aldeia por certo não fica longe.

– Mas não iremos lá.

O núbio sorriu.

– Estás finalmente a ser razoável!

– Não iremos, porque estamos a ser seguidos e precedidos. Foi por nossa causa que o padreiro morreu. Se o quinto veterano ainda é deste mundo, ir lá, seria condená-lo à morte.

– Que propões então?

– Ainda não sei. Para já, regressemos a Tebas. Aquele ou aqueles que nos espiam julgarão que perdemos o fio à meada.

Paser examinou os resultados do imposto sobre a lenha do ano anterior. O funcionário obeso abriu os arquivos e refrescou-se com sumo de alfarroba. O juizeco não tinha decididamente categoria nenhuma. Enquanto ele consultava uma série de tabuinhas de contabilidade, o funcionário tebano escreveu uma carta a Mentmosé a tranquilizá-lo. Paser não provocaria nenhuma tempestade.

Apesar do quarto confortável que lhe deram, o juiz passou a noite em claro, dilacerado entre a obsessão de ver Néféret outra vez e a necessidade de prosseguir com as investigações. Revê-la para quê, se ele lhe era indiferente, prosseguir as investigações para quê, se o caso já estava encerrado?

Triste com o desespero do dono, *Bravo* foi deitar-se ao seu lado. O seu calor dar-lhe-ia a energia de que ele precisava. O juiz afagou o cão, e pensou nos passeios que dava ao longo do Nilo quando era mais jovem e inocente, convencido de que levava uma existência serena na sua aldeia, onde a única mudança era a alternância das estações. O destino apoderava-se dele com a brutalidade e a violência de uma ave de rapina, renunciando aos sonhos loucos da mocidade, a Néféret, à verdade, não iria ele reencontrar a serenidade de outrora?

Em vão tentava iludir-se. Néféret seria o seu único amor.

A aurora trouxera-lhe uma esperança. Havia um homem que podia ajudá-lo. Assim, dirigiu-se ao cais de Tebas, onde todos os dias se fazia um grande mercado. Mal os produtos eram desembarcados, os comerciantes expunham-nos nas suas bancas. Homens e mulheres montavam as suas lojas ao ar livre, vendendo os mais variados alimentos, tecidos, roupa e mil e um objetos. Sob o teto de junco de uma barraca, alguns marinheiros iam bebendo cerveja e olhando as lindas burguesas que vinham à procura das novidades. Um peixeiro, com um cesto de vimes entrelaçados cheio de percas do Nilo, trocava duas por um pote de unguento, um pasteleiro trocava bolos por um colar e um par de sandálias, um merceeiro trocava favas por uma vassoura. Em cada transação, a discussão decorria animada e terminava sempre em conciliação. Se a causa da discussão era o peso dos produtos, era possível ir pesá-los a uma balança manejada por um escriba.

Finalmente, Paser avistou-o.

Tal como desconfiava, Kani ia ao mercado vender lentilhas, pepinos e pêras.

O babuíno, dando de repente um violento puxão à trela, atirou-se a um ladrão em quem ninguém tinha reparado. O homem, assustado, até deitou ao chão umas alfaces magníficas, mas o macaco abocanhou a coxa do delinquente. Gritando de dor, o ladrão tentou em vão livrar-se do agressor. Quem interveio antes que o babuíno lhe dilacerasse a perna. O ladrão foi depois entregue a dois polícias.

– Não há dúvida de que és o meu protetor – constatou Kani.

– Preciso da tua ajuda, Kani.

– Dentro de duas horas já devo ter vendido tudo e então poderemos ir para minha casa.

A horta estava enfeitada com bordaduras de centáureas, mandrágoras e crisântemos, que Kani tinha disposto geometricamente à volta das parcelas cultivadas. Em cada uma, um legume diferente: favas, grão-de-bico, lentilhas, pepinos, cebolas, alhos-porros, alface, funcho. Ao fundo do quintal, um pequeno palmeiral protegia-o do vento, e, do lado esquerdo, havia uma vinha e um pomar. Kani mandava a maior parte da sua produção para o templo e vendia o resto no mercado.

– Estás contente com a tua nova situação?

– O trabalho é tão duro como antes, mas agora o benefício é meu. O intendente do templo gosta muito de mim.

– Também cultivas plantas medicinais?

– Vem comigo.

Kani mostrou a Paser a sua obra-prima: um canteiro de ervas medicinais, umas para tomar diretamente, outras para a preparação de remédios. Salicária, mostarda, hortelã-pimenta, piretro, camomila, só para dar alguns exemplos.

– Sabias que Néféret está a viver em Tebas?

– Estás enganado. Ela ocupa um posto importante em Mênfis.

– Nébamon mandou-a embora.

Uma emoção intensa toldou o olhar do jardineiro.

– Ele atreveu-se... esse réptil atreveu-se!

– Néféret já não pertence ao corpo de elite dos médicos e já não tem acesso aos grandes laboratórios. Terá de se contentar em trabalhar numa aldeia e terá de enviar os casos mais graves aos colegas mais qualificados.

Kani, completamente fora de si, bateu com os pés no chão.

– É vergonhoso, injusto!

– Então ajuda-a.

O jardineiro ergueu os olhos, sem entender.

– Como?

– Se lhe forneceres plantas medicinais raras e muito caras, ela poderá preparar os remédios de que os seus doentes precisam. E lutaremos para que a sua reputação seja restabelecida.

– Onde está ela?

– Não sei.

– Eu saberei encontrá-la. Era essa a missão que querias confiar-me?

– Não.

– Qual era, então?

– Procuo um veterano da guarda de honra da esfinge. Voltou para a aldeia dele, na margem ocidental, para aí gozar a reforma. Anda escondido

– Porquê?

– Porque conhece um segredo. Se falar comigo, corre perigo de vida. Eu ia procurar o seu colega, que agora era padeiro, e ele foi vítima de um acidente.

– Que desejas que eu faça?

– Encontra-o. Em seguida, eu falarei com ele com a maior discrição. Anda alguém a espiar-me, se for eu a investigar, o veterano será assassinado antes de falar comigo.

– Assassinado!

– Não escondo a gravidade da situação, nem os riscos que vais correr.

– Na tua qualidade de juiz...

– Não tenho provas e estou a investigar um assunto do exército.

– E se estás enganado?

– Quando ouvir o testemunho do veterano, se ele ainda for vivo, todas as dúvidas se dissiparão.

– Conheço bem as aldeias e as vilas da margem ocidental.

– Corres um grande risco, Kani. Há quem não hesite em matar e perder a sua alma.

– Desta vez, deixa-me ser eu a julgar.

Denes dava festas todos os fins de semana, para entreter os capitães dos seus cargueiros e alguns altos funcionários que, assim, assinavam mais facilmente as licenças de circulação, de carga e descarga. Todos apreciavam o esplendor dos vastos jardins, os lagos e a gaiola cheia de pássaros exóticos. Denes a todos atendia, para todos tinha uma palavra amável, a todos perguntava por notícias das famílias. A senhora Nénophar brilhava como anfitriã.

Naquela noite o ambiente era, porém, menos alegre. O decreto de Ramsés, o *Grande*, tinha espalhado o pânico entre as elites dirigentes. Todos suspeitavam uns dos outros, desconfiando mutuamente de possuírem informações secretas que guardavam para

si próprios. Denes, entre dois colegas a quem contava arrebatou o negócio, depois de lhes ter comprado os barcos, cumprimentou um conviva raro, o químico Chéchi. Passava a maior parte do tempo no laboratório mais secreto do palácio e frequentava pouco as casas dos nobres. De baixa estatura, taciturno e rebarbativo, tinha um ar competente e modesto.

– A tua presença é uma honra, caro amigo!

O químico esboçou um sorriso de circunstância.

– Como vão as tuas experiências? O segredo é a alma do negócio, claro, mas na cidade não se fala de outra coisa! Consta que descobriste uma liga extraordinária que nos permitirá fabricar espadas e lanças inquebráveis, capazes de resistir a qualquer impacto.

Chéchi abanou a cabeça, duvidoso.

– Segredo militar, evidentemente! Vê se te saís bem. Com o que te espera...

– Explica-te – exigiu um dos convivas.

– Segundo o decreto do faraó, uma bela guerra! Ramsés quer esmagar os hititas e livrar-nos dos pequenos príncipes asiáticos, que estão a preparar uma revolta.

– Ramsés ama a paz – contrapôs um capitão da marinha mercante.

– Uma coisa é o discurso oficial, outra os atos.

– Mas isso é inquietante.

– Não sei porquê! De quem, ou de quê, teria medo o Egito?

– Então não se diz que este decreto representa um enfraquecimento do poder?

Denes soltou uma gargalhada.

– Ramsés é o mais poderoso e continuará a sê-lo! Não transformemos em tragédia um incidente menor.

– De qualquer maneira, o melhor é verificarmos como estão as nossas reservas de alimentos...

A senhora Nénophar interveio.

– As medidas a tomar são bem claras: a preparação de um novo imposto e a reforma fiscal.

– É preciso financiar o rearmamento das tropas – alvitrou Denes. – Se Chéchi quisesse, podia contar-nos mais sobre a decisão de Ramsés e o que a motivou.

Todos os olhares se voltaram para o químico. Mas Chéchi permaneceu calado. Como hábil dona de casa que era, Nénophar conduziu os convidados até um quiosque onde lhes foram servidos refrescos.

Mentmosé, o chefe da polícia, puxou pelo braço de Denes e levou-o para um local mais afastado.

– Espero que os teus aborrecimentos com a justiça tenham terminado.

– Paser não voltou à carga. É mais inteligente do que eu imaginava. Um jovem magistrado cheio de ambições, é certo, mas será isso louvável? Também nós já passamos por essa fase antes de nos tornarmos personagens importantes.

Mentmosé torceu o nariz.

– Mas o seu carácter, no conjunto...

– Isso melhora com o tempo.

– Estás a ser otimista.

– Apenas realista. Paser é um bom juiz.

– Incorruptível, na tua opinião?

– Um incorruptível inteligente e que sabe respeitar os que cumprem a lei. É graças a homens desta têmpera que o comércio prospera e o país vive em paz. Que mais se pode desejar? Acredita no que te digo, meu caro: apoia a carreira de Paser.

– Um aviso precioso.

– Com ele, nada de prevaricações.

– De fato, é uma questão a considerar.

– No entanto, pareces-me reticente.

– As iniciativas dele assustam-me um pouco, a maleabilidade não me parece ser o seu forte.

– Juventude e inexperiência. Qual é a opinião do deão do pórtico?

– É da tua opinião.

– Como vês!

As notícias que o chefe da polícia recebera de Tebas pelo correio especial corroboravam as opiniões de Denes. Mentmosé preocupava-se sem razão. Pois não diziam as notícias que o juiz só pensava no imposto sobre a lenha e na sinceridade dos contribuintes?

Talvez não devesse ter avisado tão depressa o vizir. Mas estariam a tomar-se todas as precauções?

CAPÍTULO 20

Longos passeios pelo campo na companhia de *Vento do Norte e Bravo*, a consulta de processos nos escritórios da polícia, a elaboração de uma lista correta de contribuintes obrigados ao imposto sobre a lenha, a inspeção das aldeias recenseadas, reuniões administrativas com conselheiros municipais e proprietários: assim decorriam os dias tebanos do juiz Paser, que findavam com uma visita a Kani.

Pela atitude do jardineiro, com a cabeça debruçada sobre as suas plantas, Paser percebia que ele não havia descoberto nem Néféret nem o quinto veterano.

Uma semana se passou. Os funcionários a soldo de Mentmosé expediam-lhe relatórios sem qualquer elemento de surpresa sobre a atividade do juiz, Kem contentava-se em percorrer os mercados, prendendo os ladrões. Em breve seria necessário regressar a Mênfis.

Paser atravessou o palmeiral, enveredou por um caminho de terra ao longo do canal de rega e desceu a escada que conduzia ao jardim de Kani. Quando o Sol principiava a pôr-se no horizonte, ele tinha o hábito de se ocupar das plantas medicinais que reclamavam cuidados regulares e delicados. Dormia numa cabana, depois de se ter ocupado da rega durante uma boa parte da noite.

O jardim parecia deserto.

Surpreendido, Paser contornou-o e abriu a porta da cabana.

Vazia. Sentou-se sobre um pequeno muro apreciando o pôr do Sol. A lua cheia emprestava ao rio reflexos prateados. À medida que os minutos passavam, a angústia apoderava-se do seu coração. Talvez Kani tivesse identificado o quinto veterano, talvez o tivesse seguido, talvez... Paser censurava-se por ter envolvido o jardineiro numa investigação que os ultrapassava. Se alguma tragédia acontecesse, considerar-se-ia o principal responsável.

Quando a frescura da noite caiu sobre o seus ombros, o juiz não saiu de onde estava. Esperaria até à alvorada e saberia, então, que Kani não voltaria mais. De dentes cerrados, os músculos doloridos, Paser censurava-se pela sua leviandade.

Uma barca atravessou o rio.

O juiz ergueu-se e correu para a margem.

– Kani!

O jardineiro atracou, amarrou a barca a um pilar e subiu lentamente a rampa.

– Porque chegas tão tarde?

– Estás a tremer?

– Tenho frio.

– O vento da Primavera traz doença. Recolhamos à cabana.

O jardineiro sentou-se num cepo, com as costas encostadas às tábuas, e Paser sobre uma arca de ferramentas.

– O veterano?

– Nenhuma pista.

– Estiveste em perigo?

– Nem por um momento. Compro plantas raras, aqui e ali, troco confidências com os anciãos.

Paser fez a pergunta que lhe queimava nos lábios.

– E Néféret?

– Não a vi, mas sei onde se encontra.

O laboratório de Chéchi ocupava três grandes cômodos na cave de uma caserna anexa. O regimento que aí se alojava apenas reunia soldados de segunda categoria, afetos a trabalhos de aterro.

Todos acreditavam que o químico trabalhava no palácio, quando afinal ele prosseguia as suas verdadeiras pesquisas neste ambiente discreto. Aparentemente, nenhuma vigilância particular, mas quem quer que tentasse descer pela escadaria que conduzia às profundezas do edifício era interceptado sem cerimônia e interrogado com rudeza.

Chéchi fora recrutado pelos serviços técnicos do palácio devido aos seus excepcionais conhecimentos no domínio da resistência dos materiais. Bronzista de origem, não parava de aperfeiçoar o tratamento do cobre bruto, indispensável ao fabrico de utensílios para cortar a pedra.

Devido ao seu êxito e à sua seriedade, a sua fama não cessava de aumentar, e no dia em que forneceu ferramentas de uma resistência surpreendente para talhar os blocos do templo “dos milhões de anos” de Ramsés, *o Grande*, edificado na margem ocidental de Tebas, a sua reputação chegou aos ouvidos do rei.

Chéchi havia convocado os seus três principais colaboradores, homens maduros e experientes homens de ciência. As lamparinas, de cujos pavios não saía fumo, iluminavam a cave. Chéchi, lento e meticuloso, ordenava os papiros nos quais anotara os seus cálculos mais recentes.

Os três técnicos aguardaram, sentindo-se pouco à vontade. O silêncio do químico não augurava nada de bom, ainda que ele fosse pouco falador. Aquela convocação súbita e imperativa não fazia parte dos seus hábitos.

O homem baixo de bigode negro voltou as costas aos seus interlocutores.

– Qual de vós deu com a língua nos dentes? – Nenhum respondeu.

– Não repetirei a pergunta.

– Ela não faz qualquer sentido.

– Por altura de uma reunião social, um notável falou de novas ligas e armas.

– Impossível! Mentiram-te.

– Eu estava presente. Quem falou?

Novamente, o silêncio.

– Não tenho possibilidades de levar a cabo uma investigação incerta. Mesmo que as informações difundidas sejam incompletas, e portanto inexatas, a confiança foi destruída.

– Quer isso dizer ...

– Quer isso dizer que estais despedidos.

Néféret escolhera a vila mais pobre e remota da região tebana. Situada nos limites do deserto e, como tal, mal irrigada, aí se registrava um número anormalmente elevado de doenças de pele. A jovem não se sentia triste nem abatida, o fato de ter escapado das garras de Nébamou alegrava-a, mesmo que em troca da sua liberdade, tivesse sacrificado uma carreira promissora. Trataria os mais pobres com os meios de que dispunha, e ficaria satisfeita com uma existência solitária no campo. Assim que um barco sanitário descesse o rio em direção a Mênfis, iria visitar o seu mestre Branir. Conhecendo-a como conhecia, não tentaria fazê-la mudar de idéia.

Logo no segundo dia após a sua chegada, Néféret havia curado a personagem mais importante do povoado, um especialista na engorda de patos, que sofria de arritmia cardíaca. Uma longa massagem e uma manipulação vertebral devolveram-no à vida normal. Sentado no chão, junto de uma mesa baixa sobre a qual se encontravam pousadas as bolas de farinha saídas de um recipiente de água, ele segurava um pato pelo pescoço. A ave debatia-se, mas o técnico não a largava e, cuidadosamente, fazia deslizar a massa pela goela do bicho, acompanhando a operação com palavras de afeto. Alimentado, o pato bamboleava-se, como que embriagado, depois, lançava-se num passeio digestivo. A engorda dos groux exigia uma maior atenção, pois os belos pássaros roubavam as bolas de farinha. Quanto às pastas de fígado, figuravam entre as mais afamadas da região.

Como consequência dessa primeira cura, julgada milagrosa, Néféret tornara-se a heroína da aldeia. Os camponeses haviam solicitado o seu conselho sobre a melhor forma de lutar contra os inimigos das colheitas e dos pomares, nomeadamente os gafanhotos e os grilos, mas a jovem havia preferido lutar contra um outro flagelo que se lhe afigurava estar na origem das infecções cutâneas que afetavam crianças e adultos: as moscas e os mosquitos. A sua abundância explicava-se pela presença de um charco de água estagnada que não era drenado havia três anos. Néféret mandou-o secar, recomendou a todos os aldeões a desinfecção das suas casas e tratou as picadas com gordura de verdelho e unções de azeite fresco.

Apenas o caso de um ancião de coração cansado lhe causava preocupações, se o seu estado piorasse, seria necessário hospitalizá-lo em Tebas. Certas plantas raras ter-lhe-iam evitado essa contrariedade. Quando se encontrava no seu consultório, um garoto veio avisá-la da presença de um estranho que inquiria a seu respeito.

Nem mesmo aqui Nébamou a deixava em paz! De que a acusaria agora, para que decadência a empurraria? Tinha de se esconder. Os aldeões nada diriam, o emissário do médico-chefe partiria.

Paser sentia que os seus interlocutores mentiam, o nome Néféret era-lhes familiar, apesar do mutismo em que se obstinavam. Fechada sobre si mesma, com as suas casas ameaçadas pelo deserto, a aldeia receava as intrusões, quase todas as portas se lhe fecharam.

Irritado, preparava-se para abandonar a povoação quando avistou uma mulher a dirigir-se para as colinas pedregosas.

– Néféret!

Intrigada, ela voltou-se. Reconhecendo-o, voltou para trás.

– Juiz Paser ... que fazes aqui?

– Desejava falar-te.

Ela tinha o sol no olhar. O ar do campo dourara a sua pele Paser sentiu desejo de revelar-lhe os seus sentimentos, de traduzir as suas sensações, mas foi incapaz de proferir a primeira palavra da sua declaração.

– Subamos ao cimo desta colina.

Ele tê-la-ia seguido até aos confins da terra, ao fundo do mar, ao coração das trevas. Caminhar a seu lado, sentar-se junto dela, ouvir a sua voz, eram para ele prazeres inebriantes.

– Fui informado por Branir. Desejas apresentar queixa contra Nébamom?

– Seria inútil. São muitos os médicos que lhe devem as suas carreiras e testemunhariam contra mim.

– Eu acusá-los-ia de falso testemunho.

– São muitos e Nébamom impedir-te-ia de agires.

Apesar do doce calor da Primavera, Paser estremeceu. Não pôde conter um espirro.

– Um resfriado?

– Passei a noite ao relento, esperando o regresso de Kani.

– O jardineiro?

– Foi ele que te encontrou. Vive em Tebas e aí explora o seu próprio jardim. Eis a tua oportunidade, Néféret: ele produz plantas medicinais e poderá cultivar as mais raras!

– Montar um laboratório, aqui?

– E porque não? Os teus conhecimentos farmacológicos conferem-te toda a legitimidade. Não só tratarias doenças graves, como também a tua reputação seria restabelecida.

– Não tenho qualquer desejo de empreender essa luta. A situação atual já me satisfaz.

– Não desperdices os teus dons. Fá-lo pelos doentes.

Paser espirrou uma segunda vez.

– Não serias tu o primeiro interessado? Os tratados afirmam que o catarro despedaça os ossos, fratura o crânio e escava o cérebro. Devo evitar esse desastre.

O seu sorriso, onde a bondade excluía qualquer traço de ironia, enchia-o de prazer.

– Aceitas a ajuda de Kani?

– Ele é teimoso. Se a sua decisão está tomada, como poderia opor-me? E agora ocupemo-nos deste caso urgente: o resfriado é uma doença séria. Suco de palma nas narinas e, se persistir, leite de mulher e goma odorífera.

A constipação persistiu e agravou-se. Néféret fez entrar o juiz na modesta residência que ocupava, no centro da aldeia. Porque a tosse sobreveio, ela prescreveu-lhe o rosalgar, sulfureto natural do arsênico, que o povo designava por “aquele que desafoga o coração”.

– Tentemos interromper a evolução. Senta-te naquela esteira e não te mexas.

Dava as suas ordens sem levantar a voz, tão terna quanto o seu olhar. O juiz desejou que os efeitos da doença fossem duradouros para permanecer o máximo de tempo possível naquele quarto humilde.

Néféret misturou rosalgar, resina, folhas de plantas desinfetantes e triturou todos os ingredientes, reduzindo-os a uma pasta que aqueceu. Espalhou-a sobre uma pedra que pousou diante do juiz, cobrindo-a de seguida com um recipiente virado em cujo fundo havia um orifício.

– Pega esta cana – disse ela ao paciente – coloca-a no orifício e aspira, ora pela boca, ora pelo nariz. A inalação vai aliviar-te.

Um fracasso não teria desagradado a Paser, mas a medicação revelou-se eficaz. A congestão atenuou-se e começou a respirar melhor.

– Já não sentes arrepios?

– Apenas uma sensação de fadiga.

– Durante alguns dias, recomendo-te uma alimentação rica, e de preferência gorda: carne vermelha e azeite fresco para temperar os alimentos. E um pouco de repouso também seria aconselhável.

– Tenho de renunciar a ele.

– Que te trouxe a Tebas?

Ele teve vontade de gritar: “Tu, Néféret, apenas tu!”, mas as palavras não lhe saíram da garganta. Estava certo de que ela sabia da sua paixão e esperava que lhe desse a possibilidade de exprimi-la, não ousando perturbar-lhe a serenidade com uma loucura que, sem dúvida, ela desaprovava.

– Talvez um crime, talvez vários crimes.

Ele sentiu-a preocupada por um drama que não lhe dizia respeito. Teria ele o direito de envolvê-la num caso cuja verdadeira natureza ele próprio ignorava?

– Deposito em ti a maior confiança, Néféret, mas não é meu desejo importunar-te com as minhas preocupações.

– Não estás obrigado ao segredo?

– Até ao momento em que formulo as minhas conclusões.

– Assassínios... seriam essas as tuas conclusões?

– Essa é a minha convicção íntima.

– Há tantos anos que não é cometido nenhum assassinato!

– Cinco veteranos que compunham a guarda de honra da grande esfinge morreram ao caírem de cabeça, e de muito alto, no decorrer de uma inspeção. Acidente: essa é a versão oficial do exército. Ora, um deles escondia-se numa aldeia da margem ocidental onde tinha o ofício de padeiro. O meu desejo era interrogá-lo, mas, desta vez, estava mesmo morto. Um novo acidente. O chefe da polícia mandou um homem seguir-me, como se eu fosse culpado por investigar. Estou perdido, Néféret. E agora, esquece as minhas confidências.

– Desejas renunciar?

– Tenho um gosto ardente pela verdade e pela justiça. Se renunciasse, destruir-me-ia.

– Posso ajudar-te?

Uma outra febre inundou o olhar de Paser.

– Se pudéssemos conversar, de vez em quando, isso dar-me-ia mais coragem.

– Um resfriado pode ter consequências secundárias que é melhor vigiar de perto. Serão necessárias outras consultas.

CAPÍTULO 21

A noite na hospedaria havia sido tão divertida quanto fatigante. Postas de carne de vaca grelhada, beringelas com natas, bolos à discrição e uma soberba líbia de quarenta anos que fugira do seu país para distrair os soldados egípcios. O tenente do carro de combate não mentira a Suti: um único homem não a satisfazia. Ele que se considerava o mais enérgico dos amantes teve de baixar o pavilhão e passar a tarefa ao seu superior. A Líbia adotava as posições mais inacreditáveis, risonha e excitada.

Assim que o carro retomou a estrada, Suti mal conseguia manter os olhos abertos.

– É preciso aprender a passar sem sono, meu rapaz! Não esqueças que o inimigo ataca logo que estejas cansado. Uma boa notícia: nós somos a guarda avançada da guarda avançada! Os primeiros golpes serão para nós. Se era teu desejo tornares-te um herói, aí tens a tua oportunidade.

Suti apertou o arco contra o peito.

O carro seguia ao longo das Muralhas do rei, formidável alinhamento de fortalezas construídas pelos soberanos do Médio Império, e constantemente aperfeiçoado pelos seus sucessores, verdadeira muralha gigante cujos vários elementos se encontravam.²⁶

O tenente apresentou os seus papéis ao comandante de uma fortaleza cujas muralhas de dupla inclinação, com seis metros de altura, estavam rodeadas de fossos. Nas ameias, arqueiros, nos torreões, vigias.

– Reforçaram a guarda – notou o oficial. – Estão mesmo bem defendidos.

Dez homens armados rodearam o carro.

– Desce, – ordenou o chefe do posto.

– Estás a brincar?

– Os teus papéis não estão em ordem.

O tenente agarrou as rédeas, pronto a lançar os cavalos em grande galope. Lanças e flechas apontavam na sua direção.

– Desce imediatamente.

O tenente voltou-se para Suti.

– Que achas, rapaz?

– Temos melhores combates em perspectiva.

Apearam-se ambos.

– Falta o selo do primeiro fortim das Muralhas do rei, – explicou o chefe do posto. – Meia-volta.

– Estamos atrasados.

– O regulamento é para ser cumprido.

– Podemos discutir o assunto?

– No meu gabinete, mas não acalentes grandes esperanças.

A reunião durou pouco. O tenente saiu do gabinete a correr, pulou para as rédeas e lançou o carro em direção à estrada da Ásia.

As rodas chiaram, levantando uma nuvem de poeira.

– Porquê tanta pressa? Agora já estamos dentro da lei.

– Mais ou menos. Eu dei-lhe forte, mas o idiota pode acordar mais depressa que o previsto. Aquela espécie de obstinado tem sempre a cabeça dura. Eu próprio regularizei os nossos papéis. No exército, meu rapaz, é preciso saber improvisar.

Os primeiros dias da viagem foram sossegados. Longas etapas, cuidados com os cavalos, verificação do material, noites sob o belo manto das estrelas, abastecimento nas aldeolas onde o tenente contactava um mensageiro do exército ou um membro dos serviços secretos, encarregando-os de avisar o grosso das tropas de que nada contrariaria a sua progressão.

O vento mudou, tornando-se penetrante.

– As Primaveras na Ásia são por vezes frias, põe a tua capa.

– Pareces inquieto.

– O perigo aproxima-se. Farejo-o como um cão. Como estamos de comida?

– Restam-nos algumas bolachas, uns pedaços de carne, cebolas e água para três dias.

– Deve ser suficiente.

O carro entrou numa aldeia silenciosa, na praça principal não se via ninguém. O estômago de Suti revirou-se.

– Nada de pânico, meu rapaz. Talvez estejam nos campos. – O carro avançava muito lentamente. O tenente empunhava a lança e olhava em seu redor com olhar penetrante. Deteve-se diante do edifício oficial onde se alojavam o delegado militar e o intérprete. Vazio.

– O exército não receberá qualquer relatório. E saberá que aconteceu um grave acidente. Rebelião caracterizada.

– Ficamos aqui?

– Eu prefiro ir em frente. E tu?

– Depende.

– De quê, rapaz?

– Onde se encontra o general

– Asher?

– Quem te falou dele?

– O seu nome é célebre em Mênfis. Gostaria de servir sob o seu comando.

– És mesmo sortudo. É a ele que nos devemos reunir.

– Terá ele evacuado esta aldeia?

– Certamente que não.

– Então, quem foi?

– Os beduínos.²⁷ Os seres mais vis, mais fanáticos e mais velhacos. Razias, pilhagens, detenção de reféns, é essa a sua estratégia. Se não conseguirmos exterminá-los, eles destruirão a Ásia, a península entre o Egito e o mar Vermelho e todas as províncias circundantes. Estão dispostos a aliam-se com qualquer invasor, desprezam as mulheres do mesmo modo que nós as amamos, cospem na beleza e nos deuses. Eu não tenho medo de nada, mas os receio, com aquelas barbas mal aparadas, os panos enrolados à volta das cabeças e as suas longas vestes. Lembra-te, meu rapaz: são uns covardes. Atacam pelas costas.

– Terão eles massacrado todos os habitantes?

– É provável que sim.

– Estará então o general Asher isolado, separado do exército principal?

– É possível.

Os longos cabelos negros de Suti dançavam ao vento. Apesar da sua robustez e do seu tronco forte, o jovem sentia-se frágil e vulnerável.

– Entre ele e nós, os beduínos. Quantos?

– Dez, cem, mil...

– Dez, aceito. Cem, hesito.

– Mil, rapaz, é número para um verdadeiro herói. Não me abandonarás?

O tenente voltou a lançar os cavalos. Galoparam até à entrada de um barranco orlado de vertentes abruptas. Pequenos arbustos, agarrados à rocha, enredavam-se deixando apenas uma passagem estreita.

Os cavalos relincharam e empinaram-se, o tenente sossegou-os.

– Pressentem a armadilha.

– Também eu, meu rapaz. Os beduínos estão escondidos nos arbustos. Tentarão cortar as patas dos cavalos à machadada, fazer-nos cair e cortar-nos as goelas e os testículos.

– O preço do heroísmo parece-me demasiado elevado.

– Graças a ti, não arriscamos quase nada. Uma flecha em cada arbusto, um bom andamento e venceremos.

– Estás certo disso?

– E tu, dúvidas? Pensar é pior.

O tenente agarrou as rédeas com firmeza. Contrariados, os cavalos precipitaram-se para o barranco. Suti nem teve tempo de sentir medo. Disparava flecha atrás de flecha. As duas primeiras perderam-se nos arbustos desocupados, a terceira cravou-se no olho de um beduíno que saiu do seu esconderijo, gritando.

– Continua, rapaz!

Com os cabelos caídos sobre a testa, o sangue gelado, Suti visava cada arbusto, voltando-se ora para a direita ora para a esquerda, a uma velocidade de que se julgara incapaz. Os beduínos iam caindo, atingidos no ventre, no peito, na cabeça.

Pedras e silvados impediam a saída do barranco.

– Segura-te, rapaz, vamos saltar!

Suti parou de atirar para se agarrar ao rebordo do carro. Dois inimigos, que ele não havia podido trespassar, lançaram os seus machados em direção aos egípcios.

A toda a velocidade, os dois cavalos transpuseram a barreira no seu ponto mais baixo. As silvas arranharam-lhe as patas, uma pedra quebrou os raios da roda direita, uma outra danificou o lado direito da carroçaria. Por um instante, o carro vacilou, com um último golpe de rins, os cavalos transpuseram o obstáculo.

O carro percorreu vários quilômetros sem abrandar. Sacudido, aturdido, mal conservando o equilíbrio, Suti agarrava-se ao arco.

Sem fôlego, cobertos de suor, as narinas espumando, os cavalos imobilizaram-se no sopé de uma colina.

– Meu tenente!

Com um machado enterrado entre as omoplatas, o oficial abateu-se sobre as rédeas. Suti tentou erguê-lo.

– Lembra-te, meu rapaz ... os covardes atacam sempre pelas costas...

– Não morras, meu tenente!

– Agora, és tu o único herói...

Os olhos reviraram-se, a respiração extinguiu-se.

Suti apertou longamente o cadáver contra si. O tenente não mais se moveria, não mais o encorajaria, não mais tentaria o impossível. Estava sozinho, perdido num país hostil, ele, o herói cujos feitos apenas um morto poderia exaltar.

Suti enterrou o seu superior, tomando o cuidado de guardar o local na sua memória. Se sobrevivesse, viria buscar o corpo e levá-lo-ia para o Egito. Não havia destino mais cruel para um filho das Duas Terras do que ser enterrado longe do seu país.

Voltar para trás significava cair de novo na armadilha, seguir em frente, arriscar-se a encontrar outros adversários. Optou, todavia, por esta última solução, esperando estabelecer rapidamente o contato com os soldados do general Asher, partindo do princípio de que não haviam sido exterminados.

Os cavalos aceitaram voltar à estrada. Se uma nova emboscada estivesse preparada, Suti não poderia conduzir o carro e, simultaneamente, manejar o arco. Com um nó na garganta, seguiu por um caminho pedregoso que conduzia a uma casa em ruínas. O jovem apeou-se e munuiu-se de uma espada. De uma chaminé rudimentar elevava-se um rastro de fumo.

– Sai daí!

Na soleira, uma figura bravia, vestida de trapos, de cabeleira imunda, brandia um facão grosseiro.

– Sossega e larga essa arma.

A silhueta parecia fraca, incapaz de se defender. Suti não desconfiou de nada. Quando se aproximou, ela precipitou-se para ele e tentou enterrar-lhe a lâmina no coração. Ele esquivou-se, mas sentiu um ardor no braço esquerdo. Solta, ela atacou novamente. Com um golpe de pernas, ele desarmou-a e pregou-a ao chão. O sangue escorria-lhe pelo braço.

– Sossega ou amarro-te.

Ela debatia-se como uma fúria. Ele voltou-a e desferiu-lhe um golpe na nuca. As suas relações com as mulheres, na qualidade de herói, tomavam um rumo desfavorável. Levou-a para o interior do casebre, de chão de terra batida. Paredes em ruínas, mobiliário miserável, a lareira repleta de fuligem. Suti pousou a sua pobre presa sobre uma esteira esburacada, amarrando-lhe os pulsos e tornozelos com uma corda.

Um cansaço brutal abateu-se sobre ele. Sentou-se com as costas contra a chaminé, cabeça metida entre os ombros, enquanto tremuras percorriam todo o seu ser. Sentia o medo a sair-lhe da carne.

A imundície repelia-o. Nas traseiras da casa, encontrou um poço. Encheu alguns cântaros, limpou o ferimento e lavou o único

quarto existente.

– Também estás a precisar de uma limpeza.

Borrifou a jovem que despertou aos gritos, mas o conteúdo de um outro cântaro abafou-lhos. Quando lhe arrancou as vestes imundas, ela agitou-se como uma serpente.

– Não quero violar-te, idiota!

Teria ela percebido as suas intenções? Submeteu-se a ele. De pé, nua, pareceu apreciar o banho. Enquanto ele a secava, ela esboçou um sorriso. A claridade dos seus cabelos louros surpreendeu-o.

– Tu és linda. Já alguma vez te beijaram?

Pelo seu modo de abrir os lábios e movimentar a língua, Suti percebeu que não era o primeiro.

– Se me prometeres que te portas bem, desato-te.

O olhar dela assim lhe implorava. Ele desamarrou a corda que lhe prendia os pés, acariciou-lhe as pernas, as coxas e pousou a boca sobre os caracóis dourados do seu sexo. Ela retesou-se como um arco e, com as mãos livres, enlaçou-o.

Suti dormira dez horas, de um só sono sem sonhos. O fermento latejava, levantou-se de um salto e saiu do casebre.

Ela havia roubado as suas armas e cortado as rédeas do carro. Os cavalos tinham fugido.

Não tinha arco, nem punhal, nem espada, nem botas, nem capa. O carro ali se enterraria, inútil, sob a chuva persistente que caía desde o meio da tarde. Ao herói, reduzido à categoria de imbecil ridicularizado por uma gata brava, nada mais restava senão caminhar rumo ao norte.

Furioso, despedaçou o carro com a ajuda de uma pedra para que não caísse nas mãos do inimigo. Vestido com uma simples tanga e carregado como um jumento, Suti caminhava sob os aguaceiros ininterruptos. Num saco, um pouco de pão duro, um pedaço do timão do carro em cuja inscrição hieroglífica se podia ler o nome do tenente, bilhas cheias de água fresca e a esteira esburacada.

Percorreu um desfiladeiro, atravessou um pinhal e desceu uma encosta íngreme que vinha morrer num lago, contornou-o, caminhando ao longo da margem escarpada.

A montanha tornou-se pouco hospitaleira. Depois de uma noite passada ao abrigo de um rochedo que cortava o vento leste, escalou a custo uma vereda escorregadia e aventurou-se numa região árida. As suas reservas de alimento esgotaram-se rapidamente. Começou a sofrer os efeitos da sede.

Enquanto se saciava bebendo alguns goles num charco de água salobra, Suti ouviu o ruído de ramos a estalar. Vários homens se aproximavam. Rastejando, ocultou-se atrás do tronco de um pinheiro gigante.

Cinco homens empurravam um prisioneiro que cambaleava de mãos amarradas atrás das costas. O chefe, de baixa estatura, agarrou-o pelos cabelos e obrigou-o a ajoelhar-se. Suti encontrava-se muito longe para escutar o que o homem dizia, mas os gritos do supliciado logo perturbaram a calma da montanha.

Um contra cinco, e sem armas... o jovem não tinha qualquer chance de salvar aquele desgraçado.

O carrasco encheu-o de golpes, interrogou-o, bateu-lhe novamente, e depois ordenou aos seus acólitos que o levassem para uma gruta. Ao fim de um último interrogatório, cortou-lhe o pescoço.

Depois dos criminosos se afastarem, Suti permaneceu imóvel por mais de uma hora. Pensava em Paser, no seu amor pela justiça e pela busca de um ideal, como teria ele reagido perante aquela selvageria? Ignorava que existia tão perto do Egito um mundo sem lei onde a vida humana não tinha qualquer valor.

Obrigou-se a descer até à gruta. As suas pernas vacilavam, os gritos do moribundo ecoavam ainda na sua cabeça. O supliciado já tinha entregue a sua alma. Pela tanga que envergava e pelas feições, o homem era um Egípcio, sem dúvida um soldado do exército de Asher que caíra nas mãos dos rebeldes. Com as mãos, Suti escavou-lhe um túmulo no interior da gruta.

Chocado, esgotado, prosseguiu o seu caminho, entregando-se nas mãos do destino. Face ao inimigo, não teria já forças para se defender.

Quando dois soldados munidos de capacetes o interpelaram, desabou sobre a terra úmida.

Uma tenda.

Uma cama, uma almofada sob a cabeça, um cobertor.

Suti soergueu-se. A ponta de uma faca obrigou-o a deitar-se.

– Quem és tu?

O interrogador era um oficial egípcio, de rosto burilado.

– Suti, arqueiro da unidade de carros de combate.

– De onde vens?

Ele narrou as suas aventuras.

– Podes provar aquilo que dizes?

– No meu saco há um pedaço do carro com o nome do meu tenente.

– Que é feito dele?

– Os beduínos mataram-no, eu enterrei-o.

– Tu fugiste.

– Claro que não! Com as minhas flechas, atingi uma boa quinzena deles.

– Data do teu alistamento?

– Princípio do mês.

– Pouco mais de quinze dias e já és um arqueiro de elite. Não querias mais nada?

– Um dom natural.

– Só acredito no treino. E se disseses a verdade?

Suti atirou com o cobertor.

– Esta é a verdade.

– Não terás tu matado o tenente?

– Divagas!

– Uma estada prolongada num buraco de fossa pôr-te-á as ideias em ordem.

Suti arremeteu para o exterior. Dois soldados placaram-lhe os braços, um terceiro atingiu-o no ventre e desferiu-lhe um golpe na nuca.

– Fizemos bem em tratar deste espião. Falará pelos cotovelos.

CAPÍTULO 22

Sentado numa das mais frequentadas tabernas de Tebas, Paser lançou para a mesa a conversa sobre Hattusa, uma das esposas diplomáticas de Ramsés, o *Grande*. Durante a conclusão do tratado de paz com os hititas, o faraó recebera uma das filhas do soberano asiático como testemunho de sinceridade. Colocada à cabeça do harém de Tebas, ela levava aí uma existência luxuosa.

Inacessível, invisível, Hattusa não gozava de popularidade. A coscuvilhice oprimia-a, não praticava ela a magia negra, não se ligava ela aos demônios da noite, não se recusava ela a aparecer por ocasião das grandes celebrações?

– Por causa dela – declarou a proprietária da taberna – os preços dos unguentos duplicaram.

– E porque afirmas ser ela a responsável?

– As suas damas de companhia, cujo número cresce permanentemente, passam o dia a pintar. O harém utiliza uma quantidade inacreditável de unguentos de primeira qualidade, comprando-os a preços elevados e acarretando um aumento dos preços. Relativamente aos óleos passa-se o mesmo. Quando nos veremos nós livres dessa estrangeira?

Ninguém assumia a defesa de Hattusa.

Uma vegetação luxuriante rodeava os edifícios que compunham o harém da margem oriental. Um canal passava pelo local, abundante, a água irrigava os vários jardins reservados às damas da corte, viúvas e idosas, um grande pomar, e um parque floral onde descansavam as fiandeiras e as tecelãs. Tal como os outros haréns do Egito, o de Tebas abrigava numerosas oficinas, escolas de dança, música e poesia, e um centro de produção de ervas odoríferas e produtos de beleza, especialistas trabalhavam a madeira, o esmalte e o marfim, aí se criavam soberbos vestidos de linho e se desenvolvia a arte refinada das composições florais. Numa atividade incessante, o harém era também um centro educativo onde se formavam egípcios e estrangeiros destinados à alta administração. Ao lado das elegantes, ornadas dos enfeites mais deslumbrantes, passavam os artesãos, os mestres e os administradores encarregados de abastecer os alunos de géneros frescos.

O juiz Paser apresentou-se de manhã cedo no palácio central. O seu cargo permitia-lhe ultrapassar a barreira dos guardas e avistar-se com o intendente de Hattusa. Este último recebeu o requerimento do juiz e mostrou-o à patroa que, para surpresa do empregado, não se recusou a vê-lo.

O magistrado foi introduzido numa sala com quatro colunas, e com as paredes decoradas com pinturas representando pássaros e flores. Um pavimento multicolor enriquecia o encanto do local. Em redor de Hattusa, sentada num trono de madeira dourada, cirandavam duas cabeleireiras. Manejavam boiões e colheres de pintura, frascos de perfume, terminando a *toilette* matinal pela operação mais delicada, o ajuste da peruca, à qual a mais habilidosa acrescentava mechas postiças após ter substituído os caracóis defeituosos.

Trinta anos triunfantes, porte desdenhoso, a princesa hitita contemplava a sua beleza num espelho cujo cabo dourado lembrava um caule de lótus.

– Um juiz em minha casa, a hora tão matinal! Estou deveras intrigada. Qual o motivo da tua visita?

– Gostaria de te colocar algumas questões.

Ela pousou o espelho e dispensou as cabeleireiras.

– Acharias conveniente um encontro face a face?

– Certamente.

– Finalmente, um pouco de distração! A vida é tão enfadonha neste palácio.

De pele muito branca, mãos longas e finas, e olhos negros, Hattusa era simultaneamente atraente e inquietante. Rebelde, mordaz, rápida, não tinha qualquer indulgência para com os seus interlocutores e tinha um prazer inefável em censurar as suas fraquezas, defeitos de expressão, atitude errada ou imperfeição física.

Estudou Paser com atenção.

– Não serás o homem mais belo do Egito, mas uma mulher pode apaixonar-se loucamente por ti e manter-se-te fiel. Impaciente, apaixonado, inflamado por um ideal... colecionas graves defeitos. És tão sério, quase grave, ao ponto de esbanjares a tua juventude!

– Permites que te interrogue?

– Diligência audaciosa! Estás consciente da tua imprudência? Eu sou uma das esposas do grande Ramsés e poderia muito bem fazer-te despedir neste mesmo instante.

– Sabes bem que não. Defenderia a minha causa perante o tribunal do vizir e tu serias convocada por abuso de poder.

– O Egito é um país estranho. Não só os seus habitantes acreditam na justiça, como também a respeitam e velam pela sua aplicação. Esse milagre não durará muito.

Hattusa voltou a pegar o espelho a fim de examinar um dos caracóis da sua peruca.

– Se as tuas perguntas me divertirem, responderei.

– Quem te fornece o pão fresco?

A hitita abriu os olhos, estupefata.

– Preocupa-te o meu pão?

– Mais exatamente, o padeiro da margem ocidental que desejava trabalhar para ti.

– Todos querem trabalhar para mim! A minha generosidade é conhecida.

– No entanto, o povo não gosta de ti.

– É recíproco. O povo é estúpido, aqui como em todo o lugar. Sou uma estrangeira e orgulho-me de assim permanecer. Dezenas de servidores encontram-se a meus pés, porque o rei confiou-me a direção deste harém, o mais próspero de todos.

– E o padeiro?

– Fala com o meu intendente, ele te esclarecerá. Se esse padeiro forneceu o pão, logo o saberás. É assim tão importante?

– Tens conhecimento de um drama que teve lugar próximo da pirâmide de Gize?

– Que estás a esconder, juiz Paser?

– Nada de importante.

– Este jogo aborrece-me, como as festas, como os cortesãos! O meu desejo é apenas um: voltar para o meu país. Seria divertido se os exércitos hititas esmagassem os teus soldados e invadissem o Egito. Uma bela vingança, na verdade! Mas receio morrer aqui, esposa do mais poderoso dos reis, de um homem que apenas vi uma vez, no dia do nosso casamento, selado por diplomatas e juristas, a fim de assegurar a paz e a felicidade dos nossos povos. Mas com a minha felicidade quem se preocupa?

– Obrigado pela colaboração.

– É a mim que cabe interromper a entrevista, não a ti.

– Não era minha intenção ofender-te.

– Sai.

O intendente de Hattusa explicou que, efetivamente, encomendara o pão de um excelente padeiro da margem ocidental, mas nenhuma entrega havia sido feita.

Perplexo, Paser deixou o harém. Como habitualmente, tentara explorar o menor indício, sem recer importunar uma das mais importantes damas do reino.

Estaria ela envolvida, de longe ou de perto, na conspiração?

Mais uma pergunta sem resposta.

O adjunto do presidente do conselho municipal de Mênfis abriu a boca, angustiado.

– Sossega, – recomendou Qadash.

O dentista não escondera a verdade: era preciso arrancar o molar. Apesar dos cuidados que lhe dispensara, não pudera salvá-lo.

– Abre mais.

Certamente que a mão de Qadash já não era tão firme como outrora, mas continuaria a provar o seu talento por muito mais tempo. Após uma anestesia local, passou à primeira fase da extração e fixou a pinça de um lado e outro do dente.

Impreciso, trêmulo, feriu a gengiva. Contudo, aplicou-se com maior afinco. Enervado, não controlou a operação e desencadeou uma hemorragia ao atacar as raízes. Precipitou-se para uma broca e colocou a sua extremidade pontiaguda numa cavidade escavada no interior de um bloco de madeira, imprimiu-lhe um movimento de rotação rápida no meio de um arco, e fez soltar uma centelha. Assim que a chama foi suficiente, aqueceu uma lanceta com a qual cauterizou a ferida do paciente.

Com o maxilar dolorido e inchado, o adjunto do presidente do conselho municipal saiu do consultório sem agradecer ao dentista. Qadash perdera um cliente importante que não se coibiria de denegri-lo.

O médico encontrava-se numa encruzilhada. Não aceitava o envelhecimento nem a ideia de perder a sua arte. Era certo que a

dança com os líbios o reconfortaria e lhe concederia uma energia passageira, mas já não era suficiente. Tão próxima, a solução continuava tão distante! Qadash devia utilizar outras armas, aperfeiçoar a sua técnica, demonstrar que continuava a ser o melhor.

Um outro metal: eis do que ele necessitava.

O barco partia naquele instante.

De um salto, Paser conseguiu saltar sobre as tábuas separadas da embarcação de fundo chato onde se comprimiam animais e pessoas.

O barco efetuava uma viagem incessante entre as duas margens, apesar da brevidade do percurso, aí se trocavam notícias e chegavam mesmo a concluir-se negócios. O juiz foi empurrado pela traseira de um boi que ruminava sem parar e chocou com uma mulher que lhe virou as costas.

– Perdão.

Ela não respondeu, ocultando o rosto com as mãos. Intrigado, o juiz observou-a.

– Não serás, por acaso, a senhora Sababu?

– Deixe-me em paz.

De vestido escuro, xaile castanho sobre os ombros, cabeleira em desalinho, Sababu tinha o aspecto de uma mendiga.

– Não teremos algo para confidenciar um ao outro?

– Não te conheço.

– Lembras-te do meu amigo Suti. Ele convenceu-te a não me difamares.

Transtornada, ela debruçou-se sobre o rio, animado de uma forte corrente. Paser reteve-a pelo braço.

– O Nilo é perigoso neste local. Podias afogar-te.

– Eu não sei nadar.

Alguns garotos saltaram para a margem assim que o barco acostou. Seguiram-se-lhes burros, vacas e camponeses. Paser e Sababu foram os últimos a descer. Ele não largara a prostituta.

– Porque me importunas? Sou uma simples serva, eu...

– O teu sistema de defesa é grotesco. Não garantiste a Suti que eu era um dos teus fiéis clientes?

– Não entendo.

– Sou o juiz Paser, lembras-te?

Ela tentou escapar, mas o aperto em torno do seu braço não se aliviou.

– Sê razoável.

– Metes-me medo!

– Tu tentaste desonrar-me.

Ela explodiu em soluços. Embaraçado, ele libertou-a. Mesmo sendo ela uma inimiga, a sua infelicidade tocava-o.

– Quem te deu ordem para me caluniar?

– Ignoro.

– Mentas.

– Fui contactada por um subalterno.

– Um polícia?

– Como poderei saber? Não é meu costume fazer perguntas.

– Como te pagam?

– Deixam-me tranquila.

– Porque me ajudas?

Ela esboçou um sorriso triste.

– Tantas recordações de dias felizes... meu pai era juiz na província, eu adorava-o. Quando morreu, passei a odiar a minha aldeia e vim viver em Mênfis. De encontro desagradável em encontro desagradável, tornei-me uma puta. Uma puta rica e

respeitada. Pagam-me para obter informações confidenciais sobre as personalidades que frequentam o meu lupanar.

– Mentmosé, não é?

– Tira tu as conclusões. Nunca antes havia sido obrigada a difamar um juiz. Em respeito à memória de meu pai, poupei-te. Se estás em perigo, o problema é teu.

– Não receias represálias?

– A minha memória protege-me.

– Supõe que o teu comanditário não faz caso dessa ameaça.

Ela baixou o olhar.

– Foi por isso que deixei Mênfis, para me esconder aqui. Por tua causa perdi tudo.

– O general Asher veio ter contigo?

– Não.

– A verdade virá a descoberto, prometo-te.

– Já não creio em promessas.

– Tem confiança.

– Porque querem destruir-te, juiz Paser?

– Estou a investigar um acidente que ocorreu em Gize. Oficialmente, cinco veteranos da guarda de honra encontraram aí a morte.

– Não circularam quaisquer rumores sobre esse assunto.

A tentativa do juiz fracassou. Ou ela não sabia de nada ou então guardava silêncio.

Subitamente, ela levou a mão direita ao ombro esquerdo e soltou um grito de dor.

– De que sofres?

– De reumatismo agudo. Às vezes, não posso mexer o braço.

Paser não hesitou muito tempo. Ela ajudara-o, ele tinha de a socorrer.

Néféret cuidava de um burrinho ferido numa pata quando Paser lhe apresentou Sababu. Esta prometera ao juiz ocultar a sua identidade.

– Encontrei esta mulher no barco. Sofre de dores no ombro. Podes aliviá-la?

Néféret lavou escrupulosamente as mãos.

– Dor antiga?

– De mais de cinco anos – respondeu Sababu, agressiva. – Sabes quem sou?

– Uma doente que vou tentar curar.

– O meu nome é Sababu, prostituta e dona de um lupanar.

Paser ficou lívido.

– A frequência das relações sexuais e o contato com parceiros de higiene duvidosa são talvez as causas do teu mal.

– Examina-me.

Sababu levantou o vestido, sob o qual se encontrava nua.

Deveria Paser fechar os olhos, voltar-se ou, simplesmente, desaparecer? Néféret nunca lhe perdoaria esta afronta. Cliente de uma prostituta, eis a revelação que ele lhe oferecia! As suas negativas seriam tão ridículas quanto inúteis.

Néféret palpou o ombro, seguiu com o indicador a linha de um nervo, descobriu os pontos de energia e verificou a curvatura da omoplata.

– É sério – concluiu. – O reumatismo é já deformador. Se não te tratares, os teus membros paralisarão.

Sababu perdeu a arrogância.

– Que... que me aconselhas?

– Em primeiro lugar, a deixares de beber álcool, depois, a tomares todos os dias tintura pura de casca de salgueiro, por fim, a

fazer diariamente uma aplicação de um bálsamo composto por natrão, azeite branco, resina de terebintina, olíbano, mel e gorduras de hipopótamo, crocodilo, siluro e muge ²⁸. Estes produtos são caros, e eu não disponho deles. Terás de consultar um médico, em Tebas.

Sababu vestiu-se.

– Não percas tempo – recomendou Néféret. – A evolução parece-me rápida.

Mortificado, Paser acompanhou a prostituta à entrada da aldeia.

– Estou livre?

– Não cumpriste o prometido.

– Talvez te surpreenda, mas, por vezes, tenho horror à mentira. Diante de uma mulher como ela, é impossível dissimular.

Paser sentou-se na poeira, na beira do caminho. A sua ingenuidade conduziu-o ao desastre. Sababu, inadvertidamente, acabara por completar a sua missão, o juiz sentia-se esmagado. Ele, o magistrado íntegro, cúmplice de uma prostituta hipócrita e debochado aos olhos de Néféret!

Sababu a fada boa, Sababu respeitadora dos juizes e da memória de seu pai, Sababu que não hesitara em traí-lo desde o primeiro momento. Amanhã, vendê-lo-ia a Mentmosé, se é que já não o fizera.

Segundo a lenda, os afogados beneficiavam da indulgência de Osíris quando compareciam perante o tribunal do outro mundo. As águas do Nilo purificavam-nos. O amor perdido, o nome enlameado, o ideal devastado... O suicídio atraía-o.

A mão de Néféret pousou sobre o seu ombro.

– A tua constipação está curada?

Ele não ousou mover-se.

– Estou desolado.

– De que te arrependes?

– Aquela mulher... Juro-te que...

– Trouxeste-me uma doente, espero que ela se cure sem demora.

– Ela tentou arruinar a minha reputação e afirma ter renunciado a esse propósito.

– Uma prostituta de bom coração?

– Assim pensei.

– Quem te censurará por isso?

– Fui a casa de Sababu com o meu amigo Suti para festejar o seu alistamento no exército.

Néféret não retirou a mão.

– Suti é uma pessoa maravilhosa, de uma impetuosidade inesgotável. Adora o vinho e as mulheres, quer tornar-se um grande herói, recusa toda e qualquer contrariedade. Somos diferentes como a noite do dia. Enquanto Sababu o acolhia no seu quarto, fiquei sentado, remoendo a minha investigação. Suplico-te que me acredites.

– Estou preocupada com um ancião. É preciso lavar-lhe e desinfetar-lhe a casa. Aceitarias dar-me uma ajuda?

CAPÍTULO 23

– Levanta-te.

Suti foi arrancado da prisão onde o haviam encerrado. Sujo, esfomeado, não parara de cantar canções brejeiras e de sonhar com as maravilhosas horas passadas nos braços das belas filhas de Mênfis.

– Avança.

O soldado que assim lhe dava as ordens era um mercenário. Antigo pirata ²⁹, escolhera o exército egípcio devido à generosa reforma que oferecia aos seus veteranos. Com a cabeça coberta por um capacete de ponta, armado de um gládio curto, ignorava os estados de alma.

– És tu o denominado Suti?

Como o jovem tardasse em responder, o mercenário atingiu-o no ventre. Suti ficou dobrado em dois, mas não pôs o joelho em terra.

– És orgulhoso e robusto. Parece que combateste contra os beduínos. Eu não acredito. Quando matamos um inimigo, cortamos-lhe a mão e apresentamo-la ao nosso superior. Na minha opinião, fugiste como um coelho.

– Com um pedaço do timão do carro, do meu carro?

– Produto de alguma pilhagem. Se manejavas o arco, vamos verificá-lo.

– Tenho fome.

– Veremos isso depois. Mesmo no limite das suas forças, um verdadeiro guerreiro é capaz de se bater.

O mercenário conduziu Suti à orla de um bosque e entregou-lhe um arco de peso considerável. Sobre a face frontal do alvo, um revestimento em chifre, por trás, a casca da árvore. A corda de tensão era um tendão de vaca recoberto de fibras de linho, atado por nós nas duas extremidades.

– Alvo a sessenta metros, no carvalho, mesmo à tua frente. Tens duas flechas para o atingires.

Quando tendeu o arco, Suti pensou que os músculos das suas costas se rasgavam. Pontos negros dançavam diante dos seus olhos. Manter a pressão, colocar a flecha, visar, esquecer o que estava em risco, interiorizar o alvo, transformar-se no arco e na flecha, voar pelo ar, plantar-se no coração da árvore.

Fechou os olhos e atirou.

O mercenário avançou alguns passos.

– Quase no centro.

Suti agarrou a segunda flecha, tendeu novamente o arco e visou o soldado.

– Tu és imprudente.

O mercenário largou o seu gládio.

– Eu disse a verdade, – afirmou Suti.

– Entendido, entendido!

O jovem deixou partir a flecha. Esta cravou-se no alvo, à direita da anterior. O soldado suspirou.

– Quem te ensinou a manejar o arco?

– É um dom.

– Para o rio, soldado. Banho, roupa e almoço.

Munido do seu arco preferido, em madeira de acácia, equipado com botas, uma capa de lã e um punhal, devidamente alimentado, lavado e perfumado, Suti compareceu perante o oficial que comandava aquela centena de soldados de infantaria. Desta feita, este escutou-o com atenção e redigiu um relatório.

– Fomos separados das nossas bases e do general Asher. Ele encontra-se acampado a três dias de caminho daqui, com um corpo de elite. Vou enviar dois mensageiros em direção ao sul, para que o exército principal regresse o mais rápido possível.

– Uma revolta?

– Dois caciques asiáticos, uma tribo iraniana e beduínos, todos coligados. O chefe deles é um líbio exilado, Adafi. Profeta de um deus vingador, decidiu destruir o Egito e subir ao trono de Ramsés. Um fantoche para uns, um louco perigoso para outros. Gosta de atacar de surpresa, sem ter em conta os tratados. Se ficarmos aqui, seremos massacrados, entre Asher e nós, há um fortim

bem defendido. Tomá-lo-emos de assalto.

– Dispomos de carros?

– Não, mas temos várias escadas de mão e uma torre montada sobre rodas. Faltava-nos um arqueiro de elite.

Dez vezes, cem vezes, Paser tentara falar-lhe. Tinha-se contentado em pegar no ancião, levá-lo para a sombra de uma palmeira, ao abrigo do vento e do sol, limpar-lhe a casa e ajudar Néféret. Esperava um sinal de desaprovação, um olhar carregado de censura. Ela, porém, concentrada no seu trabalho, parecia indiferente.

Na véspera, o juiz visitara o jardim de Kani, cujas investigações não haviam ainda conseguido qualquer resultado. Prudente, ele tinha, no entanto, visitado a maior parte das aldeias e conversado com as dezenas de camponeses e artesãos. Nenhum vestígio de um veterano vindo de Mênfis. Se o homem residia na margem ocidental, escondia-se bem.

– Dentro de dez dias, Kani trazer-te-á um primeiro lote de plantas medicinais.

– O chefe da aldeia concedeu-me uma casa abandonada, nos limites do deserto, servir-me-á de consultório médico.

– E água?

– Faz-se uma canalização assim que possível.

– E quanto aos teus aposentos?

– Pequenos, mas limpos e agradáveis.

– Ainda ontem Mênfis, e hoje este local perdido.

– Aqui não tenho inimigos. Lá era a guerra.

– Nébamon não reinará eternamente na corporação dos médicos.

– Cabe ao destino decidir.

– Recuperarás o teu posto.

– E isso que importa? Esqueci-me de te perguntar pela constipação.

– O vento da Primavera não me deixa curar.

– É indispensável uma nova inalação.

Paser submeteu-se. Ele gostava de vê-la preparar a pasta desinfetante, manipular o remédio e dispô-lo sobre a pedra antes de cobri-lo com um recipiente com um orifício no fundo. Quaisquer que fossem os seus gestos, ele saboreava-os.

O quarto do juiz fora revistado de uma ponta a outra. Mesmo o mosquiteiro fora arrancado, feito numa bola e atirado para o soalho de madeira. O saco de viagem esvaziado, pranchas de papiro espalhadas, esteira calcada, tanga, túnica e capa, lacerados.

Paser ajoelhou-se, procurando um indício.

O larápio não deixara qualquer pista atrás de si.

O juiz apresentou queixa ao funcionário obeso, estupefato e irritado.

– Tens alguma suspeita?

– Não me atrevo a formulá-la.

– Por favor!

– Fui seguido.

– Identificaste o teu perseguidor?

– Não.

– Dá-me a sua descrição.

– Impossível.

– Lamentável. A minha investigação não será fácil.

– Compreendo.

– Tal como todos os outros postos de polícia da região, recebi uma mensagem para te entregar. O teu escrivão procura-te por toda a parte.

– Qual o motivo?

– Não especificado. Pede-te que regreses a Mênfis o mais rapidamente possível. Quando partes?

– Sendo assim... amanhã.

– Desejas uma escolta?

– Quem é suficiente.

– Como desejares, mas sê prudente.

– Quem ousaria meter-se com um juiz?

O núbio muniu-se de um arco, flechas, uma espada, um cacete, uma lança e um escudo de madeira revestido de pele de vaca, em resumo, do equipamento clássico de um polícia ajuramentado, reconhecidamente apto a praticar intervenções delicadas. O babuíno contentava-se com as suas presas.

– Quem pagou esse armamento?

– Os comerciantes do mercado. O meu babuíno agarrou um por um todos os membros de um bando de ladrões que há mais de um ano causavam estragos. Os comerciantes quiseram mostrar a sua gratidão.

– Obtiveste a autorização da polícia tebana?

– As minhas armas foram registradas e numeradas, estou dentro da lei.

– Um aborrecimento em Mênfis obriga-nos a regressar. O quinto veterano?

– No mercado, nenhum rumor. E tu?

– Nada.

– Está morto, como os outros.

– Nesse caso, porque vasculharam o meu quarto?

– Já não te largo nem por um momento.

– Estás sob as minhas ordens, lembra-te.

– O meu dever é proteger-te.

– Se eu achar necessário. Espera aqui por mim, pronto para partires.

– Diz-me ao menos onde vais.

– Não estarei longe.

Néféret tornara-se a rainha de uma aldeia perdida da margem ocidental de Tebas. Poder beneficiar da presença permanente de um médico representava, para a pequena comunidade, um presente inestimável. A autoridade sorridente da jovem operava maravilhas, crianças e adultos escutavam os seus conselhos e já não temiam a doença.

Néféret insistia no rigoroso respeito pelas regras de higiene por todos conhecidas, mas por vezes negligenciadas: lavagem frequente das mãos, imperativa antes de cada refeição, banho quotidiano, lavagem dos pés antes de entrar numa habitação, purificação da boca e dentes, raspagem regular dos pêlos e corte dos cabelos, uso de unguentos, cosméticos e desodorizantes à base de alfarroba. Ricos e pobres serviam-se de uma pasta composta de terra e gordura, adicionada ao natrão, limpava e desinfetava a pele.

Devido à insistência de Paser, Néféret aceitara acompanhá-lo num passeio pelas margens do Nilo.

– És feliz?

– Penso ser útil.

– Admiro-te.

– Outros médicos mereceriam igualmente a tua estima.

– Tenho de deixar Tebas. Chamam-me a Mênfis.

– Por causa daquele caso estranho?

– O meu escrivão não deu informações.

– Já fizeste alguns progressos?

– O quinto veterano continua por encontrar. Se ele se tivesse fixado na margem ocidental, já o teria encontrado. A minha investigação esfuma-se.

O vento mudava, a Primavera tornava-se agora suave e quente. Em breve sopraria o vento da areia que obrigaria os egípcios a ficar em casa durante vários dias.

Por todo o lado, a natureza florescia.

– Quando voltas?

– O mais brevemente possível.

– Sinto que estás inquieto.

– O meu quarto foi revistado.

– Um meio de te dissuadir.

– Julgavam que possuía um documento essencial. Agora, já sabem que não.

– Não estarás a correr demasiados riscos?

– Devido à minha incompetência, cometo demasiados erros.

– Tens de ser menos cruel contigo próprio, não tens nada de que te censurares.

– Quero reparar a injustiça de que foste vítima.

– Esquecer-me-ás.

– Nunca!

Ela sorriu, enternecida.

– Os nossos juramentos de juventude desvanecem-se na brisa da tarde.

– Não os meus.

Paser imobilizou-se, virou-se para ela e prendeu-lhe as mãos.

– Amo-te Néféret. Se ao menos soubesses como te amo...

No olhar dela, a inquietude.

– A minha vida está aqui, a tua em Mênfis. O destino fez a sua escolha.

– Não me importo com a minha carreira. Se me amas, que importa o resto!

– Não sejas infantil.

– A minha felicidade és tu, Néféret. Sem ti, a minha existência não tem qualquer sentido.

Ela retirou docemente as mãos.

– Tenho de refletir, Paser.

Ele teve vontade de tomá-la nos braços, de abraçá-la com tanta força contra si que ninguém os pudesse separar. Mas era necessário não quebrar a frágil esperança que iluminava a sua resposta.

O devorador de sombras assistiu à partida de Paser. Este deixava Tebas sem ter encontrado com o quinto veterano e não detinha em seu poder nenhum documento importante. A busca no seu quarto tinha-se revelado estéril.

Ele próprio não conseguira encontrar o homem. Má colheita: o quinto veterano procurara abrigo numa pequena aldeia ao sul da grande cidade, onde planejava estabelecer-se como reparador de carros. Aterrado pela morte trágica do seu colega, o veterano havia desaparecido.

Nem o juiz nem o devorador de sombras haviam conseguido localizá-lo.

O veterano sabia-se em perigo. Logo, teria cuidado com a língua. Confiante, o devorador de sombras apanhou o barco seguinte para Mênfis.

CAPÍTULO 24

O vizir Bagey sofria das pernas. Estavam pesadas e inchadas, a ponto de não se perceberem as concavidades dos tornozelos. Calçava grandes sandálias de correias largas, pois não dispunha de tempo para outros cuidados. Quanto mais tempo permanecia sentado no seu escritório, mais o inchaço aumentava, mas o serviço do reino não tolerava repouso nem ausências.

Sua mulher, Nédyt, recusara a grande casa de campo que o faraó atribuíra ao vizir devido à função que este ocupava. Bagey sujeitou-se à sua vontade, pois preferia a cidade ao campo. Assim, moravam numa modesta casa no centro de Mênfis, que a polícia vigiava dia e noite. O primeiro-ministro das Duas Terras gozava de uma segurança perfeita, nunca, desde as origens do Egito, um vizir fora assassinado ou mesmo agredido.

Situado no topo da hierarquia administrativa, não enriquecia. A sua missão vinha sempre antes do seu bem-estar. Nédyt não suportara muito bem a ascensão do marido, desfavorecida por feições grosseiras, de estatura baixa e corpo bem nutrido que não conseguia fazer reduzir, recusava as mundanidades e não comparecia a nenhum banquete oficial. Sentia saudades da época em que Bagey ocupava um posto obscuro, de responsabilidades limitadas. Voltava cedo para casa, ajudava-a na cozinha e tomava conta dos filhos.

Caminhando em direção ao palácio, o vizir pensava no filho e na filha. O filho, a princípio artesão, chamou a atenção do seu mestre carpinteiro pela sua preguiça. Informado de imediato, o vizir obteve a sua exclusão da oficina e impôs a sua contratação como preparador de tijolos crus. Julgando esta decisão injusta, o faraó censurou o vizir, acusando-o de demasiada severidade para com os membros da sua própria família. Era obrigação de todo o vizir velar para não privilegiar os seus, mas os excessos inversos eram também condenáveis ³⁰. Assim, o filho de Bagey galgou um degrau na escala tornando-se verificador de tijolos cozidos. Nenhuma outra ambição o animava: a sua única paixão era o jogo das damas, na companhia de outros rapazes da sua idade. A filha dava ao vizir bastante mais satisfação, compensava um físico ingrato com uma grande seriedade de comportamento, e sonhava entrar no templo como tecelã. O pai não a ajudaria de nenhum modo, apenas as suas qualidades lhe permitiriam ter êxito.

Cansado, o vizir abandonou a sua cadeira e sentou-se num banco baixo, ligeiramente curvado no centro, formado por cordas entrançadas em espinhas de peixe. Antes da sua reunião diária com o rei, deveria tomar conhecimento dos relatórios provenientes dos diversos ministérios. Curvado e com os pés doloridos, obrigava-se à concentração.

O seu secretário particular interrompeu-lhe a leitura.

– Peço perdão por te importunar.

– Que se passa?

– Um mensageiro do exército da Ásia vem trazer um relatório.

– Resume-o.

– O regimento de elite do general Asher está isolado do grosso das nossas tropas.

– Revolta?

– O líbio Adafi, dois caciques asiáticos e beduínos.

– Outra vez eles! Os nossos serviços secretos deixaram-se surpreender.

– Enviamos-lhes reforços?

– Vou consultar Sua Majestade imediatamente.

– Ramsés ordenou a dois novos regimentos que partissem para a Ásia, e ao exército principal que detivesse a sua progressão.

O rei levava o caso muito a sério, Asher, se sobrevivesse, deveria eliminar os rebeldes.

Desde a proclamação do decreto que enchera a corte de assombro, o vizir não sabia para que lado se virar a fim de fazer aplicar as diretivas do faraó. Graças à sua gestão rigorosa, o inventário das riquezas do Egito e das suas diversas reservas não levava mais de alguns meses, mas os seus emissários deviam interrogar os superiores de todos os templos e os governantes de todas as províncias, redigir uma quantidade impressionante de listas e procurar as inexatidões. As exigências do soberano desencadearam uma hostilidade surda, assim, Bagey, considerado como o verdadeiro responsável por esta inquisição administrativa, ocupava-se a acalmar as susceptibilidades e a dissipar a irritação de numerosos dignitários.

No final da tarde, Bagey teve a confirmação de que as suas diretrizes haviam sido executadas à letra. A partir do dia seguinte, faria duplicar a guarnição das Muralhas do Rei, já em alerta permanente.

No acampamento, a noite foi sinistra. Na manhã seguinte, os egípcios atacariam o fortim rebelde a fim de acabar com o seu isolamento e tentar estabelecer uma ligação com o general Asher. O assalto anunciava-se difícil. Muitos não regressariam à pátria.

Suti jantava com um soldado mais velho, um combatente originário de Mênfis. Era ele que dirigiria as manobras da torre montada sobre rodas.

– Em seis meses, – disse ele, – estarei na reforma. É a minha última campanha na Ásia, garoto! Toma, come alho fresco. Purificar-te-á e evitará os golpes do frio.

– Seria melhor com coentros e vinho rose.

– O banquete fica para depois da vitória! Habitualmente neste regimento alimentam-nos bem. A carne de vaca e os bolos não são raros, a frescura dos legumes é aceitável, a cerveja abundante. Antigamente, os soldados roubavam aqui e ali, Ramsés proibiu essas práticas e baniu os larápios do exército. Eu nunca roubei nada de ninguém. Vão dar-me uma casa no campo, um pedaço de terra e uma criada. Pagarei poucos impostos e transmitirei a minha propriedade à pessoa que eu escolher. Fizeste bem em te alistares, garoto, tens o futuro garantido.

– Com a condição de sair deste vespeiro.

– Vamos arrasar aquele fortim. Acima de tudo, tem cuidado com a tua esquerda. A morte macho vem desse lado, a fêmea pela direita.

– Não há mulheres nas hostes inimigas?

– Há pois, e das valentes!

Suti não se esqueceria nem da esquerda nem da direita, lembrar-se-ia também da retaguarda, em memória do tenente da unidade de carros de combate.

Os soldados egípcios lançaram-se numa dança selvagem, fazendo girar as suas armas acima das cabeças e dirigindo-as para o céu a fim de obterem um destino favorável e coragem para combater até à morte. Segundo as convenções internacionais, a batalha teria lugar uma hora após a alvorada, apenas os beduínos atacavam sem aviso.

O velho soldado espetou uma pluma nos longos cabelos negros de Suti.

– É o costume, para os arqueiros de elite. Essa pena evoca a da deusa Maât, graças a ela o teu coração será firme e apontarás certo.

Os soldados de infantaria trouxeram as escadas de mão, à frente, vinha o antigo pirata. Suti subiu à torre de assalto ao lado do velho. Uma dezena de homens empurraram-na em direção ao fortim. Alguns soldados haviam aplanado toscamente um caminho de terra onde as rodas de madeira avançavam sem muito esforço.

– Para a esquerda – ordenou o condutor.

O terreno aplanava-se. Do alto do fortim, os arqueiros inimigos dispararam. Dois egípcios caíram mortos, uma flecha rasou a cabeça de Suti.

– É contigo, garoto.

Suti tendeu o arco revestido de chifre, lançadas em parábola, as flechas chegavam a mais de duzentos metros de distância. Com a corda esticada ao máximo, ele concentrou-se e expirou ao aliviar a pressão.

Um beduíno, atingido em pleno coração, tombou de uma ameia. O êxito desvaneceu o medo dos soldados que se lançaram sobre o inimigo.

Suti mudou de arma a uma centena de metros do objetivo. O seu arco de acácia, mais preciso e menos cansativo de manejar, permitia-lhe fazer pontaria rapidamente e desguarnecer metade das ameias. Rapidamente, os egípcios puderam colocar todas as escadas.

Quando a torre não se encontrava a mais de uma vintena de metros do alvo, o condutor encolheu-se, com uma flecha cravada no ventre. A velocidade aumentou, a torre veio embater contra o muro do fortim. Enquanto os seus camaradas saltavam as ameias e se introduziam no interior do bastião, Suti preocupou-se com o velho soldado.

O ferimento era mortal.

– Uma bela reforma, garoto, verás... eu... foi pouca sorte.

A cabeça tombou-lhe sobre o ombro.

Com a ajuda de um aríete, os egípcios arrombaram a porta, com um machado, o antigo pirata conseguiu demoli-la. Em pânico, os adversários fugiram em debandada. O cacique local saltou para o seu cavalo e pisou o oficial que o intimava a render-se. Furiosos, os egípcios espalharam-se e não o pouparam.

Enquanto o fogo devastava o fortim, um fugitivo andrajoso escapou à vigilância dos vencedores e lançou-se em direção à

floresta. Suti alcançou-o e agarrou-lhe a túnica esfarrapada, rasgando-a.

Uma mulher, jovem e vigorosa. A gata brava que o roubara.

Mesmo nua, ela continuava a correr. Incitado pelo riso e gritos de encorajamento dos seus companheiros de armas, Suti derrubou-a.

Enlouquecida de medo, ela debateu-se longamente. Suti ergueu-a, atou-lhe as mãos e cobriu-a com as suas vestes pobres.

– Essa pertence-te – declarou um soldado.

Os poucos sobreviventes, de mãos no ar, acima da cabeça, haviam abandonado arcos, escudos, sandálias e cantis. Segundo as expressões consagradas, eles perdiam a alma, abandonavam o seu nome e esvaziavam-se do seu esperma. Os vencedores apoderaram-se da baixela de bronze, das vacas, dos burros e das cabras, queimaram o quartel, o mobiliário e os panos. Do fortim, não restaria mais que um amontoado de pedras espalhadas e calcinadas.

O antigo pirata dirigiu-se a Suti.

– O chefe está morto, assim como o condutor da torre. De entre nós, tu és o mais valente e um arqueiro de elite. Cabe-te a responsabilidade de comandar.

– Mas eu não tenho qualquer experiência.

– Tu és um herói. Todos nós estamos prontos a testemunhá-lo, sem ti, a nossa missão teria fracassado. Conduz-nos em direção ao Norte

O jovem submeteu-se à vontade dos seus camaradas. Disse-lhes para tratarem corretamente os prisioneiros. Durante alguns interrogatórios rápidos, estes afirmaram que o instigador da revolta, Adefi, não se encontrava no fortim.

Suti marchava à cabeça da coluna, de arco na mão. À sua direita, a prisioneira.

– Como te chamas?

– Pantera.

A beleza dela fascinava-o. Bravia, de cabelos louros e olhar em brasa, tinha um corpo soberbo e uns lábios sensuais. A sua voz era quente, feiticiera.

– De onde vens?

– Da Líbia. Meu pai era um morto vivo.

– Que queres dizer?

– Por ocasião de uma razia, um gládio egípcio abriu-lhe o crânio. Antes tivesse morrido. Prisioneiro de guerra, trabalhou como agricultor no Delta. Esqueceu a sua língua, o seu povo e tornou-se um egípcio! Odiei-o e não fui aos seus funerais. Eu retomei o combate!

– Que nos censuras?

A pergunta surpreendeu Pantera.

– Somos inimigos há dois mil anos! – exclamou ela.

– Não seria oportuno declarar umas tréguas?

– Nunca!

– Tentarei convencer-te.

O encanto de Suti não foi completamente ineficaz. Pantera aceitou erguer o olhar para ele.

– Tornar-me-ei tua escrava?

– Não existem escravos no Egito.

Um soldado deu o alarme. Todos se lançaram ao chão. No cimo de uma colina, a vegetação agitou-se. De lá saiu uma alcateia de lobos que observou os viajantes e continuou o seu caminho. Aliviados, os egípcios agradeceram aos deuses.

– Virão salvar-me – afirmou Pantera.

– Não contes com ninguém senão contigo própria.

– Na primeira ocasião, trair-te-ei.

– A sinceridade é uma virtude rara. Começo a gostar de ti. – Amuada, ela refugiou-se na sua cólera.

Proseguiram durante horas através de terreno rochoso, depois seguiram o leito de uma torrente seca. De olhar cravado nas escarpas rochosas, Suti espreitava o menor sinal de uma presença hostil.

Quando uma dezena de arqueiros egípcios lhes barraram a estrada, souberam que estavam salvos.

Quando Paser se apresentou no seu escritório, por volta das onze horas da manhã, a porta encontrava-se fechada.

– Vai procurar Larrot – ordenou ele a Kem.

– Com o babuíno?

– Com o babuíno.

– E se estiver doente?

– Traga-o imediatamente, no estado em que estiver.

Kem apressou-se.

Com a cara muito vermelha e as pálpebras inchadas, Larrot explicou-se, lamentando-se.

– Estava a repousar devido a uma indigestão. Já tomei grãos de cominhos com leite, mas as náuseas persistiram. O médico prescreveu-me uma infusão de bagas de zimbros e dois dias de descanso.

– Porque inundastes de mensagens a polícia tebana?

– Duas urgências!

A cólera do juiz aplacou-se.

– Explica-te.

– Primeira urgência: acabou o papiro. Segunda urgência: a verificação do conteúdo dos celeiros que depende da tua jurisdição. Segundo a nota dos serviços técnicos, falta metade da reserva de trigo no silo principal.

Larrot baixou a voz.

– Um enorme escândalo em perspectiva.

Assim que os sacerdotes apresentaram os primeiros grãos da colheita a Osíris e ofereceram o pão à deusa das searas, uma longa litania de transportadores de cestos contendo a preciosa mercadoria dirigiu-se para os silos cantando: “Um dia feliz nasceu para nós.” Subiam as escadas que conduziam ao cimo dos celeiros, uns em forma de retângulo, outros cilíndricos, e aí despejavam os seus tesouros através de uma lucarna que fechava um alçapão. Uma porta permitia evacuar o cereal.

O intendente dos celeiros recebeu o juiz com frieza desusada

– O decreto real impõe que eu verifique as reservas de cereais.

– Um técnico fê-lo por ti.

– E as suas conclusões quais foram?

– Não as comunicou. Apenas a ti dizem respeito.

– Mandai encostar uma escada à fachada do celeiro principal.

– Terei de me repetir? Um técnico já efetuou a verificação.

– Pões obstáculos à execução da lei?

O intendente tornou-se mais amável.

– Apenas velo pela tua segurança, juiz Paser. Subir lá acima é perigoso. Não estás habituado a esse tipo de escalada.

– Ignoras então que metade das tuas reservas desapareceram.

O intendente pareceu estupefato.

– Que desastre!

– Tens alguma explicação?

– Vermes, certamente.

– Não são eles a tua principal preocupação?

– Remeto-a ao serviço de higiene, são eles os responsáveis!

– Mas metade das reservas é muita coisa.

– Quando os vermes atacam...

– Coloca a escada.

– É inútil, asseguro-te. Não é tarefa para um juiz!

– Assim que apuser o meu selo no relatório oficial, serás o responsável perante a justiça.

Dois funcionários trouxeram uma grande escada e colocaram-na contra a fachada do silo. Paser subiu, pouco à vontade, as travessas rangiam, a estabilidade deixava muito a desejar. A meio do percurso, Paser vacilou.

– Calça-a! – ordenou ele.

O intendente olhou para trás de si, como se pensasse em escapar.

Kem pousou-lhe a mão no ombro, enquanto o babuíno se abeirava da sua perna.

– Obedecemos ao juiz – recomendou o núbio. – Certamente que não desejas que haja um acidente.

Ambos fizeram contrapeso. Tranquilizado, Paser continuou a subir. Atingiu o topo, oito metros acima do solo, puxou um trinco e abriu a lucarna.

O silo encontrava-se cheio até às bordas.

– Incompreensível, – considerou o intendente. – O verificador mentiu-te.

– Há uma outra hipótese, – disse Paser: – a tua cumplicidade.

– Fui enganado, fica certo disso!

– Hesito em acreditar.

O babuíno emitiu um grunhido e mostrou os dentes.

– Ele detesta mentirosos – esclareceu o núbio.

– Segura esse animal feroz!

– Não exerço qualquer controle sobre ele quando uma testemunha o irrita.

O intendente baixou a cabeça.

– Ele prometeu-me uma boa retribuição, com a condição de confirmar a sua peritagem. Teríamos escoado o grão pretensamente em falta. Uma bela operação em perspectiva. Já que o delito não se efetivou, ser-me-á permitido conservar o meu posto?

Paser trabalhou até tarde. Assinou o ato de revogação do intendente e argumentos justificativos e procurou em vão o nome do verificador nas listas de funcionários. Um nome falso, sem qualquer dúvida. O desvio de cereal não era raro, mas o delito nunca antes assumira tais proporções. Um ato individual limitado a um silo de Mênfis, ou corrupção generalizada? Esta última hipótese justificaria o surpreendente decreto do faraó. Pois não contava o soberano com os juizes para restabelecer a equidade e endireitar o que estava torto? Se cada um agisse com justiça, fosse a sua função modesta ou importante, o mal seria rapidamente vencido.

Na chama da lamparina dançava o rosto de Néféret, os seus olhos, os seus lábios. Àquela hora, ela devia estar a dormir.

Estará ela a pensar nele?

CAPÍTULO 25

Paser, acompanhado de Kem e do babuíno, apanhou um barco rápido com destino à maior plantação de papiro do Delta, explorada por Bel-Tran sob licença real. Na lama e nos pântanos, as plantas de umbelas cabeludas e de caules de seção triangular chegavam a atingir uma altura de seis metros e a formar uma vegetação espessa. Apertadas umas contra as outras, as flores em forma de guarda-sol coroavam o precioso vegetal. Com as suas raízes lenhosas fabricava-se mobiliário, com as fibras da casca, esteiras, cestos, redes de pesca, cabos, cordas, e até mesmo sandálias e tangas para os mais pobres. A seiva esponjosa, correndo abundante sob a casca, beneficiava de um tratamento apropriado por forma a transformar-se no famoso papiro que o mundo inteiro invejava ao Egito.

Bel-Tran não se contentava com o ciclo natural, assim, no seu imenso domínio, havia cultivado o papiro a fim de desenvolver a produção e exportar uma parte dela. Para todo o Egito, os caules verdejantes significavam vigor e juventude, o ceptro das deusas tinha a forma de um papiro, as colunas dos templos eram papiros de pedra.

Um largo caminho fora aberto por entre a vegetação, Paser cruzou-se com camponeses despidos que transportavam pesados feixes às costas. Mascavam os rebentos tenros, absorviam o suco e cuspiam a polpa. Diante dos grandes armazéns onde, a seco, se conservava o material em caixas de madeira ou dentro de vasos de terra cozida, os especialistas limpavam as fibras seleccionadas com cuidado, antes de as estenderem em esteiras ou tábuas.

As lamelas, com uma seção de quarenta centímetros, estavam cortadas à largura, e dispostas em duas camadas sobrepostas em ângulo reto. Uma nova categoria de técnicos cobriam o conjunto com um pano húmido e batiam-no longamente com um malho de madeira. Era então chegado o momento delicado em que as faixas de papiro se deviam colar umas às outras ao secar, sem qualquer aditivo.

– Magnífico, não é verdade?

O homem atarracado que se dirigia a Paser tinha uma cabeça redonda, em forma de lua, cabelos negros e assentes com a ajuda de um cosmético. Mãos e pés rechonchudos, corpo pesado, ele parecia, no entanto, muito dinâmico e quase agitado.

– A tua visita muito me honra, juiz Paser, o meu nome é Bel-Tran. Sou o proprietário deste domínio.

Puxou a tanga e arranjou a camisa de linho fino. Mesmo vestindo-se na melhor tecelã de Mênfis, as suas vestes pareciam sempre muito pequenas, muito grandes ou muito largas.

– Desejo comprar-te papiros.

– Vem ver os meus melhores espécimes.

Bel-Tran conduziu Paser à seção onde guardava os exemplares de luxo, rolos compostos de uma vintena de folhas. O fabricante desenrolou um deles.

– Contempla este esplendor, esta trama fina, esta fantástica cor amarela. Nenhum concorrente conseguiu imitar-me. Um dos segredos é o tempo de exposição ao sol, mas há ainda outros aspectos importantes em relação aos quais a minha boca se mantém selada.

O juiz tocou a extremidade do rolo.

– É perfeito.

Bel-Tran não dissimulou o seu orgulho.

– Destino-o aos escribas que copiam as antigas *Sabedorias* ³¹ e as completam. A biblioteca do palácio encomendou-me uma dezena para o próximo mês. Forneço igualmente exemplares do *Livro dos Mortos* que são colocados nos túmulos.

– O teu negócio parece florescente.

– É-o à custa de trabalhar noite e dia! Não me queixo, pois o meu ofício apaixonou-me. Fornecer um suporte aos textos e aos hieróglifos, não é uma tarefa essencial?

– Os meus créditos são limitados, não possuo os meios de comprar tão magníficos papiros.

– Disponho de uma qualidade inferior, mas ainda assim notável. Solidez garantida.

O lote convinha ao juiz, mas o preço continuava demasiado elevado. Bel-Tran coçou a nuca.

– Simpatizo muito contigo, juiz Paser, e espero que seja recíproco. Amo a justiça, pois ela é a chave da felicidade. Concedes-me o prazer de te oferecer este lote?

– Muito me sensibiliza a tua generosidade, mas sou obrigado a recusar.

– Permite-me que insista.

– Qualquer presente, seja qual for a sua forma, seria qualificado de corrupção. Se me concederes prazos de pagamento, é preciso notificá-lo e registrá-lo.

– Pois bem, de acordo! Ouvi dizer que não hesitas em atacar os grandes comerciantes que não respeitam a lei. É muito corajoso da tua parte.

– Um simples dever.

– Em Mênfis, ultimamente, a moralidade dos negociantes tem tendência a baixar. Suponho que o decreto do faraó porá fim a essa lamentável evolução.

– Eu e os meus colegas faremos o possível, ainda que conheça mal os costumes de Mênfis.

– Acostumar-te-ás depressa. Nestes últimos anos, a concorrência entre os comerciantes foi bastante desenfreada, e não hesitaram em lançar mão de golpes violentos.

– Recebeste algum?

– Como os outros, mas eu luto. No começo, trabalhei como encarregado-adjunto de contas num grande domínio do Delta onde o papiro era mal explorado. Salário irrisório e muitas horas de trabalho. Propus melhorias ao mestre da plantação, ele aceitou-as e elevou-me ao cargo de encarregado de contas. Teria vivido tranquilo se a infelicidade não me tivesse batido à porta.

Os dois homens saíram do armazém e caminharam por uma alameda bordada de flores que conduzia à residência de Bel-Tran.

– Posso oferecer-te uma bebida? Não se trata de corrupção, garanto-te!

Paser sorriu. Sentia que o fabricante tinha vontade de falar.

– E qual foi essa infelicidade?

– Uma desventura pouco gloriosa. Casei com uma mulher mais velha que eu, originária de Elefantina, entendíamos-nos bem, apesar de alguns choques sem gravidade. Eu regressava tarde a casa, ela aceitava. Uma tarde, fui vítima de um mal-estar, excesso de trabalho, provavelmente. Levaram-me a casa. A minha esposa encontrava-se na cama com o jardineiro. Tive vontade de matá-la, depois de fazê-la condenar por adultério... mas o castigo é pesado. Contentei-me com um divórcio, imediatamente pronunciado. ³²

– Uma prova penosa.

– Fiquei profundamente ferido, e encontrei consolo em trabalhar duas vezes mais. O mestre da plantação ofereceu-me uma terra que ninguém queria. Um sistema de irrigação, que eu mesmo concebi, valorizou-a: primeiras colheitas conseguidas, preços corretos, clientes satisfeitos... e a aprovação do palácio! Ao tornar-me fornecedor da corte, fui honrado. Foram-me atribuídos os pântanos que acabas de atravessar.

– Parabéns.

– O esforço é sempre recompensado. És casado?

– Não.

– Eu tentei a aventura uma segunda vez, e tinha razão.

Bel-Tran engoliu uma pastilha composta de olíbano ³³, junca e cana de fenícia, mistura garantida para um bom hálito. Vou apresentar-te a minha jovem esposa.

A senhora Silkis, desesperada, temia o aparecimento da primeira ruga. Assim, procurou um óleo de alforva que apagava as imperfeições da pele. O perfumista separava as vagens e grãos, preparava uma pasta e aquecia-a. À superfície formavam-se as pérolas do óleo. Prudente, Silkis aplicou uma máscara de beleza, composta por mel, natrão vermelho e sal do Norte, depois massajou o resto do corpo com pó de alabastro.

Graças à cirurgia de Nébamon, o seu rosto e formas haviam sido adelgaçados, segundo os desejos do seu marido, é certo que ainda se julgava demasiado pesada e demasiado roliça, mas Bel-Tran não lhe criticava as coxas avantajadas. Antes de acolhê-lo para um copioso almoço, passou um pouco de almagre nos lábios, um creme doce sobre as faces e um traço verde em volta dos olhos. Depois, friccionou o couro cabeludo com uma loção desinfetante, cujos principais ingredientes, a cera de abelha e a resina, evitavam o aparecimento de cabelos brancos.

O espelho devolvia-lhe uma imagem satisfatória. Silkis usava uma peruca de cabelos verdadeiros, provida de mechas perfumadas. O seu marido oferecera-lhe esse pequeno tesouro aquando do nascimento do seu segundo filho, um rapaz.

A criada avisou-a da chegada de Bel-Tran, na companhia de um convidado.

Em pânico, Silkis voltou a mirar-se no espelho. Agradaria, ou seria criticada devido a um defeito que não notara? Já não tinha tempo para se pintar de maneira diferente ou mudar de vestido.

Receosa, saiu do seu quarto.

– Silkis, minha querida! Apresento-te o juiz Paser, de Mênfis. A jovem senhora sorriu, com o embaraço e pudor convenientes.

– Nós recebemos muitos compradores e técnicos, – continuou Bel-Tran, – mas tu és o nosso primeiro juiz! É muita honra.

A casa nova do vendedor de papiro compreendia uma dezena de divisões pouco iluminadas. A senhora Silkis temia o sol, pois este enrubescia a pele. Uma criada trouxe cerveja fresca, seguida de duas crianças, uma menina loura e um rapazinho que se parecia com o pai. Saudaram o magistrado e saíram correndo e gritando.

– Ah, estas crianças! Temos verdadeira adoração por elas, mas por vezes são esgotantes.

Silkis concordou com um aceno de cabeça. Felizmente, os partos haviam decorrido sem dificuldades e não haviam estragado o seu corpo, graças a longos períodos de repouso. Ela escondia algumas formas redondas mais rebeldes sob um amplo vestido de linho de primeira qualidade, discretamente ornado de pequenas franjas vermelhas. Os brincos, compostos de um aro e berloque de marfim, eram importados da Núbia.

Paser foi convidado a sentar-se numa cadeira de repouso em papiro.

– Original, não é verdade? Eu gosto das inovações, – afirmou Bel-Tran. – Se a forma agradar, comercializo-a.

O juiz espantou-se com a disposição da casa, toda em largura, muito baixa e sem terraço.

– Tenho vertigens. Debaixo deste alpendre estamos ao abrigo do calor.

– Agrada-te Mênfis? – perguntou Silkis.

– Preferia a minha aldeia.

– Onde moras?

– Por cima do meu escritório. O local é um pouco exíguo, desde a minha entrada em funções, não faltam inquéritos diversos e os arquivos acumulam-se. Dentro de alguns meses, arrisco-me a estar apertado.

– Pormenor muito fácil de resolver – considerou Bel-Tran. – Um dos meus melhores contatos de negócios é o responsável pelo arquivo, no palácio. É ele que distribui os locais nos depósitos do Estado.

– Não gostaria de usufruir de qualquer privilégio.

– Não será um privilégio. Serás chamado ao seu encontro, cedo ou tarde, ora, quanto mais cedo, melhor. Dou-te o nome dele e logo decidirás o que fazer.

A cerveja estava deliciosa, os grandes jarros, destinados à sua conservação, mantinham-na fresca.

– Este Verão – revelou Bel-Tran – abrirei um armazém de papiro perto do arsenal. A entrega às administrações será muito mais rápida.

– Ficarás então instalado na minha jurisdição?

– Estou contente por isso. Se bem avalio o teu temperamento, os teus controles serão rigorosos e eficazes. Assim, a minha reputação ficará firmemente estabelecida. Apesar das ocasiões que se nos apresentam, tenho horror à fraude, mais dia menos dia, acabamos por ser apanhados com a mão no saco! O Egito não gosta de gente traiçoeira. Como diz o provérbio, a mentira não encontrará barco e não atravessará o rio.

– Já ouviste falar do tráfico de cereais?

– Quando o escândalo rebentar, as sanções serão severas.

– Quem será afetado?

– Há rumores que uma parte das colheitas armazenadas nos silos teria sido desviada em proveito de particulares. Simples rumores, mas insistentes.

– E a polícia não investigou?

– Sem qualquer êxito. Aceitas almoçar connosco?

– Não queria ser importuno.

– A minha mulher e eu acolher-te-emos com o maior prazer. – Silkis inclinou a cabeça em sinal de assentimento e presenteou

o juiz com um sorriso aprovador.

Paser apreciou a excelência das iguarias: pasta de fígado de ganso, salada das mais finas ervas e azeite de oliva, ervilhas frescas, romãs e pastelaria variada, tudo acompanhado de um vinho tinto do Delta datado do primeiro ano do reinado de Ramsés, o Grande. As crianças comeram à parte, mas exigiram bolos.

– Tencionas constituir família? – perguntou Silkis.

– A minha função absorve-me – respondeu Paser.

– Uma mulher e filhos: não é esse o objetivo da existência? Não há maior satisfação – afirmou Bel-Tran.

Acreditando passar despercebida, a ruivinha rapinou uma guloseima. O pai agarrou-a pelo pulso.

– Ficarás privada dos jogos e dos passeios.

A menina irrompeu em soluços e bateu com os pés no chão.

– És demasiado intransigente – protestou Silkis. – Não é assim tão grave.

– Ter tudo o que se deseja, e roubar, é aflitivo!

– Não fazias a mesma coisa, quando eras criança?

– Os meus pais eram pobres, não roubei nada de ninguém e não admito que a minha filha se comporte dessa maneira.

A acusada chorou ainda com mais força.

– Importas-te de levá-la daqui? – Silkis obedeceu.

Os riscos da educação! Graças aos deuses, as alegrias são mais numerosas que as tristezas.

Bel-Tran mostrou a Paser o lote de folhas de papiro que lhe destinava. Este propôs-lhe que reforçasse as extremidades e juntasse alguns rolos de inferior qualidade, de cor esbranquiçada, serviriam para rascunhos.

Os dois homens despediram-se com entusiasmo.

A cabeça calva de Mentmosé tingiu-se de vermelho, traíndo a cólera que muito a custo continha.

– São rumores, juiz Paser, nada mais que rumores!

– E, contudo, mandaste investigar.

– Simples rotina.

– Nenhum resultado?

– Nenhum! Quem ousaria desviar o trigo armazenado num silo do Estado? Grotesco! E porque te ocupas desse assunto?

– Porque o silo está sob a minha jurisdição.

O chefe da polícia baixou o tom.

– É verdade, tinha-me esquecido. Que prova tens?

– A melhor de todas: uma prova escrita.

Mentmosé leu o documento.

– O verificador notou que metade da reserva fora utilizada... onde está a anormalidade?

– O silo está cheio, eu próprio o constatei.

O chefe da polícia ergueu-se, voltou as costas ao juiz e dirigiu-se para a janela.

– Esta nota está assinada.

– Um nome falso. Não figura na lista dos funcionários acreditados. Não serás tu o funcionário mais bem colocado para encontrar esta estranha personagem?

– Interrogaste o intendente dos celeiros, suponho?

– Ele afirma não conhecer o verdadeiro nome do homem com o qual tratou e que não viu mais que uma vez.

– Na tua opinião, são então mentiras?

– Talvez não.

Apesar da presença do babuíno, o intendente não dissera mais nada, por esse motivo, Paser acreditava na sua sinceridade.

– Uma verdadeira conspiração.

- Possivelmente.
- Aparentemente, o intendente é o seu instigador.
- Não confio nas aparências.
- Confia-me esse bandido, juiz Paser. Fá-lo-ei falar.
- Isso está fora de questão.
- Então que propões?
- Uma vigilância permanente e discreta do silo. Quando o ladrão e os seus acólitos vierem buscar o cereal, prendê-los-ás em flagrante delito, e obterás o nome de todos os culpados.
- O desaparecimento do intendente já os terá alertado.
- É por isso que ele deve continuar a ocupar o seu posto.
- É um plano complicado e perigoso.
- Muito pelo contrário. Se tens um melhor, submeto-me.
- Farei o que for necessário.

CAPÍTULO 26

A casa de Branir era o único porto de paz onde se atenuavam os tormentos que oprimiam Paser. Escrevera uma longa carta a Néféret onde lhe declarava novamente o seu amor, suplicando-lhe que respondesse com o coração. Censurava-se por importuná-la, mas não podia mais dissimular a sua paixão. Doravante, a sua vida encontrava-se nas mãos de Néféret.

Na primeira divisão da sua casa, Branir oferecia flores ao busto dos antepassados. Paser recolheu-se a seu lado. Lóios de cálices verdes e flores amarelas lutavam contra o esquecimento e prolongavam a presença dos sábios que habitavam o paraíso de Osíris.

Acabada a cerimônia, mestre e discípulo subiram à açoteia. Paser gostava dessa hora em que morria a luz do dia para voltar a renascer na da noite.

– A tua juventude vai-se como uma pele usada. Ela foi feliz e tranquila. Hoje, é preciso que venças na tua vida.

– Sabes tudo a meu respeito.

– Mesmo o que recusas confiar-me?

– Contigo a conversa é inútil. Crês que ela me aceitará?

– Néféret é incapaz de fingir. Agirá segundo a verdade. – Por momentos, acessos de angústia apertaram a garganta de Paser.

– Talvez eu tenha enlouquecido.

– Só há uma loucura: cobiçar o que pertence a outrem.

– Esqueço o que me ensinaste: construir a nossa inteligência pela retidão, permanecendo refletido e preciso, não nos preocuparmos com a nossa felicidade, agir de forma a que os homens caminhem em paz, os templos sejam construídos e os pomares floresçam para os deuses. A minha paixão incendeia-me e eu alimento esse fogo.

– Assim é. Vai até ao fundo do teu ser, ao ponto em que não voltarás jamais atrás. Queira o céu que não te afastes nunca do caminho certo.

– Não negligencio os meus deveres.

– Como está o caso da esfinge?

– Horizonte bloqueado.

– Nenhuma esperança?

– Ou deitar a mão ao quinto veterano, ou obter revelações sobre o general Asher, graças a Suti.

– É bem pouco.

– Não renunciarei, nem que tenha de esperar vários anos até obter um novo indício. Não te esqueças de que possuo a prova da mentira do exército: cinco veteranos oficialmente mortos, enquanto um deles se tornou padeiro em Tebas.

– O quinto está vivo – declarou Branir, como se o visse à sua frente. – Não renunciies, pois a infelicidade ronda por aí.

Fez-se silêncio. A solenidade do tom preocupara o juiz. O seu mestre possuía dons de vidência, por vezes, uma realidade, ainda invisível, impunha-se-lhe.

– Em breve deixarei esta casa – anunciou. – Chegou a hora de residir no templo para aí acabar os meus dias. O silêncio dos deuses de Carnaque encherá os meus ouvidos, e dialogarei com as pedras da eternidade. Cada dia será mais sereno que o antecedente e caminharei em direção à grande idade que prepara a comparência perante o tribunal de Osíris.³⁴

Paser revoltou-se.

– Mas eu preciso dos teus ensinamentos.

– Que conselhos te poderei dar? Amanhã, pegarei no meu bastão da velhice e caminharei em direção ao Belo Ocidente, de onde ninguém regressa.

– Se eu descobri uma doença terrível para o Egito e se me é possível combatê-la, a tua autoridade moral ser-me-á indispensável. A tua intervenção poderá revelar-se decisiva. Aguarda, peço-te.

– De qualquer forma, esta casa pertencer-te-á a partir do momento em que eu me retirar para o templo.

Chéchi acendeu o fogo com caroços de tâmaras e carvão, colocou sobre a chama um cadinho em forma de chifre e activou-o com a ajuda de um sopro. Tentava, uma vez mais, aperfeiçoar um novo método de fusão do metal, vertendo a liga em moldes especiais. Dotado de uma memória excepcional, não anotava nada, com medo de ser traído. Os seus dois assistentes, rapazes

robustos e infatigáveis, eram capazes de atçar o fogo durante horas soprando através de longos caules ocos.

A arma inquebrável em breve estaria pronta, equipados de espadas e lanças de uma robustez a toda a prova, os soldados do faraó despedaçariam os capacetes e trespassariam as armaduras dos asiáticos.

Gritos e ruídos de luta interromperam as suas reflexões. Chéchi abriu a porta do laboratório e chocou contra dois guardas que agarravam pelos braços um homem de idade avançada de cabelos brancos e mãos vermelhas, este bufava como um cavalo esfalfado, os seus olhos lacrimejavam, a sua tanga estava rasgada.

– Introduziu-se na reserva dos metais – explicou um dos guardas. – Interpelamo-lo e ele tentou fugir.

Chéchi reconheceu imediatamente o dentista Qadash, mas não manifestou a menor surpresa.

– Soltem-me, seus brutos! – exigiu o médico.

– És um ladrão – replicou o chefe dos guardas.

Que loucura teria atravessado a cabeça de Qadash? Há muito tempo que ele sonhava com o ferro celeste para fabricar os seus instrumentos cirúrgicos e tornar-se um dentista sem rival. Para seu benefício pessoal, perdera a cabeça, esquecendo o plano dos conjurados.

– Vou enviar um dos meus homens à repartição do deão do pórtico, – anunciou o oficial. – Precisamos de um juiz imediatamente.

Sob pena de se tornar suspeito, Chéchi não podia opor-se a essa diligência.

Importunado a meio da noite, o escriba do deão do pórtico não achou necessário acordar o seu patrão, muito melindroso no tocante às suas horas de sono. Consultou a lista dos magistrados e escolheu o último a ser nomeado, um certo Paser. Sendo o menos elevado na hierarquia, era preciso que aprendesse o seu trabalho.

Paser não dormia. Sonhava com Néféret, imaginando-a perto de si, terna, tranquilizadora. Ele falar-lhe-ia das suas investigações, ela dos seus doentes. Partilhando os dois o peso do seu respectivo fardo, usufruiriam de uma felicidade simples, renascida a cada alvorada.

Vento do Norte começou a zurrar, *Bravo* ladrou. O juiz levantou-se e abriu a janela. Um guarda armado mostrou-lhe a ordem de requisição emitida pelo escriba do deão do pórtico. Lançando uma capa curta sobre os ombros, Paser seguiu o guarda até ao quartel.

Diante da escada que conduzia à cave, dois soldados cruzavam as suas lanças. Afastaram-nas para deixar passar o juiz, que Chéchi acolheu à entrada do laboratório.

– Esperava o deão do pórtico.

– Lamento desapontar-te, mas fui encarregado da ocorrência. Qual é o problema?

– Uma tentativa de roubo.

– Algum suspeito?

– O culpado foi detido.

– Bastará então relatar os fatos, proceder à apresentação da queixa e julgá-lo sem demora. – Chéchi pareceu embaraçado. – Tenho de interrogá-lo. Onde está ele?

– No corredor, à tua esquerda.

Sentado sobre uma bigorna e vigiado por um guarda armado, o culpado sobressaltou-se ao ver Paser.

– Qadash! Que fazes aqui?

– Passeava próximo daquela caserna, quando fui agredido e trazido até este local à força.

– Incorreto – protestou o guarda. – Este homem introduziu-se num depósito, e nós interceptamo-lo.

– Mentira! Vou apresentar queixa por agressão e ferimentos.

– Várias testemunhas te acusam – relembrou Chéchi.

– Que contém esse depósito? – perguntou Paser.

– Metais, sobretudo cobre.

Paser dirigiu-se ao dentista.

– Carecias talvez de matéria-prima para os teus instrumentos?

– Sou vítima de um engano.

Chéchi aproximou-se do juiz e murmurou-lhe algumas palavras ao ouvido.

– Como desejares.

Isolaram-se no laboratório.

– As pesquisas que efetuamos aqui exigem a maior discrição. Poderias organizar um processo à porta fechada?

– Obviamente que não.

– Em casos especiais...

– Não insistas.

– Qadash é um dentista honrado e rico. Não consigo explicar o seu gesto.

– Qual a natureza das tuas pesquisas?

– Armamento. Compreendes agora?

– Não existe uma lei específica para a tua atividade. Se Qadash é acusado de roubo, defender-se-á como entender e tu estarás presente.

– Terei então de responder a perguntas.

– Bem entendido.

Chéchi alisou os pêlos do bigode.

– Nesse caso, prefiro não apresentar queixa.

– Estás no teu direito.

– É sobretudo no interesse do Egito. Ouvidos indiscretos, no tribunal ou noutra local, seriam uma catástrofe. Entrego-te Qadash, da minha parte, nada se passou. Quanto a ti, juiz Paser, não esqueças que estás obrigado ao sigilo.

Paser saiu da caserna na companhia do dentista.

– Não será mantida qualquer queixa contra ti.

– Eu tenho uma acusação a fazer!

– Testemunhas desfavoráveis, presença insólita num certo local a uma hora indevida, suspeita de roubo... o teu processo é aflitivo.

Qadash tossiu, arrotou e cuspiu.

– Entendido, abandono a queixa.

– Eu não.

– Como?

– Aceito levantar-me a meio da noite, investigar seja em que condições for, mas não aceito ser tomado por um imbecil. Explica-te, ou acuso-te de injúria a um magistrado.

As palavras do dentista tornaram-se embrulhadas.

– Cobre de primeira qualidade com um grau de pureza perfeito! Sonho com isso há anos.

– Como soubeste da existência desse depósito?

– O soldado que supervisiona a caserna é um cliente... falador. Ele gabou-se, eu tentei a minha sorte. Dantes, as casernas não eram assim tão bem guardadas.

– Tinhas, portanto, decidido roubar.

– Não, pagar! Teria trocado o metal por vários bois gordos. Os militares apreciam-nos muito. E o meu material seria maravilhoso, ligeiro, preciso! Mas aquele baixote de bigodes, que desilusão... É impossível fazer-se negócio com ele.

– Nem todo o Egito é corrupto.

– Corrupção? Que pensas tu? Só porque dois indivíduos efetuam uma transação, não são obrigatoriamente traficantes. Tens uma visão muito pessimista da espécie humana.

Qadash afastou-se, resmungando.

Paser vagueou pela noite. As explicações do dentista não o convenciam. Um depósito de metais, uma caserna... o exército, novamente! Este incidente não parecia, contudo, ligar-se ao desaparecimento dos veteranos, mas mais ao desespero de um dentista em decadência, negando o falhanço da sua mão.

A lua estava cheia. Segundo a lenda, nela habitava uma lebre armada de uma faca, com o seu génio belicoso, ela cortava a cabeça das trevas. O juiz de bom grado a teria contratado como escriba. O sol da noite crescia e diminuía, enchia-se e esvaziava-se de luz, a barca aérea levaria os seus pensamentos a Néféret.

A água do Nilo era afamada pelas suas qualidades digestivas. Leve, expulsava dos corpos os humores nocivos. Alguns médicos supunham que os seus poderes curativos provinham das ervas medicinais que cresciam nas suas margens e que transmitiam as suas virtudes à corrente. Assim que se desencadeavam as cheias, o rio enchia-se de partículas vegetais e de sais minerais. Os egípcios enchiam milhares de jarros onde o precioso líquido era conservado sem se alterar.

Não obstante, Néféret verificou as reservas do ano anterior, quando achava que o conteúdo de um recipiente estava turvo, deitava nele uma amêndoa doce. Vinte e quatro horas mais tarde, a água estava transparente e deliciosa. Alguns jarros, já com três anos, continuavam excelentes.

Sossegada, a jovem observava o comportamento do lavadeiro. No palácio, esse posto era atribuído a um homem de confiança, pois a limpeza do vestuário era considerada essencial, em todas as comunidades, grandes ou pequenas, passava-se o mesmo. Depois de ter lavado e torcido a roupa, o lavadeiro deveria batê-la com uma pá de madeira, depois sacudi-la levantando os braços bem alto, antes de pendurá-la numa corda colocada entre duas estacas.

– Achas-te doente?

– Porque dizes isso?

– Porque te falta energia. Há já alguns dias que a roupa está encardida.

– O trabalho é difícil. A roupa manchada das mulheres é a minha maldição.

– A água não é suficiente. Utiliza este desinfetante e este perfume.

Mal-humorado, o lavadeiro aceitou os dois frascos que a médica lhe oferecia. O sorriso desta desarmara-o.

Para evitar os ataques dos insetos, Néféret vertia cinza de madeira nas reservas de cereal, esterilizador eficaz e pouco dispendioso. A poucas semanas das cheias, ela protegia os cereais.

Enquanto inspecionava o último compartimento do celeiro, recebeu uma nova encomenda da parte de Kani: salsa, rosmaninho, salva, cominhos e menta. Secas ou reduzidas a pó, as ervas medicinais serviam de base aos remédios que Néféret receitava. As poções haviam aliviado as dores do ancião, que ficara tão feliz por poder ficar próximo dos seus que a saúde melhorara de imediato.

Apesar da discrição da médica, o seu êxito não passou despercebido, o falatório propagava rapidamente a sua reputação e muitos camponeses da margem ocidental vieram consultar-se com ela. A jovem não recusava ninguém e demorava o tempo que fosse necessário, no final dos dias esgotantes, passava uma parte da noite a preparar pílulas, unguentos e emplastros, assistida por duas viúvas, escolhidas devido à sua meticulosidade. Algumas horas de sono e a procissão dos pacientes organizava-se novamente, a partir da alvorada.

Não era propriamente assim que havia imaginado a sua carreira, mas ela gostava de curar, ver voltar uma expressão alegre a um rosto inquieto recompensava-a dos seus esforços. Nébamon tinha-lhe prestado um serviço valioso ao obrigá-la a formar-se no contato com os mais humildes. Aqui, os belos discursos de um médico mundano teriam fracassado, o trabalhador, o pescador, a mãe de família desejavam uma cura rápida e sem muitos custos.

Quando a lassidão a invadia, *Coquine*, a pequena macaca verde que mandara trazer de Mênfis, dissipava-a com os seus jogos. O pequeno animal fazia-a recordar o seu primeiro encontro com Paser, tão pleno, tão absoluto, e simultaneamente inquietante e cativante. Que mulher poderia viver com um juiz cuja vocação tinha primazia?

Uma dezena de transportadores de cestos depositaram o seu fardo diante do novo laboratório de Néféret. *Coquine* pulava de um cesto para outro. Neles havia casca de salva, natrão, azeite branco, olíbano, mel, resina de terebintina, e diversas gorduras animais em grandes quantidades.

– São para mim?

– És a doutora Néféret?

– Sim.

– Então, tudo isto te pertence.

– Mas, o preço desses produtos...

– Estão pagos.

– Por quem?

Nós apenas entregamos. Tens de assinar um recibo.

Aturdida e radiante, Néféret escreveu o seu nome numa placa de madeira. Poderia executar receitas complexas e tratar apenas as doenças graves.

Quando Sababu lhe entrou pela porta dentro, ao pôr do Sol, Néféret não ficou surpreendida.

– Já te esperava.

– Como adivinhaste?

– A pomada anti-reumatisal está quase pronta. Não me falta nenhum ingrediente.

Sababu, com a cabeleira ornada de juncos odoríferos e o pescoço enfeitado por um colar de flores de lótus em cornalina, já não parecia uma mendiga. Um vestido de linho, transparente a partir da cintura, oferecia o espectáculo das suas longas pernas.

– Quero ser tratada por ti, e apenas por ti. Os outros médicos são uns charlatães e uns ladrões.

– Não estarás a ser um pouco exagerada?

– Sei o que estou a dizer. Pagarei o teu preço.

– O teu presente é suntuoso. Disponho de uma quantidade suficiente de produtos caros para tratar certos casos.

– Primeiramente o meu.

– Terás feito fortuna?

– Retomei as minhas actividades. Tebas é uma cidade menor que Mênfis, o seu espírito é mais religioso e menos cosmopolita, mas os seus burgueses endinheirados apreciam igualmente os lupanares e as suas belas anfitriãs. Recrutei algumas jovens, aluguei uma bela casa no centro da cidade, paguei o tributo ao chefe da polícia local e abri as portas de um estabelecimento cuja reputação foi rapidamente estabelecida. A prova, ei-la diante dos teus olhos.

– És muito generosa.

– Não te iludas. Desejo ser bem tratada.

– Estás disposta a seguir os meus conselhos?

– À letra. Dirijo a casa, mas já não pratico.

– As solicitações não devem faltar.

– Aceito dar prazer a um homem, mas sem contrapartidas. Eis-me inacessível.

Néféret enrubesceu.

– Doutora! Ter-te-ei chocado?

– Não, é claro que não.

– Tu dás muito amor, mas receberás algum em troca?

– Essa pergunta não tem qualquer sentido.

– Já percebi: és virgem. Feliz do homem que souber seduzir-te.

– Senhora Sababu, eu...

– Senhora, eu? Gracejas, por certo!

– Fecha a porta e tira o vestido. Até estares completamente curada, virás todos os dias para te aplicar o bálsamo.

Sababu estendeu-se sobre a laje de massagem.

– Também tu, doutora, mereces ser verdadeiramente feliz.

CAPÍTULO 27

Uma forte corrente tornava o braço de água muito perigoso. Suti ergueu Pantera e levou-a ao ombro.

– Pára de te debateres. Se caís, afogas-te.

– Só queres humilhar-me.

– Queres verificar?

Ela acalmou-se. Com a água pela cintura, Suti seguia por um caminho curvo, apoiando-se em grossas pedras.

– Sobe às minhas costas e segura-te ao meu pescoço.

– Eu sei quase nadar.

– Mais tarde aperfeiçoas-te.

O jovem perdeu o pé e Pantera deu um grito. Enquanto voltava à tona, desembaraçado e rápido, ela colou-se mais a ele.

– Faz-te leve e bate os pés.

A angústia assaltou-o. Uma vaga furiosa cobriu a cabeça de Suti, mas ele conseguiu alcançar a margem. Ali espetou uma estaca, amarrou-lhe uma corda e lançou-a para a outra margem onde um soldado a prendeu solidamente. Pantera podia ter-se escapado.

Os sobreviventes do assalto e o destacamento de arqueiros do general Asher transpuseram o obstáculo. O último soldado, sobrestimando as suas forças, divertiu-se a largar a corda. Com o peso das suas armas, chocou com um bloco que boiava à tona, afundando-se.

Suti mergulhou.

Como se se regozijasse de engolir duas presas, a corrente intensificou-se. Nadando debaixo de água, Suti recuperou o infeliz. Com as duas mãos, agarrou-o pelos sovacos, interrompeu a sua descida e tentou içá-lo. O afogado retomou a consciência, afastou o seu salvador com um golpe do cotovelo e desapareceu nas profundezas da corrente.

– Não és o responsável, – afirmava Pantera.

– Não gosto da morte.

– Era apenas um estúpido de um egípcio!

Ele deu-lhe uma bofetada. Aturdida, ela lançou-lhe um olhar carregado de ódio.

– Nunca ninguém me tratou assim!

– É pena.

– É costume bater-se nas mulheres, no teu país?

– Elas têm os mesmos direitos e os mesmos deveres que os homens. Refletindo bem, não merecias só uma palmada.

Ele ergueu-se, ameaçador.

– Pára!

– Arrependes-te das tuas palavras?

Os lábios de Pantera permaneceram mudos. O ruído de uma cavalgada intrigou Suti. Os soldados saíram das tendas a correr. Ele muniu-se do seu arco e da sua aljava.

– Se queres fugir, desaparece.

– Tu encontravas-me e matavas-me. – Ele encolheu os ombros. – Malditos sejam os egípcios!

Não se tratava de um ataque surpresa, mas da chegada do general Asher e da sua tropa de elite. Já circulavam as notícias. O antigo pirata deu um abraço a Suti.

– Estou orgulhoso de conhecer um herói! Asher vai dar-te pelo menos cinco jumentos, dois arcos, três lanças de bronze e um escudo redondo. Não serás um simples soldado por muito tempo. És corajoso, rapaz, e essa não é uma qualidade frequente, mesmo no exército.

Suti exultava. Finalmente, atingia o seu objetivo. A ele cabia saber tirar informações a partir do círculo de pessoas que rodeavam o general e descobrir o enigma. Não fracassaria na sua missão, Paser orgulhar-se-ia de si.

Um colosso de capacete interpelou-o.

– És tu Suti?

– É ele – afirmou o antigo pirata. – Foi ele que permitiu que derrubássemos o fortim inimigo e arriscou a vida para salvar (e) afogado.

– O general Asher nomeia-te oficial da unidade de carros de combate. A partir de amanhã, ajudar-nos-ás a perseguir esse canalha do Adafi.

– Está em fuga?

– Parece uma enguia. Mas a rebelião foi esmagada e acabaremos por apanhar esse covarde. Dezenas de bravos soldados pereceram nas emboscadas que ele preparou. Ele mata de noite, como a morte arrebatadora, corrompe os chefes das tribos e só procura semear a discórdia. Vem comigo, Suti. O general faz questão de ele mesmo te condecorar.

Mesmo tendo horror a este tipo de cerimônias, onde a vaidade de uns não fazia mais que aumentar a fanfarronice dos outros, Suti aceitou. Ver o general face a face recompensava-o de todos os perigos.

O herói passou entre duas fileiras de soldados entusiastas que batiam nos seus escudos com os capacetes, gritando o nome do triunfador. De longe, o general Asher nada tinha de um grande guerreiro, baixo e abatido sobre si mesmo, a sua imagem evocava antes um escriba acostumado às voltas da administração.

A dez metros dele, Suti estacou subitamente.

– Vai lá, o general espera-te!

– Não tenhas medo, meu rapaz!

O jovem avançava, lívido. Asher deu um passo na sua direção.

– Estou feliz por conhecer o arqueiro cujos méritos todos exaltam. Oficial da unidade de carros de combate Suti, eu te condecoro com a mosca de ouro dos valentes ³⁵. Conserva este presente, ele é a prova da tua valentia.

Suti abriu a mão. Os camaradas felicitaram-no, todos queriam ver e tocar a condecoração tão cobiçada.

O herói parecia ausente. A sua atitude foi atribuída à emoção.

Quando regressou à sua tenda, após um beberete autorizado pelo general, Suti foi objeto das piadas mais brejeiras. Seria que a bela Pantera não lhe reservaria outros assaltos?

Suti estendeu-se de costas, com os olhos abertos. Não a via, ela não ousou falar-lhe e enroscou-se longe dele. Pois não parecia ele um demônio privado de sangue, ávido do sangue das suas vítimas?

O general Asher... Suti não conseguia esquecer-se do rosto do oficial superior, desse mesmo homem que ele vira torturar e assassinar um egípcio, a poucos metros de si.

O general Asher, um covarde, um mentiroso e um traidor.

Passando por entre as traves de uma janela alta, a luz da manhã iluminava uma das cento e trinta e quatro colunas da imensa sala coberta, com uma profundidade de cinquenta e três metros por cento e dois de largura. Os arquitetos haviam oferecido ao templo de Carnaque a mais vasta floresta de pedra do país, decorada por cenas rituais onde o faraó fazia oferendas às divindades. As cores, vivas e brilhantes, só se revelavam a determinadas horas, era necessário viver lá um ano inteiro para seguir o percurso dos raios que revelavam aos profanos os ritos ocultos, iluminando coluna após coluna, cena após cena.

Dois homens conversavam, enquanto desciam lentamente a ala central, bordada de lótus de pedra com os cálices abertos. O primeiro era Branir, o segundo o grande sacerdote de Amon, homem de setenta anos encarregado de administrar a cidade sagrada do deus, de velar pelas suas riquezas e de aí manter a hierarquia.

– Fui informado do teu pedido, Branir. Tu, que guiastes tantos jovens pelo caminho da sabedoria, desejas agora retirar-te do mundo e residir no templo interior.

– É esse o meu desejo. Os meus olhos enfraquecem e as minhas pernas já muito a custo caminham.

– A velhice não parece afetar-te a esse ponto.

– A aparência é enganadora.

– A tua carreira está longe de estar terminada.

– Transmiti toda a minha ciência a Néféret e já não recebo pacientes. Quanto à minha casa de Mênfis, foi já legada ao juiz Paser.

– Nébamon não encorajou a tua protegida.

– Ele submeteu-a a uma dura prova, mas ignora a sua verdadeira natureza. O seu coração é tão forte quanto o seu rosto é doce

– Paser não é originário de Tebas?

– Assim é, com efeito.

– A tua confiança nele parece total.

– No seu interior habita um fogo intenso.

– A chama pode destruir.

– Quando controlada, ilumina.

– Que papel pretendes que ele desempenhe?

– O destino disso se encarregará.

– Tens o sentido dos seres, Branir, uma reforma prematura privaria o Egito do teu dom.

– Apresentar-se-á um sucessor.

– Também eu desejo retirar-me.

– A tua responsabilidade é esmagadora.

– Cada dia mais, é verdade. Muito trabalho administrativo, além de bastante recolhimento. O faraó e o seu conselho aceitaram o meu pedido, dentro de algumas semanas, ocuparei uma pequena morada na margem oriental do lago e consagrarei-me ao estudo dos textos antigos.

– Seremos pois vizinhos.

– Receio que não. A tua residência será bastante mais suntuosa.

– Que queres dizer?

– Que és o meu sucessor designado, Branir.

Denes e a mulher, a senhora Nénophar, haviam aceitado o convite de Bel-Tran, ainda que este fosse um novo rico com ambições demasiado evidentes. O epíteto de felizardo, sublinhava ela, convinha-lhe às mil maravilhas. Não obstante, o fabricante de papiro já não era adversário que se pudesse negligenciar, a sua diplomacia, a sua capacidade de trabalho e as suas competências faziam dele um homem de futuro. Pois não tinha ele recebido a aprovação do palácio, onde contava com algumas amizades influentes? Denes não podia permitir-se ignorar um comerciante de tal envergadura, assim, persuadira a sua mulher, contrariada embora, a assistir à recepção que Bel-Tran organizava para festejar a inauguração do seu novo armazém de Mênfis.

A cheia anunciava-se oportuna, as culturas seriam corretamente irrigadas, ninguém passaria fome e o Egito exportaria o trigo através dos seus protetorados da Ásia. Mênfis, a magnífica, regurgitava de riquezas.

Denes e Nénophar deslocaram-se numa soberba cadeira de espaldar alto, com transportadores, equipada de um tamborete onde pousavam os pés. Os apoios esculpidos favoreciam o bem-estar e a elegância do conjunto. Um baldaquino protegia-os do vento e do pó, dois guarda-sóis das claridades por vezes cegantes do pôr do Sol. Quarenta transportadores avançavam com um andamento firme, sob o olhar dos pacóvios. As liteiras eram tão longas e o número de pernas tão elevado que se designava o conjunto “as mil patas”, enquanto os servidores cantavam “Preferimos a cadeira cheia que vazia”, sonhando com os honorários elevados que aufeririam em troca dessa prestação excepcional.

Deslumbrar os outros justificava a despesa. Denes e Nénophar excitaram a cobiça da assembleia reunida em torno de Bel-Tran e Silkis. Não havia memória em toda a Mênfis de uma tão bela cadeira de transporte. Denes afastava os cumprimentos com um aceno da mão e Nénophar queixava-se da falta de dourados.

Dois copeiros ofereciam cerveja e vinho aos convidados, todos os menfitas ligados ao negócio festejavam a admissão de Bel-Tran no círculo estreito dos homens do poder. Cabia agora a ele empurrar a porta entreaberta e provar as suas qualidades, impondo-se de forma definitiva. A opinião de Denes e da mulher teria um peso considerável, ninguém nunca acedera à elite dos negociantes sem o seu assentimento.

Bel-Tran, nervoso, saudou imediatamente os recém-chegados e apresentou-os a Silkis, que recebera ordens de não abrir a boca. Nénophar avaliou-a com desdém. Denes observou o local.

– Armazém ou loja de vendas?

– As duas coisas – respondeu Bel-Tran. – Se tudo correr bem, tenciono expandir-me e separar as duas funções.

- Projeto ambicioso.
- Seria do teu desagrado?
- A gula não é uma qualidade comercial. Não temes as indigestões?
- Gozo de um excelente apetite e digiro tudo com facilidade.

Nénophar desinteressou-se da conversa, preferindo entreter-se com velhos amigos. O marido compreendeu que ela acabava de emitir o seu veredito, achava Bel-Tran um indivíduo desagradável, agressivo e sem consistência. As suas pretensões pulverizar-se-iam como calcário de má qualidade.

Denes examinou atentamente o seu anfitrião.

– Mênfis é uma cidade menos acolhedora do que parece, pensa nisso. Na tua propriedade do Delta, reinas sem ter de partilhar. Aqui, sofrerás as dificuldades de uma grande cidade, e esgotar-te-ás numa agitação inútil.

- És pessimista.
- Segue o meu conselho, caro amigo. Cada homem tem os seus limites, não ultrapasses os teus.
- Para ser franco, ainda não os conheço, é por esse motivo que a experiência me fascina.
- Muitos fabricantes e comerciantes de papiro, e há muito instalados em Mênfis, satisfazem todas as necessidades.
- Tentarei surpreendê-los propondo produtos de melhor qualidade.
- Não será isso gabarolice?
- Estou confiante no meu trabalho e não compreendo muito bem os teus... avisos.
- Estou apenas a pensar no teu interesse. Aceita a realidade e evitarás contrariedades.
- Não deverias também preocupar-te com as tuas?

Os lábios finos de Denes embranqueceram.

– Sê mais específico.

Bel-Tran apertou mais à cintura a tanga longa que tinha tendência a escorregar.

– Ouvi falar de infrações e de um processo. As tuas empresas já não possuem uma imagem tão atraente como antigamente.

O tom subiu. Os convidados aguçaram as orelhas.

- As tuas acusações são injuriosas e inexatas. O nome de Denes é respeitado em todo o Egito, o de Bel-Tran é desconhecido.
- Os tempos mudam.
- As tuas bisbilhotices e calúnias nem sequer merecem resposta.
- O que eu tenho a dizer, proclamo-o na praça pública. Deixo aos outros as insinuações e os tráficos.
- Ousarias duvidar de mim?
- Sentir-te-ás culpado?

A senhora Nénophar tomou o marido pelo braço.

- Já demoramos tempo demasiado.
- Sê prudente – recomendou Denes, ofendido. – Uma má colheita, e estás arruinado!
- As minhas precauções estão tomadas.
- Os teus sonhos nada mais são que quimeras.
- Não queres ser o meu primeiro cliente? Estudarei uma gama de produtos e preços só para ti.
- Pensarei nisso.

A assistência encontrava-se dividida. Denes afastara bem os utópicos, mas Bel-Tran parecia certo da sua força. O duelo anunciava-se apaixonante.

CAPÍTULO 28

O carro de Suti progredia através de um caminho difícil, ao longo de uma parede rochosa. Há uma semana que a tropa de elite do general Asher perseguia, em vão, os últimos rebeldes. Considerando que a região estava pacificada, o general deu a ordem de regresso.

Ladeado por um arqueiro, Suti permanecia mudo. De semblante sombrio, ele concentrava-se na condução do veículo. Pantera beneficiava-se de um tratamento especial, viajava sentada num burro, contrariamente aos outros prisioneiros, condenados a marchas forçadas. Asher concedera esse privilégio ao herói da campanha que agora terminava, e ninguém teve nada a opor.

A líbia dormia na tenda de Suti, estupefata com a transformação do jovem. Ele, habitualmente ardente e expansivo, fechava-se agora numa estranha tristeza. Não suportando mais aquele estado de coisas, ela quis saber a causa.

– És um herói, serás festejado, ficarás rico, e pareces mais um vencido! Explica-te.

– Um prisioneiro nada pode exigir.

– Lutarei contra ti toda a minha vida, com a condição de te encontrares em estado de te bateres. Terás tu perdido a alegria de viver?

– Engole as tuas perguntas e cala-te.

Pantera despiu a túnica. Nua, atirou para trás os seus cabelos louros e dançou lentamente girando sobre si mesma, de forma a pôr em evidência todas as facetas do seu corpo. As suas mãos descreviam curvas, acariciavam os seios, as ancas, as coxas. Ondulava com a leveza inata das mulheres da sua raça.

Quando avançou para ele, felina, ele não reagiu. Ela desapertou a sua tanga e abraçou-se ao seu peito, estendendo-se sobre ele. Constatou, com prazer, que o vigor do herói não desaparecera. Mesmo que ele se defendesse, desejava-a. Deslizou ao longo do corpo do seu amante e, com a boca quente, beijou-o.

– Qual vai ser o meu futuro?

– No Egito, serás livre.

– Não vais manter-me a teu lado?

– Um único homem não te satisfaria.

– Se ficares rico, contentar-me-ei.

– Como mulher honrada, aborrecer-te-ias. Não te esqueças de que prometeste trair-me.

– Tu venceste-me, eu te vencerei.

Ela continuou a seduzi-lo com a sua voz de inflexões graves e tonalidades acariciantes. Deitada de bruços, com os cabelos em desalinho e as pernas afastadas, ela chamava por ele. Suti penetrou-a com ardor, consciente de que a diabinha deveria usar de magia para assim reanimar o seu desejo.

– Já não estás triste.

– Não tentes ler no meu coração.

– Fala comigo.

– Amanhã quando parar o carro, desce do teu burro e trata de me obedeceres.

– A roda direita range – disse Suti ao seu arqueiro. – Não ouço nada.

– Eu tenho o ouvido apurado. Este ruído denuncia uma avaria, é melhor ires verificar.

Suti viajava à cabeça da coluna. Saiu da estrada e parou o carro diante de um caminho que se perdia num bosque.

– Vejamos o que se passa.

O arqueiro obedeceu. Suti ajoelhou-se no solo e examinou a roda incriminada.

– Isto está mau – avaliou ele. – Dois raios prestes a partir.

– Pode ser reparado?

– Esperemos a passagem dos carpinteiros da engenharia.

Estes últimos marchavam em fila, logo atrás dos prisioneiros.

Quando Pantera desceu do burro e se aproximou de Suti, os soldados não se privaram de alguns comentários jocosos.

– Sobe.

Suti empurrou o arqueiro, tomou as rédeas e lançou o carro em andamento rápido em direção ao bosque. Petrificados, os seus camaradas de combate perguntavam-se por que razão desertava o herói.

Até mesmo Pantera confessava a sua surpresa.

– Ficaste louco?

– Apenas uma promessa a manter.

Uma hora mais tarde, o carro detinha-se no local onde Suti enterrara o tenente morto pelos beduínos. Pantera, horrorizada, assistiu à exumação. O egípcio envolveu os restos mortais num pano grande que atou nas extremidades.

– Quem é?

– Um verdadeiro herói que repousará na sua terra e perto dos seus.

Suti não acrescentou que o general Asher não teria provavelmente autorizado a sua diligência. Enquanto ele concluía a sua tarefa fúnebre, a líbia soltou um grito.

Suti voltou-se e não pôde evitar as garras de um urso que lhe dilaceraram o ombro esquerdo. Caiu, rolou sobre si mesmo, tentou esconder-se atrás de um rochedo. De pé, com cerca de três metros de altura, simultaneamente pesado e hábil, o animal espumava. Esfomeado, furioso, abriu as goelas e soltou um uivo terrível que afugentou os pássaros em redor

– O meu arco, depressa!

A líbia atirou o arco e a aljava na direção de Suti. Ela não ousava privar-se da ilusória proteção do carro. No momento em que o jovem pegou as suas armas, a pata do urso abateu-se sobre ele uma segunda vez, rasgando-lhe as costas. Com o rosto contra o solo, ensanguentado, Suti não se mexeu mais.

Pantera gritou de novo, atraindo a atenção do monstro. Avançando pesadamente, ele dirigiu-se para ela, que estava incapaz de fugir.

Suti ajoelhou-se. Uma névoa vermelha passou diante dos seus olhos. Fazendo uso das suas últimas forças, tendeu o arco e atirou na direção da mancha castanha. Atingido no flanco, o urso voltou-se. A quatro patas, de goelas abertas, correu em direção ao seu agressor. Próximo do desfalecimento, Suti atirou uma segunda vez.

O médico-chefe do hospital militar de Mênfis já não tinha qualquer esperança. Os ferimentos de Suti eram tão profundos e tão numerosos que não havia qualquer chance de sobrevivência. Logo cederia ao sofrimento.

O arqueiro de elite, segundo o relato da líbia, matara o urso com uma flecha no olho, sem antes evitar um último golpe das suas garras. Pantera arrastara o seu corpo ensanguentado até ao carro, içando-o para o interior à custa de um esforço sobrenatural. Depois, ocupou-se do amortilhado. tocar um cadáver repugnava-a, mas não tinha Suti arriscado a sua vida para o levar de volta ao Egito?

Felizmente, os cavalos mostraram-se dóceis.

Instintivamente, retrocederam e guiaram a líbia, uma vez que ela não os conduzia. O cadáver de um tenente da unidade de carros de combate, um desertor agonizante e uma estrangeira em fuga, eis o curioso conjunto que interceptou a retaguarda do general Asher.

Graças às explicações de Pantera e à identificação do tenente, os fatos foram estabelecidos. O oficial, morto em campo de honra, foi condecorado a título póstumo e mumificado em Mênfis, Pantera foi colocada como trabalhadora agrícola numa grande plantação, Suti foi felicitado pela sua coragem e censurado pela sua indisciplina.

Kem tentara explicar-se com meias palavras.

– Suti, em Mênfis? – surpreendeu-se Paser.

– O exército de Asher regressou vitorioso, a revolta foi esmagada. Só falta o instigador, Adafi.

– Quando chegou Suti?

– Ontem.

– Porque não está ele aqui?

O núbio contornou o assunto, embaraçado.

– Ele não pode deslocar-se.

O juiz exaltou-se.

– Sê mais claro!

- Ele está ferido.
- Gravemente?
- O seu estado...
- Diz-me a verdade!
- O seu estado é desesperado.
- Onde está ele?
- No hospital militar. Não te garanto que ainda esteja vivo.

– Perdeu muito sangue – declarou o médico-chefe do hospital militar. – Operá-lo seria uma loucura. Deixemo-lo morrer em paz.

- É essa toda a tua ciência? – insurgiu-se Paser.
- Não posso fazer nada por ele. Aquele urso o fez em pedaços, a sua resistência surpreende-me, mas não lhe confere qualquer chance de vida.
- Ele pode ser transportado?
- É óbvio que não.

O juiz tomara uma decisão: Suti não se apagaria numa enfermaria comum.

- Arranje-me uma maca.
- Não consinto que transportes esse moribundo.
- Sou seu amigo e conheço a sua vontade: viver as suas últimas horas na sua aldeia. Se persistes na tua recusa, serás responsável perante ele e perante os deuses.

O médico não encarou a ameaça com ligeireza. Um morto descontente tornava-se um espírito, e os espíritos exerciam a sua raiva sem piedade, mesmo sobre os médicos-chefes.

- Assina-me uma quitação.

Durante a noite, o juiz pôs em ordem uma vintena de processos menores que dariam trabalho ao escrivão por três semanas. Se Larrot tivesse necessidade de o encontrar, endereçaria o seu correio ao tribunal principal de Tebas. Paser de boa vontade teria consultado Branir, mas este encontrava-se em Carnaque a fim de preparar a sua reforma definitiva.

De madrugada, Kem e dois enfermeiros tiraram Suti do hospital e transportaram-no para a cabine confortável de um barco ligeiro.

Paser permaneceu a seu lado, segurando na sua a mão direita do amigo. Por alguns instantes, acreditou que Suti despertava e apertava os seus dedos. Mas a ilusão dissipou-se.

- És a minha última esperança, Néféret. O médico militar recusou-se a operar Suti. Aceitas examiná-lo?

Dirigindo-se à dezena de pacientes que esperavam sentados, encostados às palmeiras, ela explicou que uma urgência a obrigava a ausentar-se. Kem, obedecendo a ordens suas, transportou vários frascos contendo remédios.

- Qual a opinião do meu colega?
- Os ferimentos inflingidos pelo urso são muito profundos.
- Como suportou o teu amigo a viagem?
- Não saiu do coma. Somente por um instante, talvez, em que senti a sua vida palpitar.
- É forte?
- Sólido como uma esteia.
- Doenças graves?
- Nenhuma.

O exame de Néféret não durou mais de uma hora. Quando saiu da cabine, formulou o seu diagnóstico:

– Um mal contra o qual me baterei. O risco é grande – acrescentou. – Se não intervier, ele morre. Se conseguir, talvez ele sobreviva.

Ela começou a operação no fim da manhã. Paser serviu de assistente, passando-lhe os instrumentos cirúrgicos que ela pedia.

Néféret praticara a anestesia geral, utilizando uma pedra siliciosa misturada com ópio e raiz de mandrágora, a mistura, reduzida a pó, devia ser absorvida em pequenas doses. Quando se dedicava a uma chaga, dissolvia o pó em vinagre. Daí se libertava um ácido que ela recolhia num chifre de pedra e aplicava localmente, a fim de suprimir a dor. Verificava a duração da ação dos produtos consultando o seu relógio de pulso.

Com facas e bisturis fabricados em obsidiana, mais cortante que o metal, ela fez uma incisão. Os seus gestos eram precisos e seguros. Recuperava as carnes, reaproximava as extremidades de cada ferida cosendo com uma linha muito fina obtida a partir de tripa de bovino, os numerosos pontos de sutura foram consolidados por pedaços de adesivo, sob a forma de um tecido colante.

Ao fim de cinco horas de operação, Néféret estava esgotada, mas Suti estava vivo.

Sobre os ferimentos mais graves, a cirurgiã colocou carne fresca, gordura e mel. Na manhã seguinte mudaria os pensos, compostos por um tecido vegetal, doce e protetor, que evitava a infecção e acelerava a cicatrização.

Três dias decorreram. Suti saiu do coma e absorveu água e mel. Paser não se afastara da sua cabeceira.

– Estás salvo, Suti, salvo!

– Onde estou?

– Num barco, próximo da nossa aldeia.

– Lembraste-te... que eu queria morrer aqui.

– Néféret operou-te, vais ficar bom.

– A tua noiva?

– Uma extraordinária cirurgiã e a melhor de todas as médicas e médicos.

Suti tentou erguer o tronco, a dor fê-lo soltar um grito e caiu de novo.

– Acima de tudo, não te mexas!

– Eu, imóvel...

– Sê um pouco paciente.

– Aquele urso retalhou-me todo.

– Néféret coseu-te novamente e recuperarás as tuas forças.

Os olhos de Suti reviraram-se. Transtornado, Paser pensou que ele soçobrava, mas ele apertou com força a sua mão.

– Asher! É necessário que eu viva para te falar desse monstro!

– Acalma-te.

– Tens de saber a verdade, juiz, tu que deves fazer respeitar a justiça neste país!

– Estou a ouvir-te, Suti, mas não te exaltes, por favor.

A cólera do ferido apaziguou-se.

– Vi o general Asher torturar e assassinar um soldado egípcio. Estava acompanhado de asiáticos, dos rebeldes que ele fingia combater.

Paser perguntava a si mesmo se a febre não faria delirar o seu amigo, mas Suti exprimira-se pausadamente, frisando cada palavra.

– Tens razão em suspeitar dele e eu trago-te a prova de que necessitavas.

– Um testemunho – retificou o juiz.

– Não é o suficiente?

– Ele negará.

– É a minha palavra contra a dele!

– Assim que estiveres recuperado, pensaremos numa estratégia. Não comentes nada com ninguém.

– Eu viverei. Viverei para ver esse miserável condenado à morte. – Um rito de dor deformou o rosto de Suti. – Estás orgulhoso de mim, Paser?

– Tu e eu só temos uma palavra.

Por toda a margem ocidental, a fama de Néféret aumentava. O sucesso da operação pasmara os seus colegas, alguns fizeram

apelo à jovem médica para tratar dos casos mais difíceis. Ela não recusou, com a condição de privilegiar a aldeia que a acolhera, e de obter a hospitalização de Suti em Deir el-Bahari. As autoridades sanitárias aceitaram, herói dos campos de batalha, o miraculado tornara-se uma glória da medicina.

O templo de Deir el-Bahari venerava Imhotep, o maior terapeuta do Antigo Império, ao qual fora consagrada uma capela escavada na rocha. Os médicos aí se recolhiam em busca da sabedoria do seu antepassado, indispensável à prática da sua arte. Alguns doentes eram levados a passar a sua convalescença nesse local magnífico, deambulavam sob as arcadas, admiravam os relevos que narravam as explorações da rainha-faráó ³⁶, Hatchepsut, e passeavam nos jardins a fim de aí respirarem a resina odorífera das árvores de incenso, importadas do misterioso país de Punt, próximo da costa da Somália. Canos de cobre faziam a ligação entre os reservatórios e os sistemas de drenagem subterrâneos e transportavam uma água curativa, recolhida em recipientes igualmente de cobre, Suti teria de esvaziar uma vintena por dia, evitando assim as infecções e as complicações pós-operatórias. Graças à sua prodigiosa vitalidade, rapidamente estaria curado.

Paser e Néféret desciam a longa alameda florida que ligava os terraços de Deir el-Bahari.

– Salvaste-o.

– Tive sorte, e ele também.

– Ficarão sequelas?

– Algumas cicatrizes.

– Só o tornarão mais atraente.

Um sol escaldante atingia o zênite. Sentaram-se à sombra de uma acácia, ao fundo da alameda.

– Já refletiste, Néféret?

Ela manteve-se em silêncio. A sua resposta trar-lhe-ia felicidade ou desgosto. Sob o calor do meio-dia, a vida parou. Nos campos, os camponeses almoçavam ao abrigo das cabanas de canas onde se entregariam a uma longa sesta. Néféret cerrou os olhos.

– Amo-te com todo o meu ser, Néféret. Desejo desposar-te.

– Uma vida juntos... seremos capazes disso?

– Não poderei amar nenhuma outra mulher.

– Como podes estar certo disso? Um desgosto de amor esquece-se rapidamente.

– Se me conhecesses...

– Tenho consciência da gravidade da tua diligência. É ela que me assusta.

– Estás enamorada de outro?

– Não.

– Não poderia suportá-lo.

– Ciúmes?

– Acima de tudo.

– Imaginas-me a mulher ideal, sem defeitos, dona de todas as virtudes.

– Tu não és um sonho.

– Mas tu sonhas. Um dia, vais acordar e ficarás decepcionado.

– Eu vejo-te viver, respiro o teu perfume, e tu estás aqui... é isso uma ilusão?

– Tenho medo. Se te enganares, se nos enganarmos, o sofrimento será atroz.

– Nunca poderás decepcionar-me.

– Não sou uma deusa. Quando tomares consciência disso, deixarás de me amar.

– Tentar desencorajar-me é inútil. Desde o nosso primeiro encontro, desde o instante em que te vi, soube que serias o sol da minha vida. Tu és resplandecente, Néféret, ninguém pode negar a luz que de ti emana. A minha existência pertence-te, quer queiras quer não.

– Divagas. É necessário que te habitues à ideia de viver longe de mim, a tua carreira desenrolar-se-á em Mênfis e a minha em Tebas.

- Que importa a minha carreira!
- Não atraíções a tua vocação. Admitirias que eu renunciasse à minha?
- Manda e eu obedeco.
- Esse não é o teu temperamento.
- A minha ambição é amar-te cada vez mais.
- Não estarás a ser excessivo?
- Se recusares tornares-te minha mulher, desaparecerei.
- Submeteres-me a uma chantagem é indigno de ti.
- Não é essa a minha intenção. Aceitas amar-me, Néféret?

Ela abriu os olhos e contemplou-o com tristeza.

- Enganar-te seria indigno.

Ela afastou-se, ligeira e graciosa. Apesar do calor, Paser estava gelado.

CAPÍTULO 29

Suti não era homem de apreciar a paz e o silêncio dos jardins do templo por muito tempo. Como as sacerdotisas, ainda que belas, não se ocupavam dos doentes e permaneciam inacessíveis, ele não tinha qualquer contato senão com um enfermeiro mal-humorado, encarregado de lhe mudar os pensos.

Menos de um mês depois da operação, fervilhava de impaciência. Quando Néféret o examinou, não parava quieto.

– Já estou restabelecido.

– Nem por sombras, mas o teu estado é notável. Nenhum ponto de sutura cedeu, as chagas estão cicatrizadas, nenhuma infecção se declarou.

– Logo, posso ir-me embora!

– Com a condição de teres muito cuidado.

Não resistindo, ele beijou-a em ambas as faces.

– Devo-te a vida e não sou ingrato. Se me chamares, acorro imediatamente. Palavra de herói!

– Leva contigo um jarro de água curativa e bebe três copos por dia.

– A cerveja já não está proibida?

– Não mais que o vinho, em pequenas doses.

Suti estendeu os braços e curvou o tronco.

– Como é bom reviver! Todas estas horas de sofrimento... Apenas as mulheres as conseguirão apagar.

– Não pretendes casar-te?

– Que a deusa Hathor me proteja desse desastre! Eu, com uma esposa fiel e uma enfiada de choramingas agarrados à minha tanga? Uma amante, depois outra, e outra ainda, eis o meu maravilhoso destino. Nenhuma se parece com nenhuma outra, cada uma possui os seus segredos.

– Pareces tão diferente do teu amigo Paser – notou ela, sorrindo.

– Não te fies na sua aparência reservada: é um apaixonado, mais que eu, talvez. Se ele ousou falar-te...

– Ele ousou.

– Não tomes as suas palavras levianamente.

– Elas assustaram-me.

– Paser só amará uma vez. Pertence àquela raça de homens que se apaixonam loucamente e conservam a sua loucura toda a vida. Uma mulher compreende-os mal, pois tem necessidade de se habituar, precisa de algum tempo antes de se comprometer. Paser é uma torrente furiosa, não um fogo de palha, a sua paixão não enfraquecerá. É desajeitado, demasiado tímido ou atencioso, de uma sinceridade absoluta. Ele sempre recusou os namoricos e as aventuras, pois só é capaz de um grande amor.

– E se ele se engana?

– Ele irá até ao fim do seu ideal. Não esperes a mínima concessão.

– Entendes os meus receios?

– No amor, os argumentos razoáveis são inúteis. Espero que sejas feliz, qualquer que seja a tua decisão.

Suti compreendia Paser. A beleza de Néféret era luminosa.

Sentado sob uma palmeira, deixara de se alimentar. Com a cabeça enfiada nos joelhos, numa postura de luto, já não distinguia a noite do dia. Até as crianças já não o arrelivavam, de tal forma se assemelhava a um bloco de pedra.

– Paser! Sou eu, Suti.

O juiz não reagiu.

– Estás convencido de que ela não te ama.

Suti sentou-se com as costas contra o tronco, ao lado do amigo.

– Não haverá mais nenhuma mulher, também sei disso. Não tentarei consolar-te e partilhar a tua infelicidade, é impossível. Só te resta a tua missão.

Paser manteve-se em silêncio.

– Nem tu nem eu podemos deixar que Asher triunfe. Se renunciarmos, o tribunal do outro mundo condenar-nos-á à segunda morte e não teremos qualquer justificação para a nossa covardia.

O juiz permaneceu inerte.

– Como queiras, morre de inanição – pensando nela. – Bater-me-ei sozinho contra Asher.

Paser saiu do seu torpor e olhou para Suti.

– Ele destruir-te-á.

– Cada um com o seu destino. Tu não suportas a indiferença de Néféret, eu, o rosto de um assassino que me persegue durante o sono.

– Eu ajudo-te.

Paser tentou erguer-se, mas sentia a cabeça a andar às voltas, Suti pegou-lhe pelos ombros.

– Perdoa-me, mas...

– Várias vezes me aconselhaste a não faltar à minha palavra. O essencial é restabeleceres-te.

Os dois homens tomaram a barça, tão carregada como de costume. Contrafeito, Paser comera pão e cebolas. O vento açoitava-lhe o rosto.

– Contempla o Nilo – recomendou-lhe Suti. – Ele é a própria nobreza. Diante dele, somos medíocres.

O juiz fixou as águas claras.

– Em que pensas, Paser?

– Como se não soubesses...

– Como podes estar certo de que Néféret não te ama? Eu falei com ela e...

– É inútil, Suti.

– Os afogados são talvez beatificados, mas não deixam de ser afogados. E tu prometeste inculpar Asher.

– Sem ti, renunciaria.

– Porque deixaste de ser tu próprio.

– Pelo contrário, apenas sou eu próprio, reduzido à pior das solidões.

– Esquecê-la-ás.

– Tu não compreendes.

– O tempo é o único remédio.

– O tempo não apagará nada.

Assim que a barça tocou a margem, uma multidão ruidosa desembarcou, empurrando à sua frente burros, carneiros e vacas. Os dois amigos deixaram a torrente escoar-se, subiram uma escada e caminharam até ao escritório do juiz principal de Tebas. O serviço dos correios não recebera nenhuma mensagem ao cuidado de Paser.

– Voltemos a Mênfis – exigiu Suti.

– Estás com muita pressa?

– Estou impaciente por rever Asher. E se me pusesses a par das tuas investigações?

Com voz monocórdica, Paser reproduziu os episódios do seu inquérito. Suti escutou com atenção.

– Quem te seguiu?

– Não faço idéia.

– Métodos do chefe da polícia?

– Porque não?

– Antes de deixar Tebas, vamos visitar Kani.

Dócil, Paser aceitou. Indiferente, ele demitia-se da realidade. A recusa de Néféret corroía-lhe a alma.

Kani já não trabalhava sozinho no seu jardim, equipado de vários sistemas de irrigação de balancim. Uma imensa actividade reinava na parte do terreno consagrada aos legumes. O jardineiro ocupava-se das plantas medicinais. Robusto, cada vez mais

enrugado, suportava com gestos lentos o peso da grande vara, nas extremidades da qual se encontravam amarrados dois pesados potes cheios de água. Não concedia a ninguém o privilégio de alimentar as suas protegidas.

Paser apresentou-lhe Suti. Kani encarou-o firmemente.

– É teu amigo?

– Podes falar diante dele.

– Continuei a procurar o veterano, de forma sistemática. Carpinteiros, aguadeiros, lavadeiras, camponeses... não descuido nenhuma atividade. Mas foi pouco o que descobri: o nosso homem foi reparador de carros durante alguns dias antes de desaparecer.

– Não é assim tão pouco retificou Suti. Assim sendo, ainda está vivo!

– Esperemos que sim.

– Ou terá sido também eliminado?

– A única certeza é que continua sem se conseguir localizar.

– Continua – recomendou Paser. – O quinto veterano ainda faz parte deste mundo.

Existiria doçura mais suave que a das noites tebanas, quando o vento do norte trazia a frescura dos caramanchões e das pérgulas onde se bebia cerveja admirando o pôr do Sol? A fadiga dos corpos esfumava-se, o tormento das almas sossegava, a beleza da deusa do silêncio espriava-se no ocidente enrubescido. Bandos de íbis atravessavam o crepúsculo.

– Amanhã, Néféret, parto para Mênfis.

– Chama-te o teu trabalho?

– Suti foi testemunha de um delito grave. Prefiro não dizer mais, para tua segurança.

– O perigo será assim tão iminente?

– Está o exército em jogo.

– Toma cuidado, Paser.

– Preocupa-te a minha sorte?

– Não sejas amargo. Só desejo a tua felicidade.

– Essa, só tu ma podes dar.

– És tão radical, tão...

– Vem comigo.

– Impossível. Não me anima o mesmo fogo que a ti, admite que sou diferente, que a pressa me é estranha.

– Tudo é muito simples: eu amo-te e tu não me amas.

– Não, nem tudo é assim tão simples. O dia não sucede brutalmente à noite, nem uma estação a outra.

– Poderei então ter esperança?

– Comprometer-me seria mentir-te.

– Como vês...

– Os teus sentimentos são tão violentos, tão impacientes... Não podes exigir que eu lhes responda com o mesmo ardor.

– Não tentes justificar-te.

– Se não consigo ver claro em mim, como posso dar-te uma certeza?

– Se me deixares ir embora, não nos veremos mais.

Paser afastou-se com passos lentos, esperando as palavras que não foram pronunciadas.

O escrivão Larrot evitara todos os delitos graves, não assumindo qualquer responsabilidade. O bairro estivera calmo, não fora cometido nenhum delito sério. Paser resolveu os pormenores, e apresentou-se ao chefe da polícia que o havia convocado.

Falando com voz fanhosa e apressada, Mentmosé estava mais sorridente que o habitual.

– Meu caro juiz! Encantado de te rever. Andaste em viagem?

– Fui obrigado a deslocar-me.

- A tua jurisdição foi das mais tranquilas, a tua reputação faz sentir os seus frutos. É sabido que não transiges com a lei. Sem querer ofender-te, pareces-me cansado.
- Nada de importância.
- Bem, bem...
- E qual o motivo da tua convocação?
- Um assunto delicado e... lamentável. Segui o teu plano à risca no que diz respeito ao caso do silo suspeito. Lembras-te de que eu duvidava da sua eficácia. Aqui entre nós, não me enganei.
- O intendente pôs-se em fuga?
- Não, não... Nada tenho a apontar-lhe. Ele não se encontrava no local quando o incidente ocorreu.
- Qual incidente?
- Metade do silo foi roubado durante a noite.
- Brincas, por certo.
- Infelizmente, não! É a triste realidade.
- E, no entanto, os teus homens estavam de vigia!
- Sim e não. Uma rixa, próximo dos celeiros obrigou-os a intervir de emergência. Quem poderá criticá-los? Quando retomaram os seus postos, constataram o roubo. É surpreendente, mas presentemente o estado do silo corresponde ao relatório do intendente!
- E os culpados?
- Nenhuma pista concludente.
- Não há testemunhas?
- O bairro estava deserto, e a operação foi cuidadosamente preparada. Não será fácil identificar os ladrões.
- Suponho que os teus melhores elementos se encontram a investigar o caso.
- Conta comigo.
- Entre nós, Mentmosé, que opinião tens de mim?
- Bem... Considero-te um juiz consciente dos seus deveres.
- Reconheces-me um pouco de inteligência?
- Meu caro Paser, subestimas-te!
- Nesse caso, deves saber que não reconheço qualquer crédito à tua história.

A senhora Silkis, à beira de uma das suas frequentes crises de angústia, recebia os cuidados atenciosos de um especialista em problemas psíquicos, o intérprete dos sonhos. O seu gabinete, pintado de negro, estava mergulhado na penumbra. Todas as semanas ela se estendia numa esteira e contava os seus pesadelos, pedindo-lhe os seus conselhos.

O intérprete dos sonhos era um sírio que há muitos anos se instalara em Mênfis, utilizando uma quantidade de signos obscuros e de chaves de sonhos ³⁷, ele satisfazia uma clientela de senhoras nobres e de burguesas desocupadas. Assim, os seus honorários eram muito elevados, pois não proporcionava um conforto regular às pobres criaturas de espírito frágil?

O intérprete insistia na duração ilimitada do tratamento, ninguém parava de sonhar. Ora, só ele podia dar significado às imagens e aos fantasmas que agitavam um cérebro adormecido. Usando de muita prudência, repelia a maior parte dos avanços das suas pacientes com mal de amor, cedendo apenas a viúvas ainda apeteceíveis.

Silkis roía as unhas.

- Discutiste com o teu marido?
- Por causa das crianças.
- Que falta cometeram eles?
- Mentem. Não é, no entanto, muito grave! O meu marido enerva-se, eu defendo-os, o tom sobe.
- Ele bate-te?
- Um pouco, mas eu defendo-me.

– Ele está satisfeito com a tua transformação corporal?

– Oh, sim! Ele vem comer-me à mão... por vezes, consigo levá-lo a fazer o que eu quero, com a condição de não me ocupar dos seus assuntos.

– E interessas-te por eles?

– De maneira nenhuma. Somos ricos, é o essencial.

– Após a última disputa, como te comportaste?

– Como de costume. Fechei-me no quarto a chorar. Depois, adormeci.

– Sonhos longos?

– Sempre as mesmas imagens. Primeiro, vi um nevoeiro que subia o rio. Algo, sem dúvida um barco, tentava furá-lo. Graças ao sol, o nevoeiro dissipou-se. O objeto era um gigantesco falo que avançava ereto diante dele! Voltei-me e quis refugiar-me numa casa na margem do Nilo. Não era um edifício, mas um sexo de mulher que me atraía e me assustava ao mesmo tempo.

Silkis ofegava.

– Tem cuidado recomendou o intérprete. Segundo as chaves dos sonhos, ver um falo anuncia um roubo.

– E um sexo de mulher?

– A miséria.

Desvairada, a senhora Silkis dirigiu-se imediatamente ao armazém. O seu marido discutia com dois homens, gesticulando, contrariado.

– Perdoa por te importunar, meu querido. É preciso tomar cuidado, alguém te vai roubar e arriscamo-nos a ficar na miséria!

– A tua advertência peca por tardia. Estes capitães acabaram de me explicar, tal como os seus camaradas, que não existe nenhum barco disponível para transportar os meus papiros do Delta até Mênfis. O nosso armazém ficará vazio.

CAPÍTULO 30

O juiz Paser aguentava a cólera de Bel-Tran.

– Que queres de mim?

– Que intervenhas por entrave à liberdade de circulação de mercadorias. Chovem encomendas e eu não posso entregar nenhuma!

– Assim que um barco estiver disponível...

– Nenhum barco ficará disponível.

– Malevolência?

– Investiga e dela encontrarás prova. Cada hora que passa conduz-me à ruína.

– Volta amanhã. Espero obter elementos concretos.

– Não esquecerei o que fizeres por mim.

– Pela justiça, Bel-Tran, não por ti.

A missão agradava a Kem, e mais ainda ao seu babuíno. Munidos de uma lista dos transportadores fornecida por Bel-Tran, perguntaram-lhes a razão da sua recusa. Explicações confusas, lamentações, mentiras evidentes deram-lhes a certeza de que o fabricante de papiro não se enganava. Na extremidade de uma doca, à hora da sesta, Kem decidiu-se por um cabo da marinha geralmente bem informado.

– Conheces Bel-Tran?

– Já ouvi falar.

– E não há um barco disponível para os seus papiros?

– É o que parece.

– No entanto, o teu está no cais, e desocupado.

O babuíno abriu a boca, sem emitir um som.

– Segura essa besta!

– Diz-nos a verdade e deixamos-te em paz.

– Denes alugou todos os barcos durante uma semana.

No final da tarde, o juiz Paser observou o procedimento regulamentar, interrogando ele próprio os armadores, obrigados a mostrar-lhe os seus contratos de aluguel.

Todos estavam em nome de Denes.

De uma barcaça à vela, os marinheiros desembarcavam alimentos, jarros e móveis. Um outro barco de carga preparava-se para partir para o sul. A bordo, poucos remadores, a quase totalidade da embarcação de casco pesado estava ocupada por cabines onde se armazenavam as mercadorias. O timoneiro, que manejava o leme, ocupava já o seu posto, faltava o homem da proa. Com a sua longa cana, ele sondaria o fundo a intervalos regulares. Sobre o cais, Denes conversava com o capitão, no meio da confusão. Os marinheiros cantavam ou discutiam uns com os outros, os carpinteiros reparavam uma embarcação à vela, os calceteiros consolidavam a plataforma do cais.

– Poderias conceder-me uns minutos? – perguntou Paser, acompanhado de Kem e do babuíno.

– Com todo o gosto, mas mais tarde.

– Perdoa-me a insistência, mas tenho pressa.

– Não ao ponto de apressares a partida de um barco!

– Justamente a esse ponto.

– Qual o motivo?

Paser desenrolou um papiro de um bom metro de comprimento.

– Eis a lista de infrações que cometeste: aluguel forçado, intimidação dos armadores, tentativa de monopólio, entrave à circulação de bens.

Denes consultou o documento. As acusações do juiz estavam formuladas com precisão e segundo as regras.

– Contesto a tua interpretação dos fatos, dramática e grandiloquente! Se aluguei tantos barcos foi com vista a transportes excepcionais.

– Quais?

– Materiais diversos.

– Demasiado vago.

– Na minha profissão, é bom prever o imprevisível.

– Bel-Tran é vítima da tua manobra.

– Ora aí está! Já o havia previsto: a sua ambição vai conduzi-lo à ruína.

– A fim de quebrar o monopólio de fato, que é incontestável, vou exercer o direito de requisição.

– À vontade. Leva qualquer barcaça do cais oeste.

– O teu barco é suficiente.

Denes colocou-se diante do passadiço.

– Estás proibido de lhe tocar!

– Prefiro fingir que nada ouvi. Contestar a lei é um delito sério.

O transportador suavizou-se.

– Sê razoável... Tebas aguarda esse carregamento.

– Bel-Tran sofreu um prejuízo do qual és tu o autor, a justiça preconiza que o indenizes. Ele aceita não apresentar queixa, a fim de preservar relações futuras. Devido ao atraso, o seu *stock* é enorme, este navio de transporte mal será suficiente.

Paser, Kem e o babuíno subiram a bordo. O juiz queria não apenas fazer justiça a Bel-Tran, mas também seguir uma intuição.

Várias cabines, construídas em tábuas unidas e pontilhadas de orifícios a fim de assegurar a circulação do ar, abrigavam cavalos, vacas, bodes e bezerros. Alguns encontravam-se em liberdade, outros amarrados a argolas fixas na ponte. Aqueles que possuíam pés de marinheiro, passeavam à frente. Outras cabines, simples caixas de madeira frágil cobertas de um teto, continham bancos, cadeiras e mesas.

Nas traseiras, um grande reservatório escondia uma trintena de silos portáteis.

Paser chamou Denes.

– De onde provém este trigo?

– Dos armazéns.

– Quem to entregou?

– Consulta o cabo dos marinheiros.

Interrogado, o homem apresentou um documento oficial que continha um selo indecifrável. Porque teria ele prestado atenção já que esse tipo de mercadoria era tão banal? Segundo as necessidades desta ou daquela província, Denes transportava o cereal durante todo o ano. As reservas dos silos do Estado evitavam qualquer fome.

– Quem deu a ordem de marcha?

O cabo ignorava-o. O juiz voltou-se para o patrão dele que, sem hesitação, o conduziu ao seu gabinete do porto.

– Não tenho nada a esconder – confessou Denes, nervoso. – É certo que tentei dar uma lição a Bel-Tran, mas tratava-se apenas de uma brincadeira. Por que razão o meu carregamento te intriga?

– Segredo de instrução.

Os arquivos estavam bem organizados. Denes, dócil, apressou-se a retirar a tábua de argila que interessava ao juiz.

– A ordem de transporte emanava de Hattusa, a princesa hitita, a chefe do harém de Tebas, esposa diplomática de Ramsés, o Grande.

Graças ao general Asher, a calma regressara aos principados da Ásia. Uma vez mais, ele havia provado o seu conhecimento do terreno. Dois meses após o seu regresso, em pleno Verão, quando uma cheia benfeitora depositara o lodo fertilizante em ambas as margens, uma grandiosa cerimônia foi organizada em sua honra.

Era ou não verdade que Asher havia recuperado um tributo composto de mil cavalos, quinhentos prisioneiros, dez mil carneiros, oitocentas cabras, quatrocentas vacas, quarenta carros inimigos, centenas de lanças, espadas, cotas de armas, escudos, e

duzentos mil sacos de cereais?

Diante do palácio real estavam reunidos os corpos de elite, a guarda do faraó e a polícia do deserto, e representantes dos quatro regimentos de Amon, Ra, Ptah e Seth, compreendendo a unidade de carros de combate, a infantaria e os arqueiros. Nenhum oficial faltara ao chamado. O poderio militar egípcio ostentava o seu fausto e homenageava o seu oficial superior mais condecorado. Ramsés enviar-lhe-ia cinco colares de ouro e decretaria três dias de festa por todo o país. Asher tornava-se uma das personagens do Estado, o braço armado do rei e a muralha contra a invasão.

Suti não esteve ausente da festa. O general atribuíra-lhe um carro novo, por estrear, sem o obrigar a comprar o timão e a caixa, como a maioria dos oficiais, três soldados se ocupariam dos dois cavalos.

Antes do desfile, o herói da recente campanha recebeu as felicitações do general.

– Continua a servir o teu país, Suti, prometo-te um brilhante futuro.

– A minha alma está atormentada, general.

– Surpreendes-me.

– Enquanto não fizermos Adufi prisioneiro, não dormirei tranquilo.

– Reconheço nas tuas palavras um herói brilhante e generoso.

– Interrogo-me... apesar de toda a nossa perseguição, como se escapou ele?

– O patife é hábil.

– Não seria de jurar que ele adivinha os nossos planos?

Uma ruga atravessou a fronte do general Asher.

– Dás-me uma outra idéia... a presença de um espião nas nossas fileiras.

– Pouco verossímil.

– Já antes aconteceu. Sossega: o meu estado-maior e eu próprio nos debruçaremos sobre esse problema. Fica certo de que esse vil rebelde não ficará em liberdade por muito tempo.

Asher deu uma palmadinha na face de Suti, depois ocupou-se de outro valente. As insinuações, ainda que fundamentadas, não o preocuparam.

Por um instante, Suti perguntou-se se não estaria enganado, mas a horrível cena permanecia viva na sua memória. Ingênuo, esperara que o traidor perdesse o sangue-frio.

O faraó fez um longo discurso cujo essencial foi repetido pelos arautos em cada cidade e em cada aldeia. Chefe supremo dos exércitos, ele garantia a paz e velava pelas fronteiras. Os quatro grandes regimentos, de vinte mil soldados cada um, protegeriam o Egito contra qualquer tentativa de invasão. A unidade de carros de combate e a infantaria, onde se encontravam afectos numerosos núbios, sírios e líbios, estavam ligados à felicidade das Duas Terras e defendê-las-iam contra os agressores, mesmo que estes fossem antigos compatriotas. O rei não toleraria qualquer falta de disciplina, o vizir executaria os seus desígnios à letra.

Em troca dos seus bons e leais serviços, o general Asher era responsável pela instrução dos oficiais encarregados de comandar as tropas que efectuariam missões de vigilância na Ásia. A sua experiência ser-lhes-ia preciosa, já porta-estandarte à direita do rei, o general seria permanentemente consultado sobre as opções táticas e estratégicas.

Paser abria um processo, tornava a fechá-lo, classificava documentos já classificados, dava ordens contraditórias ao escrivão, e esquecia-se de levar o cão a passear. Larrot já não ousava fazer qualquer pergunta, pois o juiz respondia arrevezado.

Todos os dias Paser sofria os assaltos de Suti, cada vez mais impaciente, ver Asher em liberdade tornava-se-lhe insuportável. O juiz excluía qualquer precipitação, sem nada propor de concreto, e arrancava ao seu amigo a promessa de não intervir de forma insensata. Atacar o general levemente só os conduziria ao fracasso.

Suti constatava que Paser não se interessava nada pela sua proposta, perdido em pensamentos dolorosos, apagava-se pouco a pouco.

O juiz acreditara que o seu trabalho o distrairia e o faria esquecer Néféret. Pelo contrário, o afastamento aumentava o seu sofrimento. Consciente de que o tempo só serviria para agravá-lo, Paser decidiu tornar-se uma sombra. Após ter dito adeus ao cão e ao jumento, saiu de Mênfis em direção a ocidente, ao deserto líbio. Covarde, não havia falado com Suti, imaginando antecipadamente os seus argumentos. Encontrar o amor e não poder vivê-lo transformara a sua existência num suplício.

Paser palmilhou sob um sol ardente a areia escaldante. Trepou a uma colina e sentou-se numa pedra, de olhos voltados para a imensidão. O céu e a terra fechar-se-iam sobre si, o calor faria mirrar o seu corpo, as hienas e os abutres destruiriam os seus restos

mortais. Ao negligenciar a sua sepultura, injuriava os deuses e condenava-se a sofrer a segunda morte que excluía a ressurreição, mas não seria uma eternidade sem Néféret o pior dos castigos?

Ausente de si mesmo, indiferente ao vento e à fustigação dos grãos de areia, Paser mergulhou no nada. Sol vazio, luz imóvel... Não era assim tão fácil desaparecer. O juiz não se mexia, determinado a deslizar para o sono derradeiro.

Quando a mão de Branir se pousou no seu ombro, não reagiu.

– Um passeio cansativo, na minha idade. Ao voltar de Tebas, contava repousar, e tu obrigas-me a achar-te neste deserto. Mesmo com a radiestesia, foi uma árdua tarefa. Bebe um pouco de água.

Branir estendeu um odre fresco ao seu discípulo. Com a mão hesitante, este agarrou-o, colocou o gargalo entre os lábios e sorveu um trago.

– Recusar teria sido insultuoso, mas nada mais te concedo.

– És resistente, a tua pele não está queimada e a tua voz quase não treme.

– O deserto levará a minha vida.

– Ele recusar-te-á a morte.

Paser estremeceu.

– Serei paciente.

– A tua paciência será inútil, pois és um perjuro.

O juiz sobressaltou-se.

– Tu, meu mestre, tu...

– A verdade é penosa.

– Eu não faltei à minha palavra!

– A tua memória engana-te. Ao aceitares o teu primeiro posto em Mênfis, fizeste um juramento do qual foi testemunha uma pedra. Olha para o deserto, à nossa volta, essa pedra transformou-se num milho, e recorda-te o compromisso sagrado que assumiste perante Deus, perante os homens e perante ti mesmo. Tu sabia-lo, Paser, um juiz não é um homem vulgar. A tua existência já não te pertence. Esbanja-a, devasta-a, pouco importa, o perjuro está condenado a errar entre as sombras rancorosas que se atormentam entre si.

Paser desafiou o seu mestre.

– Não posso viver sem ela.

– Deves desempenhar a tua função de juiz.

– Sem alegria e sem esperança?

– A justiça não se alimenta de estados de alma, mas de retidão.

– Esquecer Néféret é impossível.

– Fala-me das tuas investigações.

– O enigma da esfinge, o quinto veterano, o general Asher, o trigo roubado...

Paser agrupou os fatos, não escondendo nem as suas incertezas nem as suas dúvidas.

– Tu, modesto magistrado, situado na base da escala hierárquica, tens a teu cargo eventos excepcionais que o destino te confiou. Esses eventos ultrapassam a tua pessoa e afetam, talvez, o futuro do Egito. Serás assim tão medíocre para os negligenciar?

– Agirei, já que assim o desejas.

– A tua função exige. Crês tu que a minha é mais ligeira?

– Gozarás brevemente do silêncio do templo coberto.

– Não do seu silêncio, Paser, mas de toda a sua vida. Contra o meu desejo, designaram-me grande sacerdote de Carnaque.

O rosto do juiz iluminou-se.

– Quando receberás o anel de ouro?

– Dentro de alguns meses.

Durante dois dias, Suti procurou Paser por toda a Mênfis. Sabia-o suficientemente desesperado para pôr fim à existência.

Ele reapareceu no seu escritório, de rosto queimado pelo sol. Suti arrastou-o para uma formidável farra alcoólica, povoada de recordações de infância. De manhã, tomaram banho no Nilo, sem conseguir dissipar a enxaqueca que lhes atormentava as têmporas.

– Onde te escondeste?

– Uma meditação no deserto. Branir trouxe-me de volta.

– Que decidiste verdadeiramente?

– Mesmo que o caminho se afigure fosco e cinzento, respeitarei o meu juramento de juiz.

– A felicidade virá.

– Sabes bem que não.

– Combateremos juntos. Por onde começas?

– Tebas.

– Por causa dela?

– Não voltarei a vê-la. Tenho de esclarecer um tráfico de trigo e de encontrar o quinto veterano. O seu testemunho será essencial.

– E se estiver morto?

– Graças a Branir, estou certo de que se esconde. A sua varinha de feiticeiro não se engana.

– Arriscamo-nos a que seja uma longa tarefa.

– Observa Asher, estuda os seus atos e gestos, tenta encontrar uma falha.

O carro de Suti levantou uma nuvem de poeira. O novo tenente entoava uma canção brejeira, exaltando a infidelidade das mulheres. Suti estava otimista, mesmo que Paser ficasse neurasténico, não trairia a sua palavra. Na primeira ocasião, apresentá-lo-ia a uma feliz donzela que dissiparia a sua melancolia.

Asher não escaparia à justiça. Suti devia exercer a sua.

O carro passou entre os dois marcos que delimitavam a entrada da plantação. O calor era tão pesado que a maioria dos camponeses descansavam à sombra das árvores. Em frente à quinta, desenrolava-se um drama, um burro acabava de virar todo o seu carregamento.

Suti parou, saltou para o chão e afastou o dono do burro que brandia uma vara para punir o animal. O tenente imobilizou o quadrúpede transtornado, pegando-lhe pelas orelhas e acalmou-o acariciando-o.

– Não se bate num burro.

– E o meu saco de trigo! Não vês que ele o tombou?

– Não foi ele – corrigiu um adolescente.

– Quem foi, então?

– Foi a líbia. Ela diverte-se a picar-lhe a traseira com espinhos.

– Ah, essa! Essa merece a vara dez vezes mais que o burro.

– Onde está ela?

– Perto do charco. Se alguém tentar apanhá-la, ela trepa ao salgueiro.

– Eu ocupo-me dela.

Assim que ele se aproximou, Pantera escalou a árvore e estendeu-se sobre um ramo forte.

– Desce daí.

– Vai embora! É por tua causa que estou reduzida à escravatura!

– Eu podia estar morto, lembra-te, e venho libertar-te. Cai nos meus braços.

Ela não hesitou. Suti foi derrubado, caiu duramente no solo e fez uma careta de dor. Pantera passou os dedos pelas cicatrizes.

– As outras mulheres afastam-te?

– Preciso de uma enfermeira dedicada, durante algum tempo. Tu vais dar-me umas massagens.

– Estás todo empoeirado.

– Forcei o andamento, de tão impaciente que estava para te rever.

– Mentiroso!

– Tenho de me lavar, tens razão.

Ele ergueu-se, mantendo-a nos seus braços, e correu em direção ao charco onde mergulharam, beijando-se.

Nébamon experimentava as perucas de cerimônia que o seu cabeleireiro preparara. Nenhuma lhe agradava. Demasiado pesadas, demasiado complicadas. Tornava-se cada vez mais difícil seguir a moda. Fustigado pelas exigências das damas ricas desejosas de preservar os seus encantos remodelando os seus corpos, obrigado a presidir a comissões administrativas e a afastar os candidatos à sua sucessão, ele lamentava a ausência, a seu lado, de uma mulher como Néféret. O seu fracasso irritava-o.

O seu secretário particular inclinou-se diante dele.

– Obtive as informações que desejas.

– Miséria e desespero?

– Não exatamente.

– Ela abandonou a medicina?

– Pelo contrário.

– Está a brincar comigo?

– Néféret fundou um dispensário de aldeia e um laboratório, praticou intervenções cirúrgicas e obteve a boa vontade das autoridades sanitárias de Tebas. A sua reputação não pára de crescer.

– É uma loucura! Ela não possui qualquer fortuna. Como arranja ela os produtos raros e caros?

O secretário particular sorriu.

– Deverias estar contente comigo.

– Fala.

– Descobri algo estranho. Chegou-te aos ouvidos a reputação da senhora Sababu?

– Não é a dona de um bordel em Mênfis?

– Do mais famoso. Ela abandonou bruscamente o seu estabelecimento, embora fosse bastante rendável.

– Qual a sua ligação com Néféret?

– Sababu é, não apenas uma das suas pacientes, como também a sua fornecedora de fundos. Oferece à clientela tebana jovens e belas garotas, tira benefício desse comércio, e a sua protegida tira disso proveito. Não é um insulto à moral?

– Uma médica financiada por uma prostituta... apanhei-a!

CAPÍTULO 31

– A tua reputação é lisonjeira disse Nébamon a Paser. A fortuna não te impressiona, não temes atacar os privilégios, em suma, a justiça é o teu pão de cada dia e a integridade a tua segunda natureza.

– Não serão esses os requisitos mínimos para um juiz?

– Claro, claro... por isso te escolhi.

– Deverei sentir-me lisonjeado?

– Conto com a tua probidade.

Desde a infância, Paser detestava os sedutores de sorriso forçado e atitudes calculadas. O médico-chefe irritava-o ao mais alto grau.

– Um horrível escândalo está prestes a rebentar – murmurou Nébamon, de forma a não ser ouvido pelo escrivão. – Um escândalo que poderá afetar negativamente a minha profissão e lançar o opróbio sobre todos os médicos.

– Sê mais explícito.

Nébamon olhou para Larrot. Com o assentimento do juiz, este último eclipsou-se.

– As queixas, os tribunais, a lentidão administrativa... Não poderíamos evitar essas formalidades enfadonhas?

Paser permaneceu em silêncio.

– Desejas tomar conhecimento primeiro, é normal. Posso contar com a tua discrição?

O juiz conteve-se.

– Uma das minhas alunas, Néféret, cometeu alguns erros que eu sancionei. Em Tebas, era seu dever observar uma reserva prudente e remeter-se aos confrades mais competentes. Ora, ela decepcionou-me bastante.

– Cometeu novos erros?

– Passos em falso cada vez mais lamentáveis. Atividade incontrolada, prescrições fora de estação, laboratório privado.

– Isso é ilegal?

– Não, mas Néféret não dispunha de qualquer meio material para se instalar.

– Os deuses foram-lhe favoráveis.

– Não foram os deuses, juiz Paser, mas uma mulher de má vida, Sababu, uma anfitriã de um lupanar, vinda de Mênfis.

Afetado, grave, Nébamon esperava uma reação indignada. Paser parecia indiferente.

– A situação é deveras inquietante, – retomou o médico-chefe, – mais dia menos dia, alguém vai descobrir a verdade e maculará médicos respeitáveis.

– Como tu, por exemplo?

– Evidentemente, já que fui o professor de Néféret! Não posso tolerar semelhante risco.

– Concordo, mas não estou a entender muito bem o meu papel.

– Uma intervenção discreta, mas firme, suprimiria este desagradável incômodo. Já que o lupanar de Sababu pertence ao teu setor, já que ela trabalha em Tebas sob uma falsa identidade, não te faltam motivos de inculpação. Ameaça Néféret com sanções muito pesadas, se ela persistir nas suas atividades insensatas. O aviso remetê-la-á à condição de médica de aldeia à sua medida. Está claro que não te peço uma ajuda gratuita. Uma carreira constrói-se, ofereço-te uma bela ocasião de progredires na hierarquia.

– Muito me sensibilizas.

– Eu sabia que nos entenderíamos. És jovem, inteligente e ambicioso, ao contrário de tantos colegas teus, tão ciosos da letra da lei que acabam por perder o senso comum.

– E se eu fracassar?

– Apresentarei queixa contra Néféret, e tu presidirás ao tribunal e escolheremos os jurados. Mas não é minha intenção chegar a esse ponto, mostra-te, pois, persuasivo.

– Não economizarei esforços.

Nébamon, descontraído, felicitou-se pela diligência. Não se enganara ao julgar o juiz.

– Estou contente por ter batido à porta certa. Entre gente de qualidade, é fácil aplanar as dificuldades.

Tebas, a divina, onde ele conhecera a felicidade e a tristeza. Tebas, a encantadora, onde o esplendor das alvoradas se aliava à magia da noite. Tebas, a implacável, para onde o destino o impelia em busca de uma verdade tão fugidia como um lagarto desenfreado.

Foi no barco que a avistou.

Ela vinha da margem leste, ele atravessava para se dirigir à aldeia onde ela exercia. Contrariamente aos seus receios, ela não o repeliu.

– As minhas palavras não foram levianas. Este encontro não deveria nunca ter acontecido.

– Tens conseguido esquecer-me?

– Nem por um instante.

– Torturas-te assim.

– Para ti que importância tem?

– O teu sofrimento entristece-me. Crês ser necessário acentuá-lo com estes encontros?

– É o juiz e apenas o juiz que se dirige a ti.

– De que sou acusada?

– De aceitar as prodigalidades de uma prostituta. Nébamon exige que as tuas atividades se restrinjam à aldeia e que remetas os casos mais graves aos colegas.

– Senão?

– Senão, tentará fazer-te condenar por imoralidade, ou seja, proibir-te de exerceres.

– É séria a ameaça?

– Nébamon é um homem influente.

– Eu escapei-lhe, ele não admite que eu lhe resista.

– Preferes renunciar?

– Que pensarias tu da minha atitude?

– Nébamon conta comigo para te convencer.

– Ele conhece-te mal.

– É a nossa oportunidade. Tens confiança em mim?

– Ilimitada.

A ternura na voz dela encantou-o. Pois não estava ela a sair da sua indiferença, não lhe concedia um outro olhar, menos distante?

– Não fiques inquieta, Néféret. Eu te ajudarei.

Ele acompanhou-a à aldeia, esperando que o caminho de terra não acabasse nunca.

O devorador de sombras estava descansado.

A viagem do juiz Paser afigurava-se de ordem perfeitamente privada. Longe de procurar o quinto veterano, ele fazia a corte à bela Néféret.

Obrigado a tomar mil precauções devido à presença do núbio e do seu macaco, o devorador de sombras acabou por acreditar que o quinto veterano morreria de morte natural ou fugira para sul e não mais se ouviria falar dele. Só o seu silêncio importava.

Prudente, contudo, continuou a vigiar o juiz. O babuíno estava inquieto.

Kem perscrutou as imediações e não notou nada de anormal. Alguns camponeses e os seus burros, trabalhadores a reparar os diques, aguadeiros. No entanto, o símio pressentia o perigo.

Redobrando a atenção, o núbio aproximou-se do juiz e de Néféret. Pela primeira vez, avaliou o seu patrão. O jovem magistrado transbordava de ideal e utopia, ao mesmo tempo forte e frágil, realista e sonhador, mas a retidão guiava-o. Sozinho, não suprimiria a malignidade da natureza humana, mas contestaria o seu reinado. Dessa forma, daria esperança a todos aqueles que sofriam de injustiça.

Kem teria preferido que ele não se empenhasse numa aventura tão perigosa onde, mais cedo ou mais tarde, acabaria por ser esmagado. Como censurá-lo quando pobres diabos tinham sido assassinados? Enquanto a memória das gentes simples fosse

preservada, enquanto um juiz não concedesse privilégios aos grandes devido às suas fortunas, o Egito continuaria a resplandecer.

Néféret e Paser não trocaram uma palavra. Ele sonhava com um passeio como aquele em que, de mãos dadas, se contentariam em estar juntos. Os seus passos seriam iguais, como os de um casal unido. Ele roubava uns instantes de felicidade impossível, tirando prazer de uma miragem mais preciosa que a realidade.

Néféret caminhava depressa, com leveza, os seus pés mal pareciam aflorar o solo, deslocando-se sem cansaço. Ele gozava o privilégio inestimável de a acompanhar e ter-lhe-ia proposto tornar-se seu servidor, obscuro e zeloso, se não se tivesse obrigado a continuar juiz para a defender das tempestades que se anunciavam. Estaria iludido ou ela mostrava-se menos reticente a seu respeito? Talvez ela tivesse necessidade desse silêncio a dois, talvez ela se habituasse à sua paixão, com a condição de ele a calar.

Entraram no laboratório onde Kani separava as plantas medicinais.

– A colheita foi excelente.

– Arrisca-se a ser inútil – lamentou-se Néféret, – Nébamon quer impedir-me de continuar.

– Se ele não for proibido de envenenar o povo...

– O médico-chefe não vai conseguir o seu propósito – afirmou Paser. – Eu me interporei.

– Ele é mais perigoso que uma víbora. Também a ti ele morderá.

– Há novos elementos?

– O templo confiou-me uma grande parcela de terra para explorar. Tornei-me seu fornecedor oficial.

– Tu merece-o bem, Kani.

– Não me esqueço da nossa investigação. Tive oportunidade de conversar com o escriba do censo, nenhum veterano menfita se empregou nas oficinas ou quintas de há seis meses para cá. Todos os soldados aposentados são obrigados a assinalar a sua presença, senão perdem os seus direitos. Isso seria condenar-se à miséria.

– O nosso homem tem tanto medo que a preferiu a uma existência à luz do dia.

– E se ele se exilou?

– Estou convencido de que se esconde na margem ocidental.

Paser estava atormentado por sentimentos contraditórios. Por um lado, sentia-se leve, quase feliz, por outro, sombrio e deprimido. Ter revisto Néféret, senti-la mais próxima, mais amigável, fê-lo reviver, admitir que ela não seria nunca sua esposa desesperava-o.

Lutar por ela, por Suti e por Bel-Tran impedia-o de remoer estes pensamentos. As palavras de Branir tinham-no posto no seu lugar, um juiz do Egito pertencia aos outros.

No harém de Tebas Ocidental era dia de festa, celebrava-se o regresso vitorioso da expedição da Ásia, a grandeza de Ramsés, a paz assegurada e a reputação do general Asher. Tecelões, músicos, bailarinas, especialistas do esmalte, educadoras, cabeleireiras, criadoras de arranjos florais passeavam-se pelo jardim e tagarelavam, apreciando as pastelarias variadas. Sob um quiosque abrigado do sol, serviam-se sumos de frutos. Admiravam-se os adornos, despertavam-se ciúmes, criticava-se.

Paser sentia-se deslocado, conseguiu, contudo, aproximar-se da anfitriã do local, cuja beleza eclipsava a das cortesãs. Possuindo a mais alta sofisticação na arte da maquiagem, Hattusa exibia o seu desdém relativamente às senhoras elegantes de arrebiques imperfeitos. Rodeada de muitos admiradores, lançava olhares agastados aos aduladores.

– Pois não é o pequeno juiz de Mênfis?

– Se me autorizas a importunar-te num momento como este, ficaria muito honrado com uma entrevista privada.

– Que bela idéia! Estes eventos sociais aborrecem-me. Vamos para perto do chafariz.

Quem seria aquele magistrado de aparência modesta que assim conquistava a mais inacessível das princesas? Hattusa decidira, provavelmente, brincar com ele, para depois o largar como um fantoche desarticulado. As extravagâncias da estrangeira já não tinham conta.

Flores de lótus brancas e azuis misturavam-se à superfície da água, animada de uma ligeira brisa. Hattusa e Paser sentaram-se em cadeiras de lona, dispostas sob um guarda-sol.

– Vamos ser objeto de muitos falatórios, juiz Paser. Não respeitamos nem um pouco a etiqueta.

– Sei que muito te agradam os falatórios.

– Aprecias os esplendores do meu harém?

– O nome de Bel-Tran é-te familiar?

– Não.

– E o de Denes?

– Tão pouco. Trata-se de um interrogatório?

– Tenho necessidade do teu testemunho.

– Essas pessoas não fazem parte do meu pessoal, que eu saiba.

– Uma ordem, emitida por ti, foi dirigida a Denes, o principal transportador de Mênfis.

– E isso que importa? Pensas que me interesso por esses pormenores?

– No barco, que deveria descarregar aqui, estava armazenado trigo roubado.

– Receio ter compreendido mal.

– O barco, o trigo e a ordem de expedição exibindo o teu selo estão retidos.

– Estás a acusar-me de roubo?

– Gostaria de uma explicação.

– Quem te enviou?

– Ninguém.

– Ages por tua conta e risco... Não acredito!

– Estás enganada.

– Querem prejudicar-me novamente e, desta vez, servem-se dos serviços de um pequeno juiz, inconsciente e fácil de manipular!

– O ultraje a um magistrado, acrescido de calúnia, é punido com açoites de bastão.

– Estás completamente louco! Sabes com quem estás a falar?

– Com uma dama da mais elevada posição, sujeita à lei como a mais humilde das camponesas. Ora, estás implicada num desvio fraudulento de cereais pertencentes ao Estado.

– Estou pouco ralada.

– Implicada não significa culpada. É por esse motivo que aguardo as tuas justificações.

– Não me rebaixarei a esse ponto.

– Se estás inocente, que temes?

– Ousas pôr em dúvida a minha probidade!

– Os fatos a isso me obrigam.

– Foste muito longe, juiz Paser, demasiado longe.

Furiosa, ela ergueu-se e avançou como um furacão. Os cortesãos afastaram-se, inquietos perante uma raiva da qual sofreriam as consequências.

O juiz principal de Tebas, homem ponderado, na força da idade, próximo do grande sacerdote de Carnaque, recebeu Paser três dias mais tarde. Levou algum tempo a examinar os fatos constantes do processo.

– O teu trabalho é perfeitamente notável, tanto no conteúdo como na forma.

– Estando fora da minha jurisdição, deixo-te a incumbência de prosseguires a investigação. Se achas necessária a minha intervenção, estou pronto a convocar um tribunal.

– Qual a tua convicção íntima?

– A existência de tráfico de cereal está provada. Denes parece-me fora de questão.

– O chefe da polícia?

– Está sem dúvida ao corrente, mas até que ponto?

– A princesa Hattusa?

– Recusou prestar-me a mínima explicação.

– É bastante aborrecido.

– Não podemos apagar o seu selo.

– Claro, mas quem o apôs?

– Ela própria. Trata-se do seu sinete pessoal que ela traz num anel. Tal como todos os grandes do reino, ela nunca se separa dele.

– Avançamos em terreno perigoso. Hattusa não é muito popular, em Tebas, demasiado altiva, demasiado crítica, demasiado autoritária. Mesmo que partilhe da opinião geral, o faraó é obrigado a defendê-la.

– Roubar o alimento destinado ao povo é um delito sério.

– Concordo, mas é meu desejo evitar um processo público que poderia desagradar a Ramsés. Segundo os teus próprios comentários, a instrução não está ainda terminada.

O rosto de Paser fechou-se.

– Não estejas inquieto, meu caro colega, na qualidade de juiz principal de Tebas, não faço tenção de esquecer o teu processo no meio de uma pilha de arquivos. Quero apenas apoiar a acusação, já que o queixoso será o próprio Estado.

– Agradecido pelos esclarecimentos. Quanto ao processo público...

– Seria preferível, já sei, mas queres primeiro a verdade ou a cabeça da princesa Hattusa?

– Não tenho qualquer animosidade particular contra ela.

– Tentarei convencê-la a falar e enviar-lhe-ei uma convocatória oficial, se necessário. Deixemo-la senhora do seu destino, não concordas? Se for culpada, ela pagará.

O alto magistrado parecia sincero.

– Tens necessidade da minha colaboração?

– De momento não, tanto mais que és chamado de urgência a Mênfis.

– O meu escrivão?

– O deão do pórtico.

CAPÍTULO 32

A senhora Nénophar não se conformava. Como pudera o marido comportar-se de um modo tão estúpido? Como habitualmente, julgara mal os homens e acreditara que Bel-Tran se submeteria sem se defender. O resultado era catastrófico: um processo em perspectiva, um barco de carga requisitado, uma suspeita de roubo e o triunfo desse jovem crocodilo.

– O teu balanço é notável.

Denes não se perturbou.

– Come o pato grelhado, está uma delícia.

– Estás a conduzir-nos à desonra e à falência.

– Acalma-te, a sorte muda.

– A sorte sim, a tua estupidez não!

– Um barco imobilizado durante alguns dias que importância tem? A carga foi transbordada e chegará a Tebas brevemente.

– E Bel-Tran?

– Não apresenta queixa. Encontramos uma plataforma de entendimento. Acabaram-se as guerras entre nós, para dar lugar a uma cooperação no sentido de salvaguardar o melhor dos nossos interesses respectivos. Ele não tem arcabouço para tomar o nosso lugar, a lição foi-lhe suficiente. Vamos até transportar uma parte da sua mercadoria, a um preço correto.

– E a acusação de roubo?

– Inaceitável. Documentos e testemunhas provarão a minha inocência. Além do mais, na verdade, eu não fiz nada. Hattusa manipulou-me.

– E as acusações de Paser?

– Embaraçosas, tenho de convir.

– Logo, um processo perdido, a nossa reputação manchada e multas!

– Ainda não chegamos aí.

– Acreditas em milagres?

– Se os planejarmos, porque não?

Silkis saltava de alegria. Acabara de receber um aloés, com um caule de dez metros, coroado de flores amarelas, laranja e vermelhas. O seu suco continha um óleo com o qual esfregaria as suas partes genitais a fim de evitar qualquer inflamação. Contribuiria assim para tratar a doença de pele, que cobria de manchas vermelhas de urticária as pernas de seu marido. Além disso, Silkis aplicar-lhe-ia uma pasta composta por claras de ovos e flores de acácia.

Assim que Bel-Tran tomara conhecimento da sua convocação ao palácio, desencadeara-se uma crise de comichão. Desafiando o mal, o fabricante de papiro apresentou-se angustiado nos escritórios da administração.

Enquanto o esperava, Silkis preparava o bálsamo calmante.

Bel-Tran voltou no início da tarde.

– Tão cedo não voltaremos ao Delta. Vou nomear um responsável local.

– Retiraram-nos a aprovação oficial?

– Pelo contrário. Recebi as mais vivas felicitações pela minha gestão e pela extensão da empresa em Mênfis. Na verdade, o palácio tem vindo a observar de perto as minhas atividades desde há dois anos.

– Quem quer prejudicar-te?

– Ninguém! O superintendente dos celeiros acompanhou a minha ascensão e interrogava-se como eu reagiria ao êxito. Como me viu trabalhar cada vez mais, chamou-me para perto dele.

Silkis estava maravilhada. O superintendente dos celeiros fixava os impostos, recolhia-os em gêneros, encarregava-se da sua redistribuição pelas províncias, dirigia um corpo de escribas especializados, inspecionava os centros provinciais de recolha, reunia as listas de rendimentos fundiários e agrícolas, e enviava-os à Dupla Casa branca onde eram geridas as finanças do reino.

– Para perto dele... quer dizer...

– Fui nomeado tesoureiro principal dos celeiros.

– Mas isso é maravilhoso! – Ela saltou-lhe ao pescoço. – Vamos ser ainda mais ricos?

– É provável, mas as minhas ocupações ocupar-me-ão ainda mais. Terei de fazer curtas viagens à província e serei obrigado a satisfazer os desígnios do meu superior. Tu ocupar-te-ás das crianças.

– Estou tão orgulhosa... podes contar comigo.

O escrivão Larrot sentou-se ao lado do burro, diante da porta do escritório de Paser, a qual havia sido selada.

– Quem se atreveu?

– O chefe da polícia em pessoa, sob as ordens do deão do pórtico.

– Qual o motivo?

– Recusou-se a dizer-mo.

– Isto é ilegal.

– Como querias que lhe resistisse? Não podia lutar!

Paser apresentou-se de imediato junto do alto magistrado, que o fez esperar uma longa hora antes de recebê-lo.

– Eis-te, por fim, juiz Paser! Viajas muito...

– Razões profissionais.

– Pois bem, agora vai repousar! Como constataste, estás suspenso das tuas funções.

– Por que motivo?

– A negligência da juventude! A tua condição de juiz não te coloca acima dos regulamentos.

– E qual deles violei eu?

A voz do deão tornou-se feroz.

– O do fisco. Esqueceste-te de pagar os teus impostos.

– Não recebi nenhum aviso!

– Eu próprio o levei há três dias, mas estavas ausente.

– Tenho três meses para proceder à regulamentação.

– Na província, não em Mênfis. Aqui, não tens mais que três dias. O prazo esgotou-se.

Paser estava aturdido.

– Porque ages assim?

– Por simples respeito pela lei. Um juiz deve dar o exemplo, o que não é o teu caso.

Paser reprimiu a fúria que o assolava. Agredir o deão só agravaria a sua situação.

– Isso é perseguição.

– Deixemo-nos de grandes palavras! Quaisquer que elas sejam, é meu dever obrigar os maus pagadores a regularizarem a sua situação.

– Estou pronto a saldar a minha dívida.

– Vejamos... dois sacos de trigo.

O juiz sentiu-se aliviado.

– O montante da multa é diferente. Digamos... um boi gordo.

Paser revoltou-se.

– É completamente desproporcionado!

– A tua função impõe-me essa severidade.

– Quem está por trás de ti?

O deão do templo apontou a porta do seu escritório.

– Sai.

Suti prometera a si mesmo galopar até Tebas, irromper no harém e fazer a hitita falar. Segundo a análise de Paser, quem, senão ela, poderia estar na origem daquela sanção inacreditável? A fiscalidade, geralmente, não se discutia. As queixas eram tão raras quanto as fraudes. Atacando Paser por esse meio, e utilizando os regulamentos das grandes cidades, ela reduzia o pequeno

juiz ao silêncio.

- Desaconselho-te um ato irrefletido. Perderias a tua qualidade de oficial e toda a credibilidade durante o processo.
- Qual processo? Tu já não tens capacidade para organizá-lo!
- Suti... eu já renunciei?
- Quase.
- Quase, tens razão. Mas o ataque é muito injusto.
- Como podes permanecer tão calmo?
- A adversidade ajuda-me a refletir, a tua hospitalidade também.

Na qualidade de tenente da unidade de carros de combate, Suti dispunha de uma casa de quatro assoalhadas, precedida de um jardim onde o burro e o cão de Paser dormiam até se cansarem. Sem qualquer entusiasmo, Pantera ocupava-se da cozinha e da lida da casa. Felizmente, Suti interrompia frequentemente as tarefas domésticas para aliciá-la para jogos mais divertidos.

Paser não deixava o seu quarto. Revolvia na memória os diversos aspectos dos seus principais processos, indiferente às brincadeiras do amigo e da sua bela amante.

- Refletir, refletir... e que retiras tu dessas reflexões?
- Graças a ti, podemos talvez avançar. Qadash, o dentista, tentou furtar cobre numa caserna onde o químico Chéchi tem um laboratório secreto.
- Para armamento?
- Sem dúvida alguma.
- Um protegido do general Asher?
- Ignoro-o. As explicações de Qadash não me convenceram. Por que razão ele rondava aquele local? Segundo ele, foi o responsável da caserna que o informou. Para ti será fácil verificar.

– Eu ocupo-me disso.

Paser deu de comer ao burro, passeou o cão e almoçou com Pantera.

- Fazes-me medo – confessou ela.
- Sou assim tão assustador?
- Demasiado sério. Nunca te apaixonas?
- Mais vezes do que imaginas.
- Tanto melhor. Tu és diferente de Suti, mas ele tem por ti a maior admiração. Falou-me dos teus problemas, como pensas pagar a multa?
- Francamente não sei. Se for preciso, vou trabalhar nos campos durante alguns meses.
- Un juiz camponês!
- Cresci numa aldeia. Semear, trabalhar na lavoura e ceifar são tarefas que não me repugnam.
- Eu roubaria. Pois não é o fisco o maior dos ladrões?
- A tentação está sempre presente, é por isso que existem os juizes.
- És honesto?
- É essa a minha ambição.
- Porque te exploram?
- Luta de influências.
- Haverá qualquer coisa de podre no reino do Egito?
- Nós não somos melhores que os outros homens, mas temos consciência disso. Se a podridão existe, nós a limparemos.
- Tu sozinho?
- Suti e eu. Se fracassarmos, outros nos substituirão.

Pantera fez uma expressão amuada.

- No teu lugar, eu deixava-me corromper.
- Quando um juiz trai, estamos a um passo da guerra.
- O meu povo gosta de se bater, mas o teu não.
- É essa uma fraqueza?

Os olhos negros faiscaram.

- A vida é um combate que eu quero ganhar, não importa de que forma, e não importa a que preço.
- Suti, entusiasmado, esvaziou metade de um cântaro de cerveja.

Escarranchado no muro do jardim, saboreava os últimos raios do Sol poente. Paser, sentado, acariciava *Bravo*.

– Missão cumprida! O responsável da caserna ficou lisonjeado por receber um herói da última campanha. Além do mais, é muito tagarela.

- E a sua dentição?
- Em excelente estado. Nunca foi paciente de Qadash.

Suti e Paser concordaram. Acabavam de descobrir uma extraordinária mentira.

- E não é tudo.
- Não me faças sofrer.

Suti pavoneava-se.

- É preciso que te suplique?
- Um herói deve ter um triunfo modesto. O armazém continha cobre de primeira qualidade.
- Eu sabia.

– Ignoravas que Chéchi, logo após o teu interrogatório, fez deslocar uma caixa sem inscrição. Essa caixa continha material pesado, já que quatro homens mal conseguiram transportá-la.

- Soldados?
- A guarda afeta ao químico.
- E o destino?
- Desconhecido. Mas eu vou descobrir.
- De que precisa Chéchi para fabricar armas inquebráveis?
- O material mais raro e mais dispendioso é o ferro.
- Também é a minha opinião. Se tivermos razão, é esse o tesouro que Qadash cobiçava! Instrumentos de dentista em ferro... Ele esperava recuperar a sua habilidade graças a eles. Resta saber quem lhe indicou o esconderijo.

- Como se comportou Chéchi durante teu encontro?
- A discrição acima de tudo. Ele não apresentou queixa.
- Muito estranho. Ele deveria alegrar-se com a prisão de um ladrão.
- O que significa... que eles são cúmplices!
- Não temos qualquer prova.

– Chéchi revelou a existência do ferro a Qadash, que tentou roubar uma parte para seu uso pessoal. Tendo Qadash fracassado na sua tentativa, Chéchi não tinha vontade de enviar o seu cúmplice diante de um tribunal onde ele próprio teria de testemunhar.

– O laboratório, o ferro, as armas... tudo nos aponta para o exército. Mas por que razão Chéchi, tão pouco falador, teria feito confidências a Qadash? E que vem fazer um dentista numa conspiração militar? Absurdo!

- A nossa reconstituição pode não ser perfeita, mas encerra muitas verdades.
- Estamos enganados.

– Não sejas derrotista! A personagem-chave é Chéchi. Vou espia-lo dia e noite, interrogarei todos os que o rodeiam, penetrarei no muro que esse sábio tão discreto e tão apagado erigiu em seu redor.

- Se eu pudesse agir...

– Tem um pouco de paciência.

Paser ergueu o olhar repleto de esperança.

– Tens uma solução?

– Vender o meu carro.

– Serias afastado do exército.

Suti desferiu um murro no muro.

– É preciso acabar com isto, e depressa! E Sababu?

– Nem penses. A dívida de um juiz saldada por uma prostituta! O deão expulsar-me-ia.

Bravo estendeu as patas e rolou os olhos confiantes.

CAPÍTULO 33

Bravo tinha horror à água. Assim, mantinha-se sempre a uma distância prudente da berma, corria até perder o fôlego, voltava pelo mesmo caminho, farejava, reunia-se ao seu amo, e voltava a partir. As imediações do canal de rega estavam desertas e silenciosas. Paser pensava em Néféret e tentava interpretar o menor indício a seu favor, não lhe teria ela dado a conhecer uma inclinação nova ou, pelo menos, não o tinha ela escutado?

Por trás de um arbusto, mexeu-se uma sombra. *Bravo* nada notou. Tranquilo, o juiz continuou o seu passeio. Graças a Suti, o inquérito tinha avançado, mas seria ele capaz de ir mais longe? Um pequeno juiz sem experiência estava à mercê da sua hierarquia. O deão do pórtico recordara-o disso da forma mais brutal.

Branir reconfortara o seu discípulo. Se necessário, leiloaria a sua casa a fim de permitir ao magistrado saldar a sua dívida. É claro que a intervenção do deão não devia ser considerada levemente, teimoso, obstinado, atacava voluntariamente os jovens juizes para lhes formar o carácter.

Bravo parou de repente, de nariz virado ao vento.

A sombra saiu do esconderijo e caminhou em direção a Paser. O cão rosou e o seu amo deteve-o pela coleira.

– Não tenhas medo, nós somos dois.

Com o focinho, *Bravo* tocou a mão do juiz.

Uma mulher.

Uma mulher esguia, com o rosto oculto por uma espessa sombra. Caminhava com passo seguro e imobilizou-se a um metro de Paser.

Bravo ficou petrificado.

– Nada tens a temer, – afirmou ela. Ela descobriu-se.

– A noite está doce, princesa Hattusa, e propícia à meditação.

– Desejava ver-te a sós, longe de quaisquer testemunhas.

– Oficialmente, estás em Tebas.

– Que bela perspicácia.

– A tua vingança foi eficaz.

– A minha vingança?

– Fui suspenso, como desejavas.

– Não compreendo.

– Não troces mais.

– Pelo nome do faraó, não intervim contra ti.

– Não fui eu longe de mais, segundo as tuas próprias palavras?

– Irritaste-me, é verdade, mas aprecio a tua coragem.

– Reconheces o fundamento da minha diligência?

– Uma prova será para ti o suficiente: encontrei-me com o juiz principal de Tebas.

– E qual foi o resultado?

– Ele sabe a verdade, o incidente está encerrado.

– Não para mim.

– A opinião do teu superior não te chega?

– Neste caso, não.

– É por isso que estou aqui. O juiz principal supôs, justificadamente, que esta visita seria indispensável. Vou confiar-te a verdade, mas exijo silêncio.

– Não aceito qualquer chantagem.

– És intratável.

– Esperavas um compromisso?

– Não gostas nem um pouco de mim, como a maioria dos teus compatriotas.

– Deverias antes dizer: dos nossos compatriotas. Presentemente, tu és egípcia.

– Quem poderá esquecer as suas origens? Eu preocupo-me com a sorte dos hititas trazidos para o Egito como prisioneiros de guerra. Alguns integram-se, outros sobrevivem com dificuldade. É meu dever ajudá-los, assim, procurei arranjar-lhes trigo proveniente dos silos do meu harém. O meu intendente informou-me de que as nossas reservas se esgotariam antes da próxima colheita. Ele propôs-me um acordo com um dos seus colegas de Mênfis e eu dei o meu aval. Assumo, portanto, plena responsabilidade por essa transferência.

– O chefe da polícia estava informado?

– Obviamente. Alimentar os pobres não lhe pareceu um ato criminoso.

Que tribunal a condenaria? Apenas seria acusada de uma falta administrativa, imediatamente imputada aos dois intendentes. Mentosé negaria, o transportador seria posto fora de causa, Hattusa nem chegaria a comparecer.

– O juiz principal de Tebas e o seu homólogo menfita regularizaram os documentos acrescentou ela. Se consideras o procedimento ilegal, és livre de intervir. A letra da lei não foi respeitada, concordo, mas não será o espírito mais importante?

Ela vencia-o no seu próprio terreno.

– Os meus compatriotas mais desfavorecidos ignoram a origem dos alimentos que recebem, e não desejo que venham a conhecê-la. Concedes-me esse privilégio?

– O processo está a ser tratado em Tebas, parece-me.

Ela sorriu.

– Não será, por acaso, o teu coração feito de pedra?

– Quem me dera.

Bravo, tranquilo, pôs-se a saltar farejando o solo.

– Uma última pergunta, princesa, encontraste o general Asher?

Ela retesou-se e a sua voz tornou-se cortante.

– No dia da sua morte, exultarei. Que os monstros do inferno devorem o carrasco do meu povo.

Suti levava uma bela vida. Em consequência das suas explorações, e devido aos seus ferimentos, beneficiava de vários meses de repouso antes de retomar o serviço ativo.

Pantera desempenhava o papel de esposa submissa, mas os seus desvarios amorosos provavam que o seu temperamento não adoçara. Todas as noites, recomeçava a luta, por vezes triunfava, radiante, e queixava-se da moleza do seu parceiro. Na manhã seguinte, Suti obrigava-a a pedir clemência. O jogo encantava-os, pois ambos tinham prazer, e sabiam provocar-se explorando as maravilhas dos seus corpos. Ela repetia que jamais se apaixonaria por um egípcio, ele afirmava detestar os bárbaros.

Quando ele lhe anunciou uma ausência de duração indeterminada, ela lançou-se sobre ele e bateu-lhe. Ele encurralou-a contra a parede, afastou-lhe os braços e deu-lhe o mais longo beijo da sua existência em comum. Felina, ela agitou-se, esfregou-se contra ele e gerou um desejo tão violento que ele a possuiu de pé, sem a libertar.

– Não podes ir.

– Missão secreta.

– Se fores, mato-te.

– Eu voltarei.

– Quando?

– Não faço idéia.

– Mentas! Qual é a tua missão?

– Secreta.

– Tu não tens mistérios para mim.

– Não seas pretensiosa.

– Leva-me contigo e eu ajudar-te-ei.

Suti não considerara essa hipótese. Espiar Chéchi seria, sem dúvida, longo e enfadonho, além do mais, em certas

circunstâncias, dois não seriam de mais.

- Se me traíres, corto-te um pé.
- Não te atreverias.
- Enganas-te novamente.

Reencontrar o rasto de Chéchi não demorara mais de alguns dias. De manhã, trabalhava no laboratório do palácio, na companhia dos melhores químicos do reino. De tarde, numa caserna afastada do centro, de onde não saía antes da madrugada. Por seu lado, Suti apenas havia observado qualidades dignas de elogios: trabalhador, competente, discreto, modesto. Apenas lhe eram censurados o silêncio e o apagamento.

Pantera depressa se aborreceu. Nem movimentação, nem perigo, contentavam-se apenas em esperar e observar. A missão não apresentava qualquer interesse. Até o próprio Suti perdeu a motivação. Chéchi não se avistava com ninguém e fechava-se no seu trabalho.

A lua cheia iluminava o céu de Mênfis. Enrolada contra Suti, Pantera dormia. Essa seria a sua última noite de vigia.

- Ali está ele, Pantera.
- Tenho sono.
- Parece nervoso.

Amuada, Pantera olhou.

Chéchi saiu da caserna, acomodou-se na traseira de um burro, e deixou-o caminhar lentamente. O quadrúpede pôs-se em andamento.

- É quase alvorada, ele vai voltar ao laboratório.

Pantera parecia estupefacta.

- Para nós está acabado. Chéchi é um impasse.
- Onde nasceu ele? – perguntou ela.
- Em Mênfis, – penso eu.
- Chéchi não é egípcio.
- Como sabes?
- Apenas um beduíno monta o seu burro daquela forma.

O carro de Suti immobilizou-se no pátio do posto fronteiriço situado próximo dos pântanos da cidade de Pithom. Confiou os seus cavalos a um palafrenero e correu a consultar o escriba da imigração.

Era aqui que os beduínos que desejavam instalar-se no Egito eram submetidos a um severo interrogatório. Em certas alturas, não era autorizada nenhuma passagem. Em muitos casos, o pedido formulado pelo escriba junto das autoridades de Mênfis era recusado.

- Tenente de... Suti.
- Já ouvi falar das tuas explorações.
- Poderias informar-me sobre um beduíno naturalizado egípcio, sem dúvida há muito tempo?
- Não é muito comum. Qual o motivo?

Suti baixou os olhos, embaraçado.

– Um assunto de coração. Se conseguir convencer a minha noiva de que ele não é egípcio de origem, creio que ela voltará para mim.

- Bom... como se chama ele?
- Chéchi.

O escriba consultou os arquivos.

– Tenho aqui um Chéchi. É realmente um beduíno, de origem síria. Apresentou-se no posto fronteiriço há quinze anos. Uma vez que a situação estava bastante calma, deixamo-lo entrar.

- Nada de suspeito?

– Nenhum antecedente, nenhuma participação em qualquer ação belicosa contra o Egito. A comissão deu um parecer favorável após três meses de investigações. Adotou o nome de Chéchi e encontrou trabalho em Mênfis como operário metalúrgico. Os controles efetuados durante os cinco primeiros anos da sua nova existência não revelaram qualquer irregularidade. Receio que o teu Chéchi tenha esquecido as suas origens.

Bravo dormia aos pés de Paser.

Com as suas últimas energias, o juiz recusara a proposta de Branir, ainda que este muito insistisse. Leiloar a sua casa seria demasiado triste.

– Estás certo de que o quinto veterano ainda está vivo?

– Se estivesse morto, já o teria presentido ao manejar a minha vara de radiestesista. Como ele renunciou à sua reforma refugiando-se na clandestinidade, é obrigado a trabalhar para sobreviver. As investigações de Kani foram metódicas e aprofundadas, mas sem qualquer resultado.

Do alto do terraço, Paser contemplava Mênfis. Subitamente, a serenidade da grande cidade pareceu-lhe ameaçada, como se um perigo dissimulado se estendesse sobre ela. Se Mênfis fosse atingida, Tebas cederia, seguida do país inteiro. Assaltado por um mal-estar, sentou-se.

– Também tu presentes.

– Que sentimento horrível!

– E está a aumentar.

– Não seremos nós vítimas de uma ilusão?

– Tu sentiste o mal na tua carne. No princípio, há alguns meses, acreditei num pesadelo. Este tornou-se cada vez mais frequente, cada vez mais pesado.

– De que se trata?

– Um flagelo cuja natureza ainda ignoramos.

O juiz estremeceu. O seu mal-estar atenuava-se, mas o seu corpo guardaria a recordação.

Um carro parou diante da casa. Suti saltou do seu interior e subiu ao primeiro andar.

– Chéchi é um beduíno naturalizado! Mereço bem uma cerveja, não? Perdoa-me, Branir, não te saudei.

Paser serviu o amigo que, longamente, saciou a sua sede.

– No regresso do posto fronteiriço, estive a refletir. Qadash, um líbio, Chéchi, um beduíno de origem síria, Hattusa, uma hitita! Todos três estrangeiros. Qadash tornou-se um dentista respeitável, mas entrega-se a danças lúbricas com os seus congêneres, Hattusa odeia a sua nova existência e guarda toda a sua afeição para o seu povo, Chéchi, o solitário, dedica-se a estranhas pesquisas. Aí a tens, a tua conspiração! Por trás deles, Asher. É ele que os manipula.

Branir manteve-se em silêncio. Paser interrogava-se se Suti não teria acabado de lhe fornecer a solução do enigma que os angustiava.

– Vais demasiado depressa. Como podemos imaginar qualquer ligação entre Hattusa e Chéchi, entre ela e Qadash?

– O ódio ao Egito.

– Ela odeia Asher.

– Como sabes?

– Ela afirmou e eu acreditei.

– Abre os olhos, Paser, as tuas objeções são infantis! Sê objetivo e chegarás a uma conclusão sem hesitar. Hattusa e Asher são as cabeças pensantes, Qadash e Chéchi os executantes. As armas que o químico prepara não são destinadas ao exército regular.

– Uma insurreição?

– Hattusa deseja uma invasão, Asher organiza-a.

Suti e Paser voltaram-se para Branir, impacientes por ouvir a sua opinião.

– O poder de Ramsés não está enfraquecido. Uma tentativa dessa espécie afigura-se-me votada ao fracasso.

– No entanto, eles preparam-na! – afirmou Suti. – É preciso agir, esmagar a conspiração em embrião. Se emprendermos uma ação judiciária, eles ficarão com medo ao saberem-se desmascarados.

– Se a nossa acusação for considerada sem fundamento e difamatória, seremos pesadamente condenados e eles ficarão com o caminho livre. Temos de atacar certo e forte. Se tivéssemos conosco o quinto veterano, a credibilidade do general Asher seria afetada.

– Vais esperar pelo desastre?

– Dá-me uma noite de reflexão, Suti.

– Tira um ano, se quiseres! Já não tens capacidade para reunir um tribunal.

– Desta vez – disse Branir, – Paser já não pode recusar a minha casa. Deve saldar as suas dívidas e retomar o seu cargo o mais depressa possível.

Paser caminhava sozinho pela noite. A vida tinha-o encurralado e obrigava-o a concentrar-se nos meandros de uma conspiração cuja gravidade ele ia descobrindo hora após hora, quando apenas queria sonhar com a mulher amada e inacessível.

Renunciara à felicidade, não à justiça.

O seu sofrimento amadureceu, uma força, no mais profundo do seu íntimo, recusava extinguir-se. Uma força que poria ao serviço dos seres que ele amava. A lua, “a combatente”, era uma faca que cortava as nuvens densas, ou um espelho que refletia a beleza das divindades. Ele pedia-lhe poder, rezando para que o seu olhar fosse tão penetrante como o do sol da noite.

O seu pensamento voltou-se para o quinto veterano. Que profissão exerceria um homem desejoso de passar despercebido? Paser enumerou as ocupações dos habitantes de Tebas Ocidental, e eliminou-as uma a uma. Do carnicheiro ao semeador, todos estavam em contato com a população, Kani já teria conseguido obter alguma informação.

Exceto num caso.

Sim, existia uma profissão, simultaneamente tão solitária e tão visível que constituía a mais perfeita das máscaras.

Paser ergueu os olhos em direção ao céu, qual abóbada de lápis-lazúli pontilhada de portas em forma de estrelas, por onde passava a luz. Se havia conseguido recolhê-la, sabia onde encontrar o quinto veterano.

CAPÍTULO 34

O escritório atribuído ao novo tesoureiro principal dos celeiros era espaçoso e claro, quatro escribas especializados estariam permanentemente sob as suas ordens. Bel-Tran, envergando uma tanga nova e uma camisa de linho de manga curta que lhe assentava mal, estava radiante. O seu êxito de negociante enchia-o de orgulho, mas o exercício do poder fascinava-o desde que sabia ler e escrever. Devido à sua modesta condição à nascença e à sua educação medíocre, essa atividade afigurara-se-lhe inacessível. Mas o seu trabalho árduo tinha provado o seu valor aos olhos da administração, e estava firmemente decidido a empregar aí o seu dinamismo.

Após ter cumprimentado os seus colaboradores e sublinhado o seu gosto pela ordem e pontualidade, consultou o primeiro processo que lhe confiara o seu superior hierárquico: uma lista dos contribuintes em atraso. Ele, que pagava os seus impostos na hora exata, consultou-a com um certo divertimento. Um proprietário de terrenos, um escriba do exército, o diretor de uma oficina de carpintaria e... o juiz Paser! O verificador anotara a ultrapassagem do limite de prazo, o montante da multa, e o próprio chefe da polícia apusera os selos sobre a porta do magistrado!

Na hora do almoço, Bel-Tran procurou o escrivão Larrot e perguntou-lhe onde morava o juiz. Em casa de Suti, o alto funcionário apenas encontrou o tenente da unidade de carros de combate e a sua amante, Paser acabara de partir em direção ao porto dos barcos ligeiros que asseguravam a ligação entre Mênfis e Tebas.

Bel-Tran alcançou o viajante a tempo.

– Estou ao corrente do drama que te aflige.

– Uma desatenção da minha parte.

– Uma injustiça gritante! A multa é grotesca relativamente à falta. Ataca na justiça.

– Não tenho razão. O processo arrastar-se-ia por muito tempo, e que lucraria eu com isso? Uma redução da penalização e um cortejo de inimigos.

– O deão do pórtico não parece apreciar-te muito.

– Ele tem por hábito pôr os jovens juizes à prova.

– Tu ajudaste-me num momento difícil, gostaria de te pagar na mesma moeda. Deixa-me saldar a tua dívida.

– Tenho de recusar.

– E convinha-te um empréstimo? Sem juros, bem entendido. Permite-me, ao menos, não tirar partido de um amigo!

– Como te reembolsaria?

– Com o teu trabalho. Na minha nova função de tesoureiro principal dos celeiros, farei apelo às vossas competências com frequência. Calculareis quantas consultas são equivalentes a dois sacos de trigo e a um boi gordo.

– Ver-nos-emos muitas vezes.

– Aqui tens o teu atestado de propriedade dos bens reclamados.

Bel-Tran e Paser abraçaram-se.

O deão do pórtico preparava a audiência da manhã seguinte. Um ladrão de sandálias, uma herança contestada, uma indenização por acidente. Casos simples e rapidamente solucionados. Anunciaram-lhe uma visita que se afigurava divertida.

– Paser! Mudaste de profissão ou vens pagar o que deves?

O magistrado riu da sua própria chalaça.

– A segunda hipótese é a correta.

O deão, sorridente, observou Paser, muito calmo.

– Está muito bem, não te falta sentido de humor. A carreira não é para ti, mais tarde, agradecerás a minha severidade. Regressa à tua aldeia, casa com uma camponesa honesta, faz-lhe dois filhos e esquece os juizes e a justiça. É um mundo muito complicado. Eu conheço os homens, Paser.

– Felicito-te por isso.

– Ah, vejo que recuperas a razão!

– Aqui tens a minha libertação.

O deão consultou o certificado de propriedade, pasmado.

– Os dois sacos de trigo foram depositos diante da tua porta, o boi gordo encontra-se no estábulo do fisco. Estás satisfeito?

Mentmosé encontrava-se num mau dia. Com o crânio congestionado, as feições contraídas e a voz fanhosa, não escondia a sua impaciência.

– Recebo-te por mera cortesia, Paser. Hoje, não és mais que um cidadão fora da lei.

– Se fosse esse o caso, não me teria permitido importunar-te.

O chefe da polícia ergueu a cabeça.

– Que queres dizer com isso?

– Aqui está um documento assinado pelo deão do pórtico. Estou em dia com o meu fisco. Ele mesmo considerou que o meu boi gordo ultrapassava o estabelecido e concedeu-me um crédito de imposto para o ano que vem.

– Como conseguiste...

– Sei que estás ansioso por retirar rapidamente os selos da minha porta.

– Mas é claro, meu caro juiz, é claro! Acredita que tomei a tua defesa, em todo este caso infeliz.

– Não duvido nem por um instante.

– A nossa colaboração futura...

– Anuncia-se sob os melhores auspícios. Só um pormenor: no que diz respeito ao trigo desviado, tudo está arranjado. Já estou ao corrente, mas tu sabia-o antes de mim.

Tranquilizado, agora que estava de regresso às suas funções, Paser tomou um barco rápido com destino a Tebas. Kem acompanhou-o. O babuíno, embalado, dormia encostado a um fardo.

– Surpreendes-me – disse o núbio. – Escapaste ao pilão e à mó, geralmente os mais resistentes são esmagados.

– Pura sorte.

– Diz antes uma exigência. Uma exigência tão poderosa que os homens e os acontecimentos se inclinam perante ti.

– Atribuis-me poderes que eu não possuo.

Viajando ao longo do rio, ele aproximava-se de Néféret. O médico-chefe Nébamom logo reclamaria contas. A jovem médica não restringiria as suas atividades. O confronto era inevitável.

O barco acostou a Tebas ao fim da tarde. O juiz sentou-se à beira-rio, longe dos passantes. O Sol declinava, a montanha do Ocidente revestia-se de tons purpúreos, ao som melancólico das flautas, os rebanhos voltavam dos campos.

O último barco transportava apenas um número reduzido de passageiros. Kem e o babuíno ficaram na retaguarda. Paser aproximou-se do barqueiro. Este trazia uma peruca à moda antiga que lhe escondia metade do rosto.

– Manobra lentamente – ordenou o juiz.

O barqueiro conservou a cabeça inclinada sobre o leme.

– Temos de conversar, aqui estás em segurança. Responde sem olhares para mim.

Quem prestava atenção ao barqueiro? Todos estavam com pressa de chegar à outra margem, discutia-se, sonhava-se, mas não se lançava um olhar sequer ao homem que manobrava o barco. Este contentava-se com pouco, vivia à margem, não se misturando com a população.

– Tu és o quinto veterano, o único sobrevivente da guarda de honra da esfinge.

O barqueiro não protestou.

– Eu sou o juiz Paser e quero saber a verdade. Os teus quatro camaradas estão mortos, provavelmente assassinados. É por isso que te escondes. Só um motivo de uma extrema gravidade pode explicar semelhante massacre.

– Que provas tenho da tua honestidade?

– Se quisesse matar-te, já terias desaparecido. Tem confiança.

– Para ti, é fácil...

– Não acredites. De que monstruosidade foste testemunha?

– Nós éramos cinco... cinco veteranos. Guardávamos a esfinge durante a noite. Uma missão sem riscos, perfeitamente respeitável, antes da nossa reforma. Eu e um colega estávamos sentados no exterior do recinto que rodeia o leão de pedra. Como era costume, adormecemos. Ele escutou um ruído e acordou. Eu tinha sono e sosseguei-o. Inquieto, ele insistiu. Fomos ver,

saímos do recinto e descobrimos o cadáver de um camarada, perto do flanco direito, depois um segundo, do outro lado.

Interrompeu-se, com a voz embargada.

– E depois os gemidos... ainda me perseguem! O guarda-mor agonizava entre as patas da esfinge. O sangue escorria-lhe da boca e ele exprimia-se com dificuldade.

– Que disse ele?

– Tinham-no agredido, ele defendera-se.

– Quem?

– Uma mulher nua e vários homens. “Palavras estrangeiras na noite”, foram estas as suas últimas palavras. O meu camarada e eu estávamos aterrorizados. Porquê tanta violência? Seria preciso alertar os soldados encarregados da vigilância da grande pirâmide? O meu colega opôs-se, persuadido de que teríamos aborrecimentos. Talvez fôssemos até acusados. Os outros três veteranos estavam mortos... era melhor calarmo-nos, fazer de conta que não tínhamos visto nada, que nada tínhamos escutado. Regressamos ao nosso posto. Quando a guarda de dia nos rendeu, de manhã cedo, descobriu o massacre. Nós simulamos o assombro.

– Houve sanções?

– Nenhuma. Enviaram-nos para a reforma para as nossas aldeias de origem. O meu camarada tornou-se padeiro, eu contava reparar carros. O seu assassinio obrigou-me a esconder-me.

– Assassinio?

– Ele era de uma extraordinária prudência, sobretudo com o fogo. Tenho certeza de que foi empurrado. O drama da esfinge persegue-nos. Não nos acreditaram. Convenceram-se de que sabíamos demais.

– Quem te interrogou em Gize?

– Um oficial superior.

– O general Asher contactou-te?

– Não.

– O teu testemunho será decisivo na altura do processo.

– Qual processo?

– O general aprovou um documento certificando que tu e os teus quatro companheiros morreram num acidente.

– Tanto melhor, se já não existo.

– Se eu te encontrei, outros também o conseguirão. Presta testemunho e serás novamente livre.

O barco acostou.

– Não... não sei. Deixa-me em paz.

– É a única solução, pela memória dos teus companheiros e por ti mesmo.

– Amanhã de manhã, no primeiro barco, dar-te-ei a resposta.

O barqueiro saltou para a margem e passou a amarra em volta do pilar.

Paser, Kem e o babuíno afastaram-se.

– Vigia o homem toda a noite.

– E tu?

– Vou dormir na aldeia mais próxima. Voltarei de madrugada.

Kem hesitou. A ordem que recebera não lhe agradava. Se o barqueiro tinha feito revelações a Paser, o juiz estava em perigo. E ele não podia garantir a segurança dos dois. Kem escolheu Paser.

O devorador de sombras assistira à travessia do barco, banhado pela luz do Sol poente. O núbio atrás, o juiz próximo do barqueiro.

Estranho.

Lado a lado, eles olhavam a outra margem. Contudo, os passageiros eram poucos, cada um dispunha de espaço suficiente. Porque aquela proximidade senão para conversar?

Barqueiro... A mais visível e a menos notada das profissões.

O devorador de sombras lançou-se à água e atravessou o Nilo deixando-se levar pela corrente. Chegando à outra margem, ficou bastante tempo oculto nas condutas, observando as imediações. O barqueiro dormia numa cabana de tábuas.

Nem Kem nem o seu babuíno se encontravam por perto.

Teve um pouco mais de paciência e certificou-se de que ninguém vigiava a cabana. Rápido, deslizou para o seu interior e passou um laço de couro em volta do pescoço do homem adormecido que acordou em sobressalto.

– Se te mexes, morres.

O barqueiro não era forte. Ergueu o braço direito em sinal de submissão. O devorador de sombras aliviou um pouco o nó.

– Quem és tu?

– O... o barqueiro.

– Uma mentira mais e estrangulo-te. Veterano?

– Sim.

– Destacamento?

– Exército da Ásia.

– E o teu último destacamento?

– A guarda de honra da esfinge.

– Porque te escondes?

– Tenho medo.

– De quem?

– Ignoro-o.

– Qual o teu segredo?

– Não tenho nenhum!

O laço mordeu as carnes.

– Uma agressão, em *Gize*. Um massacre. Atacaram a esfinge, os meus camaradas foram mortos.

– E o assaltante?

– Eu nada vi.

– O juiz interrogou-te?

– Sim.

– Quais foram as suas perguntas?

– As mesmas que as tuas.

– E as tuas respostas?

– Ele ameaçou-me com o tribunal, mas eu nada disse. Não quero aborrecimentos com a justiça.

– Que lhe disseste?

– Que era um barqueiro, não um veterano.

– Excelente.

O laço foi retirado. No momento em que o veterano, aliviado, esfregava o pescoço dolorido, o devorador de sombras desferiu-lhe um soco na frente. Tirou o corpo da cabana, fê-lo deslizar até ao rio, e manteve a cabeça do barqueiro imersa na água durante longos minutos. Depois, deixou o cadáver a flutuar perto do barco.

Um afogamento banal, na realidade.

Néféret preparava uma receita para Sababu. Como a prostituta levava o tratamento a sério, o mal regredia a olhos vistos. Sentindo-se novamente vigorosa, liberta dos ataques escaldantes da artrite, solicitara ao seu médico autorização para fazer amor com o porteiro do seu lupanar, um jovem núbio de perfeita saúde.

– Posso importunar-te? – perguntou Paser.

– Já acabei o meu dia. – Néféret tinha as feições cansadas.

– Trabalhas demasiado.

– Um cansaço passageiro. Notícias de Nébamom?

– Ainda não se manifestou.

– Simples acalmia.

– Receio bem que sim.

– E a tua investigação?

– Avança a passos largos, tanto assim que já fui suspenso pelo deão do pórtico.

– Ora conta.

Ele narrou as suas desventuras enquanto ela lavava as mãos.

– Encontras-te rodeado de amigos. O nosso mestre Branir, Suti, Bel-Tran... tens muita sorte.

– Sentes-te só?

– Os habitantes da aldeia facilitam a tarefa, mas não posso pedir conselhos a ninguém. Por vezes, o fardo é muito pesado.

Sentaram-se sobre uma esteira, em frente ao palmeiral.

– Pareces emocionado.

– Acabo de identificar uma testemunha capital. És a primeira pessoa a saber.

O olhar de Néféret não se desviou. Nele, Paser leu atenção, senão mesmo afeição.

– Podem impedir-te de continuar, não é verdade?

– Não me importo. Creio na justiça como tu acreditas na medicina.

Os seus ombros tocaram-se. Eletrizado, Paser susteve a respiração. Como se estivesse inconsciente desse contato fortuito, Néféret não se afastou.

– Irias ao ponto de sacrificar a tua vida para obter a verdade?

– Se isso fosse necessário, sem hesitação.

– Ainda pensas em mim?

– A toda a hora.

A sua mão aflorou a de Néféret e pousou sobre ela, leve, imperceptível.

– Quando estou cansada, penso em ti. Seja o que for que te aconteça, pareces indestrutível e segues sempre o teu caminho.

– É apenas aparência, sou frequentemente assaltado por toda a espécie de dúvidas. Suti acusa-me de ingenuidade. Para ele, só a aventura conta. Assim que a rotina ameaça, ele fica disposto a cometer não importa que loucura.

– Também a repeles?

– É uma aliada.

– Pode um sentimento durar longos anos?

– Uma vida inteira, se for mais que um sentimento, um compromisso de todo o ser, a certeza de um paraíso, uma comunhão que alimenta as alvoradas e os crepúsculos. Um amor que se vai degradando não é mais que uma conquista.

Ela pousou a cabeça no ombro dele, e os seus cabelos acariciaram-lhe o rosto.

– Possuis uma força estranha, Paser.

Não era mais que um sonho, fugaz como um pirilampo na noite tebana, mas iluminava-lhe a vida.

Deitado de costas, de olhos fixos nas estrelas, ele passara a noite em branco no palmeiral. Tentava preservar o breve instante em que Néféret se abandonara, antes de se despedir e fechar a porta.

Significaria aquele gesto que ela nutria uma certa ternura por ele? Ou traduzia apenas cansaço? A simples ideia de que ela aceitaria a sua presença e o seu amor, mesmo sem partilhar a sua paixão, fazia-o sentir tão leve como uma nuvem de Primavera e tão ardente como uma cheia avassaladora.

A alguns metros, o babuíno-polícia comia tâmaras e esmagava os caroços.

– Tu aqui? Mas...

A voz de Kem fez-se ouvir atrás dele.

– Optei por garantir a tua segurança.

– Depressa, ao rio!

O dia despontava. Na margem, um ajuntamento.

– Afasta-te – ordenou Paser.

Um pescador trouxera o cadáver do barqueiro que se afastava, levado pela corrente.

– Talvez não soubesse nadar.

– Talvez tivesse escorregado.

Indiferente aos comentários, o juiz examinou o corpo.

– Trata-se de um crime – declarou. – No pescoço tem a marca de um laço, na têmpora direita a de um violento golpe. Foi estrangulado e espancado antes de ser afogado.

CAPÍTULO 35

O burro, carregado de papiros, pincéis e paletas, guiava Paser pelos subúrbios de Mênfis. Se *Vento do Norte* se enganava, Suti retificava, mas o quadrúpede foi fiel à sua reputação. Kem e o babuíno completavam o cortejo que se dirigia à caserna onde Chéchi oficiava. De manhã cedo, o químico trabalhava no palácio, o caminho estaria livre.

Paser fumegava. O cadáver do barqueiro, transportado para o posto da polícia mais próximo, tinha sido objeto de um relatório aberrante por parte de um tiranozinho local. Este não admitia nenhum crime no seu território, com medo de baixar de posto, em vez de confirmar as conclusões do juiz, considerou que o barqueiro havia morrido afogado. Segundo ele, os ferimentos na garganta e na cabeça eram acidentais. Paser emitiu reservas circunstanciadas.

Antes do seu regresso ao Norte, apenas vira Néféret por alguns instantes. Numerosos pacientes a solicitavam desde as primeiras horas do dia. Contentaram-se com palavras banais e com uma troca de olhares, onde ele vislumbrou encorajamento e cumplicidade.

Suti não cabia em si de contente. Por fim, o seu amigo decidia-se a agir.

No quartel, muito afastado relativamente aos principais estabelecimentos militares de Mênfis, não reinava a mínima animação. Nem um soldado em exercício, nem um cavalo no treino.

Suti, marcial, procurou o plantão encarregado de vigiar a entrada. Ninguém impediu o acesso ao edifício bastante danificado. Sentados sobre a borda de um poço de pedra, dois velhos conversavam.

– Que corpo do exército reside aqui? – O mais idoso soltou uma gargalhada.

– Regimento dos veteranos e dos estropiados, meu rapaz! Estacionam-nos antes de nos enviarem para a província. Adeus às rotas da Ásia, às marchas forçadas e às rações insuficientes. Muito em breve, um jardimzinho, uma criada, leite fresco e bons legumes.

– E o responsável pelo quartel?

– No barracão, por trás do poço.

O juiz apresentou-se a um oficial cansado.

– As visitas são muito raras.

– Sou o juiz Paser e desejo fazer uma busca nos teus armazéns.

– Armazéns? Não compreendo.

– Um homem chamado Chéchi ocupa um laboratório neste quartel.

– Chéchi? Não conheço.

Paser descreveu o químico.

– Ah, esse! Ele vem de tarde e passa aqui a noite, é verdade. Ordens superiores. Eu limito-me a cumpri-las.

– Abre-me a porta.

– Não tenho chave.

– Leve-nos lá.

Uma sólida porta de madeira interditava o acesso ao laboratório subterrâneo de Chéchi. Numa tábua de argila, Paser anotou o ano, o mês, o dia e a hora da sua intervenção, bem como uma descrição do local.

– Abre.

– Não tenho esse direito.

– Eu protejo-te.

Suti ajudou o soldado. Com uma lança, forçaram o ferrolho de madeira.

Paser e Suti entraram. Kem e o babuíno ficaram de guarda.

Fornalha de fundição, forno, reserva de carvão de madeira e de cascas de palmeira, recipientes de fundição, utensílios de cobre, o laboratório de Chéchi parecia bem equipado. Aí reinavam a ordem e a limpeza. Uma busca rápida permitiu a Suti pôr a mão na caixa misteriosa transferida de uma caserna para outra.

– Estou tão excitado como um menino virgem diante da sua primeira donzela.

– Espera um instante.

- Não se pára tão perto do fim!
- Estou a redigir o meu relatório: estado do aposento e localização do objeto suspeito.

Mal Paser acabou de escrever, Suti tirou a tampa da caixa.

- Ferro... lingotes de ferro! E não se trata de um ferro qualquer.

Suti tomou o peso de um lingote, apalpou-o, molhou-o de saliva, riscou-o com a unha.

- Não provém das rochas vulcânicas do deserto de Leste. É aquele da lenda que se contava na aldeia, o ferro do céu!

- Meteoritos – constatou Paser.

- Uma verdadeira fortuna.

- É com este ferro que os sacerdotes da Casa da Vida trabalham as cordas metálicas que o faraó utiliza para subir ao céu.

Como pode estar na posse de um simples químico?

Suti estava fascinado.

- Conhecia as suas características, mas não me atrevia a imaginá-lo nas minhas mãos.

- Isto não nos pertence – lembrou Paser. – É uma prova convincente, Chéchi tem de se explicar sobre a sua proveniência.

No fundo da caixa, uma enxó em ferro. A ferramenta de carpinteiro servia para abrir a boca e os olhos da múmia, quando o corpo mortal, ressuscitado pelos rituais, se transformasse em ser de luz.

Nem Paser nem Suti ousaram tocar-lhe. Se o objeto fosse sagrado, era portador de forças sobrenaturais.

- Estamos a ser ridículos – considerou o tenente da unidade de carros de combate. – É apenas metal.

- Pode ser que tenhas razão, mas eu não arriscaria.

- Que propões, então?

- Esperar pela chegada do suspeito.

Chéchi chegou sozinho.

Quando viu a porta do seu laboratório aberta, girou sobre os calcanhares e tentou fugir. Chocou contra o núbio, que o empurrou para o local. O babuíno, indiferente, roía uvas secas. A sua atitude significava que nenhum aliado do químico se encontrava nas proximidades.

- Estou contente por te rever – disse Paser. – Tu gostas de mudar de casa.

O olhar de Chéchi dirigiu-se para a caixa.

- Quem te autorizou?

- Uma busca.

O homem do bigodinho controlava bem as suas reações. Permaneceu calmo e glacial.

- A busca é um procedimento excepcional – notou ele, hirto.

- Como a tua atividade.

- É apenas um anexo ao meu laboratório oficial.

- Tens particular afeição pelas casernas.

– Eu preparo as armas do futuro, por esse motivo, obtive autorizações do exército. Verifica, constatarás que este local está inventariado e que as minhas experiências são encorajadas.

– Não tenho dúvida, mas não utilizando o ferro celeste. Esse material é reservado ao templo, tal como a enxó escondida no fundo dessa caixa.

- Essa caixa não me pertence.

- Ignoravas a sua existência?

- Puseram-na aqui sem o meu conhecimento.

- É falso interveio Suti. Tu mesmo deste a ordem de transferência. Neste canto perdido, pensaste estar protegido.

- Andas a espiar-me?

- De onde provém este ferro? – perguntou Paser.

- Recuso-me a responder às tuas questões.
- Nesse caso, estás preso por roubo, receptação e obstrução ao bom andamento de um inquérito.
- Negarei e tu serás indeferido.
- Ou nos acompanhas de boa vontade, ou peço ao núbio que te amarre as mãos.
- Não fugirei.

O interrogatório obrigou o escrivão Larrot a fazer horas extraordinárias, enquanto a filha, premiada no curso de dança, dava uma representação na praça principal do bairro. Amuado, não teve, no entanto, muito que fazer, pois Chéchi não respondeu a uma única pergunta e fechou-se num silêncio absoluto.

Paciente, o juiz insistiu.

- Quem são os teus cúmplices? Desviar ferro daquela qualidade não é tarefa para um indivíduo isolado.

Chéchi olhava para Paser através das pálpebras semicerradas. Parecia tão inexpugnável quanto uma fortaleza das Muralhas do Rei.

– Alguém te confiou aquele material precioso. Com que intuito? Assim que as tuas pesquisas deram resultados positivos, despediste os teus colaboradores sob o pretexto da tentativa de roubo de Qadash, para os acusares de incompetência. Assim, ninguém mais controla as tuas atividades. Fabricaste essa enxó, ou furtaste-a?

Suti tinha vontade de bater no homem mudo, de bigode negro, mas Paser interpôs-se.

– Qadash é teu amigo de longa data, não é verdade? Ele sabia da existência do teu tesouro, e tentou apropriar-se dele. A menos que tenha sido fingimento, a fim de aparecer como uma vítima e assim afastar do teu laboratório toda e qualquer testemunha embaraçosa.

Sentado sobre uma esteira, de pernas dobradas, Chéchi persistiu na sua atitude. Sabia que o juiz não tinha o direito de exercer qualquer violência.

- Apesar do teu silêncio, descobrirei a verdade.

A previsão não afetou o químico.

Paser pediu a Suti que lhe amarrasse as mãos e o atasse a uma argola fixa na parede.

- Tenho muita pena, Larrot, mas tenho de pedir-te que vigies o suspeito.

– Demorará muito?

– Estaremos de volta antes da noite.

O palácio de Mênfis era uma repartição administrativa composta por dezenas de serviços onde trabalhava uma infinidade de escribas. Os químicos dependiam de um que vigiava os laboratórios reais, homem grande e seco, de cerca de cinquenta anos, a quem a visita do juiz surpreendeu.

- Estou acompanhado do tenente Suti, testemunha das minhas acusações.

– Acusações?

– Um dos teus subordinados, Chéchi, encontra-se preso.

– Chéchi? Impossível! Trata-se de um equívoco.

– Os teus químicos utilizam ferro celeste?

– É óbvio que não. A sua enorme raridade destina-o aos templos, e apenas para fins rituais.

– Como explicas então que Chéchi possua uma quantidade notável desse metal?

– Um mal-entendido.

– Ele está encarregado de alguma tarefa particular?

– Está em relação direta com os responsáveis pelo armamento, e é seu dever controlar a qualidade do cobre. Permite que me apresente como abonador da honorabilidade de Chéchi, do seu rigor como técnico e do seu carácter enquanto homem.

– Tinhas conhecimento de que ele trabalhava num laboratório clandestino, instalado numa caserna?

– Por ordem do exército.

– Assinada por quem?

– Por uma corte de oficiais superiores que pedem aos especialistas para prepararem armas novas. Chéchi faz parte desse grupo.

– E a utilização do ferro celeste não estava, portanto, prevista.

– Deve existir uma explicação simples.

– O suspeito recusa-se a falar.

– Chéchi nunca foi muito falador, o seu temperamento é mais do tipo taciturno.

– Conheces as suas origens?

– Nasceu na região menfita, parece-me.

– Poderias verificar?

– É assim tão importante?

– Poderá ser.

– Tenho de consultar os arquivos.

A busca demorou mais de uma hora.

– É isso mesmo: Chéchi é originário de uma pequena aldeia, a norte de Mênfis.

– Dado o seu posto, verificaste a veracidade dessa declaração?

– O exército encarregou-se disso e não descobriu nada de anormal. O selo do controlador foi apostado segundo as regras, e o serviço contratou Chéchi sem qualquer receio. Conto contigo para o libertares o mais rápido possível.

– As acusações contra ele acumulam-se. Ao roubo, acrescenta também a mentira.

– Juiz Paser! Não estarás a exagerar? Se conhecesses melhor Chéchi, saberias que ele é incapaz de qualquer desonestidade.

– Se ele está inocente, o processo o provará.

Larrot soluçava na soleira da porta. O burro contemplava-o, desiludido.

Suti sacudiu o escrivão, enquanto Paser constatava o desaparecimento de Chéchi.

– Que se passou?

– Ele veio, exigiu o meu processo-verbal, descobriu dois parágrafos incompletos que o tornavam ilegal, ameaçou-me de represálias, libertou o acusado... Como ele tinha razão sobre a forma, tive de ceder.

– A quem te referes?

– Ao chefe da polícia, Mentmosé.

Paser leu o processo-verbal. De fato, Larrot não anotara os títulos e funções de Chéchi, nem precisara que o juiz levava a cabo, ele mesmo, um inquérito preliminar sem ter sido submetido ao parecer de um terceiro. O procedimento era, portanto, nulo.

Um raio de sol penetrava por entre as travessas de uma janela de pedra e iluminava o crânio lúcido de Mentmosé, coberto de um unguento perfumado. Com um sorriso nos lábios, ele acolheu Paser com um entusiasmo forçado.

– Não é verdade que vivemos num país maravilhoso, meu caro juiz? Ninguém pode sofrer os rigores de uma lei excessiva, já que velamos pelo bem-estar dos cidadãos.

– “Excessivo” é um termo muito em voga. O vigilante dos laboratórios também o empregou.

– Ele não merece qualquer censura. Enquanto consultava os seus arquivos, preveniu-me da prisão de Chéchi. Dirigi-me imediatamente ao seu escritório, convencido de que havia sido cometido um erro lamentável. E assim era, por esse motivo, a libertação de Chéchi foi imediata.

– O erro do meu escrivão é patente, reconheceu Paser, mas por que razão te interessas tanto por este químico?

– É um perito militar. Tal como os seus colegas, está colocado sob a minha vigilância direta, nenhuma interpelação é possível sem o meu consentimento. Quero admitir que ignoravas esse fato.

– A acusação de furto levanta a imunidade parcial de Chéchi.

– Acusação não fundada.

– Uma falta à forma não elimina a validade do delito.

Mentmosé tornou-se solene.

– Chéchi é um dos nossos melhores peritos em armamento. Crês que poria a sua carreira em perigo de uma forma tão estúpida?

– Conheces o objeto de furto?

– Que importa! Não acredito. Pára, pois, de te esforçares tanto para alcançar uma reputação de vingador das injustiças.

– Onde escondeste Chéchi?

– Fora do alcance de um magistrado que ultrapassa os seus direitos.

Suti concordava com Paser: não havia outra saída senão a convocação de um tribunal onde jogariam tudo por tudo. As provas e os argumentos seriam decisivos, desde que os jurados não estivessem a soldo dos seus adversários, jurados que Paser não poderia recusar na totalidade sob pena de ser desapossado do seu cargo. Os dois amigos convenceram-se de que a verdade, proclamada num processo público, iluminaria os espíritos mais obtusos.

O juiz desenvolveu a sua estratégia diante de Branir.

– Estás a arriscar-te demasiado.

– Existe um caminho melhor?

– Segue aquele que o teu coração te revelar.

– Considero ser necessário tocar no mais alto a fim de não me dispersar em pormenores secundários. Fixando-me no essencial, lutarei mais facilmente contra as mentiras e as covardias.

– Nunca te contentarás com meias medidas, precisas da luz em todo o seu esplendor.

– Estou errado?

– O processo que se anuncia exigiria um juiz maduro e experimentado, mas os deuses confiaram-te essa tarefa e tu aceitaste-a.

Kem está de vigia à caixa que contém o ferro celeste, cobriu-a com uma tábua na qual está sentado o babuíno. Ninguém se aproximará.

– Quando convocas o tribunal?

– Dentro de uma semana, ou talvez mais, dado o carácter excepcional dos debates, farei acelerar os procedimentos. Achas que consegui circunscrever o mal que ronda por aí?

– Estás a aproximar-te.

– Posso pedir-te um favor?

– Que te impede?

– Apesar da tua próxima nomeação, aceitarias ser jurado?

O velho mestre fixou o seu planeta tutelar, Saturno, que brilhava com um esplendor pouco usual.

– Tinhas dúvidas?

CAPÍTULO 36

Bravo não se acostumava à presença do babuíno sob o mesmo teto, mas como o seu mestre a tolerava, não manifestou qualquer animosidade. Quem, taciturno, apenas considerava que este processo era uma loucura. Por mais audaz que fosse, Paser era demasiado jovem na profissão para ter êxito. Ainda que percebesse a desaprovação do núbio, o juiz não deixou de polir as suas armas, enquanto o escrivão lhe fornecia formulários e registros, devidamente verificados. O deão do pórtico exploraria toda e qualquer imperfeição de forma.

A intrusão do médico-chefe Nébamom afigurou-se das mais inoportunas. Elegante, usando uma peruca perfumada, ele parecia contrariado.

- Gostaria de te falar em particular.
- Estou muito ocupado.
- É urgente.

Paser abandonou um papiro que relatava o processo de um nobre acusado de ter explorado em nome do rei, terras que não lhe pertenciam, apesar da sua posição na corte, ou talvez por causa dela, foi desapropriado dos seus bens e condenado ao exílio. Um processo de apelo nada modificou.

Os dois homens caminhavam por uma ruela tranquila, abrigada do sol. Algumas crianças brincavam com bonecas, passou um burro carregado de cestos de legumes, um velho dormia na soleira da sua casa.

- Compreendemo-nos mal, meu caro Paser.
- Tal como tu, lamento que a senhora Sababu continue a exercer a sua condenável profissão, mas nenhum texto de lei me autoriza a culpá-la. Ela paga os seus impostos e não perturba a ordem pública. Chegaram a dizer-me que alguns médicos reputados frequentavam o seu lupanar.
- E Néféret? Disse-te para a ameaçares!
- Eu prometi-te fazer o meu melhor.
- Brilhante resultado! Um dos meus colegas tebanos está prestes a dar-lhe um posto no hospital de Deir el-Bahari. Felizmente, intervim a tempo. Sabias que ela faz sombra a médicos confirmados?
- Reconheces, então, a sua competência?
- Por mais dotada que seja, Néféret é uma marginal.
- Não é essa a minha impressão.
- Os teus sentimentos não me interessam. Quando queremos fazer carreira, dobramo-nos às diretivas dos homens influentes.
- Tens razão.
- Aceito dar-te uma última oportunidade, mas não me desapontes.
- Não a mereço.
- Esquece esse fracasso e age.
- Interrogo-me...
- Sobre quê?
- A minha carreira.
- Segue os meus conselhos e não terás nenhuma preocupação.
- Contentar-me-ei em ser juiz.
- Não entendo...
- Não importunes mais Néféret.
- Perdeste a cabeça?
- Não encares o meu aviso levianamente.
- O teu comportamento é estúpido, Paser! Estás errado ao apoiar uma jovem condenada ao mais notório dos fracassos. Néféret não tem qualquer futuro, quem ligar a sua sorte à dela será arrastado.
- O rancor turva-te o espírito.
- Nunca ninguém me falou nesse tom! Exijo um pedido de desculpas.

- Estou a tentar ajudar-te.
- Ajudar-me, a mim?
- Sinto-te deslizar para a decadência.
- Arreponder-te-ás dessas palavras!

Denes supervisionava a descarga de um barco de mercadorias. Os marinheiros apressavam-se, pois tinham de voltar a partir para o Sul na manhã seguinte, a fim de tirar partido de uma corrente favorável. O carregamento de móveis e de especiarias era dirigido a um novo armazém que o transportador acabara de adquirir. Brevemente, absorveria um dos seus concorrentes mais ferozes e veria crescer o seu império, que legaria aos seus dois filhos. Graças às relações da mulher, cada dia consolidava mais os seus laços com a alta administração e não encontrava nenhum obstáculo à sua expansão.

O deão do pórtico não tinha por hábito passear-se pelo cais. Deslocando-se com a ajuda de uma bengala, devido a uma crise de gota, o magistrado aproximou-se de Denes.

- Não fiques aqui, vão importunar-te.

Denes segurou o deão pelo braço e conduziu-o à parte do armazém onde a mercadoria já tinha sido arrumada.

- Qual a razão desta visita?

– Prepara-se uma tragédia.

- Estou envolvido?

– Não, mas tens de me ajudar a evitar um desastre. Amanhã, Paser preside ao tribunal. Não pude recusar-lhe a direção de um processo que ele requisitou segundo as regras.

- Quem é o incriminado?

– Ele guardou segredo sobre o acusado e sobre o acusador. A acreditar nos rumores, a segurança do Estado está em causa.

– Os rumores fantasiam. Como poderia um juiz menor ocupar-se de um processo de semelhante envergadura?

– Sob aquele exterior reservado, Paser é um aríete. Ataca sempre direto e nenhum obstáculo o detém.

- Estás inquieto?

– Este juiz é perigoso. Cumpre as suas funções como se de uma missão sagrada se tratasse.

– Encontrei outros da mesma índole, e rapidamente se cansaram.

– Este é mais sólido que granito. Já tive ocasião de o verificar, resiste de uma forma anormal. No seu lugar, um jovem juiz preocupado com a sua carreira teria recuado. Acredita em mim, ele é uma fonte de aborrecimentos.

- Estás a ser pessimista.

– Não desta vez.

- Em que posso ser-te útil?

– Cabe-me designar dois jurados, uma vez que aceito que Paser presida no pórtico. Já escolhi Mentmosé, cujo bom-senso nos será indispensável. Contigo, sentir-me-ia tranquilo.

– Amanhã é-me impossível: chega um carregamento de vasos preciosos que tenho de verificar peça por peça, mas a minha mulher fará maravilhas.

O próprio Paser levou a convocação a Mentmosé.

- Podia ter-te enviado o meu escrivão, mas as nossas relações amigáveis impuseram-me um pouco de cordialidade.

O chefe da polícia não convidou o juiz a sentar-se.

– Chéchi comparecerá como testemunha, – prosseguiu Paser. – Como só tu sabes onde ele se encontra, leva-o tu ao tribunal. Senão, seremos obrigados a pôr as forças da polícia à sua procura.

- Chéchi é um homem razoável. Se tu o fosses também, renunciarias a este processo.

– O deão do pórtico considerou que podia ser levado a cabo.

- Estás a destruir a tua carreira.

– Muita gente se preocupa com a minha carreira, ultimamente, é caso para me inquietar.

- Quando o teu fracasso for consumado, Mênfis rirá de ti e serás obrigado a demitir-te.

- Se fores designado como jurado, não recuses escutar a verdade.
- Eu, jurado? – espantou-se Bel-Tran. – Nunca pensei...
- Trata-se de um processo muito importante, de consequências imprevisíveis.
- É uma obrigação?

– De forma alguma, o deão do pórtilo designa dois jurados, eu também designo dois, e quatro são escolhidos entre os notáveis que já têm assento.

- Confesso-te a minha inquietude. Participar de uma decisão de justiça parece-me mais difícil que vender papiro.
- Terás de pronunciar-te sobre o destino de um homem.

Bel-Tran refletiu longamente.

- A tua confiança toca-me. Aceito.

Suti fez amor com uma fúria que surpreendeu Pantera, ainda que esta estivesse habituada ao vigor do seu amante. Insaciável, ele não podia afastar-se dela, cobria-a de beijos e percorria com obstinação os caminhos do seu corpo. Lasciva, ela soube mostrar-se terna após a tempestade.

- A tua violência é a de um viajante que está de partida. Que me escondes?
- Amanhã é o processo.
- Teme-o?
- Preferia uma boa luta.
- O teu amigo faz-me medo.
- Que receias de Paser?
- Ele não poupará ninguém, se a lei o exigir.
- Tê-lo-ás tu traído sem mo confessares?

Ela virou-o de costas e estendeu-se sobre ele.

- Quando deixarás de suspeitar de mim?
- Nunca. És uma fêmea brava, a mais perigosa das espécies, e já me prometeste mil mortes.
- O teu juiz é mais temível que eu.
- Tu escondes-me qualquer coisa.

Ela rolou de lado, afastando-se do amante.

- Talvez.
- Conduzi mal o teu interrogatório.
- No entanto, sabes fazer o meu corpo falar.
- Mas tu guardas o teu segredo.
- Se assim não fosse, teria algum valor a teus olhos?

Ele lançou-se sobre ela e imobilizou-a.

- Esqueceste-te de que és minha prisioneira?
- Acredita no que quiseres.
- Quando vais fugir?
- Assim que for uma mulher livre.
- Essa decisão pertence-me. Tenho de te declarar como tal no serviço de imigração.
- Porque esperas?
- Vou a correr.

Suti vestiu-se apressadamente com a sua melhor tanga, e pôs ao pescoço o colar enfeitado com a mosca de ouro.

Entrou no escritório no momento em que o funcionário se preparava para sair, antes da hora do fecho. Volta amanhã.

- Está fora de questão.

O tom de Suti era ameaçador. A mosca de ouro indicava que o jovem de aspecto robusto e decidido era um herói, e os heróis tornavam-se facilmente violentos.

– Qual a tua solicitação?

– O fim da liberdade condicional da líbia Pantera, que me foi atribuída durante a última campanha na Ásia.

– Garantes a sua moralidade?

– Ela é perfeita.

– Que tipo de trabalho tem ela em mente?

– Ela já trabalhou numa quinta.

Suti preencheu o formulário, lamentando não ter feito amor com Pantera uma última vez, as suas futuras amantes talvez nunca se lhe comparassem. Mais cedo ou mais tarde, ele lá chegaria, era preferível cortar os laços antes que eles se tornassem demasiado sólidos.

Regressando a casa, recordou alguns jogos amorosos que valiam bem as explorações dos maiores conquistadores. Pantera ensinara-lhe que o corpo de uma mulher era um paraíso povoado de paisagens em movimento e que o prazer da descoberta se renovava a si mesmo.

A casa estava vazia.

Suti lamentou a sua precipitação. Teria gostado de passar a noite com ela, antes do processo, esquecer os combates da manhã seguinte, saciar-se do seu perfume. Consolar-se-ia com um vinho velho.

– Enche outro copo – disse Pantera abraçando-o por trás.

Qdash partiu os instrumentos em cobre e arremessou-os contra as paredes do seu consultório dentário que devastara a pontapé. Assim que recebeu a convocação para o tribunal, uma loucura destrutiva apoderara-se dele.

Sem o ferro celeste, já não podia operar. A sua mão tremia demais. Com o metal milagroso, teria agido como um deus, reencontrado a juventude e a plenitude do gesto. Quem o respeitaria agora, quem exaltaria os seus méritos? As pessoas fariam de si no passado.

Poderia ele atrasar a decadência? Tinha de lutar, de recusar a decrepitude. Antes de mais, reduzir a nada as suspeitas do juiz Paser. Ele não possuía a sua força, o seu vigor, a sua determinação! Fazer-se seu aliado era quimérico. O jovem magistrado seria aniquilado e com ele a sua justiça.

Dentro de algumas horas, iniciar-se-ia o processo.

Paser passeava-se pela margem do Nilo com *Bravo* e *Vento do Norte*. Satisfeitos com um longo passeio ao anoitecer, após um jantar copioso, o cão e o burro brincavam sem perder o seu amo de vista. *Vento do Norte* caminhava à frente, escolhendo o caminho.

Cansado, tenso, o juiz interrogava-se. Não se teria enganado, não teria queimado as etapas, não se teria metido por um caminho que conduzia ao abismo? Pensamentos bem medíocres, na verdade. A justiça seguiria o seu curso, imperioso como o do rio divino. Paser já não era o mestre, mas o servidor. Qualquer que fosse o resultado do processo, seriam levantados alguns véus.

Que seria de Néféret se ele fosse demitido? O médico-chefe obstinar-se-ia contra ela, a fim de a impedir de exercer. Felizmente, Branir estava vigilante. O futuro grande sacerdote de Amon integraria a jovem na equipa médica do templo, fora do alcance de Nébamón.

Sabê-la protegida de um destino contrário dava a Paser a coragem necessária para afrontar todo o Egito.

CAPÍTULO 37

O processo foi iniciado com a forma ritual, “diante da porta da justiça, no local onde se escutam as queixas de todos os queixosos, a fim de distinguir a verdade da mentira, neste grande local onde se protegem os fracos para salvá-los dos poderosos”³⁸. Encostado ao pilar do templo de Ptah, o tribunal de justiça tinha sido alargado a fim de acolher um grande número de dignitários e de gentes do povo, curiosos pelo acontecimento.

O juiz Paser, assistido pelo seu escrivão, encontrava-se ao fundo da sala. À sua direita, o júri, composto por Mentmosé, chefe da polícia, pela senhora Nénophar, Branir e Bel-Tran, por um sacerdote do templo de Ptah, uma sacerdotisa do templo de Hathor, um proprietário de terras e um carpinteiro. A presença de Branir, que muitos consideravam um sábio, comprovava a gravidade da situação. O deão do pórtico estava sentado à esquerda de Paser. Representando a hierarquia, ele garantia a regularidade dos debates. Os dois magistrados, envergando uma longa veste de linho branca e usando uma sóbria peruca à antiga, haviam desenrolado diante de si um papiro enaltecendo a glória da era de ouro em que Maât, a harmonia do universo, reinava sem divisão.

– Eu, juiz Paser, declaro aberto o processo que opõe o queixoso, o tenente da unidade de carros de combate Suti, ao acusado, o general Asher, porta-estandarte à direita do rei e instrutor dos oficiais do exército da Ásia.

Elevaram-se rumores. Se o local não fosse tão sério, muitos teriam acreditado tratar-se de uma brincadeira.

– Chamo o tenente Suti.

O herói impressionou a multidão. Belo, seguro de si, ele não parecia nem um iluminado nem um soldado perdido, em ruptura com o seu chefe.

– Comprometes-te por juramento a dizer a verdade perante este tribunal?

Suti leu a fórmula que o escrivão lhe apresentou.

– Tal como Amon é perpétuo e como o faraó é perpétuo que ele viva, prospere e seja coerente, ele cujo poder é mais terrível que a morte juro dizer a verdade.

– Formula a tua queixa.

– Acuso o general Asher de prevaricação, de alta traição e de assassinato.

A assistência não conteve o seu assombro, os protestos elevaram-se.

– O deão do pórtico – interveio.

– Por respeito à deusa Maât, exijo silêncio durante os debates. Quem quer que o viole será imediatamente expulso e condenado a uma pesada multa.

O aviso foi eficaz.

– Tenente Suti – continuou Paser – tens provas do que afirmas?

– Elas existem.

– Em conformidade com a lei – informou o juiz – procedi a uma investigação. Essa investigação permitiu-me descobrir certo número de fatos estranhos, que considero estarem ligados à acusação principal. Avento, portanto, a hipótese de uma conspiração contra o Estado e de uma ameaça à segurança do país.

A tensão aumentou. Os notáveis que pela primeira vez viam Paser espantaram-se com a gravidade de um homem tão jovem, a firmeza da sua atitude e o peso da sua palavra.

– Chamo o general Asher.

Por mais ilustre que fosse, Asher teria sido obrigado a comparecer. A lei não autorizava substituição nem representação. O pequeno homem de rosto de roedor avançou e prestou juramento. Envergava um uniforme de campanha, tanga curta, polainas, cota de malha.

– General Asher, que resposta dás à acusação que te é feita?

– O tenente Suti, que eu próprio nomeei para o posto que ocupa, é um homem corajoso. Condecorei-o com a mosca de ouro. Durante a última campanha na Ásia, praticou ações de grande esplendor e merece ser reconhecido como um herói. Considero-o um arqueiro de elite, um dos melhores do nosso exército. As suas acusações são infundadas. Rejeito-as. Sem dúvida que se trata de um desvario passageiro.

– Consideras-te, pois, inocente.

– Sou-o.

Suti sentou-se perto de uma coluna, de frente para o juiz, a alguns metros dele, Asher adotou a mesma postura, do lado oposto, próximo dos jurados que observavam facilmente o seu comportamento e as expressões do seu rosto.

– O papel deste tribunal precisou Paser é o de estabelecer a realidade dos fatos. Se o crime for reconhecido como verdadeiro, o caso será remetido ao tribunal do vizir. Chamo o dentista Qadash.

Qadash, nervoso, prestou juramento.

– Reconheces-te culpado de uma tentativa de furto num laboratório do exército dirigido pelo químico Chéchi?

– Não.

– Como explicas então a tua presença no local?

– Tinha acabado de comprar cobre de primeira qualidade. A transação correu mal.

– Quem te informou da presença desse metal?

– O responsável pela caserna.

– É falso.

– Afirmo-o, eu...

– O tribunal dispõe do seu depoimento escrito. Sobre esse ponto, mentiste. Além disso, acabas de reiterar essa mentira após teres prestado juramento, logo, de cometer o delito de falso testemunho.

Qadash estremeceu. Um júri severo condená-lo-ia a trabalhos forçados nas minas, um indulgente, a uma estação de trabalho nos campos.

– Ponho em dúvida as tuas respostas antecedentes – continuou Paser – e volto a colocar a minha questão: quem te informou da existência e localização do metal precioso?

Petrificado, Qadash quedou-se de boca entreaberta.

– Foi o químico Chéchi?

O dentista, choroso, soçobrou. A um sinal de Paser, o escrivão acompanhou-o de volta ao seu lugar.

– Chamo o químico Chéchi.

Por um instante, Paser acreditou que o sábio da triste figura e de bigode negro não compareceria. Mas ele mostrou-se razoável, segundo expressão do chefe da polícia.

O general pediu a palavra.

– Permite que me espante. Não se trata já de outro processo?

– Estas pessoas não são estranhas, segundo creio, ao caso que nos ocupa.

– Nem Qadash nem Chéchi serviram sob as minhas ordens.

– Um pouco de paciência, general.

Asher, contrariado, observou o químico pelo canto do olho. Aquele parecia descontraído.

– É verdade que trabalhas num laboratório de pesquisa, a fim de aperfeiçoares armamento?

– Sim.

– Na realidade, ocupas-te de duas funções: uma oficial e à luz do dia, num laboratório do palácio, e a outra bem mais discreta, numa oficina dissimulada no interior de uma caserna.

Chéchi contentou-se em fazer com a cabeça um sinal de assentimento.

– Na sequência de uma tentativa de furto, cujo autor é o dentista Qadash, mudaste de instalações, mas sem apresentares queixa.

– A discrição a isso me obrigou.

– Especialista em ligas de metais e na técnica da fundição, recibes os materiais do exército e procedes ao seu armazenamento mantendo um inventário.

– É claro.

– Porque escondes então lingotes de ferro celeste, reservado aos usos litúrgicos, e uma enxó do mesmo metal?

A pergunta assombrou a audiência. Nem esse metal, nem esse tipo de objeto saíam da esfera sagrada do templo, roubá-los era

passível de pena capital.

– Ignoro a existência desse tesouro.

– Como justificas a sua presença no teu local de trabalho?

– Malevolência.

– Tens inimigos?

– Ao condenarem-me, estariam a interromper as minhas pesquisas e a prejudicar o Egito.

– Tu não és de origem egípcia, mas beduína.

– Já o tinha esquecido.

– Mentiste ao supervisor dos laboratórios ao afirmar que tinhas nascido em Mênfis.

– Foi um mal-entendido. O que eu quis dizer foi que me sentia perfeitamente menfita.

– O exército investigou, como é seu dever, e corroborou a tua tese. O serviço de verificação não está colocado sob a tua responsabilidade, general Asher?

– É possível – resmungou o interpelado.

– Confirmaste, portanto, uma mentira.

– Eu não, mas um funcionário colocado sob as minhas ordens.

– A lei torna-te responsável pelos erros cometidos pelos teus subordinados.

– Admito-o, mas quem sancionaria essa ninharia? Os escribas enganam-se todos os dias ao redigir os seus relatórios. Além disso, Chéchi tornou-se um verdadeiro egípcio. A sua profissão comprova a confiança que nele foi depositada, e da qual ele se mostrou digno.

O general defendia-se com uma convicção que lhe renderia pontos favoráveis por parte da maioria dos membros do júri. Obviamente, o que o juiz trazia a público era uma tragédia, mas não se imputaria a Asher mais que um segundo erro administrativo e não um ou vários crimes de sangue.

– Sem pôr em causa os aspectos bizarros deste caso – interveio o deão do pórtilo. – Penso que um inquérito complementar se afigura indispensável. Mas não devemos nós pôr em dúvida as declarações do quinto veterano? A fim de impressionar o juiz, não terá ele inventado uma história?

– Algumas horas mais tarde, estava morto, – lembrou Paser.

– Uma triste coincidência.

– Se ele foi realmente assassinado, alguém quis impedi-lo de dizer mais e de comparecer perante este tribunal.

– Mesmo admitindo a tua teoria, – indicou o general, – no que é que isso me diz respeito? Se eu tivesse verificado, teria constatado, como tu, que a guarda de honra não desaparecera num acidente. Nessa altura, estava ocupado com a preparação da campanha da Ásia, essa tarefa prioritária absorvia-me completamente.

Paser tinha esperado, sem nisso acreditar verdadeiramente, que o militar não tivesse tanto domínio sobre os seus nervos, mas ele conseguia rebater os assaltos e contornar os argumentos mais incisivos.

– Chamo Suti.

O tenente ergueu-se, gravemente.

– Manténs as tuas acusações?

– Mantenho.

– Explica-te.

– Durante a minha primeira missão na Ásia, após a morte do meu oficial, morto numa emboscada, vagueei por uma região pouco segura, a fim de me juntar ao regimento do general Asher. Pensei ter-me perdido quando fui testemunha de uma cena horrível. Um soldado egípcio foi torturado e assassinado a alguns metros de mim, eu estava demasiado esgotado para ir em seu auxílio e os seus agressores eram muito numerosos. Um homem conduziu os interrogatórios e depois degolou-o com ferocidade. Esse criminoso, esse traidor da sua pátria, era o general Asher.

O acusado permaneceu imperturbável. Agitada, a assistência susteve a respiração. O rosto dos jurados fechou-se bruscamente.

– Estas palavras escandalosas são desprovidas de qualquer fundamento – declarou Asher, com uma voz quase serena.

– Negar não é suficiente. Eu vi-te, assassino!

– Mantenham a calma – ordenou o juiz. – Este testemunho prova que o general Asher colabora com o inimigo. Eis o motivo pelo qual o líbio Adafi permanece em liberdade. O seu cúmplice previne-o antecipadamente da localização das nossas tropas, e prepara com ele uma invasão ao Egito. A culpabilidade do general deixa supor que ele não está inocente no caso da esfinge, terá ele mandado matar os cinco veteranos para experimentar as armas fabricadas por Chéchi? Um inquérito complementar demonstrá-lo-á sem dúvida, fazendo a ligação entre os diversos elementos que expus.

– A minha culpabilidade não foi minimamente provada --afirmou Asher.

– Pões em dúvida a palavra do tenente Suti?

– Acredito que seja sincero, mas está a exagerar. Segundo o seu próprio testemunho, ele estava completamente esgotado. Sem dúvida que os seus olhos o equivocaram.

– As feições do assassino ficaram gravadas na minha memória, – afirmou Suti, – e jurei encontrá-lo. Nesse momento, ignorava tratar-se do general Asher. Identifiquei-o no nosso primeiro encontro, quando me felicitou pelas minhas explorações.

– Introduziste exploradores em território inimigo? – perguntou Paser.

– É claro, – respondeu Asher.

– Quantos?

– Três.

– Os seus nomes foram registrados ao serviço dos países estrangeiros?

– É a regra.

– Regressaram vivos da última campanha?

Pela primeira vez, o general perturbou-se.

– Não... um deles desapareceu.

– Aquele que mataste com as tuas próprias mãos porque ele descobriu o teu papel.

– É falso. Não sou culpado.

Os jurados notaram que a sua voz tremia.

– Tu, que vives coberto de honrarias, tu, que educas os oficiais, traíste o teu país da forma mais ignóbil. É altura de confessares, general.

O olhar de Asher perdeu-se no vago. Naquele momento, estava quase a ceder.

– Suti enganou-se.

– Enviem-me ao local na companhia de oficiais e de escribas, propôs o tenente. Reconhecerei o local onde enterrei, sumariamente, o infeliz. Traremos de lá os seus restos mortais, ele será identificado, e dar-lhe-emos uma sepultura digna.

– Ordeno uma expedição imediata – declarou Paser. – O general Asher ficará retido no quartel-general de Mênfis, sob a guarda da polícia. Ser-lhe-á interdito qualquer contato com o exterior até ao regresso de Suti. Retomaremos então o processo e os jurados proferirão o seu veredito.

CAPÍTULO 38

Em Mênfis ressoavam ainda os ecos do processo. Alguns consideravam já o general Asher como o mais abominável dos traidores, exaltavam a coragem de Suti e a competência do juiz Paser.

Este último gostaria de ter consultado Branir, mas a lei proibía-o de se encontrar com os jurados antes do final do caso. Recusou vários convites de notáveis e fechou-se em casa. Em menos de uma semana, o corpo expedicionário voltaria com o cadáver do explorador assassinado por Asher, o general seria acusado e condenado à morte. Suti obteria um posto elevado. Acima de tudo, a conspiração seria desmantelada e o Egito seria salvo de um perigo proveniente simultaneamente do exterior e do interior. Mesmo que Chéchi passasse pelas malhas da rede, o objetivo teria sido atingido.

Paser não mentiu a Néféret. Nem por um instante ele parava de pensar nela. Mesmo durante o processo, o seu rosto se lhe impunha. Tinha de concentrar-se em cada palavra a fim de não mergulhar num sonho do qual ela era a única heroína.

O juiz havia confiado o ferro celeste e a enxó ao deão do pórtico, que os enviou imediatamente ao grande sacerdote de Ptah. Em coordenação com as autoridades religiosas, o magistrado deveria estabelecer a sua proveniência. Apenas um pormenor perturbava Paser: porque não teriam essas autoridades apresentado queixa por furto? A qualidade excepcional do objeto e do material facilmente orientavam as pesquisas para um rico e poderoso santuário, capaz de os abrigar.

Paser concedera três dias de repouso a Larrot e a Kem. O escrivão apressou-se a regressar a casa, onde um novo drama doméstico acabava de estalar, com a sua filha a recusar-se a comer legumes, ingerindo apenas bolos. Larrot aceitava o capricho, mas a sua mulher opunha-se-lhe.

O núbio não se afastou do escritório, não tinha qualquer necessidade de repouso e considerava-se responsável pela segurança do juiz. Ainda que este fosse intocável, impunha-se prudência.

Quando um sacerdote de crânio rapado quis entrar em casa do juiz, Kem interpôs-se.

– Tenho de entregar uma mensagem ao juiz Paser.

– Confia-ma.

– A ele e só a ele a confiarei.

– Espera.

Ainda que o homem fosse franzino e estivesse desarmado, o núbio experimentava uma sensação de mal-estar.

– Um sacerdote quer ver-te. Sê prudente.

– Tu vês perigo em todo o lado!

– Fica ao menos com o babuíno.

– Como desejares.

O sacerdote entrou, Kem ficou atrás da porta. O babuíno, indiferente, descascava a noz de uma palmeira.

– Juiz Paser, és esperado amanhã de manhã pela alvorada na grande porta do povo Ptah.

– Quem deseja ver-me?

– Apenas tenho esta mensagem.

– E o motivo?

– Repito: apenas tenho esta mensagem. Rapa por favor, todos os pêlos do corpo, abstém-te de qualquer relação sexual e recolhe-te, venerando os antepassados.

– Sou juiz e não pretendo me tornar sacerdote!

– Sê pontual. Que os deuses te protejam.

Sob a vigilância de Kem, o barbeiro acabava de barbear Paser.

– Eis-te perfeitamente liso e digno de entrar nas ordens! Será que vamos perder um juiz e ganhar um sacerdote?

– Mera medida de higiene. Não é verdade que os notáveis se submetem a este procedimento várias vezes?

– Tu tornaste-te num, na verdade! Gosto disso. Nas ruelas de Mênfis só se fala de ti. Quem ousaria atacar o todo-poderoso Asher? Hoje, as línguas soltam-se. Ninguém gostava dele. Fala-se que ele torturou aspirantes.

Ontem adulado, hoje espezinhado, Asher via o seu destino virado em poucas horas. Os rumores mais sórdidos circulavam a seu respeito. Paser reteve a lição: ninguém estava ao abrigo da baixeza humana.

– Se não te vais tornar religioso – avançou o barbeiro – vais, sem dúvida, ver uma senhora. Elas apreciam muito os homens bem barbeados que se parecem com os sacerdotes... ou que o são! O amor não lhes é interdito, é claro, mas frequentar os homens que vêem os deuses de frente é excitante, não é? Tenho aqui uma loção à base de jasmim e de lótus que comprei ao melhor fabricante de Mênfis. Perfumará a tua pele durante vários dias.

Paser aceitou. Desse modo, o barbeiro levaria a todo o lado uma informação capital: o juiz mais intransigente de Mênfis era também um amante galanteador. Restava apenas descobrir o nome da eleita.

Após a partida do tagarela, Paser leu um texto consagrado a Maât. Era ela, a antepassada venerável, a fonte da alegria e da harmonia. Filha da luz, luz ela mesma, agia em favor de quem agia por ela.

Paser pediu-lhe para manter a sua vida no caminho da retidão.

Pouco antes da alvorada, enquanto Mênfis acordava, Paser apresentou-se na grande porta de bronze do templo de Ptah. Um sacerdote conduziu-o pelo flanco do edifício, ainda mergulhado nas trevas. Quem desaconselhara vigorosamente o juiz de responder à estranha convocação. Ele não estava habilitado, por causa do seu grau, a conduzir inquiridos num templo. Mas não desejava um religioso fazer-lhe revelações sobre o furto do ferro celeste e da enxó?

Paser estava emocionado. Penetrou no interior do templo pela primeira vez. Muros altos separavam do mundo profano o universo dos especialistas encarregados de conservar a energia divina e de fazê-la circular, para que não fosse quebrado o elo entre a humanidade ³⁹ e os poderes criadores. Obviamente, o templo era também um centro econômico, com as suas oficinas, as suas padarias, os seus açougues e os seus armazéns onde trabalhavam os melhores artesãos do reino, é claro que o primeiro grande pátio era acessível aos notáveis por ocasião das grandes festas. Mas, daí em diante, começava o domínio do mistério, do jardim de pedra onde o homem não devia elevar a voz a fim de poder escutar as vozes dos deuses.

O guia de Paser caminhou ao longo do muro do recinto até uma pequena porta equipada com uma roda de cobre que servia de torneira, girando-a, os dois homens desencadearam uma circulação de água com a qual purificaram o rosto, as mãos e os pés. O sacerdote disse a Paser para esperar na obscuridade, no limiar de uma colunata.

Os enclausurados, vestidos de linho branco, saíram dos seus aposentos, construídos na margem do lago de onde extraíam a água para as suas abluções matinais. Em procissão, colocaram legumes e pão sobre os altares, enquanto o sumo sacerdote, agindo em nome do faraó, acendia uma lamparina, quebrava o selo do “nãos”, santuário onde repousava a estátua do deus, espalhava incenso e pronunciava, ao mesmo tempo que os outros grandes sacerdotes que cumpriam o mesmo ritual nos outros templos do Egito, a fórmula, “Desperta em paz”.

Numa das salas do templo interior, estavam reunidos nove homens. O vizir, o portador da Regra, o superintendente da Dupla Casa branca, o encarregado dos canais e diretor dos locais da água, o superintendente dos escritos, o superintendente dos campos, o diretor das missões secretas, o escriba do cadastro das propriedades e o intendente do rei formavam o conselho dos nove amigos de Ramsés, o *Grande*. Todos os meses, eles consultavam-se naquele lugar secreto, longe dos seus escritórios e do seu pessoal. Na paz do santuário, beneficiavam de uma serenidade necessária à reflexão. A sua tarefa afigurava-se-lhes cada vez mais esmagadora, desde que o faraó dera ordens pouco habituais, como se o império estivesse em perigo. Cada um deles, no seu serviço, devia proceder a uma inspeção sistemática a fim de garantir a honestidade dos seus colaboradores mais altamente colocados. Ramsés exigira resultados rápidos. As irregularidades e a lassidão deveriam ser perseguidas até ao último sopro de energia, e os funcionários incompetentes despedidos. Cada um dos seus nove amigos, durante os encontros com o faraó, tinha achado o soberano preocupado, e até mesmo inquieto.

Após uma noite de conversações frutuosas, os nove homens separaram-se. Um sacerdote murmurou algo ao ouvido de Bagey, que se dirigiu para o limiar da sala das colunas.

– Obrigado por teres vindo, juiz Paser. Eu sou o vizir.

Paser, já impressionado pela majestade do local, ficou ainda mais estupefato com este encontro. Ele, um juiz menor, de Mênfis, beneficiava do imenso privilégio de falar frente a frente com o vizir Bagey, cuja lendária severidade assustava toda a hierarquia. Mais alto que Paser, o rosto alongado e austero, Bagey tinha uma voz velada, um pouco rouca. O seu tom era frio, quase cortante.

– Quis ver-te aqui para que o nosso encontro ficasse secreto. Se o consideras contrário à lei, retira-te.

– Sou todo ouvidos.

– Tens consciência da importância do processo que diriges?

– O general Asher é uma grande figura, mas creio ter demonstrado a sua prevaricação.

– Estás convencido disso?

- O testemunho de Suti é incontestável.
- Não é ele, por acaso, o teu melhor amigo?
- É verdade, mas essa amizade não influencia o meu julgamento.
- Essa falta seria imperdoável.
- Parece-me que foram estabelecidos os fatos.
- Não cabe aos jurados decidir isso?
- Vergar-me-ei perante a sua decisão.
- Atacando o general Asher, é a política de defesa na Ásia que é posta em causa. O moral das nossas tropas será atingido.
- Se a verdade não fosse descoberta, o país teria corrido um perigo bem mais grave.
- Tentaram impedir a tua investigação?
- O exército semeou emboscadas no meu caminho, e estou certo de que foram cometidos assassinatos.
- O quinto veterano?
- Os cinco veteranos foram eliminados de forma violenta, três em Gize, os dois sobreviventes nas suas aldeias. É essa a minha convicção. Cabe ao deão do pórtico prosseguir o inquérito, mas...

– Mas?

Paser hesitou. À sua frente encontrava-se o vizir. Falar levemente ser-lhe-ia fatal, dissimular o seu pensamento equivaleria a mentir. Aqueles que haviam tentado enganar Bagey já não pertenciam à sua administração.

– Mas penso que não o conduzirá com a tenacidade necessária.

– Acusarias de incompetência o mais alto magistrado de Mênfis?

– Tenho a impressão de que o combate contra as trevas não o atrai. A sua experiência fá-lo pressentir tantas consequências inquietantes que prefere ficar na retaguarda e não se aventurar num terreno perigoso.

– A crítica é severa. Achas que ele está corrompido?

– Simplesmente ligado a personagens importantes que não deseja contrariar.

– Estamos, pois, muito afastados da justiça.

– Na realidade, não é assim que eu a entendo.

– Se o general Asher for condenado, ele apelará.

– Está no seu direito.

– Qualquer que seja o veredito, o deão do pórtico não te tirará desse processo e pedir-te-á que prossigas a instrução sobre os pontos obscuros.

– Permite que duvide.

– Estás enganado, já que eu lhe darei ordens para tal. Quero que tudo saia à luz, juiz Paser.

– Suti está de volta desde ontem à noite, – revelou Kem a Paser.

O juiz ficou estupefato.

– E porque não está aqui?

– Ficou retido no quartel.

– Isso é ilegal!

Paser precipitou-se para o quartel central, onde foi recebido pelo escriba que havia comandado o destacamento.

– Exijo explicações.

– Nós deslocamo-nos ao local da tragédia. O tenente Suti reconheceu o lugar, mas procuramos em vão o cadáver do explorador. Achei por bem prender o tenente Suti.

Essa decisão é inaceitável, tanto mais que o processo em curso não está terminado.

O escriba reconheceu o fundamento da observação. Suti foi imediatamente libertado. Os dois amigos abraçaram-se.

– Foste alvo de sevícias?

– Não. Os meus companheiros de estrada estavam convencidos da culpabilidade de Asher, este fracasso desespera-os. Até a gruta foi devastada, a fim de apagar qualquer vestígio.

– No entanto, tínhamos guardado segredo.

– Asher e os seus guerrilheiros tomaram as suas precauções. Sou tão ingênuo quanto tu, Paser, nós dois não conseguiremos vencê-lo.

– Primeiramente, o processo não está perdido, e, depois, disponho de plenos poderes.

O processo foi retomado na manhã seguinte. Paser chamou Suti.

– Relata, por favor, a tua expedição ao local do crime.

– Na presença de testemunhas ajuramentadas, constatei o desaparecimento do cadáver. Os homens do general remexeram o local.

– Grotresco – comentou Asher. – O tenente inventou uma história e agora tenta justificá-la.

– Manténs as tuas acusações, tenente Suti?

– Eu vi o general Asher torturar e assassinar um egípcio.

– E onde está o corpo? – ironizou o acusado.

– Fizeste-o desaparecer!

– Eu, general do exército da Ásia, agir como o mais vil dos malfeitores! Quem acreditará nisso? Existe uma outra versão dos fatos: não te terás tu desembaraçado do teu oficial de carro, por seres cúmplice dos beduínos? E se o criminoso foste tu, preocupado em fazer acusar outro a fim de te ilibares! Sem provas, a manobra volta-se contra o seu autor. É por esse motivo que exijo que sejas sancionado.

Suti cerrou os punhos.

– És culpado e sabe-o bem. Como ousas treinar a elite das nossas tropas, quando massacraste um dos teus homens e fizeste cair em emboscadas os teus próprios soldados?

Asher falou com voz contida.

– Os jurados apreciarão essas histórias cada vez mais delirantes, não tarda serei designado como o exterminador do exército egípcio!

O sorriso trocista do general conquistou a assembléia.

– Suti fala sob juramento – recordou Paser – e tu próprio reconheceste as suas qualidades de soldado.

– O seu heroísmo deu-lhe volta à cabeça.

– O desaparecimento do cadáver não elimina o testemunho do tenente.

– Terás de convir, juiz Paser, que atenua consideravelmente o seu alcance! Também eu presto testemunho sob juramento. Valerá a minha palavra menos que a de Suti? Se é verdade que ele assistiu a um assassinio, equivoca-se no assassino. Se ele aceitar apresentar-me desculpas publicamente, consinto em esquecer essa loucura passageira.

O juiz dirigiu-se ao queixoso.

– Tenente Suti, aceitas esta proposta?

– Ao sair do vespeiro onde quase morri, jurei a mim mesmo conseguir a condenação do mais desprezível dos homens. Asher é hábil, maneja bem a dúvida e a suspeita. Neste momento, propõe que me retrate! Mas eu, até ao meu último fôlego, proclamarei a verdade.

– Face à intransigência cega de um soldado que perdeu a razão, eu, general e porta-estandarte à direita do rei, afirmo a minha inocência.

Suti teve vontade de se lançar sobre o general e de o fazer engolir as suas palavras. Um olhar de Paser dissuadiu-o.

– Alguma das personagens presentes deseja intervir?

A assistência permaneceu silenciosa.

– Já que assim é, convido os jurados a deliberar.

O júri reuniu-se numa sala do palácio, o juiz presidiu aos debates onde, de qualquer forma, não tinha o direito de intervir.

O seu papel consistia em conceder a palavra, evitar os confrontos e a manter a dignidade do tribunal.

Mentmosé exprimiu-se em primeiro lugar, com objetividade e moderação. Foram feitas algumas precisões ao seu discurso, cujas conclusões foram comedidas, sem grandes modificações. Menos de duas horas mais tarde, Paser leu o veredito do qual Larrot tomou nota.

– O dentista Qadash é considerado culpado de falso testemunho. Tendo em conta a falta de gravidade da mentira proferida, o seu brilhante passado como médico e a sua idade, Qadash é condenado a oferecer um boi gordo ao templo e cem sacos de trigo à caserna dos veteranos que perturbou com a sua presença intempestiva.

O dentista, aliviado, caiu de joelhos.

– O dentista Qadash deseja apelar e recusar esta pena?

O interpelado ergueu-se.

– Aceito-a, juiz Paser.

– Não é retida qualquer acusação contra o químico Chéchi.

O homem do bigodinho negro não esboçou qualquer reação. No seu rosto nem sequer o vestígio de um sorriso.

– O general Asher é considerado culpado de duas faltas administrativas, sem consequências para o bom funcionamento do exército da Ásia. Além do mais, as desculpas apresentadas são consideradas válidas. Como tal, é-lhe dirigido um simples aviso, para que não se repitam irregularidades semelhantes. Os jurados consideram que o assassinato não foi provado de forma formal e definitiva. Presentemente, o general Asher não é, pois, considerado traidor e criminoso, mas o testemunho do tenente Suti não poderá ser qualificado de difamatório. Não tendo os jurados podido pronunciar-se de forma clara devido à obscuridade que rodeia vários fatos essenciais, o tribunal solicita um prolongamento do inquérito para que a verdade seja conhecida o mais rapidamente possível.

CAPÍTULO 39

O deão do pórtico regava um canteiro de íris que despontavam por entre os hibiscos. Viúvo há cinco anos, vivia sozinho numa vivenda do bairro sul.

– Estás orgulhoso do que fizeste, juiz Paser? Manchaste a reputação de um general estimado por todos, semeaste a confusão nos espíritos, e não conseguiste mesmo assim dar sequer a vitória ao teu amigo Suti.

– Não era esse o meu objetivo.

– Que procuravas então?

– A verdade.

– Ah, a verdade! Não sabes que é fugidia como uma enguia?

– Não é verdade que trouxe a público os elementos de uma conspiração contra o Estado?

– Pára de dizer disparates. Ajuda-me antes a levantar e rega o pé dos narcisos, delicadamente. Isso alterará a tua brutalidade habitual.

Paser obedeceu.

– Conseguiu acalmar o nosso herói?

– Suti não se conforma.

– Que esperava ele? Derrubar Asher com um golpe de cabeça?

– Então, acreditas como eu que ele é culpado.

– És muito indiscreto. Mais um defeito.

– Os meus argumentos perturbaram-te?

– Na minha idade, nada me perturba.

– Estou convencido do contrário.

– Estou cansado, os longos inquéritos já não são da minha competência. Já que começaste, continua.

– Devo compreender que...

– Compreendeste perfeitamente. A minha decisão está tomada, não mudarei de opinião.

A notícia espalhou-se rapidamente em redor do palácio e dos edifícios oficiais, para surpresa geral, a hierarquia não retirava o caso Asher do juiz Paser. Ainda que ele não tivesse tido êxito, o jovem magistrado seduzira um número de dignitários pelo seu rigor. Não beneficiando nem o queixoso nem o acusado, não escondera as lacunas da instrução. Alguns esqueceram a sua juventude para sublinhar o seu futuro, todavia comprometido, tendo em conta a personalidade do arguido. Sem dúvida, Paser tinha errado ao conceder demasiado crédito ao testemunho de Suti, herói de curta data e personalidade fantasista, no entanto, se a maioria, após demorada reflexão, acreditava na inocência do general, todos convinham que o juiz tinha posto em evidência fatos perturbadores. O desaparecimento dos cinco veteranos e o furto do ferro celeste, se não estavam relacionados com uma conspiração imaginária, afiguravam-se episódios escandalosos que não deveriam cair no esquecimento. O Estado, a hierarquia judiciária, os dignitários, o povo, todos esperavam do juiz Paser a revelação da verdade.

Esta nomeação acalmou a cólera de Suti, que tentou esquecer a sua decepção nos braços de Pantera, e prometeu ao juiz nada fazer antes de elaborarem uma estratégia comum. Mantido na dignidade de tenente da unidade de carros de combate, não participaria em nenhuma missão antes do veredicto definitivo.

O Sol poente dourava a areia do deserto e as pedras dos caminhos, as ferramentas dos operários calavam-se, os camponeses regressavam às quintas, os burros repousavam, libertos dos seus fardos. Nos terraços das casas de Mênfis, saboreava-se o ar fresco comendo queijo e bebendo cerveja. *Bravo* estava estendido de comprido no terraço de Branir, sonhando com o pedaço de carne grelhada que acabara de deglutir. Ao longe, as pirâmides do planalto de Gize formavam triângulos da mais absoluta pureza, marcos da eternidade no crepúsculo. Como em todas as noites do reino de Ramsés, *o Grande*, o país adormecia em paz, convencido de que o Sol venceria a serpente das profundezas e ressuscitaria na alvorada. ⁴⁰

– Transpuseste o obstáculo, – comentou Branir.

– Magro sucesso, – objetou Paser.

– És reconhecido como um juiz íntegro e competente, e obtiveste a possibilidade de prosseguir o inquérito sem qualquer entrave. Que mais queres?

– Asher mentiu, mesmo falando sob juramento. Assassínio agravado de perjúrio.

– Os jurados não te censuraram. Nem o chefe da polícia, nem a senhora Nénophar tentaram inocentar o general. Eles colocaram-te diante do teu destino.

– O deão do pórtico gostaria de ter me retirado do caso.

– Ele tem confiança nas tuas capacidades, e o vizir quer um processo sólido a fim de intervir com conhecimento de causa.

– Asher tomou precauções, destruindo todas as provas, receio que as minhas investigações se revelem estéreis.

– O teu caminho será longo e difícil, mas tu vais conseguir. Em breve, beneficiarás do apoio do grande sacerdote de Carnaque e terás acesso aos arquivos dos templos.

Assim que a nomeação de Branir fosse efetiva, Paser investigaria sobre o furto do ferro celeste e da enxó.

– Tornaste-te mestre de ti mesmo, Paser. Distingue a justiça da iniquidade, sem ceder aos conselhos daqueles que as misturam e as confundem a fim de enganar os espíritos. Este processo foi apenas uma escaramuça, o verdadeiro combate ainda está por travar. Néféret, também terá orgulho de ti.

Na luz das estrelas brilhavam as almas dos sábios. Paser agradeceu aos deuses que o tinham feito encontrar um sobre a terra dos homens.

Vento do Norte era um burro silencioso e meditabundo. Raramente lançava o grito tão característico da sua espécie, rouco e penetrante ao ponto de acordar uma ruela inteira.

Paser acordou em sobressalto.

Tratava-se sem dúvida de um chamado do seu burro, nesse dia que nascia e em que ele e *Bravo* contavam conceder-se uma manhã de descanso. O juiz abriu a janela.

Junto à casa estavam reunidas uma vintena de pessoas. O médico-chefe Nébamom brandia o punho.

– Estão aqui os melhores médicos de Mênfis, juiz Paser! Apresentamos uma queixa contra a nossa colega Néféret pelo fabrico de drogas perigosas e exigimos a sua exclusão do corpo médico.

Paser desembarcou na margem ocidental de Tebas à hora de maior calor. Requisitou um carro da polícia cujo condutor dormia à sombra de um alpendre, e ordenou-lhe que apressasse o andamento até à aldeia de Néféret.

Soberano absoluto, o sol imobilizava o tempo, dava às palmeiras uma verdura eterna e condenava os homens ao silêncio e ao torpor.

Néféret não se encontrava em casa nem no laboratório.

– No canal indicou-lhe um ancião, – arrancado por instantes ao sono.

Paser abandonou o carro, caminhou ao longo de um campo de trigo, atravessou um jardim emsombreado, enveredou por um atalho e chegou ao canal onde os aldeãos tinham por hábito banhar-se. Desceu a rampa, transpôs uma cortina de canas, e viu-a.

Deveria chamá-la, fechar os olhos, voltar as costas, mas nenhuma palavra saiu da sua boca e ficou imobilizado, de tal modo a beleza daquela mulher o fascinava.

Nua, ela nadava com a graça das que não lutam contra a água e se deixam levar. Com os cabelos presos numa touca, mergulhou sem choque e ressurgiu à superfície. No pescoço, o colar ornado com a pérola de turquesa.

Quando o avistou, continuou a nadar.

– A água está deliciosa, vem banhar-te.

Paser despiu a tanga e avançou para ela, sem sentir a frescura da água. Ela estendeu-lhe a mão, ele tomou-a, febril. Uma onda atirou-os um contra o outro. Quando os seus seios tocaram o peito dele, ela não recuou. Ele ousou pousar os lábios sobre os dela e apertá-la contra o seu corpo.

– Amo-te, Néféret.

– Eu aprenderei a amar-te.

– Tu és a primeira, não haverá nenhuma outra.

Ele beijou-a, desajeitado. Enlaçados, voltaram à margem e estenderam-se numa praia de areia, escondidos pelas canas.

– Também eu sou virgem.

– Quero oferecer-te a minha vida. Amanhã, peço-te em casamento.

Ela sorriu, conquistada e abandonada.

– Ama-me, ama-me muito.

Ele estendeu-se sobre ela, o olhar afogado nos seus olhos azuis. As suas almas e os seus corpos uniram-se ali sob o sol escaldante do meio-dia.

Desde o seu regresso a Tebas, Paser tratou de tudo para libertar Suti, retido no quartel principal. Asher aceitou mesmo retirar as sanções por insubordinação e insultos a um superior, se o herói se demitisse do exército.

– Aceita, – aconselhou Paser.

– Perdoa-me, esqueci-me da minha promessa.

– Contigo, sou sempre demasiado indulgente.

– Não conseguirás vencer Asher.

– Eu sou perseverante.

– Ele é manhoso.

– Esquece o exército.

– A disciplina desagrada-me. Tenho outros projetos.

Paser não quis conhecê-los

– Ajudas-me a preparar um dia de festa?

– Qual o motivo?

– O meu casamento.

Os conjurados reuniram-se numa quinta abandonada. Cada um se certificou de não ter sido seguido.

Desde que haviam pilhado a grande pirâmide e roubado os símbolos da legitimidade do faraó, tinham-se contentado em observar. Os acontecimentos recentes obrigavam-nos a tomar decisões.

Apenas Ramsés, *o Grande*, sabia que o seu trono estava pousado sobre areias movediças. Quando o seu poder se atenuasse, devia celebrar a sua festa da regeneração, logo, confessar à corte que já não possuía o testamento dos deuses.

– O rei resiste melhor do que supúnhamos.

– A paciência é a nossa melhor arma.

– Os meses passam.

– Que arriscamos nós? O faraó está atado de pés e mãos. Ele toma medidas, endurece a sua atitude relativamente à sua própria administração, mas não pode confiar em ninguém. O seu caráter é firme, mas ele esgota-se, o homem está condenado, e tem consciência disso.

– Perdemos o ferro celeste e a enxó.

– Apenas um erro de manobra.

– Eu tenho medo. Devíamos desistir, restituir os objetos roubados.

– Estúpido! Não podemos renunciar tão próximo do fim.

– O Egito está nas nossas mãos, amanhã, o reino e as suas riquezas pertencer-nos-ão. Ou já esqueceram o nosso grande projeto?

– Toda a conquista implica sacrifícios, esta mais do que qualquer outra! Ninguém tem o direito de nos deter. Alguns cadáveres pelo caminho não têm qualquer importância face ao que vamos conseguir.

– O juiz Paser é um verdadeiro perigo. Se estamos aqui reunidos, é por causa da sua forma de atuar.

– Ele há-de cansar-se.

– Desengana-te, é o mais encarniçado dos investigadores.

– Ele não sabe nada.

– Conduziu o seu primeiro grande processo de forma magistral. Algumas das suas intuições são terríveis, acumulou elementos significativos e pode pôr a nossa obra em perigo.

Quando chegou a Mênfis, estava sozinho, atualmente, dispõe de apoios que não devem ser menosprezados. Mais um passo na

direção certa, e quem o deterá?

– Ainda não é tarde.

CAPÍTULO 40

À chegada do barco proveniente de Tebas, Suti esperava Néféret.

– És a mais bela de todas!

– Devo corar diante de um herói?

– Ao ver-te, preferia ser juiz. Dá-me o teu saco de viagem, creio que o burro ficará contente de o levar.

Ela parecia inquieta.

– Onde está Paser?

– Está a limpar a casa e ainda não terminou, por esse motivo, vim eu receber-te. Estou tão feliz por ambos!

– E a tua saúde?

– És a melhor das médicas. Recuperarei as minhas forças e conto utilizá-las.

– Sem cometeres imprudências, espero.

– Fica tranquila. Não façamos esperar Paser, desde ontem que só fala em ventos contrários, atrasos prováveis e não sei mais que catástrofes que impediriam a tua viagem. Estar apaixonado àquele ponto causa-me assombro.

Vento do Norte impôs um bom andamento.

O juiz dera um dia de folga ao seu escrivão, enfeitara de flores a fachada da casa e fumigara o interior. Pairava no ar um delicado aroma a olíbano e jasmim.

A macaquinha verde de Néféret e o cão de Paser olharam-se em tom de desafio, enquanto o juiz tomava a médica nos braços. Os habitantes do bairro, em virtude dos acontecimentos pouco habituais, foram alertados.

– Preocupo-me com os pacientes que abandonei na aldeia.

– É preciso que se habituem a outro médico, dentro de três dias, mudamo-nos para a casa de Branir.

– Ainda queres casar-te comigo?

À guisa de resposta, ele ergueu-a nos braços e transpôs a soleira da pequena casa onde havia passado tantas noites a sonhar com ela.

Lá fora, ouviram-se gritos de júbilo. Oficialmente, e sem outra formalidade, Paser e Néféret tornavam-se marido e mulher, já que residiam ambos sob o mesmo teto.

Após uma noite de festa na qual participou todo o bairro, dormiram enlaçados até ao final da manhã. Quando acordou, Paser acariciou-a com o olhar. Não acreditara que a felicidade o tornaria tão venturoso. De olhos fechados, ela tomou-lhe a mão e pousou-a sobre o seu coração.

– Jura-me que nunca nos separaremos.

– Pudessem os deuses fazer de nós um único ser e inscrever o nosso amor na eternidade.

Os seus corpos encaixavam-se tão perfeitamente que os seus desejos vibravam em sintonia. Para lá do prazer dos sentidos, que saboreavam com um fulgor de adolescentes, viviam já um outro prazer onde este esgotava a sua perenidade.

– Pois bem, juiz Paser, quando abrimos o nosso processo? Fui informado de que Néféret regressou a Mênfis. Está, pois, pronta a comparecer.

– Néféret é agora minha esposa.

O médico-chefe fez uma careta.

– Deplorável. A sua condenação deslustrará a tua reputação, se tens em conta a tua carreira, impõe-se um divórcio rápido.

– Persistes na tua acusação?

Nébamon desatou a rir.

– O amor turvou-te o espírito?

– Eis aqui a lista dos produtos que Néféret fabricou no seu laboratório. As plantas foram fornecidas por Kani, o jardineiro do templo de Carnaque. Como podes constatar, as preparações estão em conformidade com a farmacopéia.

– Não és médico, Paser, e o testemunho desse tal Kani não será suficiente para convencer os jurados.

– Achas que o depoimento de Branir será mais decisivo?

O sorriso do médico-chefe transformou-se num ricto.

– Branir já não exerce, ele...

– Ele é o futuro sumo sacerdote do templo de Carnaque, e testemunhará a favor de Néféret. Com o rigor e a honestidade que lhe são reconhecidos, Branir examinou as drogas que tu qualificas de perigosas, e não descobriu qualquer anomalia.

Nébamon enfureceu-se. O prestígio do velho médico era tal que concederia a Néféret uma bela notoriedade.

– Subestimei-te, juiz Paser. És um excelente estratega.

– Limito-me a contrapor a verdade à tua sede de destruição.

– Hoje, pareces um vencedor, amanhã, o caso mudará de figura.

Néféret dormia no primeiro andar, Paser estudava um processo no térreo. Ao zurro do burro, compreendeu que alguém se aproximava.

Foi ver. Ninguém.

No solo, um pedaço de papiro. Uma escrita rápida, sem erros:

Branir está em perigo. Vem depressa.

O juiz correu pela noite dentro.

As imediações da casa de Branir pareciam tranquilas, mas a porta, apesar da hora tardia, estava aberta. Paser atravessou a primeira divisão e viu o seu mestre sentado, encostado a uma parede, com a cabeça inclinada sobre o peito.

No seu pescoço estava enterrada um agulha em nácar, manchada de sangue.

O coração já não falava nas suas veias. Estupefato, Paser rendeu-se às evidências. Branir havia sido assassinado.

Vários polícias entraram e rodearam o juiz. À frente deles, Mentmosé.

– Que fazes aqui?

– Uma mensagem preveniu-me de que Branir corria perigo.

– Mostra-ma.

– Deixei-a na rua, diante de minha casa.

– Vamos verificar.

– Porquê essa suspeita?

– Porque te acuso de assassínio.

Mentmosé acordou o deão do pórtico a meio da noite. Bougon, o magistrado, ficou surpreso de ver Paser entre dois polícias.

– Antes de tornar o caso público declarou Mentmosé gostaria de te consultar.

– Detiveste o juiz Paser?

– Crime de sangue.

– Quem ele matou?

– Branir.

– Isso é absurdo – interveio Paser. – Ele era meu mestre, eu venerava-o.

– Porque és tão categórico, Mentmosé?

– Flagrante delito. Paser enterrou um agulha de nácar no pescoço de Branir, a vítima sangrou pouco. Quando os meus homens e eu entramos na casa, ele tinha acabado de cometer o crime.

– É falso – protestou Paser. – Tinha acabado de descobrir o cadáver.

– Designaste um médico para examinar o corpo?

– Nébamon.

Apesar da tristeza que lhe apertava o coração, Paser tentou reagir.

– A tua presença, àquela hora e naquele local, com um grupo de polícias, é bastante surpreendente. Como a justificas, Mentmosé?

– Ronda noturna. De vez em quando, misturo-me com os meus subordinados. Não existe melhor meio de conhecer as suas

dificuldades e de as resolver. Tivemos a sorte de apanhar um criminoso em flagrante.

– Quem te enviou, Mentmosé, quem organizou esta armadilha?

Os dois polícias seguraram Paser pelos braços. O deão chamou Mentmosé à parte.

– Responde-me, Mentmosé: estavas lá por acaso?

– Não totalmente. Uma mensagem anônima, chegada ao meu escritório durante a tarde. Ao cair da noite, coloquei-me próximo da casa de Branir. Vi entrar Paser, e intervim de imediato, mas já era tarde.

– A sua culpabilidade é certa?

– Não o vi enterrar a agulha no corpo da vítima, mas como duvidar?

– A incerteza é importante. Após o escândalo de Asher, uma tragédia destas... E pondo em causa um juiz colocado sob a minha responsabilidade!

– A justiça que cumpra o seu dever, eu já cumpri o meu.

– Há um ponto que permanece obscuro: o móbil.

– Isso é secundário.

– De maneira nenhuma!

O deão do pórtico parecia perturbado.

– Prende Paser num lugar secreto. Oficialmente, ele terá deixado Mênfis para uma missão especial na Ásia, relacionada com o caso Asher. A região é perigosa, arrisca-se a ser vítima de um acidente, ou a tombar às mãos de um salteador.

– Mentmosé, tu não ousarias...

– Já nos conhecemos há muito tempo, deão. Apenas o interesse do país nos guia. Não queres certamente que eu investigue para descobrir a identidade do autor da mensagem anônima. Este juiz é uma personagem bastante incômoda, Mênfis preza muito a calma.

Paser interrompeu o diálogo.

– Erras ao atacas um juiz. Eu voltarei e descobrirei a verdade. Em nome do faraó, juro que voltarei!

O deão do pórtico fechou os olhos e tapou os ouvidos.

Louca de preocupação, Néféret alertara os habitantes do bairro. Alguns haviam escutado o zurro de *Vento do Norte*, mas ninguém lhe dava a menor indicação sobre o desaparecimento do juiz. Avisado, Suti não conseguiu nenhuma informação digna de interesse. A Néféret, desorientada, restava apenas consultar o deão do pórtico.

Paser desapareceu.

O alto magistrado pareceu estupefato.

– Que idéia! Fica tranquila: ele encontra-se numa missão secreta no âmbito da sua investigação.

– Onde está ele?

– Se eu soubesse, não teria o direito de revelar. Mas ele não me deu nenhum pormenor, e não conheço o seu itinerário.

– Ele não me disse nada!

– Felicito-o por isso. Caso contrário, mereceria uma censura.

– Ele partiu no meio da noite, sem uma palavra!

– Sem dúvida, desejava evitar-te um momento penoso.

– Deveríamos mudar-nos para a casa de Branir depois de amanhã. Eu gostaria de lhe falar, mas ele está a caminho de Carnaque.

A voz do deão entristeceu-se.

– Minha pobre criança... Não foste informada? Branir faleceu esta noite. Os seus antigos colegas organizarão funerais magníficos.

CAPÍTULO 41

A pequena macaca verde já não brincava, o cão recusava alimentar-se, os grandes olhos do burro choravam. Abatida pela morte de Branir e pelo desaparecimento do seu marido, Néféret não tinha forças para agir.

Suti e Kem vieram ajudá-la. Um e outro correram de quartel em quartel, de administração em administração, de funcionário em funcionário, para obterem uma informação, por mínima que fosse, sobre a missão confiada a Paser. Mas as portas fechavam-se e os lábios permaneciam cerrados.

Desamparada, Néféret soube até que ponto amava Paser. Durante muito tempo, contivera os seus sentimentos, com medo de se comprometer levemente, a insistência do jovem tinha-os feito crescer, dia após dia. Ela unira o seu ser ao de Paser, separados, definhariam. Longe dele, a vida perdia sentido.

Acompanhada por Suti, Néféret colocou flores de lótus na capela do túmulo de Branir. A recordação do mestre não se apagaria, hóspede dos sábios, comunicando com o Sol ressuscitado. A sua alma retiraria dele a energia necessária para fazer incessantes viagens entre o além e as trevas do túmulo, de onde continuaria a brilhar.

Nervoso, Suti foi incapaz de rezar. Saiu da capela, apanhou uma pedra e atirou-a para longe.

Néféret pousou a mão no seu ombro.

– Ele vai voltar, tenho certeza.

– Já é a décima vez que tento empurrar aquele maldito deão do pórtico para o seu último reduto. Ele é mais fugidivo que uma serpente. “Missão secreta”: só conhece essas palavras. Agora, recusa-se a receber-me.

– Que projeto tens em mente?

– Partir para a Ásia e encontrar Paser.

– Sem nenhuma pista séria?

– Eu conservei alguns amigos no exército.

– Ajudaram-te?

Suti baixou os olhos.

– Ninguém sabe nada, é como se Paser se tivesse evaporado! Imaginas a sua tristeza quando souber do falecimento do seu mestre?

Néféret tinha frio.

Deixaram o cemitério, com o coração apertado.

O babuíno-polícia devorava uma coxa de frango com um apetite voraz. Esgotado, Kem lavou-se numa selha de água morna perfumada, e vestiu uma tanga limpa.

Néféret trouxe-lhe carne e legumes.

– Não tenho fome.

– Há quanto tempo não dormes?

– Três dias, talvez mais.

– Nenhum resultado?

– Nenhum. Não poupei os meus esforços, mas os meus informantes estão mudos. Só tenho uma certeza: Paser deixou Mênfis.

– Talvez tenha partido para a Ásia...

– Sem se confiar a ti?

Do cimo do grande templo de Ptah, Ramsés, o *Grande*, contemplava a cidade, por vezes febril, sempre radiosa. Para lá da muralha branca, os campos verdes, bordados de desertos onde viviam os mortos. Após ter dirigido uma dezena de horas de ritual, o soberano isolara-se, gozando o ar revigorante da tarde.

No palácio, na corte, nas províncias, nada havia mudado. A ameaça parecia ter-se afastado, levada pela corrente do rio. Mas Ramsés recordava-se das profecias do velho sábio Ipou-Our, anunciando que o crime se espalharia, que a grande pirâmide seria violada e que os segredos do poder cairiam nas mãos de um pequeno número de insensatos, prontos a destruir uma civilização milenar para saciar os seus interesses e a sua loucura.

Quando criança, ao ler o célebre texto sob a direção severa do instrutor, revoltara-se contra essa visão pessimista, se ele

reinasse, ele a afastaria para sempre! Vaidoso e fútil, havia esquecido que nenhum ser, mesmo um faraó, podia extirpar o mal do coração dos homens.

Hoje, mais só que um viajante perdido no deserto, enquanto centenas de cortesãos o incensavam, tinha de combater trevas tão espessas que depressa encobriam o Sol. Ramsés estava demasiado lúcido para se alimentar de ilusões, esta luta estava antecipadamente perdida, já que ignorava o rosto do inimigo e não podia tomar qualquer iniciativa.

Prisioneiro no seu próprio país, vítima prometida à mais terrível das decadências, com o espírito corroído por um mal incurável, o mais adorado dos reis do Egito enterrava-se no final do seu reinado como nas águas turvas de um pântano. A sua última dignidade estava em aceitar o destino sem emitir as queixas de um covarde.

Quando os conjurados se reuniram, um sorriso rasgado percorria os seus lábios. Felicitavam-se pela estratégia adotada, que coroava uma sorte favorável. Não estava a sorte reservada aos conquistadores? Se se haviam espalhado algumas críticas, aqui ou ali, fustigando o comportamento deste ou daquele, ou estigmatizando uma imprudência, essas críticas já não tinham cabimento neste período de triunfo, prelúdio do nascimento de um novo Estado. Esquecido o sangue derramado, afastados os últimos remorsos.

Cada um fizera a sua parte do trabalho, nenhum sucumbira aos golpes do juiz Paser, não cedendo ao pânico, o grupo dos conjurados manifestara a sua coesão, tesouro precioso que era necessário preservar na futura, e próxima, repartição dos poderes.

Restava apenas uma formalidade a cumprir para afastar definitivamente o fantasma do juiz Paser.

O zurro do burro preveniu Néféret contra uma presença hostil. A meio da noite, ela acendeu uma lamparina, afastou o cortinado e olhou para a rua. Dois soldados bateram à porta, olhando para cima.

– És Néféret?

– Sim, mas...

– Faz o favor de nos seguirem.

– Por que motivo?

– Ordens superiores.

– E se eu recusar?

– Devemos obrigar-te.

Bravo rosou. Néféret queria ter podido apelar, despertar todo o bairro, mas acalmou o cão, lançou um xaile sobre os ombros e desceu. A presença daqueles dois soldados devia estar relacionada com a missão de Paser. Que importava a sua segurança, se ia enfim ter uma informação séria.

O trio atravessou a cidade adormecida em andamento rápido, em direção ao quartel central. Chegados a bom porto, os soldados confiaram Néféret a um oficial que, sem dizer uma palavra, a conduziu ao escritório do general Asher.

Sentado numa esteira, rodeado de papiros desenrolados, este permaneceu concentrado no seu trabalho.

– Senta-te, Néféret.

– Prefiro ficar de pé.

– Aceitas um copo de leite morno?

– Porquê esta convocação a uma hora tão insólita?

A voz do general tornou-se agressiva.

– Conhecias a razão da partida de Paser?

– Ele não teve tempo de me pôr ao corrente.

– Que obstinação! Não aceitou a sua derrota e quis encontrar aquele famoso cadáver que não existe! Porquê perseguir-me assim com o seu ódio?

– Paser é juiz, ele procura a verdade.

– A verdade foi revelada no processo, mas não lhe agradou! Apenas lhe interessavam a minha destituição e a minha desonra.

– Os teus estados de alma não me interessam, general, não tens mais nada a dizer-me?

– Sim, Néféret.

Asher desenrolou um papiro.

– Este relatório está marcado com o selo do deão do pórtico, já foi verificado. Recebi-o há menos de uma hora.

– Qual... qual o seu conteúdo?

– Paser está morto.

Néféret fechou os olhos. O seu desejo era apagar-se como um lótus emurchecido, desaparecer num sopro.

– Um acidente, num caminho da montanha, – explicou o general. – Paser não conhecia a região, com a sua imprudência habitual, lançou-se numa louca aventura.

As palavras queimavam-lhe a garganta, mas Néféret tinha de fazer a pergunta.

– Quando será o corpo repatriado?

– Estamos a prosseguir as buscas, mas sem esperança, naquele local, as torrentes são furiosas e os desfiladeiros inacessíveis. Sou solidário com o teu desgosto Néféret, Paser era um homem de caráter.

– A justiça não existe – disse Kem depondo as suas armas.

– Voltaste a ver Suti? – perguntou Néféret, inquieta.

– Suti caminhará descalço sobre pedras, mas não renunciará antes de encontrar Paser, ele continua convencido de que o seu amigo não está morto.

– E se...

O núbio abanou a cabeça.

– Continuarei o inquérito, – afirmou ela.

– É inútil.

– O mal não deve triunfar.

– Triunfa sempre.

– Não, Kem, se assim fosse, o Egito não existiria. Foi a justiça que fundou este país, era ela que Paser queria ver brilhar. Não temos o direito de nos inclinarmos perante a mentira.

– Estarei a teu lado, Néféret.

Néféret sentou-se na margem do canal, no local onde pela primeira vez encontrara Paser. O Inverno aproximava-se, violento, o vento fez oscilar a turquesa que trazia ao pescoço. Aquele precioso talismã não a tinha protegido, porquê? Hesitante, a jovem acariciou a pedra preciosa entre o polegar e o indicador, pensando na deusa Hathor, mãe das turquesas e soberana do amor.

As primeiras estrelas despontaram, cintilando no além, ela pressentiu violentamente a presença do ser amado, como se a fronteira da morte se esfumasse. Um pensamento louco transformou-se em esperança: não teria a alma de Branir, o mestre assassinado, velado pelo seu discípulo?

Sim, Paser voltaria. Sim, o juiz do Egito dissiparia as trevas para que revivesse a luz.

FIM DO VOL. I



1. *Tutmósis IV (1412-1402) adormeceu junto da esfinge depois de uma caçada no deserto. Em sonhos, a esfinge falou com ele: se a libertasse da areia que a cobria, tornar-se-ia rei. Ambas as partes cumpriram o prometido. A esteia ainda lá permanece, dando testemunho do acontecimento. (N. do A.)*
2. *Uma das pedras mais duras que existem, e que os Egípcios sabiam trabalhar sem a partir. (N. do A.)*
Embora conhecessem o petróleo, os Egípcios não aprovavam o seu uso. (N. do A.)
3. *Pena de escrever. (N do A)*
4. *Ritmo habitual de trabalho dos egípcios. (N. do A.)*
5. *Pode ver-se no Museu do Cairo, num baixo-relevo do túmulo de Tepemankh, um enorme babuíno-policia a prender um ladrão. (N. do A.)*

•

Foi no Egito que apareceu o primeiro relógio, um relógio de água, portátil, destinado aos cientistas (astrónomos, médicos, etc.), para quem o cálculo do tempo era necessário. (N. do A.)

•

Um pêndulo. Conhecem-se também as varas dos rãdomantes e sabe-se que certos faraós, como Seti I, foram grandes radiestesistas capazes de encontrar água no deserto. (N. do A'.)

•

Esta árvore dava um fruto, a alfarroba, uma vagem que continha um suco muito doce, que encarnava por excelência, aos olhos dos egípcios, a doçura. (N do A.)

•

O texto do "segredo do médico" era conhecido por todos os praticantes e era a base da sua ciência. (N. do A)

•
Os árabes não destruíram esta estátua de Sekhmet porque ela os aterrorizava, chamavam-lhe “a ogre de Carnaque”. Hoje, ainda se pode admirar esta estátua numa das capelas do templo de Ptah. (N. do A.)

•

Suti cita o princípio de um dos livros da sabedoria que os aprendizes de escriba liam e copiavam. (N. do A.)

•

O pardal, pela sua permanente agitação e asua tendência para se multiplicar rapidamente, era considerado como um dos símbolos do mal (N. do A.)

•

Esta fábula é um clássico. Esopo inspirou-se nas fábula- as egípcias, que tiveram o seu último araut- em La Fontaine. (N. do A.)

•

Tradução literal da expressão egípcia que significa “assassino”. (N. do A)

•

Tipo de máscara utilizada pelos padres que representavam o papelde deuses na celebração dos rituais. (N. do A.)

•

Expressão egípcia que corresponde a “lobisomem”. (N do A)

•

O terebinto é uma pistaceira brava que fornece uma resina muito utilizada em medicina e nos ingredientes dos rituais. (N. do A)

•

Figuras, normalmente em faiança, que representavam divindades, símbolos como a cruz da vida ou o coração, etc. Os egípcios gostavam de trazê-los para se protegerem das forças nocivas. (N. do A.)

•

Branir transmite ao seu discípulo as palavras dos sábios, recolhidas nos Ensinamentos”, sob a forma de máximas (N do A)

•

Planta cujo fruto depois de seco produz um aroma. (N. do A)

•

Substância vegetal utilizada como espessante. (N do A)

•

Perto dos templos encontravam-se laboratórios destinados a experimentar e fabricar diferentes tipos de remédios. O que se sabe sobre eles é ainda muito pouco, devido a dificuldades existentes na tradução de termos técnicos. (N. do A)

•

Abido, cidade do Médio Egito, onde se pode visitar um admirável templo de Osíris. (N. do A.)

•

Aroma tirado da goma-resina. (N do A.)

•

A madeira era um material muito raro no Egito (N do A)

•

Conjunto de construções defensivas que protegiam a fronteira do Nordeste do Egito ligados entre si graças a sinais óticos, ela impedia toda a tentativa de invasão por parte de beduínos e asiáticos. Estendendo-se desde as margens do Mediterrâneo até Heliópolis, as Muralhas do rei davam simultaneamente abrigo a guarnições permanentes, a soldados especializados na vigilância das fronteiras e a alfandegários. Ninguém entrava no Egito sem ter dado o nome e exposto o motivo da sua viagem, os comerciantes especificavam a natureza das suas mercadorias e pagavam um imposto. A polícia repelia os estrangeiros indesejáveis e não emitia os vistos senão após uma análise atenta dos processos, devidamente visados por um funcionário da capital encarregado da imigração. Como proclamava a esteia do faraó: “Aquele que franquear esta fronteira torna-se meu filho.”

•

Os beduínos foram, com os líbios, perturbadores permanentes da paz que os egípcios combateram desde as primeiras dinastias. Os antigos chamavam-lhes “os corredores da areia”. (N. do A.)

•

Siluro e muge: peixes do Nilo. (N. do A)

•

Os piratas do Mediterrâneo abandonavam por vezes a sua existência aventureira para se alistarem como mercenários do exército egípcio. (N. do A)

•

É conhecido o caso de um vizir que foi demitido das suas funções por se ter mostrado injusto para com os seus familiares, com medo de ser acusado de favoritismo. (N. do A.)

•

Recolhas de máximas transmitidas de geração em geração. (N. do A.)

•

O adultério era considerado uma falta grave, pois tratava-se de uma traição à palavra dada, uma vez que o casamento se baseava na confiança mútua. (N. do A.)

•

O olíbano é uma raiz semelhante ao incenso. A junca é uma cana odorífera. (N. do A.)

•

Texto inscrito nas esteiras dos sábios, depositas no interior dos templos (N. do A.)

•

Condecoração muito apreciada, de que se encontraram alguns exemplares A mosca evocava o carácter agressivo e insistente de todo o bom soldado. (N. do A.)

•

Nesse local da margem ocidental de Tehas, a célebre rainha-faraó Hatchepsut construiu um grande templo que ainda hoje pode ser visitado. (N do A)

•

Umhas chaves de sonhos foram encontradas. Indicam a natureza dos sonhos e fornecem a sua interpretação. (N. do A.)

•

Assim era o texto inscrito sobre a própria porta. (N. do A.)

•

O faraó é o único “sacerdote” do Egito, apenas ele pode manter o elo da sociedade com o divino. Nos diversos templos do Egito, os especialistas que celebram os rituais agem por delegação do rei. (N. do A.)

•

Todas as noites, no mundo subterrâneo, o Sol tem de defrontar e vencer Apophis, uma serpente gigantesca que se tornará mais tarde no dragão da mitologia medieval. (N do A.)